

O BARREIRO DE ARAXÁ

projetos para
uma estância
hidromineral
em Minas Gerais

Daniele Resende Porto

Orientador: **Prof. Dr. Carlos Roberto Monteiro de Andrade**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM ARQUITETURA E URBANISMO - ÁREA: TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO

São Carlos, 2005

Apoio: CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

AGRADECIMENTOS

Ao professor Carlos Andrade pela amizade e orientação, compartilhando sempre o entusiasmo pelo estudo sobre a estância de Araxá;

Às professoras Maria Lúcia Bressan Pinheiro e Cibele Saliba Rizek, pelas contribuições dadas na banca do exame de qualificação e ao longo da pesquisa;

Ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo apoio financeiro;

Aos professores e ex-professores do Departamento de Arquitetura da Escola de Engenharia de São Carlos que, mesmo indiretamente, contribuíram com a investigação, em especial a José Lira, Carlos Martins, Joubert Lancha, Hugo Segawa, Fábio Lopes e Maria Ângela Bortolucci;

Aos funcionários do Departamento de Arquitetura e da Biblioteca Central da Escola de Engenharia de São Carlos;

A Francisco Bolonha pela gentileza em conceder seu depoimento;

À equipe da Fundação Cultural Calmon Barreto, em Araxá, Trindade, Keyla e especialmente Glauro Lima, pela atenção e pelas importantes colaborações com a pesquisa;

À equipe de pesquisa do IEPHA/MG – Instituto Estadual de Patrimônio Histórico de Minas Gerais, principalmente a Jason Santa Rosa, chefe da Superintendência de Proteção, pela disposição em compartilhar dados sobre o objeto dessa pesquisa,

A Amanda Cristina Franco, pela carona até as estâncias brasileiras e estrangeiras;

A Aline Coelho Sanches e Fernando Atique, pelos conselhos valorosos e pelas trocas de materiais e conhecimentos;

Aos colegas da graduação e do mestrado, pelas trocas de experiências e pela convivência amiga durante os anos de pesquisa;

A meus familiares, pela ajuda em diversas ocasiões, especialmente a meus avós, Geralda, Zilda e Antônio, por compartilharem comigo suas bibliotecas e suas memórias;

A Gabriel, que se tornou um conhecedor involuntário da estância araxaense, meu muito obrigada pelo companheirismo imprescindível, pela boa vontade e pelas fotografias;

A meus pais e irmãos pelo carinho, apoio e incentivo ao longo da vida acadêmica.

Sumário

Resumo / Abstract	5
Introdução	9
1. A cidade e as águas: surgimento e difusão de balneários e estâncias	13
2. As estâncias no Brasil: referências e traduções	51
3. As águas de Araxá	119
4. A construção de uma nova estância: o plano urbanístico do Barreiro	151
5. A arquitetura no Barreiro: concepções do moderno	193
6. O Parque do Barreiro: jardins de Burle Marx na estância de Araxá	275
Considerações finais	315
Bibliografia	319
Relação das ilustrações	331
Arquivos pesquisados	341

RESUMO

O trabalho investiga os projetos elaborados para a construção da Estância Hidromineral do Barreiro, em Araxá, Minas Gerais, compreendendo o plano urbanístico feito sob a orientação do engenheiro Lincoln Continentino, os diversos edifícios que constituem tal complexo, propostos pelo escritório de Luiz Signorelli e por Francisco Bolonha, e o parque concebido por Roberto Burle-Marx. Estabelece paralelos entre essa estância e outros planos semelhantes no Brasil e no exterior, buscando reconhecer seus modelos e referências; bem como observar a inserção do Barreiro como um dos vários balneários construídos no país entre 1920 e 1950, período de introdução e adaptação de idéias urbanísticas internacionais e de debate entre a arquitetura eclética e o moderna no Brasil.

Palavras-chave: Araxá, estâncias hidrominerais, ecletismo, arquitetura moderna, urbanismo moderno, paisagismo moderno.

ABSTRACT

The work investigates the projects elaborated for the construction of Barreiro Hidromineral Resort, in Araxá, Minas Gerais, comprising the urban plan, prepared under engineer Lincoln Continentino's supervision, the buildings that constitute such ensemble, proposed by Luiz Signorelli's office team and by Francisco Bolonha, and the park, conceived by Roberto Burle Marx. The text makes some comparisons between this complex and other similar plans in Brazil and in foreign countries, in order to recognize its models and references and to observe Barreiro's role as one of the several watering-places built in Brazil between 1920 and 1950, a period of introduction and adaptation of international urbanistic ideas and of debate between eclectic and modern architecture in Brazil.

Key-words: Araxá, water resorts, ecletism, modern architecture, modern urbanism, modern landscape design.

ARAXÁ

Entre as minhas saudades uma existe,
Que mais me dá
Com o calor forte, e então me põe mais triste
É a do Araxá.

Que terras essas! Que formosas terras!
Iguaes não há!
Céos infinitos, serras, serras, serras...
No alto, o Araxá!

E o ar puro, o ar fresco e às vezes frio
Que corre lá!
Que diferentes são o clima do Rio
E do Araxá!

Andas triste? Padeces, sobre mágoas,
Doença má?
Vae do Barreiro às milagrosas águas,
Lá no Araxá.

Vae onde estive já por duas vezes.
Vae já e já
Onde sinto não ir todos os mezes,
Vae ao Araxá

Alberto de Oliveira

INTRODUÇÃO

Na época de sua inauguração, a Estância Hidromineral do Barreiro, na cidade mineira de Araxá, foi divulgada como o maior complexo hidrotermal da América Latina, sendo comparável a seus congêneres europeus em termos de sofisticação e conforto. Embora seja necessário relativizar o caráter superlativo dessa afirmação propagandística, ela aponta para alguns aspectos importantes que levaram a essa investigação: o grande investimento realizado nas estâncias hidrominerais brasileiras, especialmente na primeira metade do século XX, e as concepções arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas envolvidas nos projetos para esses núcleos.

Essas duas questões constituíam, a nosso ver, lacunas relevantes na historiografia da história da arquitetura e do urbanismo no Brasil. Observa-se que as investigações a respeito da história do urbanismo têm se debruçado sobre diversos tipos de núcleos planejados, como cidades capitais, cidades empresariais ou industriais e cidades de colonização. Contudo, nota-se ainda hoje uma escassez de referências a respeito do planejamento urbano das cidades que se desenvolveram a partir de sua relação com a água ou com a atividade de vilegiatura. Devem ser mencionadas aqui algumas exceções importantes no âmbito internacional, como a seção dedicada às “cidades do tempo livre” no *Historia dell’urbanismo* de Paolo Sica e o estudo feito por Dominique Rouillard em *Le Site Balnéaire*, além dos recentes trabalhos acadêmicos elaborados por Amanda Franco, Rosana Steinke, Ricardo Trevisan e Antonio Carlos Bonfato tratando das estâncias brasileiras. Vale destacar ainda que, assim como os demais tipos de cidades planejadas, as cidades balneárias constituíram-se como campos importantes para a realização de experiências filiadas ao urbanismo moderno.

Também é possível notar que a historiografia da arquitetura no Brasil tem se dedicado predominantemente ao conjunto arquitetônico colonial ou às obras filiadas ao movimento moderno, dando menor atenção ao período compreendido entre esses dois grupos e à produção eclética que se estabelecia no país nessa época. Pouco tem sido encontrado a respeito desse momento de transição e debate entre as vertentes ecléticas e modernas que perdurou até aproximadamente a metade do século XX. Também se deve ressaltar aqui exemplos da produção bibliográfica sobre o assunto, ainda relativamente pequena, como os textos de Annateresa Fabris, Heliana Angotti Salgueiro, Maria Lúcia Bressan Pinheiro e Eneida Maria de Souza.

Assim, a pesquisa procura trazer contribuições para o preenchimento dessas lacunas, através da investigação dos projetos para a construção da Estância Hidromineral do Barreiro, construída entre as décadas de 1930 e 1940. Aparentemente, trata-se do empreendimento de maior vulto dirigido a uma estância brasileira com o emprego de recursos estatais, envolvendo profissionais renomados no campo da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo. A figura de maior destaque certamente é a de Roberto Burle Marx, que realizou o plano paisagístico do balneário. Contudo, participaram da construção outros nomes importantes, como os arquitetos Francisco Bolonha e Luiz Signorelli, além do engenheiro Lincoln Continentino, coordenador do plano urbanístico da estância. Os dois últimos produziram uma obra relevante, especialmente dentro do estado de Minas Gerais, embora tenham recebido menor destaque na produção historiográfica encontrada até o momento.

Outro ponto de interesse no Barreiro é a convivência de obras com vertentes construtivas e estéticas bastante diversas. Assim, é possível observar claramente através desse complexo hidromineral o debate entre o eclético e o moderno que se colocava com grande força no Brasil no período em que ele foi construído. Além disso, é possível estabelecer paralelos entre a estância araxaense e outros planos semelhantes no Brasil e no exterior, buscando reconhecer seus modelos e influências. Pode-se ainda observar sua inserção, como um dos vários balneários construídos no país entre as décadas de 1920 e 1950, em um período de introdução e adaptação das idéias urbanísticas européias e norte-americanas no país.

Assim, o recorte da pesquisa, que em um primeiro momento parecia simples e até mesmo um tanto reducionista (por se tratar de apenas uma estância), mostrou-se bastante rico e ao mesmo tempo desafiador. Um dos obstáculos apresentados durante a pesquisa foi justamente a carência de referências bibliográficas sobre o tema, o que levou a um verdadeiro trabalho de garimpagem em arquivos e bibliotecas localizados em diferentes cidades brasileiras e à utilização de entrevistas e de conversas informais. Tal dificuldade, contudo, trouxe resultados inesperadamente gratificantes:

foi possível encontrar nos acervos e nos depoimentos informações de grande interesse e peças documentais originais, até então inéditas.

Ao longo da investigação, os projetos para o Barreiro puderam ser compreendidos como parte de um conjunto de conhecimentos mais amplo, que abrangia não só o campo da arquitetura ou do urbanismo, mas também da história urbana. Assim, a pesquisa envolveu também estudos que possibilitariam compreender, por exemplo, as razões do interesse pelas estâncias e o contexto social e político no qual o empreendimento foi implantado. Estes foram em grande parte orientados pelas observações de Bernard Lepetit, levando em consideração o aspecto interdisciplinar dos procedimentos metodológicos empregados nesse tipo de pesquisa¹.

O trabalho aqui apresentado foi estruturado em seis capítulos, organizados em duas seções. A primeira apresenta uma investigação a respeito dos balneários europeus e suas relações com as cidades de águas planejadas no Brasil, além de um estudo sobre as referências urbanísticas, arquitetônicas e paisagísticas de origem européia ou norte-americana e a incorporação dessas concepções nos projetos para as estâncias brasileiras. A segunda se refere ao estudo de caso em si, trazendo as análises dos planos elaborados para a Estância do Barreiro até a época de sua inauguração.

O primeiro capítulo, A CIDADE E AS ÁGUAS: SURGIMENTO E DIFUSÃO DE BALNEÁRIOS E ESTÂNCIAS, é dedicado à investigação das origens e razões do interesse do homem moderno pelos balneários termais e marítimos. Observa-se aqui que a procura por essas cidades se deu tanto pelas propriedades terapêuticas de suas águas quanto pelos estabelecimentos voltados ao lazer e à sociabilidade. A partir dessa investigação, é possível compreender o sucesso das cidades balneárias européias no século XIX e o surgimento de planos de melhoramentos nesses núcleos urbanos e nos projetos de cidades novas. O capítulo traz também observações sobre as estâncias no Brasil, investigando o processo de introdução desse tipo de cidade no país e observando o cotidiano dessas cidades, além de estabelecer paralelos entre as estâncias locais e aquelas estabelecidas em outros países.

No segundo capítulo, AS ESTÂNCIAS NO BRASIL: REFERÊNCIAS E TRADUÇÕES, são apresentadas algumas observações a respeito das referências e das concepções urbanísticas, paisagísticas e arquitetônicas internacionais que foram incorporadas aos projetos de estâncias elaborados no Brasil na primeira metade do século XX. Destaca-se aqui os ideários filiados à tradição pitoresca, que orientaram grande parte dos projetos urbanísticos e arquitetônicos das estâncias brasileiras, produzindo nessas localidades um ambiente diferenciado, com diversos aspectos da paisagem rural².

Em AS ÁGUAS DE ARAXÁ são expostos alguns aspectos da história da cidade de

¹ Sobre o assunto, consultar LEPETIT, 2001.

Araxá e da estância do Barreiro. O capítulo traz informações a respeito da descobertas das águas medicinais na região do balneário e o desenvolvimento da atividade turística na região. Observam-se também aqui as primeiras iniciativas voltadas à criação da infraestrutura necessária para a exploração dos recursos naturais locais, num esforço que culminaria na implantação do conjunto de propostas analisadas nos capítulos seguintes.

O quarto capítulo, A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ESTÂNCIA: O PLANO URBANÍSTICO DO BARREIRO, analisa a proposta de urbanização da região do balneário de Araxá, elaborada por uma equipe coordenada pelo engenheiro Lincoln Continentino. Procura-se identificar aqui as referências urbanísticas presentes no projeto para a estância e observar a incorporação desses ideários internacionais - como as concepções da cidade-jardim e as proposições do urbanismo sanitaria - em soluções aplicadas no projeto do Barreiro.

Em A ARQUITETURA DO BARREIRO: CONCEPÇÕES DO MODERNO são analisados os projetos arquitetônicos do Barreiro, procurando identificar seus autores, bem como comparar as obras da estância de Araxá com outros trabalhos desses profissionais, através do estudo da trajetória profissional dos mesmos. O escritório de Luiz Signorelli, responsável pela maior parte dos projetos para a estância, recebe destaque nesta parte da dissertação, que também aborda a atuação de Raphael Hardy Filho, membro do mesmo escritório. Serão também estudados os dois projetos elaborados por Francisco Bolonha que, recém-formado, trabalhava com Burle Marx na época em que este foi contratado para executar os jardins do conjunto. O capítulo comenta a convivência de obras ecléticas e modernas em um mesmo conjunto e as opiniões, por vezes conflituosas, dos arquitetos envolvidos no Barreiro a respeito dos rumos a serem tomados pela arquitetura no Brasil naquele período.

Por fim, o capítulo O PARQUE DO BARREIRO: JARDINS DE BURLE MARX NA ESTÂNCIA DE ARAXÁ apresenta um estudo sobre os projetos de Burle Marx para os jardins da estância, investigando a inserção do paisagista nas obras do balneário e observando também a atuação do botânico Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, que colaborou no projeto do parque. O plano paisagístico é analisado tanto em seu aspecto formal, observando suas diversas características, que por vezes o aproximam dos parques ingleses, tanto em seu aspecto científico, atentando para o uso criterioso de espécies vegetais e outros elementos constitutivos da paisagem. Também serão feitas observações a respeito de outras propostas do paisagista, visando compreender em que medida são encontradas ressonâncias do projeto de Araxá na obra posterior de Burle Marx.

² O próprio termo *estância* está ligado à idéia de ruralidade. A palavra, utilizada como designação para a grande propriedade rural, especialmente na região sul do Brasil, teve seu sentido deslocado para designar também as localidades ligadas ao tratamento terapêutico e ao lazer.

CAPÍTULO 1

A CIDADE E AS ÁGUAS: SURGIMENTO E DIFUSÃO DE BALNEÁRIOS E ESTÂNCIAS

O banho tem assumido, em diversas épocas e culturas, significados diferentes. Em alguns períodos, tal atividade se resume a simples abluções, como forma de manter a limpeza e o bom funcionamento do corpo; em outros, foi considerada fundamental para a regeneração física e moral do ser humano. A partir da observação do processo de transformação do caráter do banho e da relação entre o homem e a água pode-se observar com maior precisão a influência das termas e das fontes na criação e na requalificação de diversos núcleos urbanos na Europa e no Brasil.

Desde o século XIX, a Europa promoveu uma reabilitação do hábito dos antigos romanos de tomar banhos quentes, ou termais. Ancorados nesse processo, apareceram ainda nesse mesmo século os primeiros investimentos nas estâncias brasileiras. Essa revalorização dos banhos no século XIX pode ser analisada a partir de diversas óticas. Primeiramente, houve na Europa um movimento de reaproximação com a natureza, como fuga do processo de metropolização e dos efeitos da revolução industrial. Tal movimento envolvia excursões ao campo, às montanhas e às praias, a valorização da prática de exercícios ao ar livre, banhos de sol e, posteriormente, banhos de mar. No âmbito das artes esse movimento de busca pela natureza já podia ser observado desde o século XVIII, quando as estéticas do pitoresco e do sublime apareceram nas obras de artistas como Turner, Constable e Gainsborough¹. Mesmo dentro das cidades essa tendência aparecia na criação de bulevares, praças, gramados e parques, ou na manutenção de reservas de florestas, campos de caça ou bosques, como o Bois de Boulogne, em Paris ou o Hyde Park, em Londres. A preservação ou criação de áreas verdes também ganhou força nos planos e propostas para novos

¹ O tema do pitoresco será retomado no capítulo 5.

núcleos urbanos. Esse conjunto de intervenções e projetos vinha então na direção oposta à cidade fabril e seus efeitos. Encontram-se aqui exemplos notórios, como as proposições de Howard para a cidade-jardim e suas aplicações em projetos de vários urbanistas e arquitetos como Raymond Unwin e Barry Parker.

Observa-se também nessa época a descoberta de propriedades químicas de efeito curativo nas águas de diversas fontes européias e, mais tarde, brasileiras. A medicina também voltou sua atenção para os efeitos terapêuticos dos banhos, fossem estes de águas quentes, de vapor, ou de mar. Ou seja, houve no século XIX uma série de investigações e terapias médicas envolvendo as águas, seja na forma de banhos ou na ingestão do conteúdo das fontes.

Ainda nesse período, nota-se a intensificação do hábito de viajar, num processo desencadeado por uma série de fatores. É possível verificar, através da observação dos passeios e excursões que tanto contribuíram para a o sucesso das estâncias balneárias européias no século XIX, a formação de uma sociabilidade peculiar a tais localidades. Nesses balneários, onde um grande número de pessoas se reunia em um espaço reduzido e durante um curto período de tempo, a formação de uma imagem própria das classes que a freqüentavam e a distinção entre tais classes e as demais podia ser observada com maior clareza. Essas trocas sociais se deram de maneira bastante semelhante em algumas cidades de águas brasileiras, como Poços de Caldas e Araxá. A observação dessas condutas distintivas também contribui para a compreensão das expectativas e do gosto das elites que freqüentavam as estâncias hidrominerais na virada do século XIX para o XX, que constituíram fatores determinantes nos projetos para tais cidades.

ENTRE A CURA E O LAZER:

O INTERESSE PELAS ÁGUAS NO SÉCULO XIX E O RETORNO AOS BALNEÁRIOS

O interesse do século XIX pelos banhos e o sucesso das estâncias desse período estiveram atrelados a um conjunto de fatores, relacionados entre si em diversos níveis. O estabelecimento da paz na Europa, após a derrota de Napoleão na batalha de Waterloo em 1815, contribuiu para o aumento da freqüência nos balneários. Antes disso, porém, tais localidades já eram bastante freqüentadas, inclusive por personalidades e membros da nobreza, o que aumentava o interesse sobre as cidades de águas. A família do próprio Napoleão freqüentava Aix-les-Bains. O mesmo imperador criou, ainda em 1810, o Parque das Fontes em Vichy. Estas e outras estâncias francesas receberiam mais investimentos na época de Napoleão III (1808 –



1. Panorama da cidade balneária francesa de Trouville, 1873

1873), assíduo freqüentador de fontes e banhos. O período de paz também correspondeu ao crescente melhoramento e sucesso das estâncias inglesas e de outros países europeus. O ápice desse processo se deu na chamada Belle-Époque, de 1870 até 1914, período que antecedeu a Primeira Guerra.

O sucesso das estâncias européias esteve fortemente ligado ao crescimento da atividade turística no século XIX. Identifica-se nesse período uma intensificação na realização de viagens, com os mais variados destinos e pelos mais diversos motivos, incluindo-se aqui a já referida busca pelo reencontro com a natureza. Algumas observações do filósofo alemão Georg Simmel (1808 – 1873) trazem importantes contribuições para a compreensão desse processo. Para ele, o turismo vem na contramão das transformações trazidas pelas metrópoles em desenvolvimento ao longo daquele século.

Na esteira do processo de metropolização, Simmel identifica, por um lado, uma crescente especialização do trabalho e, por outro, um declínio na individualidade do ser humano. Ambos teriam reflexo numa nova maneira de pensar, portar-se e relacionar-se com a natureza, com a cidade e com seus semelhantes. Simmel enxerga o crescimento das relações menos duradouras e um decréscimo nas relações mais profundas e permanentes, ou seja, o corte dos laços mais profundos (com a família ou com a terra, por exemplo), como características do modo de viver moderno:

(...) a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme. É precisamente nesta conexão que o caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana se torna compreensível – enquanto oposição à vida de pequena cidade, que descansa mais sobre os relacionamentos profundamente sentidos e emocionais. (SIMMEL, 1900 in VELHO, 1973, p. 12).

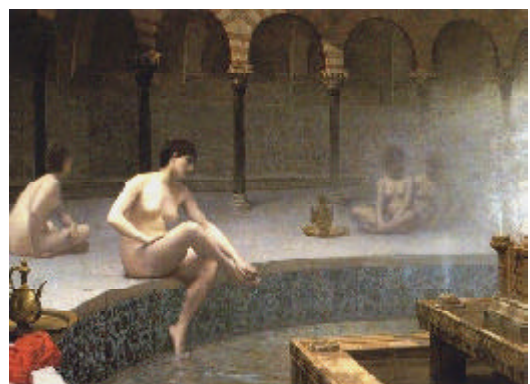
Simmel identifica no homem da metrópole um sentimento nostálgico, romântico, de afastamento em relação à natureza. São os prazeres proporcionados

por essa natureza que esse ser humano moderno vai buscar em suas viagens: a proximidade com algo que permanece “alheio e inalcançável” (SIMMEL, 1978 [1900], p. 675). Além disso, o interesse do homem moderno pelo turismo e pela paisagem natural pode ser reconhecido como uma tentativa de resistir ao nivelamento e ao anonimato da vida nas metrópoles. De acordo com Simmel, o homem moderno está sempre à procura de algo que o diferencie e, ao mesmo tempo, algo que o excite.

A carência de algo definitivo no centro da alma leva a procurar uma satisfação momentânea em estímulos, sensações e atividades externas sempre novas; por seu lado isto nos enreda em uma rede caótica de inconstâncias e atividades infatigáveis, que se manifesta ora como o tumulto da cidade grande, ora como mania de viagens, ora como luta selvagem da concorrência, ora como a infidelidade especificamente moderna nos domínios de gosto, dos estilos, dos caracteres e das relações. (SIMMEL, 1978 [1900], p. 675).

Simmel aponta aqui o caráter ambíguo dessa “mania de viagens”. Ao mesmo tempo que se busca o retorno ao campo e à natureza, o oposto da metrópole, observa-se também a procura pela intensidade de estímulos. Ou seja, a busca pela intimidade com a natureza por meio do isolamento, da fuga das grandes cidades, não significava a renúncia da “possibilidade de voltar a desfrutar nesse espaço ‘sagrado’ dos serviços e das diversões urbanas mais prosaicas” (CAZ; SARAIVA, 1994, p. 55). Assim, a realização de viagens de negócios, culturais, informativas, ou terapêuticas, ganharia também o caráter frenético das grandes cidades (WAIZBORT, 2000, p. 197). A atividade turística, abrangendo esses dois aspectos, pode ser entendida como um traço da vida moderna. É importante lembrar também que, nesse período, as viagens tornaram-se mais fáceis e mais freqüentes. O aprimoramento dos meios de transportes, em especial as ferrovias, representou um fator crucial para o desenvolvimento do turismo nos anos de 1800.

Durante o século XIX, a atividade turística esteve também bastante associada ao interesse por outras culturas e por diferentes povos. Tal interesse contribuiu para



2. *Bain dans le harem*
Jean Léon Gerôme
1889



3. Ruínas das Termas de Diocleciano - gravura do século XVIII

a difusão e introdução de diversas práticas relacionadas ao banho na Europa, como o *hammam* - o banho a vapor praticado por diversos povos no Oriente Médio, conhecido como banho turco - a sauna finlandesa ou russa e os banhos de ofurô dos japoneses. O turismo ainda esteve estreitamente ligado à curiosidade em relação às expedições arqueológicas realizadas nesse período na Europa e no norte da África, que permitiram um conhecimento mais aprofundado dos estabelecimentos romanos e de suas termas.

Alguns conjuntos de estabelecimentos termais como as ruínas de Caracalla e das Termas de Diocleciano, em Roma, já constituíam objetos de estudo de arquitetura desde o Renascimento. Ainda na Antigüidade, diversas soluções técnicas utilizadas nesse tipo de construção foram descritas com detalhes por Vitruvius. As termas também fizeram parte do roteiro cumprido por muitos arquitetos do Iluminismo nos *grands tours* realizados nas conclusões dos cursos de arquitetura europeus.

Vale ressaltar que a Grécia antiga já havia estabelecido relações relevantes com as fontes e os banhos. Os gregos vinculavam os cursos d'água à presença ou manifestação de divindades e tinham aí a explicação para o efeito curativo de algumas de suas fontes. De acordo com Mourão (1997), desenvolveram-se, em algumas dessas localidades, estabelecimentos de caráter permanente, como templos, teatros e vias arborizadas. É curioso observar que, de acordo com a descrição do historiador e geógrafo grego Pausânias (séc. II d.C.), tais “hidrópoles” eram situadas em “lugares aprazíveis, convidativos à meditação, com avenidas de plátanos, resguardadas de

sombra” (MOURÃO, 1997, p. 80). Curiosamente, tais características estariam também presentes em várias cidades de águas dos séculos XIX e XX:

Os helenos [...] procuravam entender a natureza como uma fábrica de bens, infalível e eterna. Esforçavam-se para proporcionar aos doentes sítios tranqüilos, atraentes, arborizados e com o agradável perfume da vegetação, os quais repercutiam na saúde do corpo e do espírito.

[...] ignorando as causas das moléstias e atribuindo-as à cólera dos deuses, acreditavam que o milagre da cura podia se operar com mudança do clima, o abandono do ambiente amaldiçoado (maleitoso?) ou o estabelecimento de um ritmo novo de vida em outros ares. (MOURÃO, 1997, p. 80-2).

Os gregos também já contavam com equipamentos voltados para o banho. No geral, tais ambientes localizavam-se dentro dos ginásios, sendo constituídos apenas por uma série de chuveiros, utilizados para limpeza corporal após os exercícios, embora também tenha sido detectada a presença de banheiras e estufas para banhos de vapor nesses locais, além de equipamentos para banhos individuais nas residências.

O banho coletivo adquiriria importância social com o advento e o fortalecimento do Império Romano, quando as termas, construídas em diversos assentamentos na Europa e no norte da África, passaram a ser locais de reuniões e discussões. A atividade, exercida por todas as classes sociais, servia como meio de manter ou recuperar a saúde e o vigor físico, atuava na recuperação dos soldados,



4. *The Baths of Caracalla*
Sir Lawrence Alma-Tadema
(1899)

auxiliando na defesa e expansão do Império e contribuía para o estabelecimento de novos núcleos urbanos que se desenvolviam ao redor das fontes. Algumas cidades balneárias contemporâneas tiveram sua origem nos acampamentos e assentamentos romanos. Entre as mais conhecidas estão Aix-en-Provence (*Aquae Sextiae*) e Vichy (*Aquae Calidae*), na França, Baden Baden (*Aquae Aureliae*), na Alemanha e Bath (*Aquae Solis*), na Inglaterra².

Os edifícios das termas adquiriram, durante a vigência do Império, dimensões e características monumentais³, sendo possível observar neles o conhecimento técnico e arquitetônico dos romanos. Para Giedion, tais obras estão para Roma assim como as catedrais estão para a arquitetura gótica, ou as indústrias, as gares de trens e as exposições mundiais estão para o século XIX. De acordo com ele, as termas representam a grande contribuição romana para a arquitetura mundial (1969, p. 632): com suas cúpulas e abóbadas de canhão, superam os anfiteatros e os circos romanos como exemplos de solução arquitetônica para vencer grandes espaços. As termas também eram exemplos de aplicação de técnicas eficientes para captação e condução de cursos d'água.

As termas romanas⁴, descritas por Vitruvius, possuíam ambientes para banhos de vapor de diferentes temperaturas (*tepidarium*, morno, *caldarium*, quente e *laconicum*, muito quente) e para banhos frios em piscinas (*frigidarium*). Em alguns casos, havia também patamares para banhos de sol (solários). Além dos ambientes voltados à atividade do banho em si, havia também ambientes para a prática de esportes e lutas (*palestra*), que muitas vezes possuíam dimensões muito superiores às dos ginásios gregos, espaços para descanso e repouso, para discussões e transmissão de ensinamentos⁵, além de assembléia e biblioteca.

O tratamento termal completo compreendia uma sucessão de atividades em diversos setores: primeiramente, a prática de exercícios na *palestra*, a fim de ativar a circulação sanguínea; depois, o banho de vapor no *tepidarium*, estimulando a transpiração; em seguida, os banhos de água quente no *caldarium* e no *laconicum*; posteriormente, a massagem com sabão ou óleo e, por fim, o banho na piscina de água fria do *frigidarium*.

A queda do Império Romano representou também a decadência das termas e dos banhos. O corpo descoberto e a “promiscuidade” dos banhos romanos eram condenados pelo cristianismo em ascensão. De acordo com Mourão (1997, p.179 - 185), as águas termais só seriam redescobertas no século XV, quando se iniciou, ainda que timidamente, uma reabilitação do termalismo na Itália, na França e em Portugal⁶. Ainda assim, essas iniciativas de reativação dos banhos eram pontuais,

² Termos como *aix*, *aigues*, *baden*, *bath* e *bains*, presentes nos nomes de muitas dessas localidades, provêm das palavras latinas *aqua* (água) e *baneum* (banho).

³ Calcula-se que as termas de Diocleciano (303 d.C.), o maior conjunto construído em Roma, com 112500 m², possuía cerca de três mil banheiras. (MOURÃO, 1997, p.125).

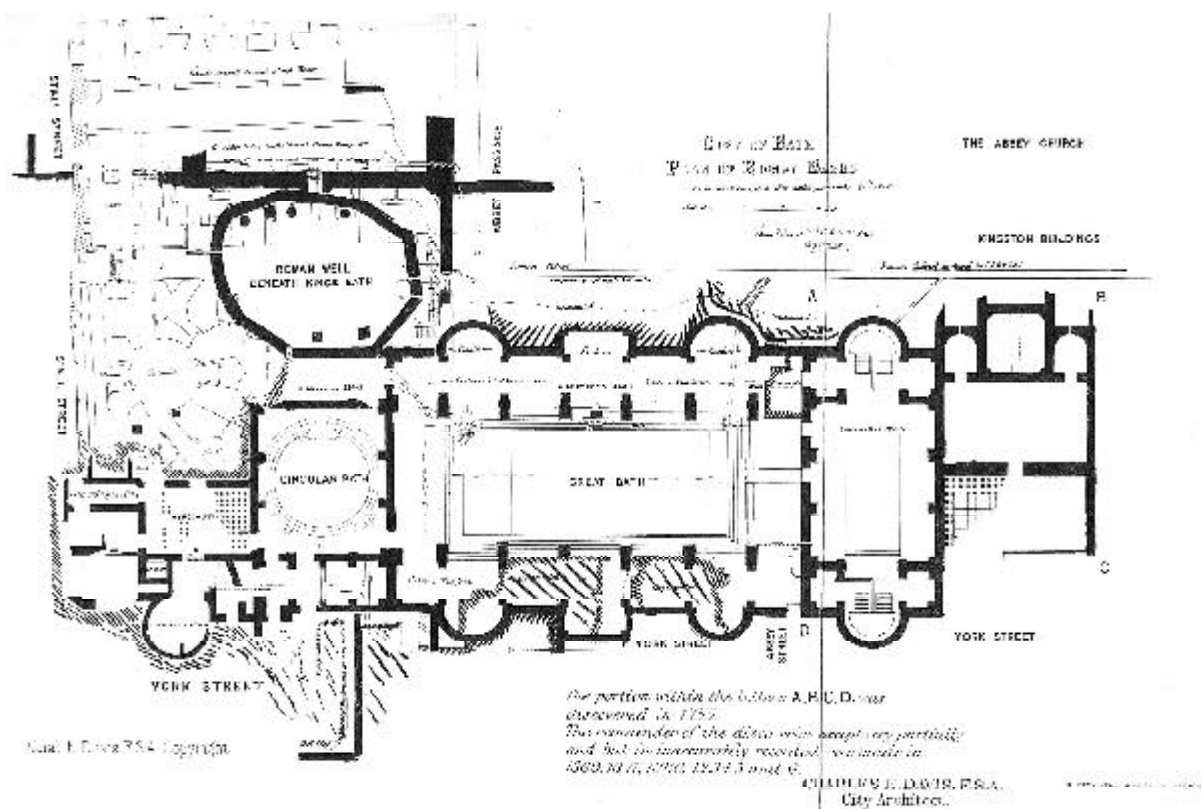
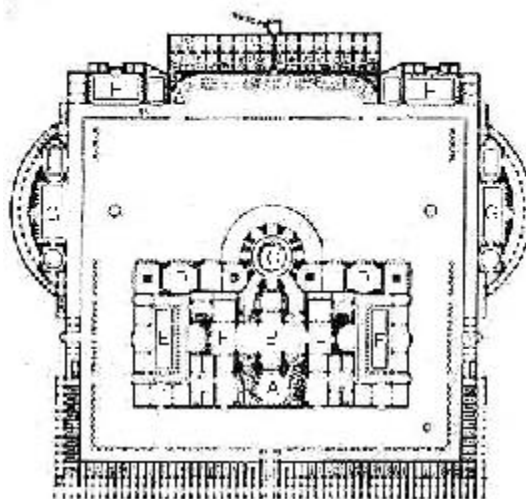
⁴ De acordo com Capuano (1992, p. 124), as termas dividiam-se em *balnae* (setor reservado a uma clientela seleta) e *thermae*, área aberta a todos os cidadãos.

⁵ Tais ambientes, as êxedras, também são uma herança grega, já sendo encontrados nos antigos ginásios.

⁶ Dona Leonor, rainha de Portugal, fundou, em 1458, o hospital da cidade de Caldas da Rainha, que tinha como anexo um balneário com águas sulfurosas. A mesma rainha também foi criadora das Santas Casas de Misericórdia.

5. Termas de Caracalla

- A - frigidarium
- B - tepidarium
- C - caldarium
- D - sala de reuniões
- E - palestra
- F - sudatorium
- G - ginásio
- H - biblioteca



6. Termas romanas de Bath, descobertas nos séculos XVIII e XIX

sendo que grande parte das termas européias permaneceu praticamente desativada nesse período⁷. Contudo, ao longo dos séculos seguintes, o hábito dos banhos retornou gradativamente, desencadeando um processo de crescimento das cidades de águas que culminaria no século XIX.

Várias etapas dos banhos romanos foram curiosamente retomadas como forma de terapia na era moderna e serviram de base para algumas práticas médicas das primeiras décadas do século XX. Inicialmente, o uso medicinal das águas no XIX esteve ancorado no já mencionado movimento de reaproximação da natureza⁸, que desencadeou a valorização de terapias naturais. Difundiu-se na Europa, durante a primeira metade dos anos de 1800, a crença no contato com a paisagem natural e seus elementos, fosse o ar puro, o sol ou a água, como forma de revigorar o organismo e curar os males do corpo. Cabe observar que a divulgação das benesses dos banhos de sol e das atividades ao ar livre auxiliou num processo de diminuição e simplificação do vestuário, especialmente do guarda-roupa feminino, de modo a permitir uma maior exposição do corpo ao ambiente, que posteriormente contribuiria com as práticas terapêuticas ligadas aos banhos e com o sucesso dos balneários que começavam a se estabelecer em várias cidades européias. Deve-se ressaltar ainda que a popularização do hábito dos banhos também se deu por meio da difusão das teorias higienistas, bastante presentes no século XIX, que preconizavam a limpeza e o asseio do corpo.

Porém, mesmo antes do desenvolvimento desses núcleos urbanos, a hidroterapia já se desenvolvia na Europa tanto com o uso de duchas⁹ (que muitas vezes consistiam apenas de um cano por onde a água jorrava) quanto de correntezas, que deveriam atingir a altura dos tornozelos, contribuindo para a circulação nos membros inferiores. Desde meados do século XVIII as excursões à praia eram também usadas como forma de curar doenças psíquicas, como a melancolia, considerada comum entre os membros das altas classes daquele período¹⁰. A terapia compreendia a revitalização corporal, através do contato com a turbulência do mar e com a água fria, e da recuperação do vigor físico (CORBIN, 1989, p. 69-71). Embora já se fizesse aí o uso das propriedades mecânicas dos cursos hídricos, muitas vezes a cura era atribuída a um imaginado poder extraordinário dos responsáveis por estes equipamentos e estabelecimentos, que também prescreviam e acompanhavam o tratamento.

Contudo, o pleno estabelecimento das práticas relativas aos banhos se deu com o aprofundamento e a divulgação das investigações científicas a respeito das águas e dos banhos, nos campos da química, da física e da medicina. Embora os romanos já tivessem iniciado alguns estudos hidrológicos¹¹, o século XIX reavivou

⁷ Sobre a situação do hábito dos banhos coletivos na Europa entre o Renascimento e a Idade Moderna, ver MUMFORD, 1982, p. 418.

⁸ Vale lembrar que o caminho de volta à natureza começara a ser aberto ainda no século XVIII. Tal ideal já se explicitava nas obras do Romantismo e no pensamento filosófico de Jean-Jacques Rousseau.

⁹ Os antigos gregos já faziam uso de duchas (*kataklysmós*). O médico Galeno (131 – 201 d.C.) afirmava que a água deveria jorrar violentamente sobre o corpo, de modo a atravessá-lo, para que se obtivesse o efeito terapêutico desejado. A palavra ducha provém da expressão latina *agua ducta*, posteriormente derivado para *ducia* ou *doccia*, para *douche*, em francês e finalmente para ducha, em português. (MOURÃO, 1997, p.86).

¹⁰ Sobre o assunto, consultar também GOUBERT (1986, p. 130).

¹¹ Aparece aqui novamente a figura de Vitruvius, que classificou as águas de várias fontes segundo suas características físicas.

as investigações sobre as águas, corrigindo ou aprimorando as classificações das mesmas de acordo com suas composições moleculares, suas propriedades químicas e termiais e suas origens geológicas.

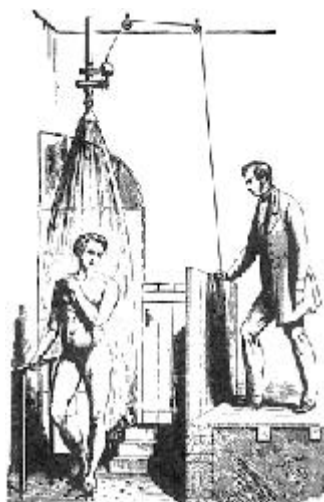
A partir de então, criou-se condições para o desenvolvimento de vários tipos de terapias relacionadas às fontes e aos banhos: a hiroterapia faz uso da termalidade e da ação mecânica das águas minerais medicinais e marinhas. A crenoterapia¹² emprega as propriedades curativas das fontes minerais e de seus gases, da água do mar e das lamas das praias e das regiões dos mananciais. Recomenda-se aqui a ingestão ou a aplicação desses recursos em seus locais de origem e imediatamente após a coleta dos mesmos. A talassoterapia utiliza os ambientes marítimos como tratamento de saúde, incluindo-se não apenas a água (que pode ser administrada em banhos, ingerida, inalada e até mesmo aplicada em injeções), mas também a ventilação e a luminosidade das regiões costeiras (MOURÃO, 1997, p. 248).

Destacam-se também os estudos a respeito do uso das propriedades radioativas das reservas minerais como prática medicinal, que já tinham início no século XIX e evoluíram ao longo do XX. Assim, estabeleceram-se, nas estâncias uma série de equipamentos voltados para os curistas, como pavilhões para fontes, salas de banho, consultórios médicos e clínicas e espaços com aparelhos para terapias hidromecânicas, como as duchas.

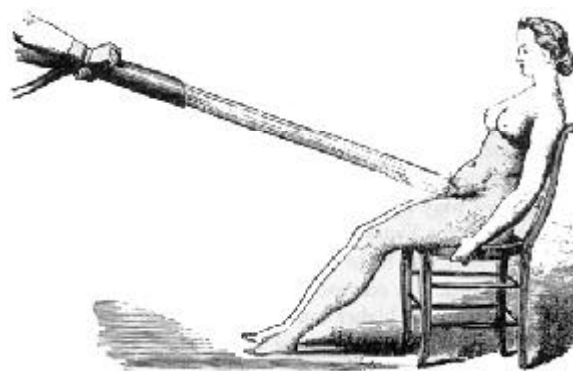
As estâncias hidrominerais situadas no interior faziam sucesso com suas fontes medicinais. A água sulfurosa, que constituía um dos principais atrativos de muitas dessas localidades, era freqüentemente indicada nos casos de esterilidade¹³ e de doenças ginecológicas. Faziam-se também aplicações tópicas em casos de inflamações

¹² Do grego *krenos* = fonte ou manancial

¹³ Muitos casais recorreram às estâncias com o propósito de conceber um filho. Um dos casos mais notórios é o da princesa Isabel e do conde d'Eu, que obtiveram sucesso em seu intento após uma estação de águas na cidade mineira de Caxambu.



7. Banho de ducha assistido pelo médico - século XIX



8. Ducha para tratamento de problemas abdominais - século XIX

nas mucosas, como olhos e boca. Assim como a água do mar, a água sulfurosa, presente em muitas estâncias européias, era aplicada em ingestões, banhos, inalações e aplicações intravenosas. Para os casos de sífilis, o tratamento com banhos e ingestão dessa água era considerado extremamente eficiente. Os banhos sulfurosos também eram receitados para casos de reumatismo e moléstias da pele. Já as fontes radioativas eram indicadas na regularização do sistema endócrino, estimulando o metabolismo, da função urinária e da pressão sangüínea. Também eram receitadas por sua ação antialérgica e sedativa. Muitas dessas fontes eram creditadas como rejuvenescedoras. Tais águas eram encontradas em estâncias européias como Luchon, na França, Montecatini, na Itália e Baden-Baden, na Alemanha.

Nos balneários marítimos, prescrevia-se desde o século XIX a imersão nas águas do mar, atividade controlada, que só deveria ser exercida após um período de preparação do paciente. No geral, o banhista entrava na água nu. Porém, alguns balneários desenvolveram aparatos que permitiam uma imersão resguardada, principalmente para o uso das mulheres. Além dos banhos de imersão, com

¹⁴ Esse tipo de ducha, criada pelo frei alemão Sebastien Kneipp em meados do século XIX, consistia na alteração de jatos quentes e frios e foi bastante difundido na Europa, especialmente na Grã-Breanha, onde o referido frei vivia, e no Brasil.



9. Nos banhos de mar: "Os trabalhadores do mar" (provavelmente uma alusão ao romance de Vitor Hugo)

a. "Banho de onda - quando o mar está agitado"

b. "Banho de onda - quando o mar está calmo, ele pede auxílio de uma nova força ao braço vigoroso de Zéfiro"



10. Cabine-carroça para ingresso reservado ao mar

temperaturas variadas, e das fontes medicinais, as estâncias do interior ofereciam equipamentos para várias práticas hidroterápicas, como banhos de vapor e saunas, banhos de lama, aparelhos para inalação, ducha escocesa¹⁴ e massagens. Tanto nas praias quanto nas termas era possível contar com profissionais preparados para assistir o curista, como médicos e enfermeiros.

É importante ressaltar que as estâncias contavam com outros fatores considerados primordiais para o tratamento completo de seus visitantes: a paisagem e o clima. Vários relatos médicos atestam a importância do papel desses elementos no tratamento, uma vez que contribuíam para o bem estar e o melhoramento no estado psicológico dos doentes.

Novamente se vê aqui a tendência de retorno à natureza, que caracterizou o século XIX e se estendeu até o XX. Desde o XVIII, tratados médicos e científicos citavam o valor da paisagem e do clima das estâncias termais e dos balneários costeiros no tratamento de males psíquicos e a importância das práticas sociais proporcionadas em tais sítios no restabelecimento espiritual desse tipo de paciente. Tais fatores representavam também atrativos para os pacientes (que geralmente permaneciam nas estâncias por um longo período para a realização do tratamento) e seus acompanhantes, ou para visitantes sem interesse no caráter terapêutico das águas. Assim, aparecem também nas estâncias equipamentos voltados não só para o curista, mas também para o turista¹⁵.

Em consequência da intensificação da prática da vilegiatura, a Europa viu crescer o número de construções e de estruturas para receber vários tipos de público, de banhistas a turistas. Algumas dessas localidades, como Bath, começaram a adquirir fama desde o século XVII, sendo alvo de reformas e melhoramentos desde essa época, quando já eram procurados também por sediarem atividades ligadas ao lazer. Entre o final do século XVIII e a metade do XIX, diversas cidades de águas européias substituiriam suas instalações singelas e até precárias por conjuntos com parques, praças, passeios públicos e vias arborizadas, onde se espalhavam hotéis, casas de banho, casas de espetáculo, butiques, livrarias, bibliotecas, casas de chá, clubes e residências particulares destinadas ao uso dos proprietários ou a aluguéis temporários. Dentre estes equipamentos destacam-se ainda os salões de baile e principalmente as casas de jogos e cassinos¹⁶.

O jogo nos salões, nos cassinos e até mesmo nas residências particulares constituiu um importante atrativo para muitas das cidades balneárias praticamente desde o início do processo de revalorização dessas localidades no século XIX. É importante observar que assim como as práticas terapêuticas eram controladas e

¹⁵ Vale observar que o curista é aquele que frequenta as estações de águas em busca de tratamento, enquanto o turista faz suas viagens por prazer ou por outros interesses.

¹⁶ De acordo com Mourão (1997, p. 117), algumas cidades balneárias romanas já contavam com estabelecimentos voltados aos banhistas, como hotéis, hospedarias, casas de jogos e diversos outros tipos de estabelecimentos comerciais.

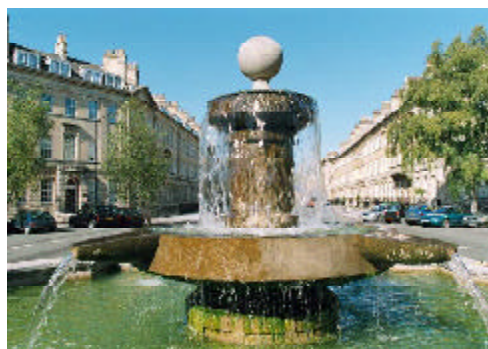
estudadas, as atividades turísticas também eram previstas e supervisionadas. O turista que visitava os balneários europeus esperava encontrar neles oportunidades e equipamentos voltados ao lazer. Procurava encontrar nessas cidades justamente o oposto daquilo que tinham ou viam em seus locais de origem. Daí o esforço em dar às estâncias, ao mesmo tempo, o aspecto bucólico que não era encontrado pelos moradores das metrópoles e pelos trabalhadores dos núcleos fabris e a vivacidade e o caráter frenético que não era visto nas propriedades rurais pertencentes às elites. As atividades hedonísticas disponíveis nas estâncias, como os passeios, as práticas esportivas, os bailes, os concertos, as reuniões sociais, as cartas, os dados e as roletas, também deram sua contribuição para a “mania de viagens” a que Simmel se referia e certamente representaram fatores estimuladores das intervenções urbanas realizadas nessas cidades na época.

AS SOCIABILIDADES DOS BANHOS E DO LAZER

No século XIX as estâncias assumiram definitivamente seu caráter hedonístico. As regiões praianas e os mananciais hidrominerais, que até então eram parcamente freqüentados, sob recomendação médica, passam a ser locais de reunião, especialmente nos períodos das estações¹⁷. Nessas cidades, as classes aristocráticas, que já constituíam a grande maioria do público desde os séculos anteriores, tinham a oportunidade de se encontrarem e de estabelecerem, reafirmarem, ou romperem laços sociais.

O aparato da vida, em um balneário, com seus bailes, passeios, bibliotecas, mestres de cerimônias, tinha por objetivo proporcionar uma experiência urbana concentrada, de uma sociabilidade frenética, a uma elite rural dispersa. (MYERSCOUGH, 1975, p. 4 apud URRY, 2001, p. 20).

¹⁷ As estações de cura geralmente se realizavam nos meses da primavera ou do inverno, quando o clima era mais ameno. As temporadas sociais, porém, adquiriram um calendário mais variado.



11. Bath: Laura Place



12. Bath: vista geral

A partir dos estudos de Alain Corbin (1989), é possível observar o crescimento do interesse das elites nas estâncias. No caso da Inglaterra, por exemplo, surge o costume da aristocracia e da *gentry* de passar o verão - a estação das debutantes e dos arranjos casamenteiros - não mais em Londres, mas em Bath ou Brighton. Entre os freqüentadores dessas estâncias estavam, por exemplo, membros da aristocracia que, apesar da linhagem, passavam por dificuldades financeiras. A temporada nos balneários mostrava-se mais econômica do que na capital, tornando-se assim um bom negócio para essas famílias, que podiam continuar sendo “importantes a um custo comparavelmente pequeno”¹⁸ (AUSTEN, 1994 [1818], p. 12).

O crescente hábito de freqüentar os balneários fez surgir uma sociabilidade típica nesses locais, “onde a vida social é estritamente codificada e ritualizada, [...] o circuito reduzido das visitas, dos passeios, das excursões, do pequeno número de locais de reunião e de salas de espetáculo, facilitam o encontro que se deseja aparentemente fortuito” (CORBIN, 1989, p. 270).

Durante os séculos XVII e XVIII o público dos balneários era relativamente pequeno, o círculo social era mais fechado e a companhia, portanto, mais reservada. Porém, já no início do XIX, camadas não-aristocráticas começam a freqüentar os balneários. Negociantes, advogados e outros profissionais passam a ter acesso às praias e aos *spas*¹⁹. A popularização começou a crescer primeiramente nas cidades litorâneas, onde a capacidade de absorção de público era fisicamente pouco limitada, enquanto que nas estâncias termais era possível controlar a quantidade de visitantes que freqüentavam as salas de banho. Já na metade do século XIX, o balneário chega às classes menos favorecidas, passando a atrair até mesmo as classes trabalhadoras inglesas²⁰. A partir da década de 1860, os operários fabris adquiriram o hábito de passar suas semanas de folga, coletivamente, nos balneários.

¹⁸ No romance *Persuasão*, da escritora inglesa Jane Austen (de onde o trecho foi extraído), a protagonista Anne Elliot, filha de um aristocrata falido, hospeda-se com a família em uma dessas residências durante sua temporada em Bath, enquanto sua própria mansão é temporariamente alugada por outra família.

¹⁹ O termo *spa* provém do nome de uma conhecida estância belga.

²⁰ Estas começavam a ter, nesse período, parte de suas exigências trabalhistas atendidas, incluindo-se aí o direito a férias.

Numerosos habitantes dos grandes centros manufatureiros procuram escapar, no verão, ao calor da cidade. Os de Manchester, [...] desejosos de limpar a pele dos resíduos industriais e fugir da fumaça das fábricas, vão para Southport. A estação torna-se o ponto de encontro dos fabricantes e dos artesãos, os quais podem permanecer aí no máximo por uma ou duas semanas. A praia começa inclusive a atrair a massa trabalhadora; uma publicidade espalhafatosa propõe aos operários de Manchester, por uma quantia módica, passar cinco horas em Southport. (CORBIN, 1989, p. 295).

O acesso das classes trabalhadoras aos balneários foi bastante facilitado pelo crescimento e melhoramento do transporte ferroviário. Algumas empresas começaram a desenvolver verdadeiros pacotes de viagens às praias britânicas, incluindo viagens de trem, guias, passeios e compras, a preços reduzidos (URRY, 2001, p. 39-43).

Esse processo de vulgarização das estações balneárias terminou por promover uma espécie de revezamento de temporadas entre aristocratas, burguesia e classe trabalhadora. A aristocracia, a classe “*distingué*”, passou a procurar os banhos em outras épocas, fora do verão, ou a freqüentar outras estâncias, como Bournemouth e Torquay, enquanto os trabalhadores visitavam os chamados *balneários fabris*, como Blackpool e Brighton, que já haviam se popularizado bastante ao longo da segunda metade do XIX.

Desenvolveu-se uma “hierarquia” do balneário e certos lugares passaram a ser vistos como corporações do turismo de massa, a serem desprezados e ridicularizados. Grandes diferenças de ‘tom social’ se estabeleceram em lugares que, de resto, eram semelhantes. Alguns desses lugares – os balneários da classe trabalhadora – desenvolveram-se rapidamente como “símbolos do turismo de massa”, lugares de inferioridade que representavam tudo aquilo que os grupos sociais dominantes consideravam de mau gosto, comum e vulgar. (URRY, 2001, p. 34).

Mesmo entre as classes mais abastadas a distinção entre aristocracia e burguesia se fazia perceptível na paisagem e na ordenação das cidades. As classes aristocráticas consideravam-se como grupo pioneiro no processo de revalorização dos banhos. Assim, arrogavam-se a função de ordenar o espaço urbano, criando por vezes leis e regras de ocupação do território dessas localidades. Além disso, viam-se como os introdutores das modas e dos estilos, embora tendessem sempre a valorizar as estéticas historicistas. Nos balneários marítimos, preferiam construir suas casas de veraneio em áreas mais afastadas em relação ao litoral (embora mantendo a vista para o mar), em lotes espaçosos, ajardinados e de configuração irregular, preferindo um estilo de



13. Vichy: parque e coreto

vida relativamente tranqüilo e isolado durante as estações. Os burgueses, por outro lado, adaptavam-se às regulações urbanas; imitavam as construções aristocráticas e, ao mesmo tempo, mostravam um gosto pela novidade, pelos modismos efêmeros e pelos estilos exóticos. Contentavam-se em estabelecer suas residências em lotes mais reduzidos e regulares, localizados próximo às praias, onde poderiam usufruir da agitação das cidades balneárias nos períodos de grande movimento (ROUILLARD, 1984, p. 143).

Esse fenômeno aponta para um outro aspecto da dimensão social desenvolvida nos balneários: os procedimentos de distinção entre classes ou de aproximação entre membros de uma mesma classe se fazem de maneira bastante reveladora.

A sociedade tende cada vez mais a fracionar-se em classes – e não simplesmente classes, porém classes localizadas, colônias de classes... É a disposição a associar-se com iguais, em certa medida com aqueles que têm *interesses* práticos semelhantes, em medida ainda maior com aqueles que têm gostos e cultura semelhantes e, acima de tudo, com aqueles que julgamos estar em um patamar de igualdade moral, qualquer que possa ser nosso padrão. (*The Economist*, 20 de junho de 1857, p. 69 apud URRY, 2001, p. 37).

Nas atividades desenvolvidas durante as estações, bailes, jogos, concertos, esportes, é possível entrever como os grupos ou as classes que freqüentavam as estâncias se diferenciavam e se reconheciam. Ou seja, a observação das estâncias turísticas constitui uma boa fonte para entender como, através das relações sociais, as classes dominantes preservavam seu status e seus privilégios; construía e mantinham sua imagem “aristocrática” e sua distinção em relação às demais. A partir da investigação de aspectos do estilo de vida de uma classe é possível apreender como as práticas simbólicas, o uso da linguagem e a manifestação do gosto aparecem como forma de distinção nas relações sociais. Por outro lado, essa mesma investigação também contribui para a compreensão dos interesses e dos gostos de grande parte do público das estâncias (a saber, as elites), que certamente influíram nos projetos para tais cidades. Assim, é interessante fazer aqui alguns apontamentos a respeito do desenvolvimento de regras comportamentais e sociais entre as classes mais elevadas.

A atenção às condutas, às posturas, às falas e às regras que constituem um comportamento distintivo foi crucial para a formação de uma imagem própria das elites, como nos mostram os estudos de Norbert Elias (1996). Os indivíduos dessas classes devem ser reconhecidos por seus modos civilizados e suas atitudes corteses. Vale ressaltar que a relação entre civilização, civilidade e cortesia tornou-se gradativamente mais estreita: a concepção francesa de civilização, largamente difundida no Ocidente, está associada tanto à noção de cultura (nacional ou ocidental)

quanto aos modos e procedimentos da aristocracia e da corte do regime monárquico. A burguesia francesa passou a adotar paulatinamente os costumes aristocráticos, os “bons modos”, especialmente a partir do século XIX, numa espécie de tentativa de aproximação em relação à classe aristocrática. Assim, burguesia e aristocracia passaram a agir de maneira semelhante. A segunda adotou as convenções de estilo e de traquejo social da primeira e passou a dar maior importância à articulação do discurso, da conversação e da linguagem. Desse modo, a postura cortês, educada, que, em primeira instância, era restrita à corte e às altas camadas sociais francesas, passou a constituir o padrão de comportamento (ELIAS, 1996, p. 30).

A associação entre polidez e civilização manteve-se e popularizou-se. A sociedade ocidental comumente relaciona a noção de civilização às noções de cultura, de boas maneiras, de cortesia. Essa noção associativa passou a ser usada pelas classes dominantes como forma de designar, qualificar e distinguir seu próprio comportamento social refinado em oposição aos modos considerados simples e primitivos das classes mais baixas.

É possível perceber uma dimensão distintiva e intimidadora não só nas regras de comportamento, mas também nas trocas lingüísticas, simbólicas e ritualísticas, como observou Bourdieu (1996). Os diversos estratos de uma classe dominante se reconhecem exatamente através do que os faz membros dessa classe, ou seja, as práticas que lhes conferem privilégios e distinção (BOURDIEU, 1996, p. 258).

Uma dessas práticas é o uso da linguagem como forma de expressão de um poder simbólico²¹. As variações de sotaque, entonação e vocabulário têm reflexos na hierarquia social. As falas possuem diversos graus de autoridade e ganham pesos variados de acordo com aquele que as profere e com a maneira como elas são proferidas. As palavras podem ser usadas como sinais de polidez, ou como instrumentos de coerção e intimidação (BOURDIEU, 1991, p. 51).

Assim como o uso da linguagem, a atribuição de títulos é uma forma de demonstração de poder e de distinção com grande eficiência simbólica. Tal prática muda as representações que os outros fazem da pessoa agraciada com o título e a maneira de portar-se diante dela. Por outro lado, muda também a imagem que a pessoa faz de si mesma e no comportamento que ela passa a adotar depois de ser agraciada com o título.

Todas essas práticas simbólicas têm o poder tanto de introduzir em um indivíduo um sentimento de pertencimento a uma determinada classe quanto de diferenciá-lo sob o ponto de vista daqueles que não pertencem a ela. Elas têm a capacidade de manter uma coesão dentro do grupo, através da criação ligações

²¹ De acordo com Bourdieu, o poder simbólico permite obter aquilo que, em sociedades mais primitivas, seria alcançado através do uso da força. O exercício desse poder é feito a partir do princípio da mobilização, do convencimento, por meio de diversas práticas, como discursos, rituais ou propaganda.

simbólicas entre seus membros. Tais ligações têm a função de perpetuar hábitos e tradições, além de criar um senso de limite. Esse senso faz com que aqueles que não pertencem à classe mantenham-se à margem, saibam “seu devido lugar” (BOURDIEU, 1991, p. 123).

O mesmo ocorre com a atribuição de valor através do gosto. O ato de conferir princípios estéticos às escolhas do cotidiano também tem poder de distinção. A partir do gosto, constituem-se os costumes e o estilo de vida. Os objetos que cercam uma pessoa ou um grupo (casas, carros, objetos de arte, etc.) e as práticas em que ele manifesta sua distinção (jogos, esportes) são formas de expressão desse estilo; representam o indivíduo ou a classe da qual ele faz parte. O gosto pelo luxo teve relações estreitas com os balneários no século XIX. Além de objetos de consumo relacionados ao banho e à higiene – águas de colônia, perfumes famosos, sais de banho – as próprias estâncias, com suas estações termais concorridas e suas instalações refinadas, eram reconhecidas como símbolos de um padrão de vida luxuoso (GOUBERT, 1986, p. 113 – 114).

Um outro grupo de objetos que operam no campo do gosto também merece destaque: o vestuário. As roupas e acessórios, aliados à postura corporal, constituem uma das principais expressões de posição social e costumam ser manifestações imediatas de diferenciação entre classes. Ou seja, a aparência e o porte individual funcionam como os primeiros símbolos diferenciadores, antes da fala, dos títulos ou



14. Praia de Cabourg - final do século XIX

dos bons modos. Daí a preocupação dos membros das elites com a qualidade – e quantidade - dos trajes.

Aliada à valorização da boa aparência nota-se a preocupação em aparecer, em mostrar-se o máximo possível, nos mais variados eventos sociais. As estações balneárias, com seu cotidiano repleto de bailes, reuniões, chás e passeios, representavam ocasiões propícias para tais aparições sociais. As cidades de águas, por sua vez, recebiam grandes investimentos que visavam criar condições para o acolhimento dessa série de acontecimentos que preenchiam uma temporada:

A ideologia burguesa aparece, correta e serena, imbuída dela mesma. Seus esforços em legitimar seu lugar e seu papel na sociedade traduzem um incomensurável desejo: o de dominar a natureza e de dominar um corpo, fonte de interrogações, de prazeres e de inquietudes. Textos e desenhos mostram uma natureza domesticada e medicalizada, como um animal que foi domado e a quem o homem aprendeu a fazer o bem [o belo], os hotéis carregados de estuque e de arcadismos, os parques são ordenados geometricamente, os curistas burgueses ostentando indolentemente seu “mal-estar”. Enfim, as imagens da fonte fizeram surgir uma “fonte de juventude” tecnicizada bem segura pela mão do homem que afirma seu poder sobre a natureza. (GOUBERT, 1986, p. 115, tradução da mestrandia).

CURA, LAZER E URBANISMO: O PLANEJAMENTO NAS CIDADES DE ÁGUAS

O hábito de freqüentar os balneários no século XIX estabelecia assim um campo fértil para o crescimento e o desenvolvimento de cidades de águas já estabelecidas e para o surgimento de novas estâncias. Embora as classes aristocráticas europeias freqüentassem tais localidades desde o XVIII, nos anos de 1800 os balneários passaram a ser enxergados como o oposto da cidade fabril, que nesse período já apresentava claramente seus efeitos negativos. As cidades dos banhos eram freqüentemente relacionadas à higiene, à saúde e à limpeza - grandes preocupações dessa época -, ao bucolismo e ao lazer, enquanto a cidade fabril trazia consigo a poluição, a sujeira, a debilitação física e mental, a indústria e o trabalho desgastante.

Com efeito, o planejamento urbano oitocentista procurou, por diversos caminhos, superar ou evitar os problemas trazidos às cidades pela revolução industrial, como será observado no capítulo 2. Tal busca se refletiu inclusive em planos elaborados para cidades empresariais, como Port Sunlight (1889) e a cidade industrial de Tony Garnier (1899 - 1918). Já os projetos para as cidades de água ou as cidades *spa*,

procuraram, de modo geral, afastar-se da paisagem urbana das grandes cidades, impregnadas pela estética industrial.

Contudo, de acordo com Paolo Sica (1981, p. 980), a cidade empresarial (*company town*) e a “cidade do tempo livre” aproximam-se na medida em que ambas representam uma “certa busca utópica ou de disciplina organizativa”. Além de procurarem alternativas à cidade industrial por meio da aplicação de modelos urbanísticos, os dois tipos de cidades têm também em comum o fato de se estabelecerem em condições onde os conflitos sociais são minimizados, uma vez que há, nos dois casos, uma certa homogeneidade de classes, proveniente de uma seleção controlada.

Para Sica, as estâncias e os balneários do século XIX podem também ser vistos como extensões da cidade industrial. Além de se estabelecerem como locais de fuga do ambiente urbano fabril, o sucesso de tais cidades se deve

[...] às relações de produção vigentes, [...] que permitiram consumos privilegiados de classe em benefício de uma restrita elite dominante. Neste sentido, pode-se dizer que as mais célebres cidades de férias criadas pela rica burguesia urbana, sobretudo na segunda metade do século XIX – Ostende, Baden-Baden, Garmisch, Montecarlo e todos os lugares ‘sagrados’ de seus ritos estacionais -, constituíram, na realidade, também elas, parte integrante da cidade industrial, como verdadeiras *dependances* metropolitanas, semelhantes aos bairros consideravelmente descentrados das maiores aglomerações urbanas (exatamente da mesma forma que o tempo liberado para o recreio e diversão burgueses têm sua correspondência e seu contraste nas doze ou catorze horas de trabalho diárias do proletariado das minas ou das fábricas). (SICA, 1981, p. 980, tradução da mestrandia).

Como já mencionado, as classes trabalhadoras começaram a ter acesso às cidades de lazer nas últimas décadas do século XIX e início do XX, tornando-se maioria entre o público dessas cidades nos períodos que sucederam as duas guerras mundiais. Além das empresas particulares que ofereciam pacotes populares para os balneários, o turismo de estância passou a ser estimulado e financiado por agências estatais em vários países da Europa.

Todos esses fatores contribuíram para o grande sucesso das cidades de águas. Ainda na primeira metade do século XIX a população de alguns balneários ingleses chegou a crescer mais do que a das cidades fabris. Brighton passou de 7 mil para 65 mil habitantes num período de aproximadamente 50 anos. As 48 principais cidades de águas britânicas tiveram sua população aumentada em 100 mil habitantes de 1861 a 1871 e dobrada no final do século. Em 1911, calculava-se que mais da metade dos ingleses e galeses fazia ao menos uma viagem ao litoral por ano. (URRY,

2001, p. 36). Nice passou de 48 mil habitantes em 1861 para 100 mil em 1901 e posteriormente para 155 mil em 1921 (SICA, 1981, p. 991). Na Itália, o balneário marítimo de Viareggio teve sua população aumentada de cerca de 11 mil habitantes em 1871 para pouco mais de 21 mil habitantes em 1911. Durante as temporadas, porém, a cidade acolhia cerca de 100 mil pessoas (SICA, 1981, p. 1006).

A intensificação da atividade turística nas estâncias acarretou em uma série de intervenções que visavam criar ou aprimorar as condições para receber os visitantes. A febre do turismo de balneários e estâncias aqueceu o mercado imobiliário dessas regiões e propiciou muitos investimentos na construção de residências e serviços a serem oferecidos aos visitantes que lá iam passar suas temporadas ou suas estações de águas. Pode-se observar, também no campo imobiliário, as diferenças de “tons sociais” desenvolvidos nessas localidades, especialmente a partir da metade do século XIX. Nos balneários que tinham como público as classes trabalhadoras, a propriedade de terra era mais fragmentada. Os lotes eram portanto mais exíguos, as residências menores e as instalações mais simples. De modo geral os investimentos nesses núcleos eram realizados tanto por pequenos proprietários locais, donos de pensões, parques de diversões, etc. quanto por grandes empresas, com capital externo, que proporcionavam atrações acessíveis para o turismo de massa²². Nas estâncias mais elitizadas, as propriedades fundiárias eram menos fragmentadas, permitindo grandes construções de caráter refinado. No geral, estas também eram financiadas por proprietários locais, porém bastante capitalizados, que montavam os grandes hotéis, as salas de concerto e as principais lojas dessas cidades²³ (URRY, 2000, p. 42).

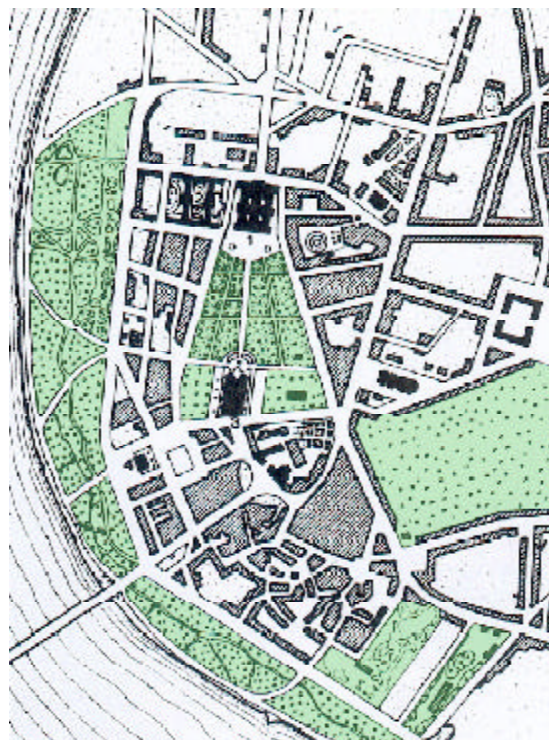
No que se refere às intervenções de infraestrutura urbana, viário e equipamentos públicos, os projetos traziam aspectos morfológicos bastante diversos. Se por um lado é possível encontrar cidades fundadas a partir de sítios não construídos, com traçados regulares, especialmente entre os balneários marítimos, por outro lado existem também núcleos desenvolvidos junto a conjuntos pré-existentes. Nestes últimos, as novas obras se fizeram, em alguns casos, de maneira autônoma ou independente; em outros, apresentaram-se fortemente ligadas às condições topográficas ou às edificações já presentes no local.

Apesar das diferenças no caráter geral dos planos, pode-se notar a presença constante de algumas características e de certos elementos de projeto em diversos planos elaborados para as cidades de lazer. A noção de centralidade é bastante clara em muitos dos planos. É comum a existência de uma via ou de um conjunto de quadras que se coloca como o coração das cidades balneárias. Nesses lugares, encontram-se os principais hotéis, as casas de banho, as melhores lojas, os cafés e

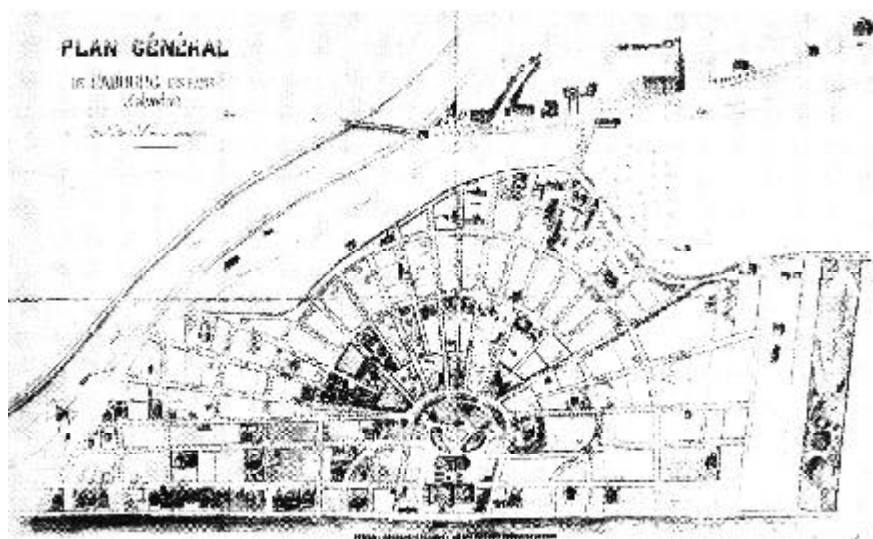
²² Uma das atrações mais conhecidas é a réplica da torre Eiffel, construída em Blackpool, balneário inglês bastante freqüentado ainda hoje pela classe média.

²³ A cidade de Scarborough é um caso típico dessa situação. A Cliff Bridge Company, formada por acionistas locais e da cidade de York (importante núcleo fabril situado próximo à estância) conseguiu em 1826 a concessão para explorar os recursos hídricos da região e investiu em instalações para acolher turistas de classes mais elevadas. A ponte que dava acesso ao conjunto foi vetada às *improper classes*. (SICA, 1981, p. 986 e URRY, 2000, p. 35).

restaurantes mais freqüentados, as salas de concerto ou os teatros, os salões de baile e de jogos. Em alguns casos, essa área é responsável por conferir o aspecto distintivo desses núcleos urbanos, enquanto a paisagem dos demais logradouros não se diferencia muito daquela das cidades industriais. Os recursos para definir tal centralidade podem variar. Nota-se aqui, primeiramente, o refinamento e a monumentalidade das construções que constituem tal região, embora os estilos arquitetônicos empregados sejam bastante diversos. No geral, o traçado viário também contribuiu para o efeito



15. Vichy
(em verde, as áreas de parques, praças e jardins)

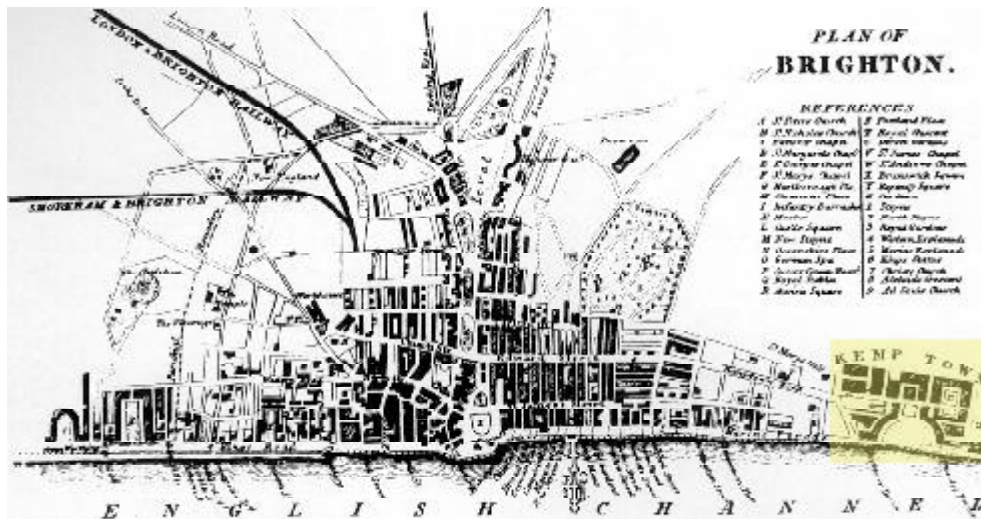


16. Cabourg



Crescents: soluções recorrentes no século XIX, inclusive nas cidades balneárias (em amarelo)

17. Cheltenham à esquerda
18. Bath acima
19. Brighton abaixo



monumental desses centros. É possível encontrar, especialmente na França, configurações de ruas em forma de leque, cujo eixo perspéctico culminava em um edifício de destaque, como a casa de banhos, ou o cassino. Exemplos da utilização desse desenho são as estâncias de Vichy, Deauville e Cabourg. Já na Inglaterra, um outro desenho tornou-se recorrente: o *crescent*, onde também se alinhavam construções típicas das cidades de lazer ou grandes residências unifamiliares. Essas ruas em forma de meia lua podem ser vistas em Buxton, no conjunto de Kemp Town, em Brighton e em Cheltenham, embora a cidade italiana de Livorno também apresente estruturas semelhantes²⁴.

²⁴ De acordo com Sica (1981, p. 1007), havia em Livorno uma colônia inglesa numerosa e o arquiteto Capellini, responsável pelo projeto da cidade, provavelmente conhecia os balneários ingleses.

Contudo, a grande constante nas cidades balneárias européias é a presença de áreas verdes. Apesar de apresentarem dimensões e características formais variáveis, os parques, as praças, os jardins, os bosques ou as vias arborizadas eram encontrados em praticamente todas as cidades de lazer, fossem balneários marítimos, ou estâncias montanhosas, estações de veraneio ou de inverno. Em vários projetos, essas áreas constituíam o núcleo central da cidade, algumas vezes substituindo uma via importante ou um grupo de quadras edificadas e em outras, formando com estas um conjunto integrado. O verde ganhou destaque em cidades de diversos países europeus, podendo ser citados exemplos notórios: na Inglaterra, Brighton, Scarborough e Cheltenham (chamada de *garden-town* por suas ruas arborizadas e seus parques); na França, Aix-les-Bains, Vichy, Évian-les-Bains e a estação de inverno de Chamonix; na Alemanha, Baden-Baden, Weisbaden e Marienbad; na Áustria, Baden; na Bélgica, Ostende; Na Itália, Montecatini e Viareggio. Como já foi detectado, tais áreas constituíam-se como atrativos dessa localidades, fosse por serem consideradas parte dos tratamentos, no caso das estâncias de cura, fosse pelo fenômeno de reconciliação com a natureza, típico do XIX, fosse porque essas áreas propiciassem as atividades hedonísticas e sociais: essas porções da cidade eram ideais para os encontros e os olhares, para a coquetaria; e um dos motivos para se freqüentar uma estação era justamente ver e ser visto.

Chama também a atenção a recorrência de algumas estruturas arquitetônicas na paisagem de muitas dessas cidades, como colunatas (como a de Kemp Town, em Brighton) e píeres, muito encontrados nos balneários marítimos, como Blackpool, Ostende e a cidade italiana de Rimini.



20. Aix-les-Bains



21. Montecatini



22. Weisbaden



23. Viareggio

A partir do levantamento dessas similaridades nas cidades de lazer e de águas da Europa, pode-se reconhecer uma espécie de contradição: a busca pelo novo, pelo oposto da cidade fabril, pelo exótico, tornou-se curiosamente o encontro feliz dos turistas e banhistas com a rotina e a homogeneidade. Atrativos bastante similares eram encontrados nas mais diversas estâncias, embora, como já foi observado, fosse justamente isso - atrações e paisagens regradas e controladas - que os visitantes esperavam encontrar nelas. Um fenômeno bastante similar ocorreu nas estâncias brasileiras, cujos planos procuravam conciliar as exigências estéticas, relativamente previsíveis, de um grupo de turistas de elite com as necessidades dos banhistas.

AQUÁTICOS, TURISTAS E BURGUESES: AS ESTÂNCIAS BRASILEIRAS

A voga da vilegiatura em balneários e estâncias de cura teve seu período áureo no Brasil do final do século XIX até a metade do século XX. A busca pelos benefícios dos banhos e das águas medicinais intensificou-se de maneira visível durante esse período, quando se construiu em diversas cidades do país uma grande quantidade de hotéis, termas e fontes, voltadas para receber os *aquáticos*, ou *aquíistas*, turistas em busca dos benefícios das águas. Embora as estâncias mais conhecidas estejam concentradas em Minas e em São Paulo, é possível encontrar exemplos de balneários desde a região nordeste, como o município de Garanhuns, em Pernambuco, ou Brejo das Freiras, na Paraíba, até a região sul, como a estância catarinense de Caldas da Imperatriz.

Já no início do século XIX recorria-se, por exemplo, às águas termais e sulfurosas de Poços de Caldas²⁵. Assim como na Europa, às vezes se observou no Brasil a associação de um certo caráter místico à água. Essas fontes termais e sulfurosas de Poços de Caldas, com sua temperatura elevada e seu odor forte, características comumente relacionadas ao inferno, carregavam um estigma agourento. Curiosamente, as mesmas águas eram ao mesmo tempo tidas como milagrosas, por seus efeitos benéficos ao organismo (MARRAS, 2003, p. 229-242). No caso da estância de Araxá, acreditava-se que a água e a lama da região fossem responsáveis pela conservação vitalícia da beleza de uma figura mítica da cidade, D. Beja²⁶. Com efeito, grande parte do sucesso da atividade turística nesse balneário, mesmo já no século XX, se deu devido à preservação desse mito.

O interesse pelas fontes minerais e pelos banhos, como forma de tratamento de doenças ou como meio para se manter a saúde, intensificou-se ainda no século

²⁵ Há indícios de que as águas de Poços de Caldas já eram reconhecidas por seu poder curativo desde o século XVIII (MARRAS, 2003, p. 21)

²⁶ Ver capítulo 3

XIX. A própria família real portuguesa, desde a sua transferência para o Brasil, adotou o hábito de freqüentar as fontes do estado do Rio de Janeiro e era grande divulgadora de seus benefícios. Sabe-se que D. João VI e sua esposa, Carlota Joaquina, eram também adeptos dos revigorantes banhos de mar (PIRES, 2001, p. 56-7). Mais tarde, a família real promoveu também a fama das estâncias de Petrópolis e Teresópolis, uma vez que D. Pedro II e a imperatriz Tereza Cristina eram freqüentadores das duas cidades.

A chegada da corte trouxe o crescimento do prestígio do poder real e, da capital da colônia, o Rio de Janeiro. Conseqüentemente, cresceu também o prestígio das cidades, os investimentos em reformas e melhoramentos e as populações e atividades urbanas. A família real introduziu um outro modo de vida, urbano, e um conjunto de modas e hábitos europeus.

A própria intensificação do interesse pelas estâncias, o gosto pelo termalismo no Brasil, pode ser entendido como parte desse processo de introdução e valorização da cultura européia. Ainda no século XIX, a aristocracia cafeeira (que não tardou a fixar residência nas cidades) e as famílias de comerciantes e industriais passaram a realizar viagens a Europa, especialmente após o advento da República, em 1889²⁷. Muitos enviavam seus filhos para serem educados em escolas e universidades européias - e a trazer, eles mesmos, as modas daquele continente.

Coube aos descendentes dos pioneiros a tarefa de diversificar ainda mais os negócios que, em última instância, eram de família, e usufruir da riqueza acumulada e dos novos hábitos, entre os quais, o de abraçar a cultura européia, em todos os sentidos. Inserem-se assim, as viagens ao Velho Mundo dentro de um quadro mais amplo, onde a aceitação da cultura européia acabou sendo uma das formas pelas quais a elite procurou compensar aquilo que julgava ser o atraso conseqüente do período colonial. (PIRES, 2001, p. 196).

Importou-se da Europa todos os tipos de “novidades”, avidamente consumidos pelas classes abastadas, desde objetos de uso pessoal, utensílios domésticos e modelos de vestuário até o gosto por estilos artísticos e arquitetônicos europeus. Essa europeização se deu através de diversas vias. Além dos brasileiros que visitavam a Europa, revistas, livros, ou viajantes europeus que eventualmente vinham ao Brasil traziam daquele continente suas notícias, seus produtos e seus hábitos. Assim, as viagens às estâncias européias tornaram-se uma moda entre os membros da alta sociedade do país.

Ainda no final do XIX, com a comprovação das propriedades químicas e terapêuticas de diversas de nossas fontes, algumas cidades hidrominerais brasileiras, como Caxambu e Poços de Caldas, começaram a receber investimentos em estruturas

²⁷ Pode-se dizer que a República trouxe uma relativa democratização no público das estâncias, que agora recebiam com maior freqüência não só os membros da aristocracia, ou seja, aqueles que tinham alguma relação com a corte, mas também uma nova classe urbana capitalizada, sem ligações com o antigo Império.

para receber os aquáticos. A partir dessa época, intensificou-se aqui a atividade turística ligada aos banhos e fontes. Assim como na Europa, os tratamentos hidroterápicos eram recomendados para remediar os mais diversos tipos de doenças. A ingestão das águas era indicada nos casos de diabetes e de doenças do sistema digestivo, sendo considerada um excelente tratamento de gastrites e úlceras estomacais. Os casos de cura eram divulgados não só nos anúncios das estâncias, mas também em artigos médicos:

Nós temos em nossa clínica, em sete annos de uso da água nas úlceras, perto de 600 casos curados. O distinto collega do Rio, Dr. Isaías de Oliveira nos referiu o caso de um doente com úlcera, que fez durante annos economia para se operar. Quando tinha o dinheiro necessário e ia se operar, tirou 1.000 contos e resolveu vir a Poços de Caldas, para fortalacer e supportar melhor a operação; mas aqui se curou e o operador está até hoje á espera do cliente. [...] [...] O portador de úlceras no estômago e duodeno não precisa de remédio, não precisa de médico, e si quer sarar, nada custa senão vir beber a água sulfurosa quente de Poços de Caldas[...]. (MOURÃO, 1938, p. 7).²⁸

As água sulfurosas também eram encontradas em outras estâncias brasileiras, como Araxá e Águas de São Pedro. Araxá também ficou conhecida por suas fontes radioativas, que também foram muito procuradas no país. Fontes similares também são encontradas em cidades como Águas da Prata, Águas de Lindóia, Caxambu e Caldas da Imperatriz. Além das águas o clima e a paisagem das cidades de águas brasileiras constituíam um atrativo para os visitantes, como nos mostra o médico araxaense Pedro Pezzuti:

²⁸ Optou-se por manter a grafia original em todas as citações.



24. Banhistas defronte a antiga casa de banhos de Araxá (década de 1920)

O clima da cidade de Araxá é um potente factor terapêutico que auxilia e completa a acção medicamentosa das águas; clima admirável nos domínios d'uma natureza sem igual, espalhando as delícias, vivificadoras dos seus agentes curativos naturais: pureza do ar, luminosidade do sol, ausência de humidade, constância de temperatura, sempre temperada entre a inclemência d'um frio excessivo e a acção deprimente d'um excessivo calor. (PEZZUTI in CARVALHO, 1928, p. 28).

Uma das fontes a partir das quais podemos extrair indícios sobre o interesse dos banhistas brasileiros nas estâncias nacionais e as atividades desenvolvidas durante as estações são as observações feitas pelo escritor carioca João do Rio, em *A Correspondência de uma estação de Cura* (onde a narrativa se faz através de cartas dos personagens) e em algumas de suas crônicas sobre a estância de Poços de Caldas nas primeiras décadas do século XX. Os personagens do livro desfrutaram de uma temporada no período da Primeira Guerra²⁹. Através do texto de *A Correspondência...*, é possível notar os modos, os gostos, as linguagens e as posturas das classes freqüentadoras.

João do Rio fez duas visitas a Poços de Caldas no início do século XX, de onde retirou informações para seus textos. Sendo um dos escritores brasileiros do início do século que procuraram mostrar em suas obras o tom da vida urbana, em especial a sociedade carioca, João do Rio retrata os hábitos, o cotidiano, os gostos por luxo da burguesia rica e, por outro lado, as mazelas, os pecados, os deslizos, aquilo que a ordem dominante tende a esconder.

Através das cartas dos personagens de João do Rio é possível perceber, no interesse pelos nossos balneários, uma busca pela tranqüilidade e pela ociosidade, em oposição à agitação, ao trabalho e ao nervosismo presentes nas grandes cidades, como Rio de Janeiro ou São Paulo. Por outro lado, em uma de suas crônicas, o próprio João do Rio, ao narrar um piquenique no campo - atividade bastante comum nas estações balneárias - observa a transferência das preocupações e do cotidiano das grandes cidades para as atividades das estâncias, num processo acompanhado de um certo desinteresse, por parte dos turistas, pela paisagem rural ou bucólica.

Nenhum desses senhores olhava a riqueza azul do céu, nenhum parecia sentir o ar fino ensoado de aromas [...] Eu, entretanto, adquiria uma noção preciosa: - o amor da natureza fugira para sempre dos nossos corações. Não era só eu que ali não sentia o encanto da paisagem. Todos os outros nem ao menos lhe viam os aspectos belos. Para os homens e as senhoras da cidade a partie de campagne era feita por uma obrigação da sociabilidade, e a sociabilidade, fora da urbs dispensa o cenário [...].

Cada um de nós conservava do seu meio, mostrava as preocupações do asfalto e da poeira, conservava a fisionomia composta com esforço na cidade e com

²⁹ As guerras mundiais, aliás, representaram um período de crise para as estâncias européias. Em contrapartida, contribuíram muito para o sucesso das brasileiras, já que os turistas endinheirados estiveram, nesses períodos, impedidos de visitar o velho continente e tinham que se contentar com os destinos locais.



25. Rua central de Poços de Caldas

maior esforço lá sustentada. A natureza era como um parente remoto e venerável de que se guarda o retrato a óleo e de corpo inteiro no quarto dos cacarésus. (RIO, 1906 in INSTITUTO MOREIRA SALLES - IMS, 1992, p. 78-80).

O trecho da crônica de Rio é riquíssimo em referências que denotam diversos aspectos da sociedade que freqüentava a estância de Poços de Caldas no início do século XX. Primeiramente, aponta para a relação entre urbanidade e civilidade, que se estreitava gradativamente naquele período. A nova sociedade urbana era a sociedade civilizada, com seus modos corteses (como observou Elias), sua “obrigação da sociabilidade” e sua “fisionomia composta com esforço”. A passagem também mostra a busca pelo ritmo frenético das atividades sociais dos grandes núcleos urbanos em uma estância que oferecia a seus visitantes o clima e a paisagem do campo, um ambiente tranqüilo, propício à função terapêutica. Ou seja, assim como na Europa, os eventos sociais e de lazer passaram, também aqui, a ser motores importantíssimos para o desenvolvimento das estâncias. É importante lembrar ainda que, também no Brasil, as estações constituíam a reunião, em um ambiente urbano, de uma elite rural que ainda possuía laços bastante estreitos com suas fazendas, fato que pode explicar o desinteresse pelo “céu azul” ou pelo “ar fino”. Embora as estâncias planejadas tivessem como atrativo sua paisagem “natural” ou “rural”, esta foi, em muitos casos, cuidadosamente construída e pouco tinha a ver com aquela encontrada nas



26. Carnaval no Hotel Palace - Caxambu

propriedades rurais de seus freqüentadores.

Com o estabelecimento das primeiras instalações voltadas aos visitantes, no final do século XIX e início do XX, os balneários brasileiros deixaram de ser procurados apenas para a cura de doenças físicas ou mesmo para aplacar os males do espírito – o tédio, a melancolia, ou por outro lado, a agitação da vida nas grandes cidades e a neurastenia³⁰. Assim como nas estâncias européias, as atividades sociais atraíam inúmeros turistas, ávidos para participar dos acontecimentos das estações. Com isso, as estâncias brasileiras contavam também com outras estruturas além das fontes e das termas, como hotéis, restaurantes, casas de chá (à inglesa) e, invariavelmente, casas de jogos e cassinos. Aliás, o jogo era, em muitos casos, o principal motivo que levava um visitante a uma cidade hidrotermal.

Há decerto uma misteriosa afinidade entre as roletas e as cidades das águas. Onde haja uma praia, uma fonte termal ou um jorro com propriedades minerais, podeis ter certeza que há também roletas: e quando um homem vos disser, apalpando o estômago ou consultando o crânio, a ver se ainda lhe restam cabelos: venho fazer minha cura! – afirmai com convicção de uma absoluta verdade: que incorrigível roleteiro tenho diante dos olhos! Cidades de águas, - cidades de jogo [...]. (RIO, 1906 in IMS, 1992, p. 47).

Ou seja, nossas estâncias atraíam, além dos turistas, um público que certamente não buscava as propriedades medicinais das águas.

³⁰ Espécie de neurose caracterizada por dores de cabeça e irritabilidade, muito citada nas crônicas da época ou nos anúncios das estâncias.

[...] os visitantes, concentrados nos hotéis, travavam relações novas, conheciam gente variada, tinham oportunidades de namoro e aventura, tentavam a sorte nos cassinos, dançavam diariamente nas *matinéés*, *soirées*, e bailes formais. Podiam estar lado a lado com gente fora da rotina – ‘personalidades’, artistas da noite, concertistas famosos, atores, dançarinas, moças de ‘vida alegre’, tudo concentrado densamente em pequeno espaço, durante um período curto. A estação de águas era uma espécie de festa prolongada para os que iam nela passear e ali viviam um mundo diferente. Os que iam apenas se tratar costumavam ficar fora do ritmo mundano. (CANDIDO in RIO, 1992, p. IX; XX).

As estâncias brasileiras também desenvolveram um caráter social peculiar, num processo muito semelhante aos dos balneários da Europa. Aqui também as práticas distintivas se estabeleceram nos salões e hotéis, onde o comportamento era sempre rigidamente controlado. É importante ressaltar que o refinamento nos modos foi entendido no Brasil como o seguimento das regras de conduta herdadas da aristocracia daquele continente. Ou seja, assim como o próprio hábito de freqüentar os banhos termais, os padrões de comportamento das elites também foram heranças da cultura européia importada no país. Além das regras de boas maneiras, de polidez, as próprias atividades do dia a dia de uma estação, como bailes, chás, jogos de azar ou ao ar livre, seguiam os moldes europeus e guardavam em si características distintivas.

Assim como na Europa, as classes dominantes brasileiras prezavam pela competência na prática da linguagem; valorizavam a pronúncia e a grafia correta, a riqueza de vocabulário, a boa oratória, enquanto sotaques e vícios de linguagem são condenados. No Brasil, a capacidade de compreender e expressar-se em um outro idioma - especialmente o francês e o inglês - era muito bem vista, como decorrência dessa valorização da cultura européia. O romance de João do Rio é recheado de palavras e expressões estrangeiras quando o autor se refere à classe alta: *snob*, *tramway*, *sportsman*, *faites vos jeux*, *chanteuse*, *toilette*. Embora o emprego desses vocábulos se dê em parte pela ausência de um termo equivalente (muitos são usados ainda hoje, outros apenas tiveram a grafia modificada), é possível que as palavras estrangeiras tenham sido usadas como um meio de distinguir a classe que as usa, uma vez que o autor quase não emprega estrangeirismos quando se trata das classes mais baixas.

Aliás, uma das qualidades de *A Correspondência...*, atestada por Antonio Candido no prefácio da terceira edição, é justamente o recurso usado pelo autor de empregar estilos diferenciados nas cartas dos diversos personagens, indicando, através desses estilos, a posição social de cada um. Em uma das cartas de uma veranista de



27. Piquenique em homenagem a Rui Barbosa - Poços de Caldas (1908)
Rui Barbosa é o quinto da direita para a esquerda, sentado

alta classe, é possível notar como a boa fala e o uso de idiomas estrangeiros aparecem como demonstração de refinamento nas atividades sociais das estâncias:

Como você não ignora, todas as meninas de sociedade são hoje excelentes *dieuses*, aprenderam declamação. E quando não recitam, sabem cantar, às vezes sem voz (o que é perfeitamente desnecessário na escola francesa), mas sempre em várias línguas e com magnífica pronúncia. (RIO, 1992, p. 83).

A atribuição de títulos, fenômeno altamente desenvolvido no Brasil, teve também aqui um forte caráter distintivo. Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque já ressaltava a valorização dos títulos entre os brasileiros, ao observar o prestígio dado aos bacharéis.

A dignidade e importância que confere o título de doutor permitem ao indivíduo atravessar a existência com discreta compostura e, em alguns casos, podem libertá-lo da necessidade de uma caça incessante aos bens materiais, que subjuga e humilha a personalidade. (HOLLANDA, 1995, p. 157).

Tornou-se comum entre nós o hábito de designar por algum título aqueles a quem se quer tratar respeitosamente. Novamente o olhar de João do Rio nos permite observar como esse costume aparece também nas estâncias: “Nos hotéis de cura quase sempre o gerente informa quem é o novo hóspede. É o coronel, o excelente coronel ou o doutor, o notável doutor. Todos são doutores e são coronéis” (RIO,

1906 in IMS, 1992, p.70).

João do Rio também chama atenção para a valorização do vestuário nas estâncias. Os hotéis e os salões de eventos eram palcos para verdadeiros desfiles, onde se observava sempre os modelos, de preferência sintonizados com as tendências européias: “Também estamos assim de elegantes! Uma porção de mocinhas com ares importantes uns sujeitinhos de casaco cintado, que mudam de fato três vezes ao dia e que você com um cascudo amarrotaria.” (RIO, 1992, p. 46).

Nos eventos promovidos nas estâncias, cada presença era observada e comentada, assim como as roupas, as jóias, os modos, as conversas, as atitudes, as companhias, os horários de chegada e partida. João do Rio aponta como a classe alta tem o hábito de comentar a respeito dos membros da própria classe ou dos demais grupos: “Fala-se em geral muito mal dos ausentes [...] foi a intriguinha, a má língua, a indiscrição, personagem tão agradável aos contemporâneos e tão amiga da História” (RIO, 1992, p. 4-5).

Por outro lado, as intrigas, os conchavos, as alianças e as desavenças, os negócios, os arranjos de casamento, o contato com personalidades – artistas, jornalistas, aristocratas famosos, políticos - e com pessoas “de classe”, promovidos durante as estações, são uma das principais contribuições das estâncias para a



28. Senador Pinheiro Machado e a família em Poços de Caldas

manutenção das elites. Nessa espécie de troca entre os membros da classe se perpetuavam as tradições, os costumes, os juízos, a postura e o gosto da classe burguesa. Esses contatos eram importantes para a manutenção dos membros dentro da classe (através de um casamento arranjado, por exemplo), produzindo e reciclando regras de conduta, modas e hábitos, além de auxiliarem na construção da imagem de cada indivíduo e da própria classe perante si mesma e perante as classes mais baixas.

De acordo com Sérgio Buarque, as boas maneiras e a linguagem educada do brasileiro não são vinculadas à observação de regras de conduta e de controle comportamental. Os bons modos, muitas vezes associados à cordialidade e ao espírito pacífico do brasileiro, representam um aspecto da permanência do rural no urbano: o desejo de estabelecer intimidade com o próximo, de manter vínculos familiares.

A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar 'boas maneiras', civilidade. (HOLLANDA, 1995, p. 147).

A facilidade com que as relações de intimidade eram estabelecidas nas estâncias chamou a atenção de João do Rio, embora o escritor, diferentemente de Sérgio Buarque, enxergasse essa intimidade com olhos positivos.

Sim, o brasileiro, ao contrário do que se diz, é um ser essencialmente sociável e íntimo. [...] diante de outro homem o brasileiro dous dias depois já lhe sabe a vida e lhe dá palmadas no ventre. [...]

Mas não é possível protestar contra aquela intimidade vertiginosa. [...] por diante de nós passam senhoras, passam meninas, passam velhas, todas com um cumprimento tão afetuoso, um sorriso tão amável que parecem nossas conhecidas há, pelo menos, dez anos. [...]

Dois dias depois, a gente tem a impressão de que vive há anos no casarão do hotel. Já se sabe todos os nomes, todas as histórias secretas, todas as intimidades. [...]

Sociável é o ser lhano, de boa conversação, agasalho, bondade nas maneiras e na prestatça, a amizade singela sem arrogância nem altivez. Que encontrara eu nesses hotéis, transformados em falanstérios de brasileiros doentes? Tudo isso: lhaneza, boa conversação de más-línguas, prestatça, enfim, a aptidão, não da manada ou da tropa, mas da falange, da colmeia, da comuna societária do sentimento e da diversão. (RIO, 1906 in IMS, 1992, p. 70-74).

Além do comportamento e das trocas simbólicas, outros fatores contribuíram para que as práticas de distinção ou de estabelecimento de identidades se desse de maneira tão enfática na sociabilidade das estâncias. O fato de ter ou não condições

de participar dos eventos de uma estação, ou simplesmente a capacidade de desfrutar do ócio já têm, em si mesmos, poder distintivo. Vale notar como as atividades hedonísticas, o desfrute do tempo livre em atividades recreativas e sociais, eram responsáveis por atrair para as estâncias uma porção considerável de visitantes, superando, muitas vezes, a procura pelos banhos e pelas fontes medicinais.

Não há ninguém doente. As mazelas, os reumatismos, as seborréias – o mobiliário estragado da sociedade fica por aí noutras hospedarias. Estamos num hotel *snob*. Avisos por todos os lados participam aos doentes de verdade que o lugar não os admite. É exclusivamente de cura mundana. (RIO, 1992, p. 3)

Esse trecho de *A Correspondência...* permite observar, além do importante papel das atividades de entretenimento e de lazer no sucesso das estâncias, a hierarquização espacial dentro da cidade: certamente há diferença tanto entre o “hotel *snob*” e as “outras hospedarias” quanto entre os que se hospedam em cada uma. Em seu livro, João do Rio mostra os padrões de comportamento de cada grupo. De um lado, as maneiras simples e objetivas dentro das hospedarias, nos consultórios e nas casas dos moradores da cidade; do outro, os hábitos polidos e cerimoniosos dos hóspedes do hotel.

As atividades da burguesia nas estâncias se desenvolviam nos hotéis de luxo, nas termas, nos salões, nos cassinos, nos teatros, e nas praças e parques. Eram nesses lugares que se dava a manifestação do gosto pela cultura européia: os chás, os *dancings*, o jogo, os espetáculos musicais e teatrais, os esportes, o footing ou os passeios a cavalo. Este é o mundo da badalação, das colunas sociais, da ostentação de prestígio e poder. Os hotéis mais simples, os bordéis, os consultórios médicos costumavam ser ocultados (embora apareçam em *Correspondência...*). A rua, o cotidiano da cidade, os habitantes locais praticamente desaparecem³¹.

Esse afastamento fica ainda mais visível na cidade de Araxá, onde a distância é também física. As águas medicinais e termais brotavam em áreas distantes da cidade. Por isso, tanto as fontes quanto as casas de banho foram construídas em local afastado do centro. As condições naturais da estância mostraram-se, assim, ideais para que uma clientela “seleta e numerosa” (AS GRANDES OBRAS..., 1944, p. 4) tivesse em Araxá um cenário quase exclusivo, que procurava atender plenamente os interesses desse público sofisticado.

³¹ O único episódio do livro de João do Rio em que os moradores da cidade ganham vida ilustra bem o afastamento entre os dois grupos. Nessa passagem, um grupo de hóspedes do hotel *snob* vai, durante um *footing*, por curiosidade, visitar uma senhora pobre e reumática e sua neta. A descrição da senhora, da neta e da casa é quase científica, distanciada. (RIO, 1992, p. 58).

³² Esse discurso do Secretário de Obras de Minas Gerais, Demerval Pimenta, feito no Rotary Clube de Belo Horizonte, foi publicado em diversos jornais do estado na mesma época.

Além da ação terapêutica de suas águas cuja eficiência já é conhecida e proclamada em todo o Brasil, e mesmo no estrangeiro, pois rivaliza no Gênero, com as de Carlsbad e Vichy, a estância do Araxá, pelo seu clima e altitude, pelas suas



29. Casal em lua-de-mel em Araxá (1949)

belezas naturais, pelo encanto dos seus céus e das suas colinas verdejantes, bem merecia que, para o seu aproveitamento, se realizassem obras monumentais, capazes de propiciar aos doentes e aos turistas dias agradáveis, vividos em um meio mixto de campo e cidade, onde fossem encontrados, em abundância, o conforto, o bem estar, as atrações dos grandes centros, o prazer bucólico do sertão mineiro, a sã alegria e o repouso confortador. (PIMENTA in SERÃO INAUGURADAS..., p. 5)³²

É importante observar que, ao longo do século XX, o turismo de estância passou por um processo gradativo de democratização. Assim como os balneários europeus, as cidades de águas brasileiras também passaram a receber, especialmente depois da década de 1960, visitantes de classe média, trabalhadores que ali passavam as férias ou os feriados, geralmente acompanhados de suas famílias. Ainda em 1949, o governo estadual estabeleceu uma série de medidas que visavam ampliar o público da estância de Araxá para diversas classes sociais, com programas de descontos (que beneficiavam especialmente os funcionários públicos federais e estaduais) e pacotes (as chamadas “caravanas”). Para atender esses grupos, contava-se com o Hotel Colombo, o Hotel Rádio e o Hotel de Cura e Repouso³³ (COSTA, 1950, p. 97 – 105).

Foi criada nas termas uma enfermaria para indigentes, que por sua vez deveriam receber o mesmo tratamento dos pagantes. Assim, a divisão social dos

³³ Este receberia posteriormente o nome de Hotel da Previdência.

territórios das estâncias, que aparece com clareza no romance de João do Rio, tornou-se cada vez mais diluída. Contudo, nos primeiros anos desse mesmo século, as estâncias brasileiras constituíram palcos propícios para trocas sociais e simbólicas que reverberaram na consolidação e na manutenção de hegemonias de nossa sociedade. Os procedimentos distintivos, tanto quanto as práticas identificatórias, de estabelecimento de intimidade e familiaridade, refletiam-se no cotidiano frenético das estações e foram, em alguns casos, transmitidos para os planos das estâncias, aparecendo também em seus conjuntos construídos.

CAPÍTULO 2

AS ESTÂNCIAS NO BRASIL: REFERÊNCIAS E TRADUÇÕES

Como já se pôde observar, as estâncias brasileiras apresentaram, desde sua formação, alguns aspectos bastante similares aos dos balneários europeus, como a sociabilidade desenvolvida durante as estações e os atrativos oferecidos pelas cidades de águas. É também possível notar algumas referências internacionais no planejamento urbano, na arquitetura e na paisagem das estâncias no Brasil. Este capítulo procura detectar as origens dessas referências, não só na Europa, mas também no Estados Unidos. Investiga as possíveis transformações dos modelos urbanísticos internacionais nos projetos elaborados para vários de nossos balneários e a constituição dos padrões arquitetônicos presentes em tais localidades, tanto nos edifícios voltados às atividades de cura e de turismo – hotéis, termas, cassinos – quanto em uma porção significativa da arquitetura residencial.

Busca-se apresentar aqui alguns apontamentos e observações a respeito de determinados movimentos relacionados à construção das cidades que refletiram na formação e na prática dos profissionais responsáveis pelos projetos urbanísticos e arquitetônicos de diversas estâncias brasileiras. Não se trata, contudo, de uma investigação aprofundada a respeito do urbanismo moderno europeu ou norte-americano, nem de uma exposição cronológica das várias propostas e concepções arquitetônicas difundidas ao longo do século XIX e início do XX. A partir desse breve panorama será possível estudar com maior clareza a filiação das propostas apresentadas pelas equipes envolvidas na construção do Barreiro, em Araxá.

Dentro do vasto grupo de referências arquitetônicas e urbanísticas presentes nas estâncias brasileiras, destacam-se algumas concepções filiadas à tradição pitoresca, que encontrou nessas cidades um campo fértil para a incorporação de seus ideários e

modelos. Essa vertente se reflete tanto nos planos urbanísticos e paisagísticos que orientaram a construção ou a reformulação desses núcleos quanto nos projetos arquitetônicos elaborados para esses locais.

No campo do urbanismo, recebem destaque as propostas e as aplicações práticas do ideário da cidade-jardim, uma vez que alguns aspectos desse conjunto de formulações se refletiram nos planos de várias das estâncias construídas em nosso território na primeira metade do século XX. Além das proposições conceituais elaboradas na Inglaterra por Ebenezer Howard, serão analisados alguns planos urbanísticos elaborados a partir das idéias desse movimento em diversos países, inclusive no Brasil. Assim, procuraremos observar em que medida o modelo da cidade - ou do subúrbio - jardim foi incorporado aos planos das cidades de estância.

Serão expostos ainda outros ideários que também contribuíram para os projetos de muitas cidades de águas brasileiras, como os princípios do urbanismo sanitário e os ideais do movimento City Beautiful. Também serão observadas as diversas intervenções urbanas realizadas no Brasil no final dos anos de 1800 e início de 1900, bem como as idéias que nortearam tais empreendimentos. Cabe aqui também expor os meios de difusão dessas novas idéias urbanísticas no país, especialmente no início do século XX. A partir dessa investigação, será possível situar a proposta para o Barreiro no conjunto de planos urbanísticos brasileiros entre as décadas de 1930 e 1950, estabelecendo paralelos entre eles.

No campo da arquitetura, será observada a inserção das estâncias e seus edifícios no debate entre as vertentes ecléticas e modernistas em desenvolvimento no Brasil na primeira metade do século XX. Nota-se nesse período uma busca pela modernização do país. As concepções de moderno, contudo, variavam. Por um lado, especialmente após a Semana de 22, nota-se a difusão de uma noção de moderno relacionada à busca pela identidade nacional, à criação de uma linguagem artística e arquitetônica própria dos brasileiros. Por outro lado, a noção de modernidade também esteve ligada à idéia de equiparação do país às nações estrangeiras, incorporando-se aqui referências culturais, urbanísticas e arquitetônicas internacionais, em especial da Europa e dos Estados Unidos.

Assim, será possível perceber no Brasil o desenvolvimento de uma produção arquitetônica bastante ligada aos modelos estrangeiros. Nas estâncias, nota-se uma grande influência dos balneários europeus, tanto no conteúdo programático que orientou a elaboração dos projetos, quanto na constituição dos padrões estilísticos adotados nos edifícios. Dentre as diversas tendências ecléticas que se fizeram presentes na arquitetura das estâncias, será investigado um grupo de estilos que esteve muitas

vezes relacionado à arquitetura rural, às casas de campo ou de veraneio e à construção sazonal: os chamados “estilos pitorescos”. Essa arquitetura, exótica e estranha aos padrões construtivos tradicionais brasileiros, tem sido pouco abordada na historiografia sobre arquitetura no Brasil, embora tenha sido bastante difundida no país.

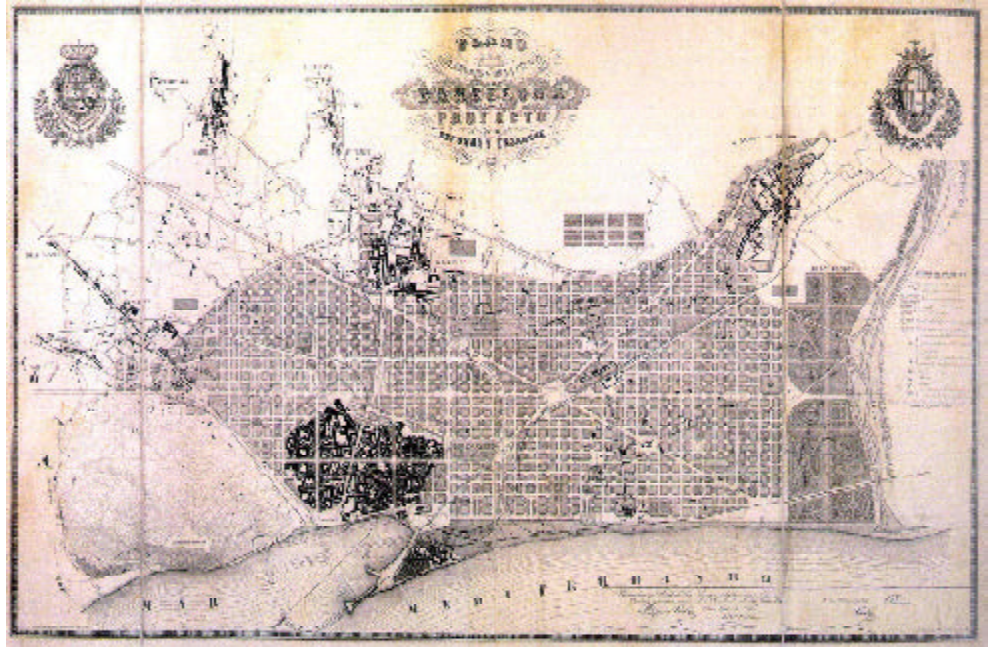
IDÉIAS E EXPERIÊNCIAS: NOTAS SOBRE O URBANISMO MODERNO

Vários autores já apontaram os efeitos da Revolução Industrial¹ como motor do processo de transformação e reforma das grandes cidades européias, especialmente no século XX. Mumford observa que “talvez a maior contribuição dada pela cidade industrial tenha sido a reação que produziu contra os seus próprios maiores descaminhos; e, para começar, a arte do saneamento ou da higiene pública” (MUMFORD, 1982, p. 513). Ao longo do século XIX e início do XX foi produzida na Europa uma série de estudos e obras escritas dedicados a observar as cidades européias, investigando suas características e levantando seus problemas, como a insalubridade e o crescimento descontrolado da população. Termos como *town planning*, *civic design*, *civic art* e, mais tarde, *urbanisme* apareceram em vários textos e livros preocupados em fornecer diretrizes para a construção e reformulação de áreas urbanas. Esse mesmo período foi também rico em obras de reformas urbanas ou de construções de novas cidades, baseadas nesses princípios recém-formulados, que surgiram como experiências alternativas aos núcleos fabris e às metrópoles.

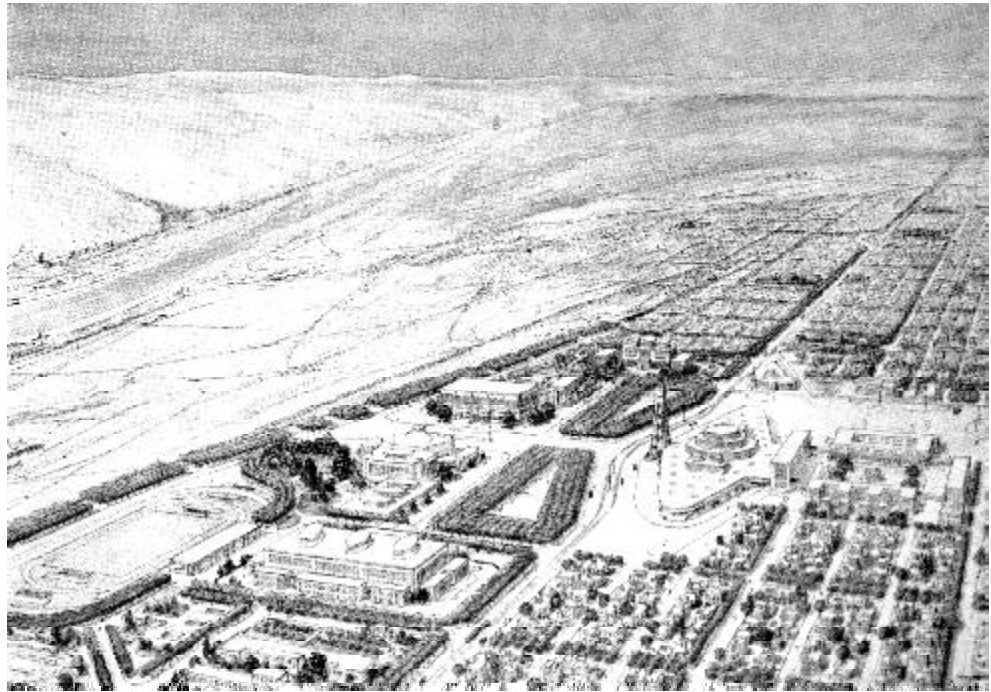
O urbanismo começava a ser visto como uma ciência, com temáticas próprias, dissociada da arquitetura, da engenharia ou da medicina. A cidade deveria ser pensada em sua integridade, levando em conta questões como saúde e higiene, bom funcionamento dos serviços de abastecimento e dos sistemas de transporte, habitação, comércio e serviços, qualidade dos espaços e a previsão da expansão e do desenvolvimento dos núcleos urbanizados. Essa preocupação em planejar a cidade e prever seu crescimento deu origem também a uma legislação de urbanismo, como o Housing and Town Planning Act inglês (1909) e a Loi Cornudet francesa (1919). Enfim, nessa época, a Europa pensou a cidade moderna e o modo como essa cidade deve ser concebida e construída.

Nesse mesmo período, a Europa assistiu também à elaboração e à construção de projetos para reformas e ampliação de cidades existentes. Tais “melhoramentos” buscavam, por um lado, dar a elas um novo aspecto visual, procurando, em muitos casos, “superar” o desenho das vias e das muralhas medievais e, por outro, encontrar

¹ Para ilustrar as transformações trazidas pela Revolução Industrial às grandes cidades européias, o historiador Leonardo Benevolo usa o impressionante exemplo de Londres, que teve sua população aumentada de um milhão de habitantes no final do século XVIII para 2,5 milhões em 1851. (1983, p. 551). De acordo com Frampton (1997, p. 14) o crescimento teria sido ainda maior até o final do século XIX: a população londrina teria passado de 1 milhão de habitantes em 1801 para 6,5 milhões em 1901.



30. Cerdà - plano para expansão de Barcelona (1858)



31. Garnier - Cité Industrielle: centro (1918)

soluções para a expansão e para os novos problemas das mesmas, desencadeados, como já mencionado, pelo processo de industrialização e metropolização. Entre os exemplos mais conhecidos desse grupo estão o plano de Haussmann para Paris (1853), o projeto para Viena, incluindo a Ringstrasse (1858 – 1914), e a proposta de Ildefonso Cerdà para Barcelona (1858). Paulatinamente, foram também desenvolvidas propostas para a criação de novos núcleos urbanos, com soluções as mais diversas e atingindo maior ou menor grau de sucesso na resolução das questões da cidade moderna. Nesse grupo, pode-se incluir a cidade industrial de Garnier, na França (1899 – 1918), a Ciudad Lineal de Soría y Mata, pensada como uma alternativa para a expansão de Madri (1882), e os planos de Port Sunlight (1888) e Bournville (1879), na Inglaterra, além das cidades de Letchworth (1903) e Welwyn (1918), elaboradas com base no ideário da cidade-jardim, a serem estudadas com maior profundidade ainda neste capítulo.

Dentro desse conjunto de planos, inclui-se também uma série de projetos de reformas ou de melhoramentos em estâncias balneárias de diversos países europeus, como já se observou no capítulo 1. Tais localidades agora recebiam um número crescente de visitantes a cada ano, “fugindo” do ambiente e do cotidiano das metrópoles. Assim, cidades como Vichy, Bath, Baden Baden e Rimini passam a ser objetos de transformação e planejamento, transformando-se, mais tarde, em modelos urbanísticos para o Brasil e para a América Latina.

As novas proposições a respeito de planejamento e aprimoramento dos centros urbanos apareceram também nos Estados Unidos, onde artigos, livros e tratados a respeito da necessidade de reformar as cidades e de constituir um novo modelo urbano, saudável e planejado, foram publicados nessa época. Assim como na Europa, muitos dos ideais e planos urbanísticos norte-americanos tinham uma dimensão social de caráter reformador. É possível reconhecer, em textos e projetos, uma idéia



32. Bournville (1879)

de transformação do homem e da sociedade através da cidade e das reformas urbanas.

A eliminação de construções consideradas insalubres, substituindo-as por edifícios arejados, iluminados e confortáveis, a construção de sistemas de coletas de esgoto, de lixo, de águas pluviais, o estabelecimento de limites de gabarito para as edificações e de ocupação dos lotes são exemplos de medidas apresentadas como condições para a erradicação de doenças e epidemias, para a criação de um meio urbano saudável, coerente com o modo de vida moderno do novo século². Deve-se notar que caráter higienista das propostas urbanas não se restringia apenas a soluções técnicas: “mais que higienizar com o fim de evitar ou eliminar a peste, a cidade moderna procura implantar um modo de vida moralmente higiênico” (ANDRADE, 1992, p. 76).

A dimensão modernizadora dessas idéias urbanísticas não estava apenas em seu caráter sanitaria. O urbanismo, compreendendo a cidade como objeto a ser desenhado, moldado, planejado, teve também papel fundamental no desenvolvimento de um novo modo de vida cidadão, com novos valores e costumes (ANDRADE, 1992, p. 38). A cidade moderna deveria planejar sua forma de crescimento, prever vias de tráfego que comportassem não mais apenas as carroças e os bondes, mas também o automóvel, garantindo, ao mesmo tempo, o conforto do pedestre, com calçadas amplas e arborizadas.

A preocupação em criar ambientes belos e agradáveis, em embelezar as cidades constituiu, lado a lado com as questões funcionais e sanitárias, uma das premissas das propostas urbanísticas modernas. Vale ressaltar já aqui o importante papel do livro do arquiteto austríaco Camillo Sitte, *Der Städtebau*³, em promover a incorporação dos aspectos visuais, paisagísticos e artísticos aos projetos urbanísticos, como veremos mais adiante. Por outro lado, a prática da construção de paisagens, já bastante difundida e desenvolvida nos projetos de jardins, também possui relações importantes com a constituição dos novos ambientes urbanos. Conhecimentos aplicados na construção de *landscapes* serviram de base para a constituição de *townscapes*. Além disso, os jardins e as áreas verdes passaram a fazer parte das novas cidades. A incorporação de elementos da natureza era muito freqüente nos diversos projetos e ideários urbanísticos desse período, com a inclusão de parques, praças, áreas livres ajardinadas, além da arborização das vias.

Como já foi mencionado no capítulo anterior, o movimento de aproximação entre a cidade e a natureza já se fazia presente desde o século XVIII e as cidades balneárias logo sofreram intervenções que seguiam essa tendência⁴. Os resultados formais dos projetos de áreas verdes dentro das cidades eram bastante diversificados.

² É importante lembrar que tais formulações do campo do urbanismo, já claramente vinculadas às exigências da sociedade e da cidade modernas, anteciparam-se às propostas que se auto denominaram como modernas, elaboradas a partir das décadas de 1920 e 1930.

³ *Der Städtebau nach seinen künstlerischen Grundsätzen* – A construção das cidades segundo seus princípios artísticos (1889).

⁴ De acordo com Sica (1981, p. 80), a cidade de Bath já contava com os jardins do Royal Crescent nos anos de 1700.



33. John Constable
The Lock
(1824)

Por um lado, a tradição paisagística francesa trazia conjuntos com traçado relativamente regular, simétrico e retilíneo, com massas vegetais bastante controladas tanto no crescimento das mudas quanto na disposição do plantio. Por outro lado, os conjuntos construídos de acordo com a tradição inglesa possuíam um traçado sinuoso, que geralmente acompanhava a disposição do relevo e massas vegetais menos controladas, com resultados mais semelhantes à paisagem encontrada fora do ambiente urbano. Contudo, mesmo o chamado *jardin anglais* não procurava trazer para a cidade a natureza selvagem. Esta não era passível de reprodução ou controle. Ao contrário, tal paisagem “natural” era construída, controlada, dominada pelo homem. Essa tradição paisagística pitoresca esteve ligada às manifestações artísticas do Romantismo na Europa, produzindo resultados que remetiam às pinturas de paisagem do século XVIII e conjugando ideais comuns com vários escritores e poetas daquele período. Várias das idéias que se desenvolviam nessa época foram incorporadas em movimentos urbanísticos na Europa e no continente americano.

Tal concepção paisagística e urbanística também esteve relacionada, na Inglaterra, ao movimento Arts & Crafts, que se refletiria nos projetos arquitetônicos elaborados para diversos sítios planejados segundo a vertente pitoresca. O pensamento



34. Philip Webb - Red House (Upton, Kent - 1859-60)

de John Ruskin e William Morris, principais expoentes do movimento, criticava a forma de produção industrial - em especial o esfacelamento do vínculo entre o trabalhador (o homem) e o produto (a obra) - e chamava atenção para a necessidade de encontrar alternativas para as cidades fabris que se desenvolviam no século XIX, principalmente para as habitações operárias. Daí a valorização da cultura, do artesanato e dos modos produtivos tradicionais e vernaculares. Os ideais artísticos do movimento voltavam-se para a criação de “uma forma artística derivada diretamente da natureza, e não de convenções artísticas de origem renascentista”. (FRAMPTON, 1997, p.42). Tratava-se, portanto, do reconhecimento de valores estéticos desvinculados do classicismo. Assim, o Arts & Crafts abriu caminho para a valorização das produções artísticas e arquitetônicas medievais (pré-renascentistas⁵) e das características das construções e da paisagem rural inglesa.

Mais do que uma nova concepção paisagística e artística, o pitoresco trazia uma outra forma de compreensão do espaço:

A estética do pitoresco, valorizando o inusitado e o tocante, ‘recorta’, ‘enquadra’, ‘seleciona’ o campo de visão pelo que nele se destaca; anula-se assim o princípio de subordinação da ordem clássica, a disposição visual ‘gradativa’, a partir de pontos de vista privilegiados – hierarquia das situações –, articulada com a hierarquia das localidades e respectivas edificações. Está em questão, portanto, uma nova forma de intuição do espaço na arquitetura e, particularmente, no urbanismo. (PINHEIRO; D’AGOSTINO, 2004, p.121).

⁵ Deriva daqui o termo pré-rafaelita, que designa uma corrente do campo da pintura que também teve vínculos estreitos com o Arts & Crafts.

Alguns aspectos da paisagem criada dentro da corrente pitoresca aparecem na descrição do paisagista e horticultor novecentista norte-americano Andrew Jackson Downing. Para ele, a beleza do pitoresco está em

traçados nos quais as curvas são fluidas e graduais. [...] No relevo do chão, ela é evidenciada em leves ondulações. [...] Na forma das árvores, em seus caules suaves e suas folhas túrgidas, arredondadas ou simétricas. [...] Nos passeios e caminhos, em curvas tranqüilas e fluidas, seguindo as formas naturais da superfície, sem ângulos fechados ou viradas abruptas. Na água, num lago suave de margem curvilínea. (DOWNING, 1850, p. 58-59 apud WILSON, 1989, p. 16, tradução da mestrandia).

Elementos como os citados por Downing apareceram em muitos dos planos das áreas verdes que apareciam então nos novos projetos de construção ou remodelação urbana. Contudo, a vertente pitoresca contribuiu no conjunto de intervenções pelas quais as cidades passaram no século XIX e início do XX, aparecendo não só nos parques e praças, mas também em aspectos mais abrangentes, como arborização de ruas e avenidas, criação e manutenção de jardins residenciais e em novos projetos de traçado viário e loteamento.

É importante ressaltar que esse conjunto de melhoramentos urbanos, compreendendo o aprimoramento visual da paisagem urbana, teve papel importante na constituição de uma nova maneira de vivenciar e usar os espaços públicos e coletivos da cidade. Como observou Andrade (1992, p. 51), a tradição urbanística pitoresca propiciava passeios, atividades ao ar livre e, conseqüentemente, trocas sociais. A



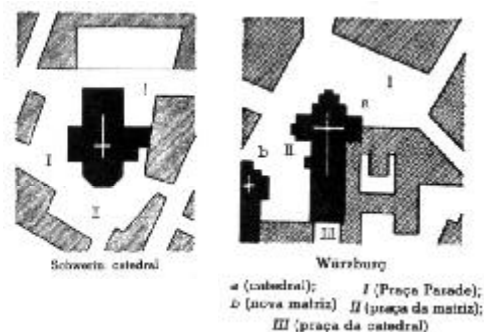
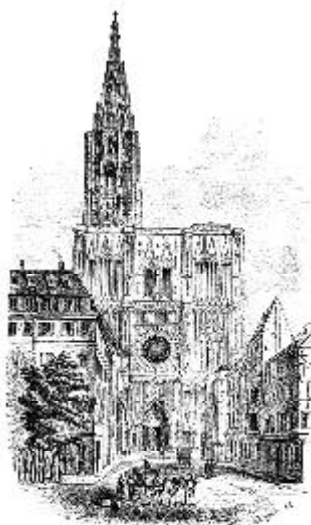
35. Jardim pitoresco - O Templo de Apolo
Stourhead, Wiltshire, Inglaterra.

paisagem urbana, assim como o campo e o ambiente natural, era agora o foco, o objeto dos olhares.

A já mencionada obra de Camillo Sitte constitui uma das grandes contribuições para a afirmação da tradição pitoresca no urbanismo. Através de análises de situações urbanas em diversas cidades europeias, Sitte propõe a apreensão dos núcleos urbanos também a partir do ponto de vista estético, da noção da cidade enquanto obra de arte e não apenas como objeto de intervenções técnicas e funcionais. O livro tornou-se bastante popular na época de sua publicação, não só entre os profissionais do campo do urbanismo. Foi uma das primeiras obras a defender a preservação de conjuntos históricos, que vinham sendo devastados com intervenções como as promovidas por Haussman em Paris ou a construção da Ringstrasse em Viena.

Embora tenha causado polêmica por criticar vários aspectos dessas reformas e defender um modelo urbano considerado “antiquado” entre os promotores das mesmas, a obra de Sitte teve influências em muitas das propostas urbanísticas desenvolvidas no século XX na Europa e nas Américas. Vale lembrar que havia uma tendência nostálgica já em curso naquele período, filiada a diversos movimentos românticos, inclusive no Arts & Crafts. As análises de Sitte, quase sempre acompanhadas por ilustrações (perspectivas ou diagramas em planta), apontavam para diversos aspectos que atestavam o valor das conformações urbanas existentes em diversas cidades europeias, em especial as regiões de praças, como a riqueza visual e a eficiência em destacar um determinado edifício ou monumento, embora tais conjuntos tivessem dimensões muitas vezes reduzidas e configurações irregulares. As ruas estreitas⁶, para Sitte, eram mais acolhedoras e humanas do que as largas

⁶ A edição francesa do livro de Sitte (*L'art de bâtir les villes – notes et réflexions d'un architecte* – 1902) incorporou um capítulo dedicado ao tema das ruas, escrito pelo tradutor, o arquiteto suíço Camille Martin. Essa versão, autorizada por Sitte, foi muito difundida em diversos países, divulgando também as idéias de Martin, que muitas vezes foram tomadas como sendo do autor do restante do livro.



36. Catedral de Estrasburgo - gravura reproduzida por Sitte

37. Esquema das ruas das cidades de Schwerin e Würzburg publicados por Sitte

avenidas propostas nos novos planos de urbanização e a irregularidade é vista como qualidade pelo autor, que condenava a monotonia do traçado ortogonal. Sitte também defendia a introdução planejada do verde nas cidades, dedicando a esse assunto um apêndice de seu livro.

Um outro movimento que preconizava a presença do verde nas cidades também deu contribuições importantes para muitos dos planos urbanísticos elaborados na primeira metade do século XX: o City Beautiful. Esse conjunto de propostas foi desenvolvido nos Estados Unidos entre a segunda metade do século XIX e a primeiras décadas do século XX, como tentativas de respostas aos problemas gerados pelo crescente processo de industrialização e de migração populacional do campo para as cidades norte-americanas. O movimento buscava promover o embelezamento do ambiente citadino, com iniciativas que variavam desde planos gerais até o aprimoramento da qualidade estética de edifícios – com uma nítida preferência pelos estilos classicistas -, além de equipamentos e mobiliário urbano. Pode-se dizer que o movimento foi inaugurado com a realização da Exposição de Colombo, em Chicago (1893), na qual edifícios predominantemente concebidos em estilo neoclássico⁷ se espalhavam por uma vasta área de parque a beira mar, elaborado por Frederick Law Olmsted. Merecem também destaque o plano de L'Enfant para Washington e a proposta de Burnham para Chicago (1909).

⁷ Tais edifícios, em geral de cor branca, deram origem a um conjunto de obras similares em outras cidades americanas, constituindo a chamada “arquitetura branca” que caracterizou o City Beautiful.



38. Exposição de Colombo (1893)
gravura retratando uma vista geral

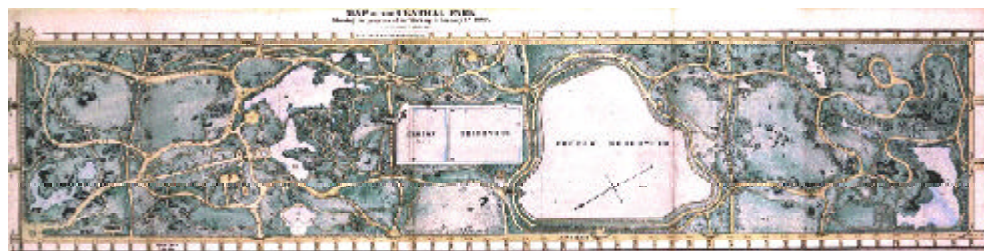


39. Burnham - Plano para Chicago (1909)

As premissas do movimento City Beautiful podiam ser resumidas nos seguintes termos: 1) crença na beleza potencial presente em uma comunidade como um todo, e não apenas em uma parcela dessa comunidade. 2) a abrangência do conceito de melhoramento (*improvement*), compreendendo vários aspectos do desenvolvimento físico da cidade, fossem eles utilitários ou estéticos. 3) a inseparabilidade entre beleza e utilidade (WILSON, 1989, p. 50). É interessante observar que esse movimento contou não só com a participação de arquitetos, paisagistas e urbanistas, mas também de engenheiros. Estes, assumindo cargos públicos municipais, contribuíram para a implementação de planos gerais, que compreendessem tanto aspectos técnicos e sanitários quanto iniciativas de aprimoramento paisagístico das cidades (WILSON, 1989, p. 37).

Como regra geral, as intervenções incluíam também a criação de parques, praças e bulevares. Havia uma busca pela reabilitação, na cidade, dos valores morais e sociais encontrados do passado rural norte-americano. Por outro lado, a criação de áreas verdes também se relacionava a questões de salubridade e de manutenção da integridade física do morador dos núcleos urbanos. Os parques deveriam funcionar como zonas de ar puro, livre dos agentes nocivos (tóxicos ou infectantes) que transitavam pelo restante da atmosfera citadina, além de garantirem áreas para recreação e práticas esportivas. Essa tendência de união entre cidade e natureza (ou campo) havia iniciado-se ainda na primeira metade do século XIX, antes do estabelecimento do City Beautiful como movimento urbanístico.

A cidade de Nova Iorque já contava com um número considerável de praças e parques quando se inaugurou o Central Park, elaborado por Calvert Vaux e Olmsted (1856 –1863). Além do plano para a Exposição de Colombo e para o Central Park, Olmsted realizaria ainda outros projetos para Nova Iorque e para outras cidades norte-americanas. A obra de Olmsted serviu de referência para diversos planos urbanísticos filiados à tradição pitoresca. Deve ser citado aqui seu projeto para o subúrbio de Riverside, em Chicago (1869), que trazia em sua concepção uma busca pela síntese entre cidade e campo.

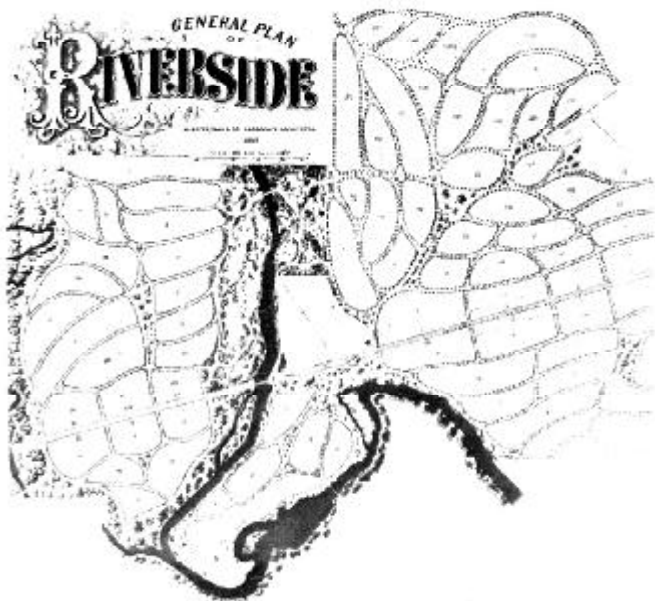


40. Olmsted e Vaux - proposta para o Central Park de Nova Iorque

O papel desse paisagista e do próprio Central Park (sua obra mais conhecida) também teve grande importância no desenvolvimento das áreas verdes ligadas ao City Beautiful nos anos seguintes. Com o Central Park, a introdução da natureza na cidade tornou-se prática corrente nas intervenções norte-americanas. Ligados ao City Beautiful, foram pensados, em algumas cidades, como Denver (1907), Dallas (1911) e Kansas City (1915), sistemas com extensas avenidas ajardinadas, as *parkways*, que iriam de uma área verde a outra da cidade, servindo de ligação entre os bairros⁸. Essa proposta de sistema de parques e bulevares apareceria novamente em diversos planos desenvolvidos ao longo do século XX.

Apesar de apresentarem pontos em comum, as propostas incluídas dentro do movimento, aplicadas com maior ou menor abrangência em diversas cidades

⁸ Em alguns casos, tais avenidas seguiam ao longo de um curso d'água, configurando-se como uma solução bastante recorrente em outras propostas urbanísticas modernas.



41. Olmsted
Plano para Riverside
(Chicago, 1869)

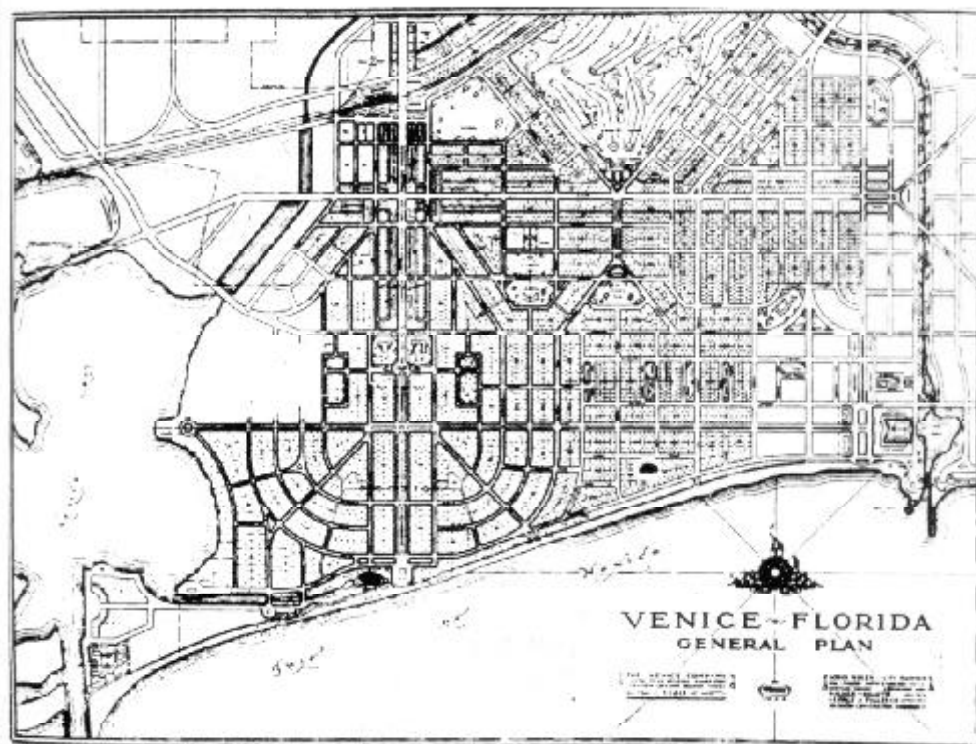


42. George E. Kessler
plano de sistema de parques para Kansas City
(1893)

norte-americanas, tiveram um caráter bastante heterogêneo no que diz respeito ao traçado das vias e produziram resultados formais e visuais diversos. O City Beautiful incorporava tanto os parques, os jardins e o traçado irregular ou sinuoso quanto a criação de vias retilíneas, eixos perspécicos e panoramas, que muitas vezes visavam destacar edifícios de porte monumental.

Essa união entre diferentes tradições urbanísticas esteve presente nos planos de diversos profissionais ligados ao movimento, como John Nolen. Este arquiteto teve uma carreira bastante profícua nos Estados Unidos, especialmente nas décadas de 1910 e 1920. Dentre seus diversos trabalhos, podem ser citadas as propostas para San Diego (1908) e para Madison (1910). Nolen foi também autor de projetos para cidades industriais - como Kistler, na Pensilvânia, (1918) e Chicopee, na Geórgia, (1927) - e do plano da cidade balneária de Venice, na Flórida (1926). Sua obra compreende desde a aplicação de traçados regulares e retilíneos, com composições simétricas e racionalistas até desenhos orgânicos entremeados em extensas áreas verdes. De acordo com Francesco Dal Co (1975, pág. 139-293), esse caráter conciliador entre as propostas racionalistas e a vertente pitoresca no urbanismo pode ser visto como uma característica do City Beautiful⁹.

⁹ Esse mesmo caráter pode ser percebido em alguns projetos urbanísticos desenvolvidos no Brasil.



43. Nolen - plano para Venice (Flórida, 1926)



44. Nolen
plano para a cidade industrial de Chicopee
(Flórida, 1926)

Ou seja, percebe-se aqui a união entre duas correntes de pensamento: a crença na natureza como fomentadora do aprimoramento moral e físico do ser humano e a crença na ciência e na racionalidade como instrumentos para a transformação das cidades. Vale lembrar ainda que as intervenções promovidas pelo City Beautiful abrangiam também uma dimensão disciplinadora, visando ordenar o espaço urbano e fornecer as condições para o desenvolvimento “apropriado” dos indivíduos, especialmente as classes operárias:

Por trás de cada um de seus planos de melhoramentos está a crença de que a reforma ambiental era a ordem mais importante sobre a qual a nova civilização das cidades surgiria. Esperava-se que o contato com a elite moral, a contemplação pública da natureza, da orientação cívica, da arquitetura clássica resultasse em uma nova ordem disciplinar. [...] Em busca de maneiras de exercer o controle social, uma harmonia cerimoniosa foi imposta à fachada da cidade americana. (BOYER, 1997 [1983], p. 6, tradução da mestrandia).

Como já mencionado, essa confiança no planejamento urbano como transformador do homem esteve também presente em outras concepções urbanísticas modernas. É possível encontrar ainda outros paralelos entre alguns aspectos do City Beautiful e diversos ideários e realizações urbanísticas entre os séculos XIX e XX. Dentre eles, podem ser citados o desenvolvimento do conceito de comunidade, a compreensão da cidade como um organismo e a afirmação da necessidade de planos gerais eficientes, que englobassem fatores de naturezas diversas, a aproximação entre urbanismo e ciência, a união entre funcionalidade e beleza e a noção de cidade como objeto estético. O conjunto de intervenções urbanas norte-americanas ao longo do século XIX também introduziu reformas institucionais e administrativas, vinculadas a sua realização, que serviram de modelo para outros países. Em termos projetuais, o

movimento também trouxe contribuições importantes, como a solução do sistema de parques. O City Beautiful teve um papel relevante, nos Estados Unidos, para o desenvolvimento de um olhar otimista sobre as cidades, de um espírito cívico¹⁰. O movimento esteve sempre voltado ao meio urbano, apesar de sua aproximação com o ambiente rural ou natural.

Vale lembrar que apesar do fato de que as tentativas de reaproximação com a natureza tenham adquirido vigor no século XIX, como já vimos no capítulo anterior, essa síntese urbano / rural já se manifestava anteriormente nos primeiros assentamentos suburbanos que, como afirma Mumford, estabeleceram-se “quase tão cedo quanto as próprias cidades” (1982, p. 522). Como exemplos desses subúrbios pré-modernos, podemos citar as *villas* renascentistas. Embora os subúrbios tenham sofrido transformações em diversos aspectos, observa-se que, ainda nos séculos XIX e XX, o modelo suburbano conservou características pitorescas, decorrentes da incorporação do natural ao ambiente construído.

Segundo os princípios românticos, a casa, o lote e o jardim suburbano eram deliberadamente desformalizados. A rua evitava as linhas retas, mesmo quando não havia curvas proporcionadas pela natureza: podia desviar-se para poupar uma árvore, ou mesmo para preservar os vigorosos contornos de uma encosta. Pelos fins do XIX, esse impulso no sentido de se respeitar a natureza fez com que se tratassem pequenas variações de contorno como linhas de orientação definitivas, apenas pela irregularidade que produziam: censura exagerada ao dispendioso hábito de o engenheiro municipal esquecer-las completamente. (MUMFORD, 1982, p. 529).

Mumford aponta aqui alguns aspectos que constituíram um padrão entre as áreas suburbanas projetadas nos Estados Unidos. Ao longo do século XX, esse padrão tornou-se tão estabelecido naquele país, que terminaria subvertendo-se, dando origem a conjuntos relativamente monótonos, e repetitivos, muitas vezes com tipologias construtivas uniformizadas e programas padronizados. Perdia-se aqui grande parte do aspecto variado e “espontâneo” que caracterizavam os subúrbios até então.

Ainda assim, deve-se ressaltar que o modelo suburbano, incluindo a confluência entre urbano e rural - ou entre cidade e natureza – antecipou, em alguns casos (como o de Riverside), as propostas da cidade-jardim colocadas por Ebenezer Howard, como veremos adiante. Estas, por sua vez, incorporaram boa parte do repertório formal presente nos subúrbios. Desse modo, várias das características desses núcleos, como as citadas por Mumford, passaram a constituir aquilo que se tornaria conhecido na primeira metade do século XX como o “tipo cidade-jardim”.

¹⁰ Observa-se que os termos *civic art* ou *civic design*, comumente empregados para designar as intervenções filiadas ao City Beautiful, possuem uma carga simbólica e política. (BOYER, 1997 [1983], p. 51 e ANDRADE, 2005, p. 77).

A CIDADE-JARDIM: FORMULAÇÕES E REALIZAÇÕES

As formulações de Ebenezer Howard que serviram de base para o estabelecimento do movimento pela cidade-jardim foram publicadas pela primeira vez na Inglaterra em 1898, reunidas no livro *To-morrow: a peaceful path to real reform* (Amanhã: um caminho pacífico para uma reforma real). Reeditadas quatro anos mais tarde, com o título alterado para *Garden cities of to-morrow* (Cidades-jardim do amanhã), as propostas de Howard foram apresentadas como uma das alternativas à cidade industrial apresentadas no final do XIX e início do XX. Através de argumentos claros e sucintos e de diagramas, o autor expunha as diretrizes para a criação de um novo tipo de assentamento, que aliasse as vantagens da cidade às vantagens do campo.

Para Howard, esse novo tipo de cidade poderia oferecer a seus moradores condições dignas e bem remuneradas de trabalho, lazer, saúde e educação, bons estabelecimentos comerciais e de serviços (ou seja, elementos que funcionavam como atrativos – ímãs – das grandes cidades) e, ao mesmo tempo, um modo de vida tranqüilo e saudável, num ambiente visualmente belo (semelhante ao daqueles que viviam no campo). Atraindo a população das grandes cidades de economia fabril para esse novo tipo de núcleo urbano, Howard previa uma diminuição no crescimento das metrópoles:

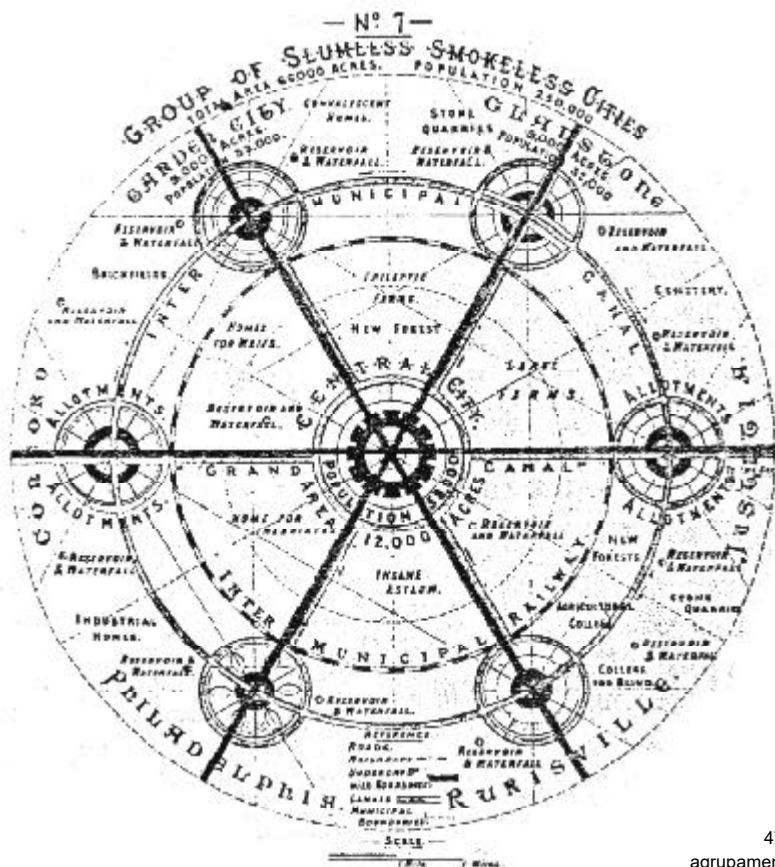
[na] Cidade-Jardim, o clamor por emprego da parte dos que querem trabalhar não será mais ouvido em vão. Ainda ontem pode ter sido assim, mas hoje a terra encantada despertou, chamando aos brados por seus filhos. Não há dificuldade em encontrar trabalho – trabalho lucrativo – trabalho que é realmente urgente, imperativamente necessário: a construção de uma cidade lar e, à medida que os homens forem construindo esta e outras que devem inevitavelmente seguir sua construção, a migração para as urbes – antigas, saturadas, caóticas, cidades-cortiços do passado – será eficientemente detida e a corrente populacional disposta precisamente na direção oposta, para as novas cidades, luminosas e justas, sadias e belas. (HOWARD, 2002, p. 163)

O modelo diagramático¹¹ sugerido por Howard em seu livro configurava-se como um núcleo urbano formado por um grupo de vias circulares concêntricas e um segundo conjunto, com ruas radiais. Os setores se distribuíam sucessivamente, do centro em direção ao exterior, na seguinte ordem: o anel central era ocupado por um centro cívico, formado por um parque, onde se estabeleceriam os edifícios administrativos de uso público, como teatro, hospital e museu. Este centro era encerrado por uma avenida, onde se concentraria o centro comercial da cidade. As quadras seguintes deveriam ser reservadas para lotes residenciais. Mais adiante estaria

¹¹ O próprio autor afirma que os planos urbanísticos a serem construídos certamente seriam bastante modificados em relação o desenho exposto no livro. (HOWARD, 2002, p. 114).

uma avenida larga, chamada de *Grand Avenue*, que constituiria o anel intermediário do conjunto. Nessa via, pensada como um bulevar, distribuiriam-se edifícios como escolas públicas e igrejas. Sucedendo esta via aparecia um segundo conjunto residencial. As quadras urbanas mais externas deveriam ser ocupadas pela estação de trem e por pequenas indústrias e estabelecimentos de comércio pesado e de produtos agrícolas. Vizinhas a essas quadras, vinham ainda dois conjuntos de assentamentos rurais: um com lotes menores e outro com assentamentos de maior porte. O limite entre os dois conjuntos era definido pela linha férrea. Essa zona rural constituiria uma faixa em torno do núcleo urbano, chamada de “cinturão verde”, que garantiria a boa qualidade atmosférica da cidade e o abastecimento de produtos agrícolas, a serem cultivados nessas áreas. O chamado *greenbelt* também se constituiria como uma limitação física para a expansão do núcleo urbano, sendo esta uma das grandes preocupações explicitadas por Howard em seu livro.

Para que as novas cidades-jardins não se desenvolvessem de maneira desmesurada e descontrolada, acarretando os mesmos problemas das grandes cidades, Howard propunha um limite populacional máximo o núcleo urbano. O excedente deveria estabelecer-se em novas cidades-jardins, que se desenvolveriam em regiões



47. Diagrama de Howard agrupamento de Cidades Sociais

próximas, como satélites da primeira, cada uma delas também com um teto previsto para o aumento da população. Esses novos assentamentos deveriam contar com elementos atrativos, incentivando a migração dos moradores¹². A ligação entre elas deveria ser feita por um sistema de ferrovias. Howard propunha assim a formação de uma federação de cidades-jardins - as chamadas “cidades sociais”, “sem favelas e sem fumaça” - com uma população total de 250 mil moradores. A primeira delas configurar-se-ia como o núcleo urbano central, com 58 mil habitantes¹³. As demais, cidades-satélites, deveriam contar com 32 mil moradores. Como forma de evitar a atividade imobiliária especulativa, Howard sugeriu um sistema de propriedade coletiva da terra. Os terrenos a serem ocupados pela cidade seriam adquiridos antes de sua construção, por um pequeno grupo de cavalheiros dispostos a investir o projeto. Ao invés de comprar o terreno para a construção de sua residência, cada família de moradores deveria pagar uma taxa pelo uso do solo, durante trinta anos, para que se saldasse a dívida inicial com os compradores da terra.

Apesar de sua forte preocupação social e suas propostas cooperativistas, o livro também expõe as vantagens da criação desse tipo de cidade não só para seus moradores, mas também como forma de investimento, mostrando os possíveis ganhos com os juros da dívida a ser paga pelos habitantes e na transformação de um terreno rural, sem benfeitorias, em um terreno urbano. Howard também prevê sistemas de administração municipal, de modo a garantir uma boa qualidade de vida a todos os moradores, compreendendo inclusive questões de preservação ambiental.

Howard não tinha formação de arquiteto, engenheiro ou outra profissão ligada ao urbanismo. Era estenógrafo e trabalhava no Parlamento Britânico. Talvez esteja aí a explicação para a familiaridade do autor com os problemas das cidades fabris e das metrópoles inglesas. *To-morrow* não trazia propostas urbanísticas detalhadas, com soluções técnicas precisas. Contudo, alguns autores enxergam nessa “imprecisão” a razão do sucesso da obra de Howard (WARD, 1992, p. 2), que recebeu atenção não só dos urbanistas, mas também de um público mais abrangente: as colocações de Howard eram, por um lado, compreensíveis para leitores leigos, mesmo que estes não tivessem qualquer conhecimento prévio a respeito de questões pertencentes ao campo do urbanismo. Por outro lado, apesar da aparente coerência e clareza das formulações, o sistema proposto no livro era bastante flexível, dando margem, na prática, à elaboração e à realização de projetos com características formais diversas.

A primeira cidade construída segundo os princípios howardianos foi Letchworth (1903), localizada a 56 km de Londres. A realização se deu por iniciativa

¹² Tais elementos deveriam ter naturezas diversas, de modo a estabelecer relações dentro do grupo: uma das cidades poderia ter uma universidade, a outra um bom centro comercial, uma terceira, um grande centro hospitalar, e assim por diante.

¹³ O texto de Howard sugere que esse núcleo urbano central poderia ser a cidade de Londres, a ter sua população reduzida por força dos “ímãs” que atrairiam os moradores para as novas cidades-jardins. Vale observar que a população imaginada por Howard corresponde a menos de um quarto da população real da capital inglesa na época.



48. Unwin e Parker - Letchworth (1903)

da Associação Cidade-Jardim (*Garden City Association*), formada em 1899 por adeptos das idéias de Howard. Para a elaboração do projeto urbanístico, a Associação promoveu um concurso, vencido pelo escritório de Raymond Unwin e Barry Parker. Os dois arquitetos desenvolveram uma carreira bastante profícua no campo do planejamento urbano e da arquitetura, deixando um extenso legado em projetos, textos e manuais. Ainda entre 1901 e 1902, Unwin e Parker também elaboraram o projeto para a vila operária de New Earswick, nas proximidades de York. É possível perceber aspectos semelhantes nos dois planos, como o respeito às condições originais dos terrenos, que serviram de base para os projetos.

Em Letchworth, Unwin e Parker definem como ponto central uma praça (*Town Square*), em uma área elevada do terreno, onde já existiam árvores de grande porte. Nesta praça encontram-se os edifícios da administração municipal, seguindo o modelo proposto por Howard. Esta área também é o ponto de convergência de algumas vias do núcleo central da cidade. O traçado dessa região foi concebido com vias retilíneas, embora estas não seguissem um padrão cartesiano, dando origem assim a quadras irregulares.

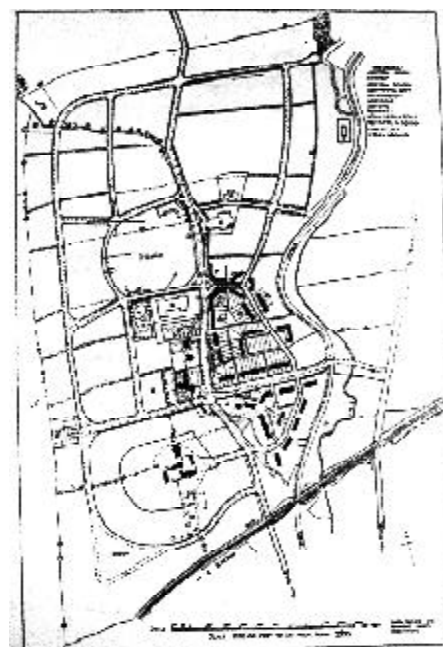
Percebe-se em Letchworth a presença de grandes proporções de áreas verdes, como bosques, campos de recreação, praças e jardins, além de vias arborizadas, em especial a *Broadway*, uma avenida mais ampla, que cruza a o tecido urbano no sentido norte-sul, interrompida pela *Town Square*. Esta via foi concebida como uma avenida-parque, sendo ladeada, em alguns pontos, por jardins. Contudo, diferentemente do modelo proposto por Howard, a ferrovia, ligando Londres a Cambridge, corta a cidade em sua porção central, no sentido leste-oeste.

Para as zonas residenciais, Parker e Unwin propuseram quadras divididas em lotes relativamente amplos, onde as unidades habitacionais poderiam estar dispostas isoladamente ou em pequenos blocos geminados. Nos dois casos, preservou-se entre as construções e as vias um recuo generoso, onde os moradores mantinham jardins fronteiros às residências. O acesso às habitações era feito por vias locais, de pequeno porte, que se configuravam em um desenho mais irregular, ladeadas por passeios gramados e arborizados. Em alguns pontos, foi empregada a solução do *cul de sac*¹⁴.

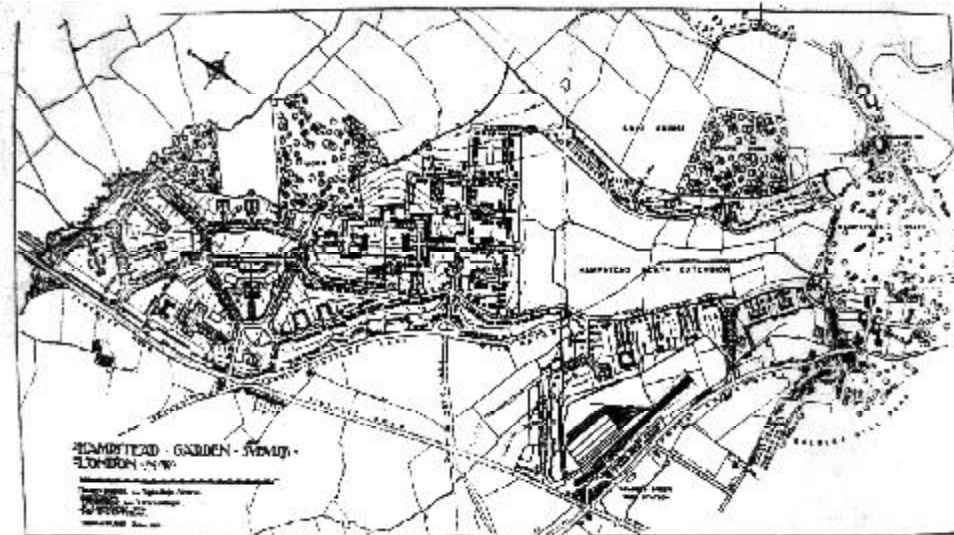
Em New Earswick, as condições do terreno também serviram como ponto de partida do projeto, que acompanha claramente a situação topográfica da região, dando origem a uma malha irregular. Nota-se também a preservação de áreas verdes e a presença de concepções semelhantes às de Letchworth na elaboração das zonas residenciais.

A partir desses dois projetos as soluções pensadas por Parker e Unwin, especialmente aquelas relacionadas aos setores residenciais, adquiriram uma identidade

¹⁴ Nessa solução os lotes se distribuem em forma de U, dando origem a uma via sem saída, apenas com uma área para manobra de veículos.



49. Unwin e Parker - New Earswick(1901)



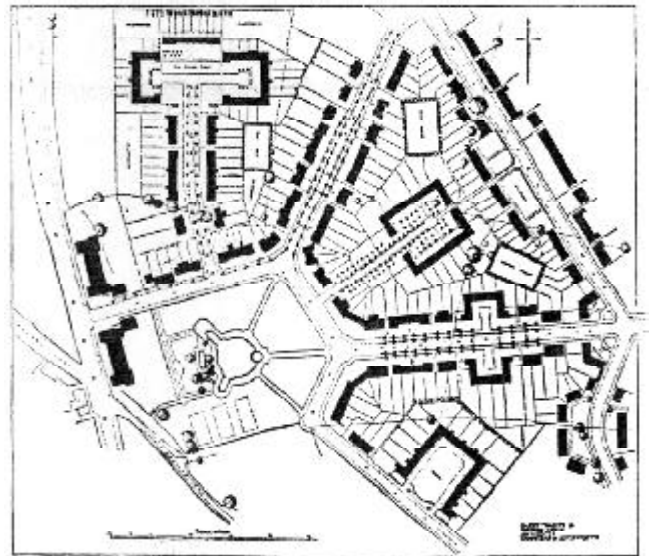
50. Unwin e Parker - Hampstead (1904-1909)

própria, independente das formulações da cidade-jardim (WARD, 1992, p. 8). Conjuntos com a mesma qualidade urbanística e arquitetônica apareceriam novamente em outros planos, onde várias das colocações de Howard, como questões fundiárias, administrativas e de controle populacional apareceram já um tanto diluídas. Um desses projetos foi o subúrbio londrino de Hampstead (1904 -1909).

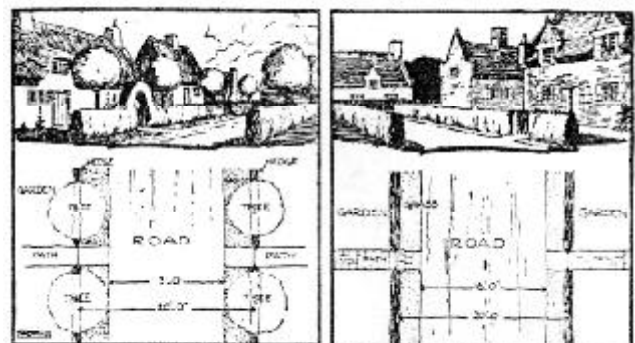
No plano para Hampstead Unwin e Parker mantêm o mesmo esmero no zoneamento, no traçado viário e na configuração dos lotes, no tratamento dos setores residenciais e na preservação e criação de áreas verdes, entremeadas ao tecido urbano. Além dos setores residenciais, foi pensado para o conjunto um núcleo central, onde estariam concentrados os edifícios públicos e administrativos, bem como alguns estabelecimentos comerciais. Contudo, o projeto contrariava as propostas relativas ao sistema de expansão das cidades colocadas em *To-morrow*. Hampstead foi pensado como uma extensão do tecido urbano londrino e não como uma cidade-satélite da capital inglesa, como preconizava Howard.

Contudo, o conceito de subúrbio-jardim aparentemente rendeu mais frutos do que a própria idéia de cidade-jardim, aparentemente pelo fato de mostrar-se como um investimento menos dispendioso e uma proposta mais próxima dos assentamentos urbanos já existentes (WARD, 1992, p. 13). Outros núcleos com características semelhantes às de Hampstead foram criados em vários países em todo o mundo, desenvolvidos tanto por iniciativa particular quanto estatal. A idéia perdurou naquele país ao longo do século XX, dando origem a vários conjuntos suburbanos, predominantemente residenciais, espalhados por diversas cidades. Tais núcleos possuem diversas características de subúrbio-jardim, como construções isoladas em lotes amplos, grande presença de áreas verdes e traçado irregular.

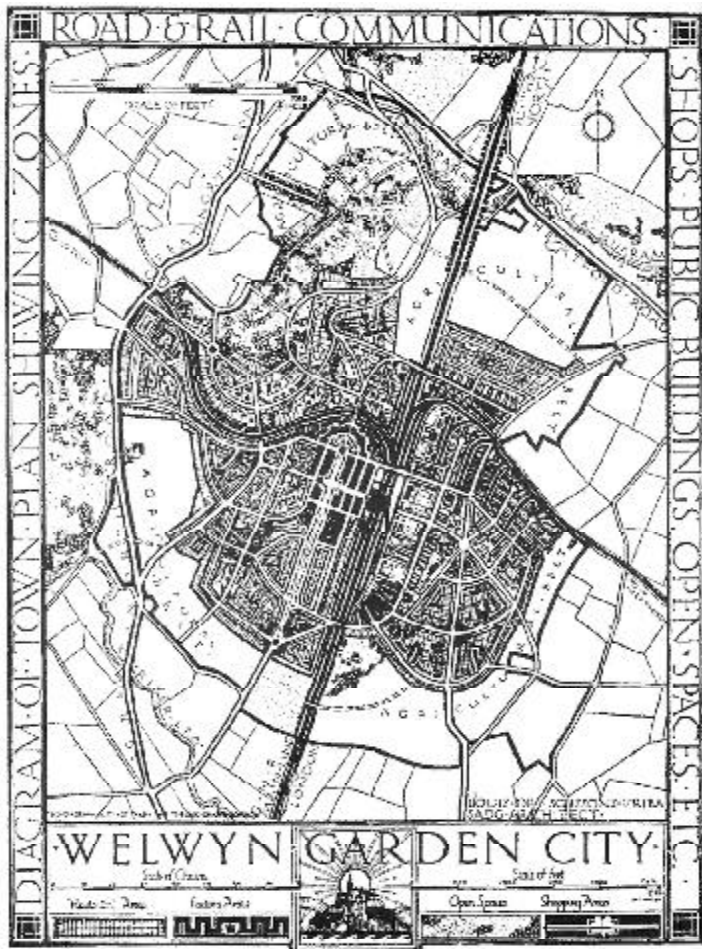
Soluções como as adotadas em Letchworth, New Earswick e Hampstead foram expostas por Unwin em sua obra mais conhecida, *Town Planning in Practice* (1909). Este livro constituiu-se como um verdadeiro manual de planejamento urbano, compreendendo observações a respeito de cidades existentes e métodos para a elaboração de projetos de novos núcleos. Nota-se aqui a admiração de Unwin pelas observações de Sitte a respeito do traçado e da paisagem das cidades. As observações de Unwin foram bastante difundidas entre os urbanistas de vários países e reverberaram em muitos planos para construção e ampliação de centros urbanos, inclusive no Brasil. A obra de Barry Parker também tornou-se familiar entre os brasileiros, já que o arquiteto atuou em São Paulo nas primeiras décadas do século XX, realizando aqui projetos relevantes, como será comentado mais adiante. É importante observar que as concepções urbanísticas dos dois arquitetos receberam influências do movimento artístico inglês Arts & Crafts e do pensamento Morris e Ruskin, tanto no que diz respeito à preocupação em garantir um padrão de qualidade para os conjuntos habitacionais das classes trabalhadoras quanto na referência à arquitetura rural inglesa



51. Esquema viário aplicado em Hampstead e reproduzido em *Town Planning Practice*



52. Esquemas viários reproduzidos em *Town Planning Practice*



53. Soissons
Welwyn (1920)

nos projetos residenciais elaborados para as cidades-jardins.

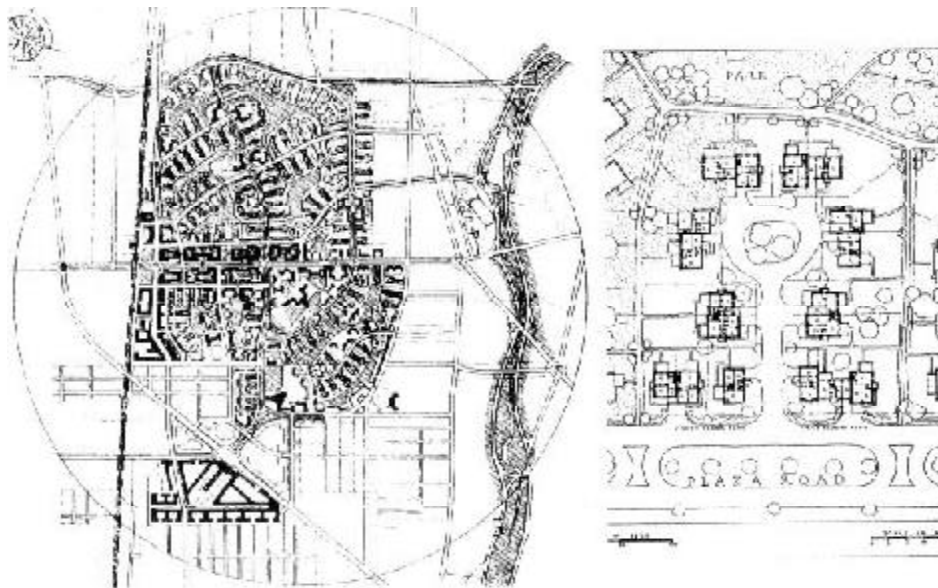
Por volta de 1919, Howard iniciou o empreendimento da segunda cidade-jardim inglesa, Welwyn. Desta vez, o plano urbanístico foi confiado ao arquiteto francês Louis de Soissons. Aparecem aqui vários elementos colocados por Howard em seu livro e aplicados por Unwin e Parker no projeto de Letchworth. O plano de Soissons também propõe a criação de um centro cívico definido por um parque, a reserva de grandes proporções do terreno para a preservação de áreas verdes, arborização ostensiva das vias, incluindo uma *parkway* que se configura como a avenida principal da cidade. Nos bairros residenciais, também foi empregada a solução de *culs-de-sac*. No traçado proposto para Welwyn o aproveitamento das condições naturais do terreno é ainda mais evidente do que nas demais realizações já citadas, resultando em vias bastante sinuosas, especialmente nos setores habitacionais.

As proposições do movimento cidade-jardim foram difundidas em outros países além da Inglaterra, nos quais também se observa a realização de diversos projetos urbanos com características similares às das cidades e subúrbios descritos acima. É

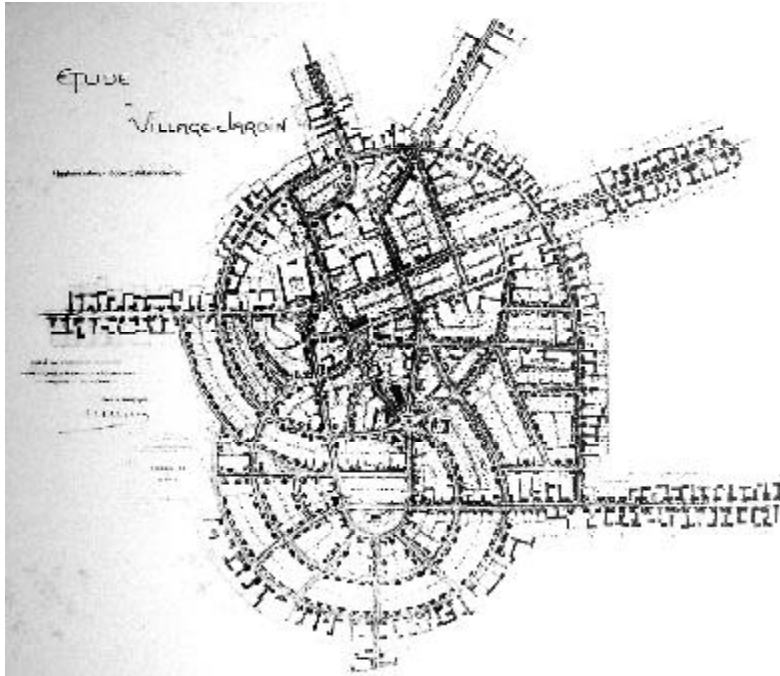
importante lembrar aqui que a circulação das idéias urbanísticas nem sempre segue uma seqüência evolutiva e cronológica. Tomando com exemplo o caso da cidade-jardim, é possível perceber que, assim como as concepções e as práticas baseadas na obra de Howard serviram de referência para diversos projetos ao longo do século XX, alguns planos com relações evidentes com esse modelo já eram desenvolvidos antes da publicação de *To-morrow*, como o já citado plano de Riverside, nos Estados Unidos. Vale observar aqui que Howard, Unwin e Parker visitaram aquele país, ainda que em períodos diferentes¹⁵, denotando as afinidades entre suas concepções e as realizações norte-americanas. Embora seja difícil precisar em que medida esses projetos contribuíram para o texto de Howard, vale ressaltar a importância de se atentar para esse movimento intrincado de difusão das propostas no campo do urbanismo.

Nos Estados Unidos, foram construídos, especialmente na primeira metade do século XX, alguns núcleos urbanos que denotam novamente a sintonia dos urbanistas norte-americanos com os ingleses, como Sunnyside Gardens, próximo a Nova Iorque (1928), Greenbelt, nas proximidades de Washington (1935) e o projeto de Clarence Stein e Henry Wright para Radburn (1927 - 1929), na região de New Jersey. Este último apresenta soluções importantes referentes à organização do tráfego, propondo um sistema de separação entre pedestres e veículos com uso de *culs-de-sac*. Ainda nas primeiras décadas do século XX, foram elaborados também planos de

¹⁵ Howard entre 1871 e 1876, Unwin realizou diversas viagens a partir de 1922, falecendo nos EUA em 1940, e Parker em 1925.



54. Stein e Wright - Radburn (New Jersey, 1927-1929)



55. Modelo de cidade-jardim reproduzido em manual francês

idades, subúrbios ou mesmo bairros-jardins na França, na Alemanha, na Austrália e no Japão.

De acordo com o próprio Howard, suas colocações eram resultado da reunião de uma série de propostas colocadas anteriormente por outros autores ingleses e estrangeiros. O termo *garden-city*, por exemplo, já havia aparecido no Estados Unidos, como uma das maneiras pelas quais a cidade de Chicago era conhecida antes do grande incêndio de 1871. William Morris, um dos principais expoentes do Arts and Crafts, movimento com importantes relações com a cidade-jardim, também empregava o mesmo termo em seus textos da década de 1870 (WARD, 1992, p. 3). As propostas compiladas à maneira de Howard, embora às vezes criticadas por não serem originais, tornaram-se muito conhecidas e foram amplamente difundidas.

Contudo, como observou Ward (1992, p. 9), as propostas colocadas por Howard, Unwin, Parker ou Soissons sofreram desvios em cada uma das localidades em que foram recebidas. Cada grupo de urbanistas tendeu a absorver em seus projetos a parcela do conjunto original de concepções que lhe parecia mais relevante. Assim, alguns planos realizados posteriormente teriam a cidade-jardim apenas como mera referência formal, com algumas de suas soluções aplicadas a conjuntos que pouco tinham em comum com as formulações originais do movimento. Ainda assim, além da influência no desenho das novas cidades, o movimento pela cidade-jardim teve papel relevante na formulação e na consolidação de uma nova prática de planejamento urbano, inclusive no Brasil.

2.3. O URBANISMO MODERNO NO BRASIL

Os novos ideais e modelos de cidade foram largamente difundidos no Brasil, especialmente nas primeiras décadas do século XX. Manuais e tratados sobre urbanismo já circulavam no país nesse período, divulgando as mais diversas soluções e propostas urbanísticas, desde as tendências mais racionalistas até aquelas filiadas à tradição do pitoresco. Além disso, a contratação de profissionais estrangeiros para a realização de projetos urbanos no Brasil, como Bouvard, Barry Parker e o português (formado na França) Victor da Silva Freire, em São Paulo e Agache, no Rio de Janeiro e em outras cidades, promovia um contato direto entre os engenheiros e arquitetos brasileiros e as formulações européias. Por outro lado, vários brasileiros viajavam à Europa e aos Estados Unidos para realizarem cursos naquele continente, como Atilio Correia Lima, trazendo de lá um novo pensamento urbanístico.

A circulação de tais idéias se deu também dentro do território nacional, entre os profissionais brasileiros, podendo ser reconhecidas em diversos projetos realizados no país já no final do século XIX, como no caso do projeto de Aarão Reis para Belo Horizonte (1893-7), mas principalmente nas primeiras décadas do século XX. As referências estrangeiras eram bastante diversificadas. Os exemplos variam desde as amplas vias retilíneas, configurando eixos perspécticos, de acordo com a linha francesa, presente no plano Haussmann, até o traçado mais irregular, defendido por Sitte, ou sinuoso, acompanhando a topografia, associado à presença do verde, seguindo as formulações presentes nos subúrbios ou nas cidades-jardins, além das soluções técnicas e procedimentos práticos de origem norte-americana. Vale ressaltar, porém, que tais propostas não eram diretamente aplicadas nos planos brasileiros, sendo modificadas e adequadas às necessidades e às características locais, sejam elas climáticas, geográficas ou culturais.

Não tardou para que as propostas e soluções dos próprios profissionais brasileiros fossem difundidas e aplicadas por seus colegas. Destaca-se aqui o engenheiro sanitarista Saturnino de Britto¹⁶, que, além de ser também um dos pioneiros na divulgação das idéias do urbanismo moderno europeu (embora sempre lembrando que as soluções urbanísticas daquele continente não poderiam ser aplicadas diretamente nas cidades brasileiras), tornou-se mestre de uma geração de urbanistas no Brasil, com seus inúmeros planos para diversas cidades e com sua obra escrita¹⁷.

Brito trouxe contribuições importantes para a afirmação da noção de que a cidade deve ser planejada racionalmente - de acordo com suas necessidades técnicas e sanitárias e suas condições naturais de topografia, levando também em conta seus aspectos estéticos - e não construída de maneira fragmentada, segundo o interesse

¹⁶ Sobre Saturnino de Britto, ver ANDRADE, 1992.

¹⁷ O livro de Brito, *Notes sur le tracé sanitaire des villes* (Paris, 1916), apesar de sua publicação em francês, por uma editora européia, parece ter sido bastante lido por seus conterrâneos.

dos proprietários de terras e empreendedores privados. A partir da atuação do engenheiro instituiu-se no Brasil uma prática de intervenção do Estado no planejamento de cidades, semelhante àquela que se afirmava na Europa no mesmo período¹⁸. Tal planejamento deveria ser feito de maneira conjunta, compreendendo diversas áreas de conhecimento e vários serviços municipais.

Assim, Brito propôs uma metodologia de planejamento que integrasse todos os seus aspectos e fosse aplicável a condições diversas. De acordo com tal metodologia, os planos deveriam ter como base um diagnóstico das condições existentes, realizado a partir de fontes como mapas e dados estatísticos. Após esse diagnóstico, os planos deveriam prever aspectos variados como as dimensões e o desenho dos lotes e das vias, as soluções para o escoamento do esgoto e da água das chuvas, abastecimento de água e outros serviços básicos e a preservação de áreas para jardins e parques, criando também condições para a expansão dos núcleos urbanos.

No projeto para Novo Arrabalde, no Espírito Santo, (1896), Brito propõe a criação de um núcleo predominante residencial, de caráter “semi-rural”. Os lotes previstos para o conjunto teriam dimensões bastante generosas, com recuos amplos. Nessas áreas, chamadas por Brito de chácaras, as residências deveriam ser construídas isoladamente, dando origem a um tecido urbano diluído. A concepção do Novo Arrabalde aproxima-se, portanto, daquela do subúrbio-jardim. Os moradores poderiam fazer uso da estrutura de comércio e serviços de Vitória, já que o conjunto seria construído a apenas 4 km da capital. De acordo com Andrade (1992, p. 107), o projeto de Brito antecipa as proposições de Howard tanto na associação entre cidade e campo quanto na concepção de redes urbanas, ou de cidades satélites. Brito também recomendou a adoção de princípios do subúrbio-jardim na criação de lotes

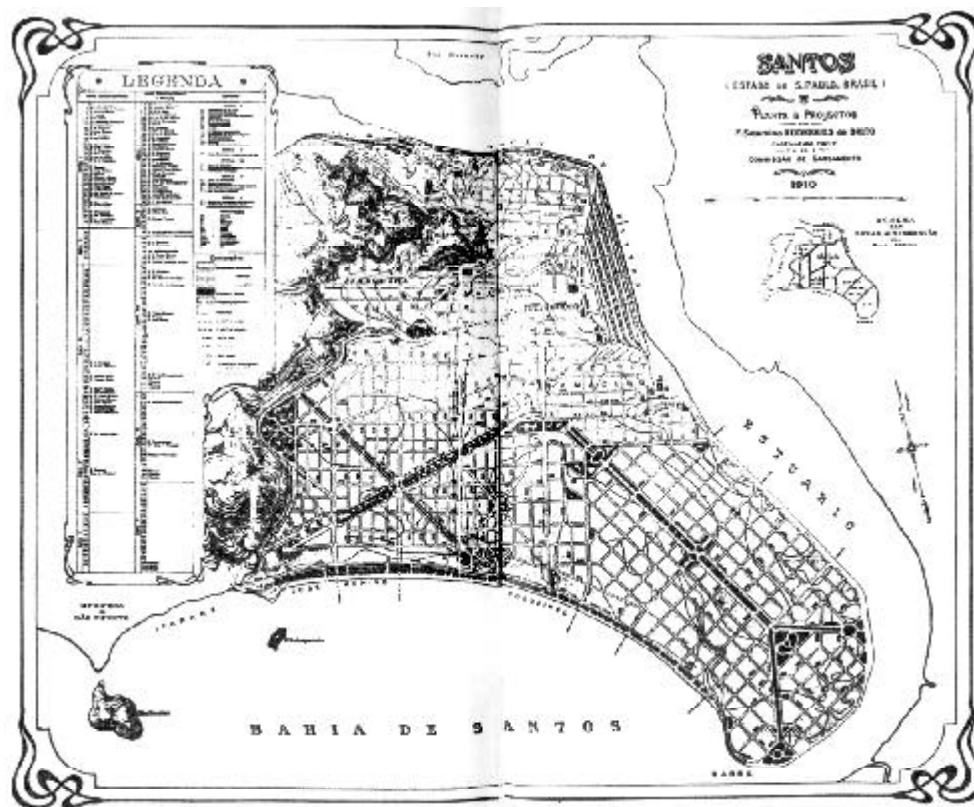
¹⁸ Andrade (1992) ressalta que o conjunto de reformas urbanas realizadas a partir de intervenções estatais no Brasil teve um atraso pequeno em relação aos países da Europa.



56. Brito - plano para Novo Arrabalde (ES, 1896)

residenciais a serem elaborados na expansão da cidade de Recife, para a qual o engenheiro desenvolveu um projeto de saneamento (1909-1915).

Um outro projeto de Brito que trouxe grandes contribuições para o urbanismo no Brasil foi o plano de extensão e saneamento de Santos (1905 – 1909). Aqui, o engenheiro propõe a construção de uma série de canais a céu aberto, com funções múltiplas: além de resolver o problema de drenagem das águas pluviais, a solução também permitia a limpeza desses dutos, aproveitando o regime das marés. Alguns deles também eram navegáveis, servindo assim como vias de transporte. A reforma de Brito também incluía um conjunto passeios arborizados, pontes e passarelas, além das avenidas parque, que cortavam a trama urbana no sentido diagonal, junto às quais deveriam ser preparadas áreas de uso público, como centros de recreação e esportes e bosques. A solução das *parkways*, introduzida aqui por Brito, tornou-se recorrente em outros planos urbanísticos no Brasil, inclusive nos projetos de estâncias. O próprio Brito recomendou o uso dessas avenidas em outros de seus projetos, como forma de auxiliar na prevenção de inundações, uma vez que elas permitem a preservação de massas vegetais ao longo dos corpos d'água e, em alguns casos, a manutenção do curso natural dos rios. À maneira das reformas urbanas realizadas na Europa e nos Estados Unidos, tais elementos e soluções, incorporados à cidade,



57. Brito - plano para Santos (SP, 1905-1909)

propiciavam as deambulações e os encontros sociais. Ou seja, Brito aliou em Santos soluções eficientes de ordem técnica à criação de um *townscape*. (ANDRADE, 1992, p. 139).

A construção da paisagem urbana deveria ser pensada desde a concepção do traçado das vias, que, para Brito, não deveriam seguir uma tendência rígida, mas sim concordar com as condições oferecidas pelo sítio onde o plano seria implantado, ressaltando que as necessidades funcionais e higiênicas nunca deveriam ser negligenciadas. Nos terrenos com condições topográficas mais acidentadas, os projetos do engenheiro apresentavam ruas que acompanhavam as condições do relevo, resultando num traçado irregular - como recomendaria Sitte. Para auxiliar no escoamento do esgoto, evitando longas canalizações, Brito propõe a utilização de vielas sanitárias¹⁹. Em outros casos, era adotado o traçado cartesiano, com avenidas longilíneas (quando as condições do relevo assim permitissem), à maneira do plano Haussmann ou do projeto de L'Enfant para Chicago. Para as calçadas, Brito recomendava a incorporação de uma faixa gramada, na qual também poderiam ser inseridas variedades vegetais de maior porte, entre as vias de trânsito e o limite dos lotes. A introdução da vegetação nos passeios trazia vantagens estéticas e climáticas e possibilitaria a expansão da largura das ruas no caso de intensificação do tráfego de veículos. Soluções semelhantes foram propostas por Unwin e Parker no projeto para Letchworth e amplamente aplicada em planos no Brasil, nos subúrbios norte-americanos e em outros países.

Para o engenheiro Lourenço Baeta Neves (outro profissional que deu grandes contribuições para o urbanismo no Brasil), Brito formou as bases para a formação de um conjunto de soluções e práticas brasileiras dentro do campo da engenharia sanitária. Mais do que isso, Brito apresentou em suas propostas meios dos novos princípios urbanísticos modernos às necessidades das cidades do Brasil. Em palestras e textos publicados, Brito não só ressaltava a importância do planejamento urbano, mas também defendia a formação e a atuação intensa de profissionais especializados em resolver os problemas das cidades e a criação, por parte do Estado, de quadros a serem preenchidos pelos urbanistas nas secretarias de obras e institutos técnicos e a criação de uma legislação voltada para a regulamentação do meio urbano.

Artigos sobre urbanismo, como os de Brito, passaram a ser publicados nas revistas brasileiras de engenharia, como a Revista Politécnica e o Boletim do Instituto de Engenharia. A partir da década de 30, o urbanismo já se afirma no Brasil como disciplina, incorporando questões relacionadas à medicina – mais especificamente ao sanitário – e ao campo da engenharia²⁰ e da arquitetura (LEME, 2005)²¹. Entre aqueles que contribuíram para a difusão das idéias e dos objetivos do urbanismo

¹⁹ Semelhantes às *alleys* propostas em alguns projetos norte-americanos (ANDRADE, 1992, p. 219).

²⁰ Assim como nos Estados Unidos do *City Beautiful*, a engenharia assume um parcela relevante dos projetos urbanísticos realizados no Brasil.

²¹ Sobre o assunto, ver também FISCHER, 2005.

como ciência, não só para os profissionais da área, mas também para o restante da população brasileira, através de artigos em jornais e palestras (RIBEIRO, in RIBEIRO; PECHMAN, 1996, p. 16), podemos citar ainda Anhaia Mello, em São Paulo, e Armando de Godoy, no Rio de Janeiro. Em Minas Gerais, Baeta Neves e Lincoln Continentino, autor do plano para Araxá, também dão sua contribuição para a divulgação desse novo campo de conhecimento e atuação, sendo representantes em congressos de engenharia e autores de vários textos sobre o assunto (LIMA, 2001).

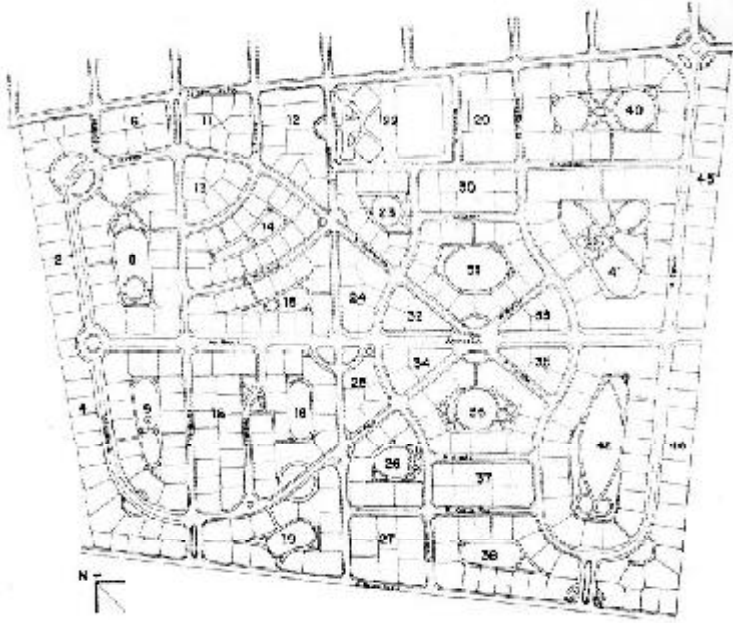
De acordo com Andrade (1992, p. 6), é importante observar que no Brasil, diferentemente da Europa, onde as intervenções urbanas procuraram corrigir os problemas desencadeados pelo crescimento da atividade fabril e do crescimento não planejado, tais propostas anteciparam-se, em certa medida, ao processo de industrialização e de conseqüentes transformações profundas nos núcleos urbanos. Assim, muitos projetos desenvolvidos aqui tiveram a oportunidade de criar condições para o desenvolvimento de um novo tipo de cidade.

Nesses novos projetos elaborados a partir do início do século XX, é possível notar a sintonia com diversas referências européias e norte-americanas, como já se pôde observar na obra de Brito, por exemplo. Dentre tais referências, nota-se também a presença de alguns movimentos já descritos aqui, como a cidade-jardim. As propostas filiadas às concepções de Howard encontraram no Brasil um campo vasto, onde elas puderam ser aplicadas ou adaptadas de acordo com as condições e necessidades locais. Assim como os demais referenciais urbanísticos, o ideário da cidade-jardim foi difundido entre os urbanistas brasileiros por diversas vias, fosse por manuais e livros como as obras de Unwin e do próprio Howard, fosse por artigos divulgados em periódicos e congressos, ou mesmo pelo contato com profissionais estrangeiros, como Barry Parker.

Parker atuou no Brasil entre 1917 e 1919, convidado pela Companhia City (*City of São Paulo Improvements and Freehold Company LTD*) - empresa de capital inglês do ramo de loteamentos imobiliários – para a realização de um conjunto de bairros na cidade de São Paulo²². O arquiteto é autor dos projetos para bairros como o Pacaembu e o Jardim América. Este último contou também com a participação de Unwin e possui, ainda hoje, algumas residências projetadas por Parker na época da implementação do conjunto residencial. O urbanista também prestou serviços de consultoria na elaboração de parques e jardins, elaborando inclusive uma proposta para o Parque do Trianon. Em 1919, Parker teria sido ainda convidado a elaborar o plano de urbanização da área central de Poços de Caldas, incluindo suas áreas verdes (ANDRADE, 1998, s.p.)²³.

²² Sobre o assunto, ver ANDRADE, 1998

²³ Contudo, o projeto de Parker não foi implantado. Os jardins construídos na cidade foram elaborados por Reynaldo Dierberger, como será observado no capítulo seguinte.



58. Parker - Jardim América



59. Parker - Pacaembu

Os projetos de Parker incorporaram várias das concepções empregadas por ele em seus projetos anteriores na Inglaterra, em especial as soluções formais e paisagísticas. Também nos projetos de São Paulo, é possível encontrar traçados sinuosos, orgânicos, acompanhando a topografia dos sítios onde foram implantadas (solução bastante evidente no projeto para o Pacaembu), a presença do verde em grandes proporções, com a implantação de praças e jardins e arborização das vias, a criação de lotes com dimensões generosas e recuos amplos e, em alguns casos, *culs de sac*. Contudo, assim como dos diversos planos de urbanização de estâncias que se desenvolveriam no Brasil especialmente a partir da década de 1930, nos projetos de Parker para os bairros paulistanos o conteúdo social presentes nas cidades-jardins inglesas desaparece:

Se na Inglaterra as propostas de Parker com seu sócio Unwin estavam impregnadas de ideais coletivistas, em São Paulo os projetos de Parker atenderão as exigências de uma empresa privada voltada à produção lucrativa de novas áreas residenciais. Daí indagarmos sobre como soluções urbanísticas e arquitetônicas aplicadas na Inglaterra em condições muito particulares, se transferiram para uma cidade nos trópicos e ali foram assimiladas à sua paisagem. (ANDRADE, 1998, p. 4-5).

Afora sua atuação no campo do urbanismo, Parker também contribuiu para a introdução e popularização no Brasil de uma arquitetura residencial ligada ao estilo das habitações rurais inglesas, o *cottage*. Em seus projetos de casas para o Jardim América, aparecem diversas características desse estilo arquitetônico, com relações estreitas com o movimento *Arts and Crafts*, que já se fazia presente das

²⁴ Sobre o assunto, conferir ANDRADE (1998, p. 299-353).



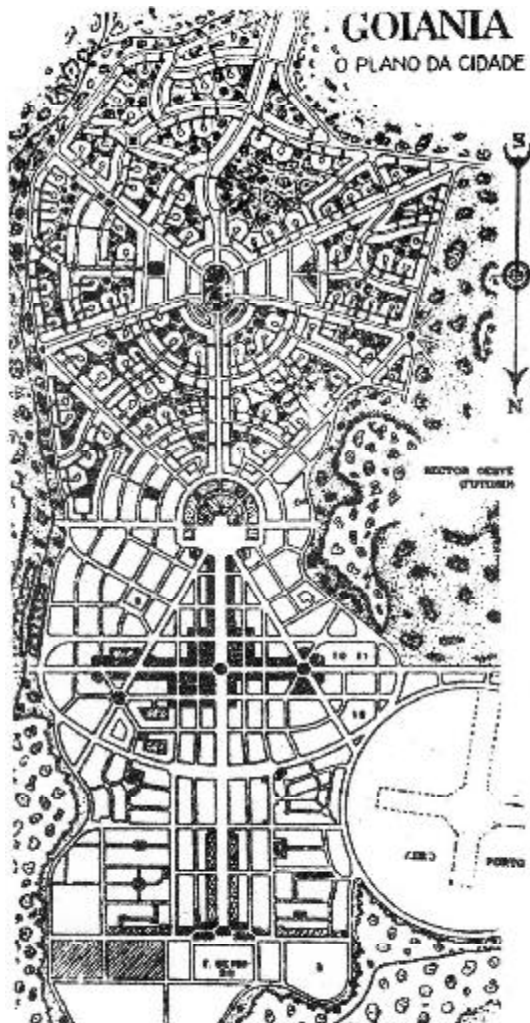
60. Parker - Residência no Jardim América (Rua Colômbia, esquina com Rua Uruguai) (fotografia tirada em 1998)

obras desenvolvidas pelo arquiteto na Inglaterra. Projetos de *cottages* apareceriam posteriormente em outros bairros paulistanos e em diversas cidades brasileiras, inclusive nas estâncias hidrominerais²⁴.

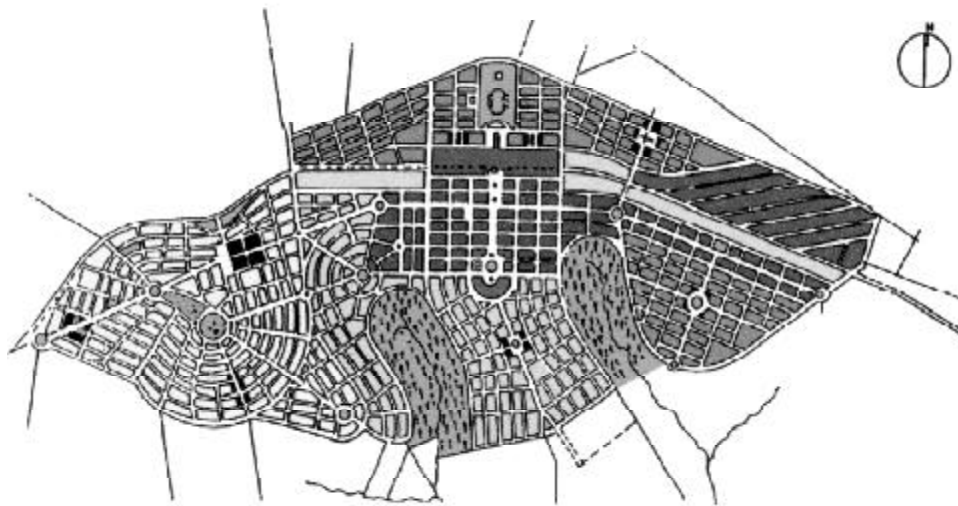
Além das obras de Parker, merece também destaque o projeto de Atilio Correia Lima e Armando de Godoy para Goiânia (1933). No projeto para esta capital, convivem um traçado de filiação francesa, com largas avenidas retilíneas e vias diagonais, proposto por Lima e uma proposta de filiação norte-americana, proposta por Godoy para a área residencial (o Setor Sul). A solução introduzida por Godoy traz características do padrão encontrado em alguns subúrbios-jardins elaborados nos Estados Unidos no início do Século XX. Aparece aqui novamente o traçado irregular, com *cul de sacs*, ruas ricamente arborizadas e jardins coletivos nos fundos de lotes contíguos. Vale lembrar que Godoy havia retornado recentemente dos Estados Unidos, onde teve a oportunidade de familiarizar-se com o projeto de Radburn e com outras experiências similares realizadas naquele país. Vários desses aspectos podem

²⁵ Vieira foi estagiário na Companhia City, onde teve a oportunidade de trabalhar com Parker.

²⁶ Ver STEINKE, 2002.



61. Godoy - Plano para Goiânia (1933)



62. Macedo Vieira - Maringá (1945)

ser notados também no plano do engenheiro Jorge de Macedo Vieira²⁵ para Maringá, no Paraná, onde foi proposto também um centro cívico e duas reservas florestais dentro do perímetro urbano²⁶.

Características semelhantes podem ser encontradas também em diversos projetos de estâncias hidrominerais realizados no Brasil, como o de Águas de São Pedro, elaborado também por Macedo Vieira em 1936, de Águas da Prata, concebido por Ulhôa Cintra em 1923²⁷ e de Araxá, coordenado por Continentino em 1933. Como já foi possível observar no capítulo 1, tais cidades buscavam aliar as “vantagens” de um núcleo urbano às “vantagens” do campo. Tais objetivos resumem também as premissas da cidade-jardim colocadas por Howard em seu livro. Embora o termo “vantagem” tenham significados muito distantes nos dois casos, os urbanistas brasileiros encontraram nos projetos filiados ao ideário da cidade-jardim um conjunto de propostas que ia de encontro às necessidades dos planos de cidades de estância no país, propiciando condições para a criação de uma paisagem agradável aos visitantes dessas localidades e, ao mesmo tempo, trazendo soluções para questões de ordem técnica. Aliadas a outras concepções urbanísticas apresentadas aqui, a cidade-jardim constituiu um padrão referencial para as cidades de águas brasileiras, como será possível observar no estudo do caso do Barreiro.

²⁷ Ver FRANCO, 2005.

A ARQUITETURA NAS ESTÂNCIAS: OS BALNEÁRIOS EUROPEUS DO SÉCULO XIX

Como já observamos até o momento, as cidades balneárias sofreram diversas intervenções que promoveram alterações relevantes em muitas regiões que se estendiam nas proximidades das fontes ou na região costeira. Tais mudanças, contudo, não abrangiam apenas transformações urbanísticas, com a introdução de elementos como parques, bulevares, passeios e avenidas alargadas. A modernização da cidade de águas envolvia também a criação de novos conjuntos arquitetônicos.

Vale observar que a elaboração desses conjuntos urbanísticos e arquitetônicos ao longo do século XIX e no início do XX contou algumas vezes com a participação de profissionais renomados em seus países. Como já mencionado, John Nolen realizou o plano para o balneário de Venice na Flórida. Na Europa, temos os exemplos de Gottfried Semper, que foi contratado para a elaboração de um plano urbanístico para o conjunto de Baden Kurverein (1866), e Joseph M. Olbrich, autor do *Kurotel*²⁸ da cidade de Königswart na Alemanha (1902).

No geral, a construção desses conjuntos termais tinha origem na casa de banhos, que se situava nas proximidades das fontes ou sobre os veios d'água. Frequentemente, os balneários ofereciam também cabines para os banhos e alojamentos, embora tais instalações fossem ainda bastante precárias. A intensificação da procura pelas águas no final do século XIII e, em especial, durante o XIX promoveu o crescimento desses assentamentos, demandando o aumento da oferta de residências particulares e a construção de novos equipamentos relacionados ao termalismo.

Até a década de 1860, muitas casas de banho abrigavam dentro de seus edifícios várias das atividades ligadas aos balneários, além da hidroterapia. O próprio cassino teve origem no interior dos estabelecimentos termais. O jogo e o banho tiveram nessa época relações estreitas entre si, “como se o primeiro devesse vir compensar os males e as máculas causadas pelo tratamento do segundo” (ROUILLARD, 1984, p. 21, tradução da mestrandia). Esses mesmos estabelecimentos ofereciam ainda salas de leitura, salões de jogos e de festas. Em alguns casos, os banhistas podiam encontrar também quartos para hospedagem. Paulatinamente, essas funções passaram a ser abrigadas em construções independentes. O programa das novas cidades de águas compreendia, além dos equipamentos já citados, estabelecimentos comerciais e de serviços (lavanderias, garagens, etc.) e, às vezes, teatros (nos núcleos mais renomados), bibliotecas, capelas e usinas engarrafadoras.

Muitos desses edifícios construídos nas cidades balneárias nesse período, especialmente aqueles diretamente ligados ao lazer e à cura – termas, hotéis e cassinos

²⁸ Hotel de cura.

-, carregavam uma dimensão simbólica. Percebe-se que foram empregados investimentos de vulto na construção desses equipamentos. Os promotores dessas reformas (particulares ou estatais) aplicaram nessas cidades a quantidade necessária para a criação de obras monumentais e representativas, visando atrair grandes quantidades de visitantes, especialmente entre os membros das classes mais abastadas.

A construção desses conjuntos representava um desafio de ordem técnica, devendo apresentar, por exemplo, novas soluções para a captação, condução e distribuição das águas das fontes. As necessidades funcionais também guiaram a elaboração desses projetos, devendo estar também de acordo com as regras sociais e de decoro da época. Em alguns casos, previa-se setores diferenciados para os pacientes das classes menos favorecidas²⁹. Os projetos também previam a segregação sexual dos espaços das termas, especialmente do banho coletivo. O pudor constituiu um fator de orientação para a organização das casas de banhos, ou das termas, que deveriam prever a criação de condições para a preservação da intimidade dos usuários, especialmente das mulheres. Os banhos individuais eram realizados em compartimentos cerrados e, quando havia a necessidade de acompanhamento do médico, este deveria manter-se a distância do paciente. A disciplina e as prescrições médicas, respaldadas em regulamentos e leis elaboradas ainda nas primeiras décadas do século XIX, interferiam nos desenhos e no funcionamento dos edifícios (AMARO, 1991, p. 218). As ordens médicas determinavam o ritmo da atividade termal e da ocupação dos espaços que constituíam os núcleos balneários (CAZ; SARAIVA, 1994, p. 56-57).

Nos edifícios dos hotéis e cassinos, percebe-se a preocupação em adotar os mais modernos padrões de conforto e higiene. Embora seja possível observar em diversas cidades balneárias a criação de diferentes classes dos hotéis - para diferentes classes sociais e com acomodações certamente diferenciadas -, nota-se a intenção geral aprimoramento das instalações hoteleiras. Aparecem assim novos estabelecimentos com quartos individuais ou para pequenos grupos, que contavam com calefação, aquecimento e várias das inovações aplicadas às instalações sanitárias, como água encanada (fria e quente) e banheiras. Vale observar que mesmo nos hotéis de luxo a permanência do banheiro coletivo foi bastante comum até as primeiras décadas do século XX. Os projetos para os cassinos (assim como os dos hotéis) abrangiam não só os fatores relativos ao bem estar e ao prazer dos usuários, mas também questões de circulação, segurança, administração e serviços.

Apesar dessas características funcionalistas incipientes, a linguagem formal dos edifícios ainda seguia as tendências estéticas vigentes no período, no qual se

²⁹ Estas faziam uso das instalações termais por meio de atestados que comprovassem sua indigência e sua doença. (AMARO, 1991, p. 221).

afirmava e se difundia o ecletismo na Europa. As edificações das cidades balneárias, com suas linguagens construtivas variadas, certamente deram suas contribuições para a afirmação de uma linguagem arquitetônica mais livre.

Durante o primeiro quartel do século XIX, a arquitetura das casas de banhos adotou feições classicistas, com características que evocavam os banhos romanos - como colunas, abóbadas e cúpulas e a chamada “janela termal”³⁰ - ou as construções neoclássicas de Bath (balneário já renomado naquela época). Assim, os volumes dos edifícios eram simples e a composição das fachadas era ainda sóbria, embora essas construções já apresentassem elementos luxuosos em seus interiores (ROUILLARD, 1984, p. 18). O clássico esteve presente não só nos nas casas de banhos, mas também nas demais edificações que compunham as estâncias (hotéis, cassinos, equipamentos inseridos nos parques, como as colonatas, etc).

³⁰ A janela termal constitui-se de uma abertura em arco, dividida em três partes, que geralmente vedava o vão das abóbadas nas fachadas. Esse elemento foi freqüentemente empregado por Paládio em suas *villas* e posteriormente aplicado em diversas composições ecléticas de vertente classicista.



63. Baden Baden
Cassino
(fotografia de 2003)



64. Baden Baden
Termas
(fotografia de 2003)



65. Bath
antigos banhos romanos

Contudo, ao longo do século XIX, observou-se uma transformação gradativa nesses conjuntos, que passaram a incorporar também elementos alheios à vertente classicista. A arquitetura dos balneários europeus, especialmente a partir da metade dos anos de 1800, caracterizou-se pela busca da originalidade, aproximando-se muitas vezes do extravagante. As construções presentes nos balneários – especialmente o cassino - estiveram nessa época relacionadas à vida mundana, ao lazer e ao hedonismo. Tais atividades sugeriam composições livres, independentes de modelos estilísticos ou ordens clássicas determinadas. Os edifícios construídos nas cidades balneárias carregavam um certo “*goût de fête*”³¹ (CAPUANO, 1992, p. 119; AMARO, 1991, p. 218). Nesse período, as edificações tornam-se cada vez mais monumentais³², ostentando elementos luxuosos agora também nas fachadas, que muitas vezes traziam elementos decorativos em profusão.

Essas mudanças estiveram também relacionadas às preferências estéticas do público freqüentador das cidades de águas, especialmente dos grupos que promoviam o crescimento e o dinamismo dessas localidades. De um lado, o gosto da aristocracia refletia-se nas composições de vertente historicista, valorizando estilos como o renascentista e neoclássico, com referências ao passado e à Antigüidade romana. De outro, os valores estéticos da burguesia tendiam a introduzir nas construções elementos decorativos variados e linguagens arquitetônicas diversas da tradição clássica (PANSERA, 1989, p. 5). Essas novas linguagens compreendiam os mais diversos temas compositivos, desde os motivos florais característicos da *Belle Époque* até referências à arquitetura oriental (como o mourisco ou o japonês). Em alguns casos, características de várias vertentes estilísticas eram incorporadas a um único edifício³³. É necessário lembrar que se trata de um período no qual os membros da burguesia

³¹ gosto de festa

³² É comum a utilização do termo **palácio** (*palais, palace*) nos nomes dos hotéis e na designação das casas de banho.

³³ Como exemplo desse tipo de construção pode-se citar os edifícios das termas de Berziera, que, embora possa ser classificado como uma composição entre o Liberty e o Art Déco, tinha em sua fachada tanto elementos do clássico histórico quanto da arquitetura oriental (PANSERA, 1989, p. 5) e o Gran Hotel do balneário espanhol de Cestona, que possuía um salão de festas em estilo renascentista e um refeitório com elementos da arquitetura árabe (AMARO, 1991, p. 223).

vinham conquistando um espaço na economia, na política e na sociedade que pertencera até então aos aristocratas. Esse contexto de mobilidade também foi favorável à transformações na arte e na arquitetura. Assim, é possível compreender a tendência passadista da aristocracia - que pode ser entendida como uma representação do esforço dessa classe em manter seu status - e o gosto pelo novo e pelo atual por parte da burguesia (PATETTA, in FABRIS, 1987, p. 13).

Há ainda um outro fator determinante nas transformações da arquitetura dos balneários europeus: a introdução de novas técnicas construtivas. Os novos materiais e sistemas estruturais e a linguagem formal decorrente dessas inovações também foram bem vindos na arquitetura das estâncias, especialmente durante a segunda metade do século XIX, comparecendo em pavilhões de fontes, torres e pontes – especialmente nos balneários marítimos -, equipamentos urbanos, como bancos e postes de iluminação e, em alguns casos, a própria casa de banhos. O metal também passou a ser empregado em elementos construtivos, como guarda-corpos, caixilhos, calhas e acabamentos em geral. Essas novidades representavam também o caráter modernizador que as cidades de águas deveriam incorporar.

Dentre os equipamentos representativos do novo repertório construtivo e formal introduzido nas cidades balneárias merece destaque um outro elemento bastante comum na paisagem das cidades balneárias européias no século XIX: as galerias. Tais estruturas, encontradas em diversos conjuntos termais europeus, eram construídas em ferro fundido e vidro, à maneira dos palácios de cristal executados nas exposições mundiais do século XIX. Há também exemplares que empregaram peças de madeira ao invés do metal. Em geral, essas construções ligavam a casa de banhos aos hotéis, tendo como função resguardar o paciente das termas das condições atmosféricas adversas, como o ar frio ou a chuva. Contudo, em diversas cidades, as galerias adquiriram a mesma função dos passeios públicos e dos bulevares, ou seja,



66. Banhos de Dieppe (França, 1857)

67. Vichy
Fonte Chomel



68. Vichy
galeria



69. Baden Baden
rua central
*nota-se aqui o largo uso de elementos
em metal*
(fotografia de 2003)



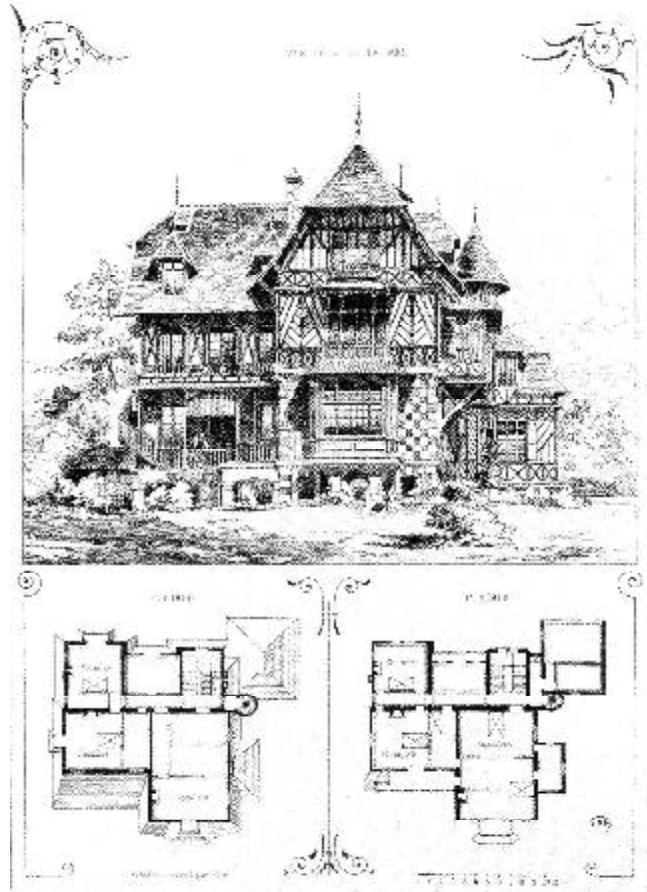
constituíam-se como espaços propícios aos encontros sociais e aos olhares.

As inovações técnicas também contribuíram para a arquitetura residencial das estâncias. As casas construídas nessas localidades geralmente representavam empreendimentos particulares das elites que freqüentavam tais localidades e, assim como a própria paisagem urbana, refletiam seus anseios e seus gostos. Num ambiente socialmente homogêneo (como já pudemos observar), cada residência deveria funcionar como elemento de diferenciação entre os membros dessa classe. Assim, havia uma competição pela originalidade e pela beleza nos projetos. As construções deveriam espelhar uma imagem de conforto, de luxo, de “bom gosto” e ao mesmo tempo, de progresso e de modernização (CAPUANO, 1992, p. 119; ROUILLARD, 1984, p. 218).

Por outro lado percebe-se também na arquitetura nas estâncias um interesse em refletir ou preservar as características originais dos sítios onde os novos conjuntos de edificações se desenvolveram. Embora as estâncias persiguissem as inovações técnicas e os padrões de conforto das cidades, havia uma tendência em revelar nas novas construções as características presentes dos vilarejos. Um dos encantos da cidade de águas era o acesso à vida moderna sem abrir mão do rústico (ROUILLARD, 1984, p.159-160). Assim, paralelamente às construções ecléticas de orientação historicista ou modernizante, surgiam também nas estâncias, especialmente na arquitetura residencial, construções que traziam o caráter das casas do camponês que vivia próximo às fontes ou do pescador que habitava junto ao mar. Não se tratava, contudo, de reproduzir tais construções segundo seus modelos originais. Ao contrário, “com os mesmos materiais, os mesmos perfis, ele [o arquiteto] deveria mostrar a diferença, o trabalho do técnico [...] e do artista, com a criação de figuras inéditas” (ROUILLARD, 1984, p. 233, tradução da mestranda).



67. Trouville
conjunto de residências
com estilos variados



71. Projeto para *villa* em Houlgate



72. Residência em
Deauville, França

A difusão desse tipo de construção também se deu a partir do processo de revalorização da natureza e do campo (processo esse que, como já vimos, também pode explicar o fenômeno de reabilitação dos balneários no século XIX). As expressões artísticas dessa corrente pitoresca, como a pintura ou a literatura, trazem sempre alusões a elementos naturais - vegetação nativa, cursos d'água, etc. - ou campestres, como pastagens e animais domésticos.

O 'pitoresco' se exprime em tonalidades quentes e luminosas, com toques vivazes que põem em relevo a irregularidade ou o caráter das coisas. O repertório é o mais variado possível: árvores, troncos caídos, manchas de grama e poças de água, nuvens no céu e choupanas de camponeses, animais no pasto, pequenas figuras.(...) Sempre exata a referência ao lugar, quase seguindo o gosto pelo 'turismo' que vinha se difundindo. (ARGAN, 1992, p. 18).

Na arquitetura, o pitoresco encontrou reflexos no gosto pelas construções tradicionais e pela arquitetura rural: a villa, a casa unifamiliar fora da cidade, a residência no campo, o chalé, o cottage ou o bangalô. Vale lembrar novamente que essa estética esteve estritamente vinculada ao movimento Arts & Crafts inglês, que valorizava a arquitetura vernacular e tradicional, com sua rusticidade, suas cores³⁴ e seu aspecto "envelhecido". Tal movimento artístico contribuía para o resgate desse grupo de construções modestas e de suas características, que já eram tão familiares ao homem, e, portanto, universais (PINHEIRO; D'AGOSTINO, 2004, p. 123).

Embora o sucesso dessa linguagem nas cidades de águas possa ser explicado pelo movimento de revalorização da arquitetura tradicional e vernacular, também é necessário observar que o uso desses materiais "rústicos", como madeira, pedra e tijolos, se dava por questões técnicas e econômicas. A madeira, por exemplo, mostrava-se ideal para construções leves, muitas vezes de caráter temporário ou sazonal, bastante recorrentes nos balneários. Ao contrário das obras perenes, esse tipo de edifício também não requeria o emprego de elementos, materiais ou acabamentos sofisticados. Utilizavam-se aqui os componentes mais comuns e baratos, que eram freqüentemente aplicados sem revestimentos, permanecendo aparentes nas fachadas. Um outro fator que contribuiu para o largo uso desses materiais foi a redução do tempo gasto na obra: assim como a estrutura metálica, o sistema construtivo empregando peças de madeira também possibilitava uma construção rápida (ROUILLARD, 1984, 232-237). Essa preocupação com a técnica, com o caráter construtivo; a aproximação entre os conceitos de arquitetura e de construção (ou de engenharia) pode ser entendido como uma aproximação entre as obras do pitoresco e a arquitetura moderna que se desenvolveria no século XX (HITCHCOCK, 1993, p. 95).

³⁴ A introdução da cor e a exposição dos materiais brutos, em oposição à arquitetura branca e polida da vertente classicista, também podem ser entendidas como aspectos desse processo de "inovação" e de "modernização" na arquitetura. (ROUILLARD, 1984, p. 223).



73. James Malton - modelos de habitações publicadas em *Essays on British Cottage Architecture*, 1798



1. "A Cottage Villa in the English Mode." Design v.
from Downing's *Cottage Residences*.

74. Downing - projeto de *villa*

É preciso também se ter em mente que o pitoresco, de acordo com o próprio John Ruskin, não é um estilo em si. A acepção do termo “pitoresco” e sua estética são aplicáveis a construções com estilos, tipos e referenciais formais bastante diversos, como uma espécie de “beleza aderente” (PINHEIRO; D’AGOSTINO, 2004, p. 123). A valorização do pitoresco na arquitetura e na arte relaciona-se assim aos anseios burgueses pela variedade já mencionados aqui.

O sucesso dos estilos incluídos nesse conjunto podia ser observado na difusão desse tipo de arquitetura em muitas estâncias européias e americanas. O pitoresco esteve presente em balneários termais e marítimos de países como a Inglaterra, a França, a Espanha, a Alemanha e a Itália. Na América, um bom exemplo do sucesso desses estilos de origem européia é a cidade Argentina de Mar del Plata (CRESPO; COVA, 1982). Contudo, a arquitetura do pitoresco também esteve presente em outros tipos de cidades, especialmente nas construções habitacionais e, conseqüentemente, nos bairros e subúrbios residenciais.

DO SUBÚRBIO AO BALNEÁRIO: A ARQUITETURA DO PITORESCO E AS ESTÂNCIAS BRASILEIRAS

No Brasil, essa associação entre os estilos pitorescos e a arquitetura habitacional também foi recorrente. Porém, as primeiras referências à presença desses estilos no país estão relacionadas também a outros tipos de construção³⁵. Uma das primeiras manifestações do pitoresco no Brasil foi o projeto do botânico francês Auguste Glaziou para a reforma do Passeio Público do Rio de Janeiro, em 1861. O plano de Glaziou era constituído por novos jardins, com traçado “à inglesa” e algumas construções em diversos estilos. Entre elas, estava um chalé suíço, que servia de residência para o próprio Glaziou, então diretor do parque.

Ainda no século XIX, várias construções no estilo do chalé suíço espalharam-se pela cidade do Rio. O termo “chalet” designava também pequenas estruturas de função comercial, semelhantes ao que chamamos atualmente de quiosques, presentes na capital fluminense naquela época. O emprego desse estilo em residências se deu com mais força nos anos de 1880, especialmente nos subúrbios. Essas construções eram caracterizadas por ornamentos em madeira, cortados com serra de fita, resultando em motivos seriados que variavam de uma casa para outra. Tal ornamentação dava ao chalé uma aparência “moderna”, de arquitetura standardizada, industrializada³⁶. Porém, tais elementos eram produzidos com técnicas tradicionais (BRENNNA, 1987 in FABRIS, 1987 p. 37).

³⁵ Ver LEMOS, 1989; REIS FILHO, 1995; SANTOS, 1977.

³⁶ É possível relacionar essas construções com as galerias das estâncias européias.



75. Chalé na Rua Aprazível, Santa Tereza, Rio de Janeiro

A arquitetura dos chalés não se deteve apenas no Rio de Janeiro. É possível encontrar exemplares dessa arquitetura em várias cidades brasileiras, em diferentes regiões. Esses chalés suíços foram construídos tanto em balneários e arrabaldes do Nordeste (há referências dessas construções em Recife e Olinda) quanto em regiões serranas do Sudeste³⁷.

A presença dessa arquitetura em todo o país é um dos sinais de que o gosto pela cultura européia já havia se estabelecido fortemente no Brasil no século XIX, intensificando-se após a chegada da família real portuguesa, em 1818. Como pudemos observar no capítulo 1, já a partir da segunda metade desse mesmo século, crescia a frequência das viagens à Europa feitas por membros da aristocracia e da emergente burguesia brasileira, possibilitando a observação direta do padrão de vida europeu e sua importação para o Brasil.

Com a riqueza de produção cafeeira, os empreendimentos urbanos que a ela se seguiram e mais as facilidades de importação, a elite preocupou-se, sobretudo, em aprimorar a qualidade de vida, o que significava adotar hábitos europeus.[...]

Assim se comportavam os elementos mais ativos de nossa elite. Os que não se ‘europeizavam’ a esse grau e não iam anualmente tomar seu ‘banho de cultura’ na Europa eram chamados por aqueles de caipiras, o que é compreensível numa cidade [São Paulo] que se esforçava para se tornar européia em tudo, desde as casas até o traçado das avenidas, das praças e jardins públicos, na arborização com espécies importadas e no esquecimento da velha taipa, posta abaixo pelos imigrantes europeus que se encarregariam de reconstruir uma nova cidade, de tijolos. (PIRES, 2001, 197-8).

³⁷ Sobre o assunto, ver FABRIS, 1987.

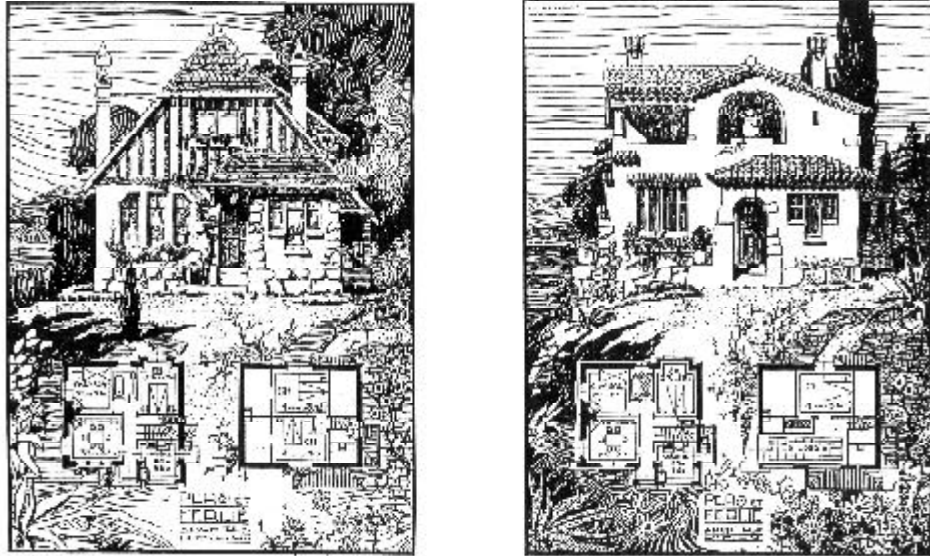
Com relação à arquitetura, as classes abastadas do Brasil incorporaram a produção eclética vigente na Europa, incluindo-se aqui os estilos pitorescos. Já no século XX, o estabelecimento desses tipos arquitetônicos ganhou força no país, com a construção de bairros residenciais elaborados de acordo com as propostas da cidade-jardim. Exemplos da arquitetura pitoresca desse período são os projetos elaborados por Barry Parker no Jardim América em São Paulo.³⁸ Algumas características do pitoresco podem ser vistas em outros projetos para o mesmo bairro e para outros núcleos residenciais construídos não só em São Paulo, mas também em outras cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Contudo, esse novo conjunto de obras em estilo pitoresco possui características relativamente diferenciadas em relação ao da virada do século XIX para o XX. Os ornamentos rendilhados e as composições leves dão lugar a detalhes rústicos e a volumes mais maciços. Essa segunda leva de construções de vertente pitoresca esteve ligada a um movimento em curso na Europa pela revalorização das construções autóctones, principalmente após a Primeira Guerra (VIGATO, 1994, p. 139-140; CALABI, 1982 p. 79-82), com o surgimento de um debate a respeito da reconstrução das cidades devastadas em países como Inglaterra e França. Tais estilos regionalistas serviram de fontes de alguns dos estilos pitorescos aplicados no Brasil. Nesse mesmo período, havia também uma busca pela afirmação de um caráter regional em países governados por regimes totalitários em ascensão, como a Itália e a Alemanha³⁹. Assim, essas tendências nacionalistas deram origem a um novo movimento de resgate das tradições e das culturas locais. Na França, essa reconstrução, nos anos 20 e 30, se fez de acordo com os ideais desses movimentos, com o resgate de elementos construtivos vernaculares, regionais, em oposição à arquitetura do International Style (VIGATO, 1994, p. 146-147).

Assim como nas residências de veraneio construídas nos balneários no século XIX, essas novas composições incorporavam o modo de vida moderno, com suas facilidades e novos equipamentos, embora os projetos tivessem orientação passadista. Através dessas obras pode-se perceber que os estilos pitorescos eram comumente usados apenas como tratamento externo dos projetos. Chegou-se a apresentar, na revista francesa *Maisons pour Tous*, duas propostas de fachada para a mesma planta. Esse aspecto superficial da arquitetura regionalista francesa foi um dos principais alvos das críticas do Movimento Moderno a essa nova tendência revivalista. Porém, os estilos regionais ou autóctones europeus não ficaram contidos em seus países de origem, sendo amplamente difundidos e aplicados em outros locais, inclusive no Brasil.

³⁸ Sobre o assunto, consultar ANDRADE, 1998 e WOLFF, 2001.

³⁹ Ver LANE, 1985.



76. Propostas de Jean Pers e Jean Fertilé para a fachada de uma mesma residência, publicadas em *Maisons pour tous*



77. Propostas para a fachada de uma mesma residência, publicadas em *A Casa* (1933).

Sugestões como a apresentada na *Maisons pour Tous* apareciam esporadicamente também em publicações nacionais. Um volume da revista carioca *A Casa* apresenta duas composições de fachadas (uma pitoresca e outra “moderna”) para o mesmo projeto residencial. De acordo com o artigo, planta e fachada constituíam entidades independentes em um projeto:

Na fachada entra o gosto, a esthetica, a preocupação do bello, a coisa objectiva; na planta entra a technica, a sciencia, a necessidade do conforto em relação ao meio ambiente. Depois de estudada a planta, com lógica, com sciencia, com technica, faça-se a fachada. Gosta-se com rendas, faz-se rendilhada; gosta-se sóbria, faz-se com sobriedade; gosta-se com espalhafato, faz-se espalhafatosa. (MODERNO E PITTORESCO, 1933, p. 6).

Ou seja, também no Brasil se difundiu a idéia de afastamento entre o projeto arquitetônico, o conjunto de soluções funcionais e construtivas dos aspectos formais externos do edifício, não só na arquitetura do pitoresco, mas nos diversos estilos aplicados às obras realizadas e projetadas no país nas primeiras décadas do século XX. O trecho d'*A Casa* também aponta para a grande liberdade estilística em voga no país naquele período.

Essa diversidade estilística recebeu críticas por parte das correntes defensoras do movimento moderno também no Brasil:

[...] Por infelicidade, com a vinda de arquitetos belgas, suecos, austríacos, alemães, italianos, francezes e lusitanos, os vários estylos importados com esses artistas dão a São Paulo esse aspecto de exposição internacional, peculiar a todas as grandes cidades da América e a bairros novos das cidades européias. [...] Hoje o grego, o renascença de todas as épocas, o gothico, o manuelino, o arranha-céu e o bungalow [...] enfim um sem numero de estylos ostentam as suas linhas curvas, rectas, quebradas, retorcidas, numa promiscuidade de gostos e de gestos. (MARIO DE ANDRADE, 1921, apud PINHEIRO, 1997, p. 234-5).

Nesse artigo de Mário de Andrade, pode-se observar a diversidade de estilos estrangeiros (não só do pitoresco) presentes no Brasil nas primeiras décadas do século XX. É possível perceber a dura crítica do escritor a sua profusão na São Paulo dos anos 20. A referência ao “bungalow”, modelo residencial avarandado, recorrentemente ligado à habitação rural, demonstra a presença significativa dos estilos pitorescos na arquitetura paulistana nessa década. Por outro lado, mais adiante, seu artigo traz um tom elogioso a respeito do neocolonial, considerado aqui como uma possível resposta à busca por um estilo nacional:

Mas o que há de glorioso para nós é o novo estylo néo-colonial, que com um grupo de architectos nacionaes e portuguezes, com o Sr. Ricardo Severo à frente, procura lançar.[...] Não me consta que já tenha havido no Brasil uma tentativa de nacionalizar a architectura, estylizando e aproveitando os motivos que nos apresenta o nosso pequeno passado artistico, e formando construções mais adaptadas ao meio. [...] Si o publico, bastante educado, ajudar a interessante iniciativa, teremos ao menos para a edificação particular (e é o que importa) um estylo nosso, bem mais grato ao nosso olhar, hereditariamente saudoso de linhas anciãs e proprio ao nosso clima e ao nosso passado. São Paulo será a fonte dum estylo brasileiro. Estou convencido que não, mas creio firme e gostosamente que sim. (ANDRADE, 1921, apud PINHEIRO, 1997, p. 234-5).

O neocolonial aparece aqui como peça chave do debate nacional /

internacional. Por um lado, trata-se de um estilo que buscava recuperar os valores de uma arquitetura que teria incorporado valores nacionais, brasileiros, apesar de sua origem portuguesa. Nesse momento, Mário de Andrade e outros personagens relevantes na história da arte e da arquitetura no Brasil, como Lúcio Costa, viam no neocolonial a resposta para a busca de uma “tradição nossa, local, nacional, através da qual – e só através da qual – nos tornaremos universais” (PINHEIRO; D’AGOSTINO, 2004, p. 127) e modernos⁴⁰. Por outro lado, o neocolonial também poderia ser entendido como o correspondente brasileiro (ou português) dos estilos pitorescos, constituindo-se, portanto, como mais um entre tantos outros estilos internacionais que povoavam as construções do início do século XX. Essa aproximação entre o neocolonial e os demais estilos pitorescos está inclusive no próprio resgate do autóctone e do tradicional⁴¹.

O trecho do artigo de Mário de Andrade também aponta um dos meios de difusão dos estilos pitorescos no Brasil. Embora Andrade cite apenas a atuação dos arquitetos estrangeiros como forma de introdução do ecletismo no país, convém esclarecer que tais estilos, inclusive o grupo dos pitorescos, entraram no país por diversas vias. A participação direta de profissionais de outros países é apenas uma delas.

Ao nos determos nos estilos pitorescos, descobriremos que, de fato, a introdução dessa estética se deu, inicialmente, através de projetos elaborados por estrangeiros. Contudo, outros canais adquiriram paulatinamente um espaço maior na difusão dessa corrente arquitetônica. Merece destaque a grande quantidade de publicações européias referentes a esse tipo de arquitetura que chegou ao Brasil no início do século XX. Esses livros e periódicos tiveram grande importância como forma de divulgação da arquitetura européia entre os arquitetos brasileiros e no estabelecimento do gosto por esses estilos dentro das elites brasileiras, que constituíam sua clientela predominante nas décadas de 20 e 30. Na Biblioteca Central de Escola Politécnica da Universidade de São Paulo é possível encontrar a coleção quase completa da revista *The Craftsman*, editada por Gustav Stickley nos EUA, que era assinada pelo arquiteto Ramos de Azevedo.

Dentro desse grupo de publicações, destaca-se uma série de livros que veiculavam modelos de construções, semelhantes aos *pattern books* publicados na Europa e nos Estados Unidos no século XIX. Tais obras continham plantas, fachadas e/ou perspectivas de projetos residenciais e alguns textos curtos. Confeccionados com o padrão de álbum, esses livros eram preparados de forma que o leitor pudesse construir sua casa exatamente como o modelo mostrado no exemplar⁴². Alguns

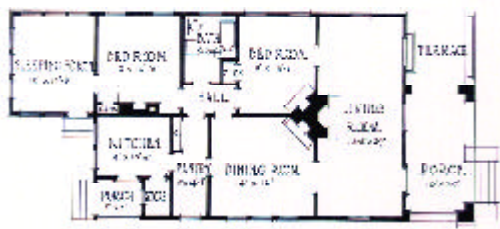
⁴⁰ Vale lembrar que o neocolonial entrou na exposição da Semana de 22, através de dois projetos do arquiteto polonês Georg Przyrembel, como proposta moderna para a arquitetura do país.

⁴¹ É possível notar no pensamento de alguns dos defensores do neocolonial, como Ricardo Severo, José Marianno Filho e o próprio Lúcio Costa, alguns paralelos com as concepções de Ruskin no tocante à revalorização da arquitetura vernacular (PINHEIRO; D’AGOSTINO, 2004, p. 124).

⁴² Em um dos livros encontrados, o autor, Jose Luis Moia, arquiteto de Buenos Aires, esclarece: “nuestra intención no es la de hacer solo una colección de proyectos, sino la de brindar una información completa, de manera que no reste nada más que copiar los planos em escala [...]”. (1949, p. 7).



PLANT No. 718

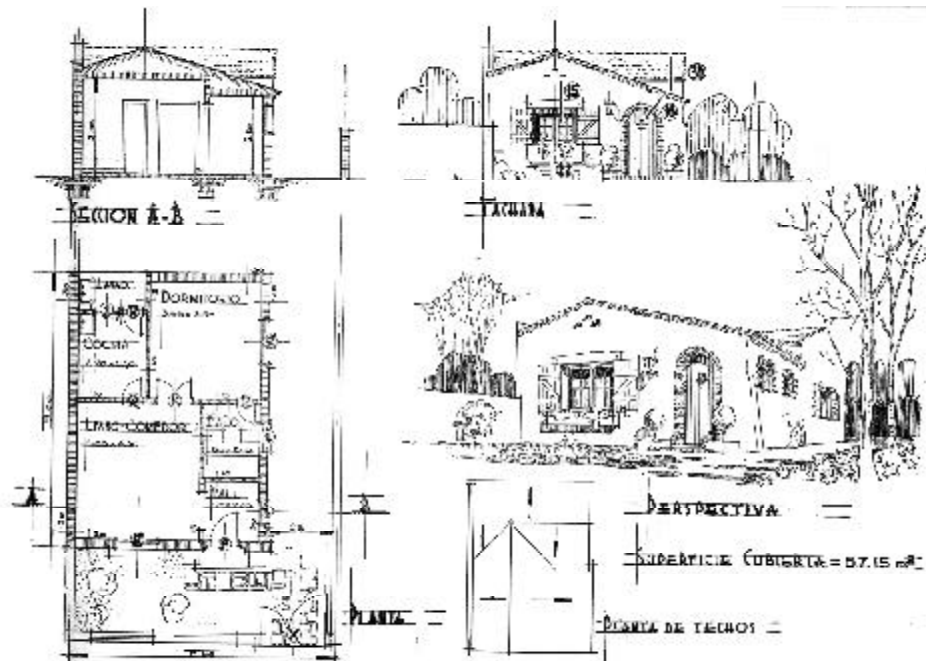
78. Scroggs e Ewing
Homes of distinction
(1929)

deles traziam também explicações a respeito das técnicas de construção e dos detalhamentos, contendo mais desenhos técnicos além das plantas e fachadas.

Algumas dessas publicações estavam vinculadas à já mencionada tendência regionalista que se difundiu na Europa após a Primeira Guerra. Esse movimento ganhou força na Europa através da publicação de revistas e manuais que traziam desenhos de obras construídas em diversos estilos, como o bretão, o normando, o basco, o flamengo e o suíço. Essas publicações não tardaram a chegar no Brasil e foram bastante populares por aqui.

Também após a Primeira Guerra, cresceu a influência da cultura norte-americana entre nós, introduzindo também o interesse por publicações desse tipo produzidas nos Estados Unidos. Ainda nas primeiras décadas do século XX, chegaram ao país algumas edições argentinas, produzidas nos mesmos moldes das americanas e das européias. Ainda nesse período, algumas dessas obras começaram a ser editadas também no Brasil.

Um outro sub-grupo desse conjunto de publicações era composto por revistas e seriados produzidos em vários países. Diversos títulos chegaram ao Brasil na primeira metade do século XX, trazendo as tendências européias e americanas. Entre elas, podemos citar a *Architectural Forum*, a *House Beautiful*, a *American Builder*, a *Architecture and Building* e a *Art et Décorations*, e *Vie à la Campagne*, algumas das



79. Moia - *Projectos completos para 50 vivendas* (1949)

quais estão em publicação ainda hoje. Alguns projetos com fachadas pitorescas também foram publicados nas décadas de 30 e 40 em algumas revistas brasileiras, como a *Acrópole*, a *Revista Politécnica*, a *Architectura e Construções* e a *Architectura no Brasil*⁴³, além da já citada *A Casa*.

Ao longo da primeira metade do século XX, alguns arquitetos brasileiros, formados no país, ou radicados no Brasil, começaram a produzir projetos em estilo pitoresco, freqüentemente publicados nas revistas brasileiras citadas acima. Dentro desse grupo de profissionais, podemos destacar os nomes de Heitor de Mello, Ângelo Bruhns, Alfredo Ernesto Becker, Francisco Beck, Sylvio Jaguaribe Ekman, Eduardo Kneese de Mello e as sociedades Moya⁴⁴ & Malfatti e Bratke & Botti. Alguns desses arquitetos aderiram, mais tarde, ao movimento moderno, como Oswaldo Bratke, Beck e Kneese de Mello. Esse grupo de arquitetos - alguns ainda no início de sua trajetória profissional - produziu obras em diversos estilos, do neocolonial ao moderno, passando pelo art-déco e pelos pitorescos. Também era comum encontrar elementos de vários estilos mesclados em uma só obra. Essa mistura de estilos acontecia não só entre aqueles de caráter pitoresco, mas em toda a arquitetura eclética, respondendo a diversos programas arquitetônicos.

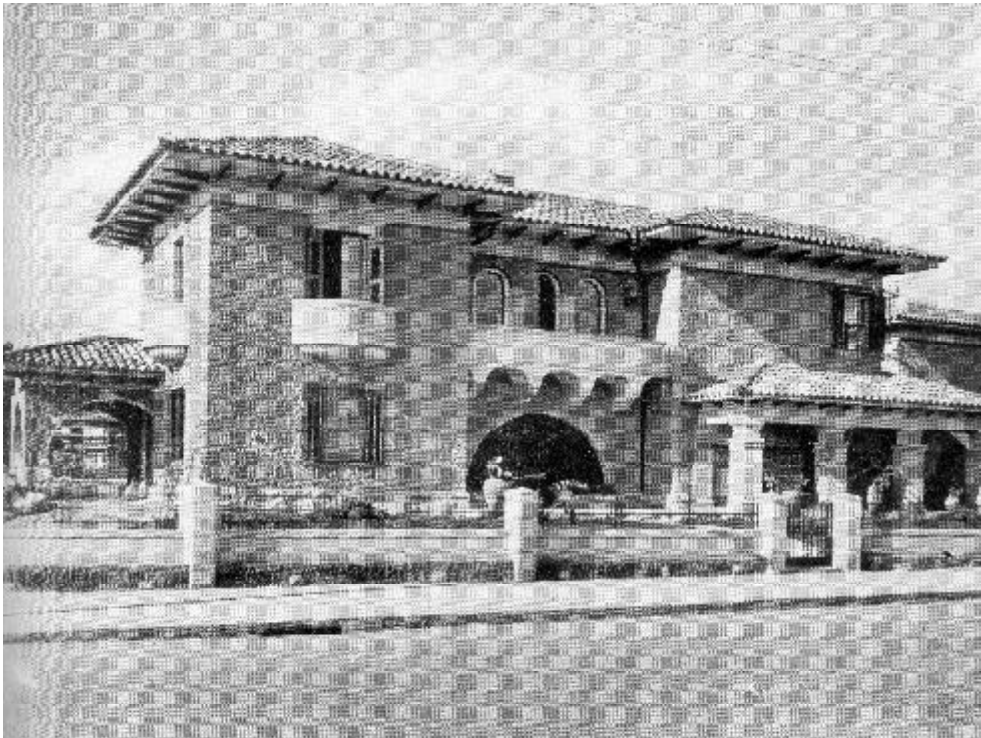
Esse grupo de arquitetos brasileiros contribuiu para o estabelecimento e a continuidade da produção de obras nos estilos pitorescos em todo o Brasil, especialmente nas décadas de 30 e 40. Nesse período, construções no estilo do “chalé”,

⁴³ Ver PINHEIRO, 1989 e 1997.

⁴⁴ Antonio Garcia Moya, sócio de Guilherme Malfatti, participou, ao lado de Przyrembel, da exposição de arquitetura da Semana de 22, na qual apresentou projetos filiados ao Art Déco.



80. Bratke e Botti
residência no Jardim América
(1929)



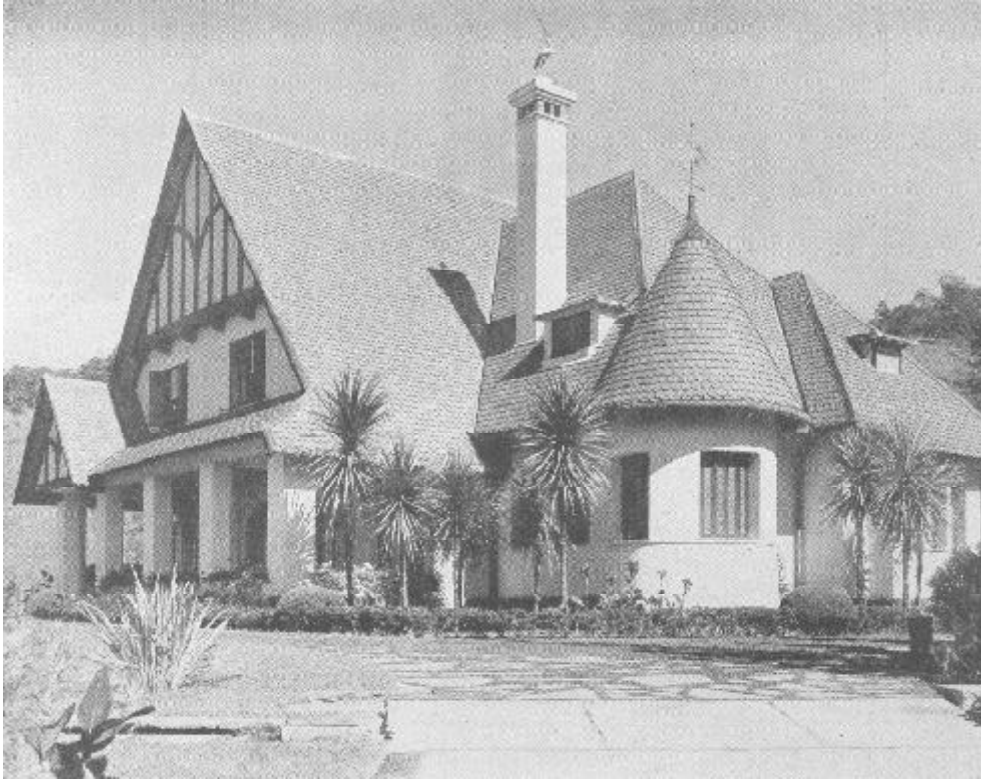
81. Kneese de Mello - residência na Avenida Brasil



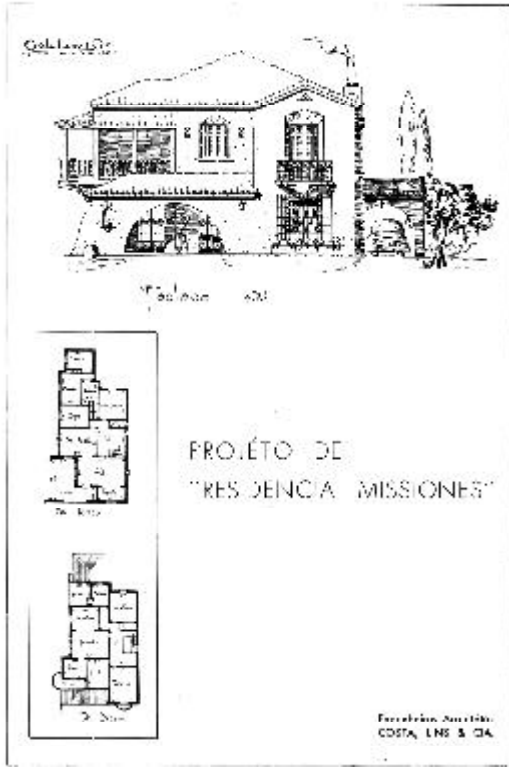
82. Becker - Chácara Bussucaba

por exemplo, podem ser vistas novamente no país, no estado de São Paulo, especialmente na capital e em algumas estâncias climáticas, como Campos do Jordão. Há também referências de exemplos dessa arquitetura em Belo Horizonte e em algumas cidades da região serrana do Rio, como Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo. Porém, como já mencionado, essas novas obras tinham um aspecto bastante diferenciado em relação àquelas construídas no Brasil durante o XIX. A única semelhança conservada foi a empena do oitão voltada para a rua. Ainda assim, algumas características nos permitem reunir tais projetos em um grupo: “a extrema declividade dos telhados, em telhas planas variadas (francesas, imitação de ardósia, etc.), de beirais curtos; a simulação, no reboco de revestimento das alvenarias, de membros estruturais de madeira; e a utilização de um ou outro elemento da arquitetura medieval, como as populares *bow-windows*, arcos apontados na portas, etc.” (PINHEIRO, 1997, p. 86).

Essas características também se aplicavam, com algumas variações, aos projetos inspirados nos estilos tudor e normando, também presentes na arquitetura residencial desse período. O primeiro pode ser definido como um padrão estilístico derivado do gótico inglês vigente naquele país durante o reinado dos Tudores (1485-1603). O normando “seria a denominação portuguesa das construções em madeira do norte da França” (PINHEIRO, 1997, p. 85). Essa onda de construções em estilos derivados



83. Granja Brasil



84. Projeto para residência no estilo Missões



85. Residência Octávio Santos

da arquitetura vernacular européia também recebeu contribuições de referências norte-americanas. A arquitetura residencial daquele país, especialmente o modelo do bangalô, herdou muitas das características da arquitetura de tradição inglesa. O crescimento da influência da cultura dos Estados Unidos e do “american way of life” no entre-guerras, terminou se constituindo como um dos vetores de introdução da tradição arquitetônica da metrópole européia. Mais adiante, essa influência ainda contribuiria para a difusão no Brasil de um conjunto de referências estilísticas próprio da colônia americana: o estilo missões.

Esse estilo também esteve ligado ao grupo dos pitorescos, à primeira vista relacionado com a discussão a respeito das raízes construtivas da América Ibero-portuguesa. O missões (*Mission Style*), também chamado de mexicano ou californiano, teve “origens nos EUA, a partir da idealização da arquitetura das chamadas ‘Missões’ - mistos de estabelecimentos religiosos e militares fundados pelos espanhóis no território que, após a guerra Hispano-americana de 1846-48, viria a fazer parte dos Estados Unidos, como estado da Califórnia” (PINHEIRO, 1997, p. 79). Assim como o neocolonial no Brasil, o Missões foi muitas vezes identificado como uma arquitetura ligada às referências construtivas locais nativas do México e do sul dos Estados Unidos. Por isso, esse estilo foi recorrentemente considerado como o padrão estilístico estético autenticamente americano, ainda que muito pouco da arquitetura construída pelos nativos norte-americanos e pelos povos hispânicos na Califórnia havia sobrado na época da ocupação dessa região pelos norte-americanos (TORRES in AMARAL, 1994, p. 48-49).

Todavia, essa arquitetura popularizada na Califórnia e na Flórida serviu de modelo para um grande número de projetos, em sua maioria residenciais, no Brasil da década de 30 e 40. Contando com contribuições do cinema de Hollywood (já bastante popular por aqui) e das revistas produzidas nos Estados Unidos, a referência à cultura norte-americana encontrava-se até mesmo na utilização de termos em inglês para designar algumas partes da casa, como *hall* (que permanece até hoje), *porch*, e *living-room*. As características desse estilo – como grandes aberturas em arco pleno ou arcadas, pérgolas (geralmente em madeira), rebocos rústicos e elementos em ferro fundido, como gradis, guarda-corpos ou ornamentos nas paredes externas, são comumente notadas em casas construídas em inúmeras cidades brasileiras. Essa grande quantidade de obras em estilo Missões espalhadas pelo país demonstra o sucesso que esse padrão norte-americano fez no Brasil.

Embora a arquitetura dos estilos pitorescos tenha chegado também aos centros urbanos, geralmente aplicada a construções em setores residenciais, como os Jardins em São Paulo e diversos bairros cariocas - Urca, Laranjeiras, Vila Isabel, Tijuca, Grajaú, Gávea e Jardim Botânico, entre outros⁴⁵ - a associação da arquitetura pitoresca às construções de uso temporário e esporádico e às casas de campo, veraneio ou fim-de-semana (PINHEIRO, 1997, p. 85) se manteve⁴⁶.

Desde o século XIX até a década de 40, vários projetos empregando os estilos pitorescos foram construídos em estâncias climáticas e de cura no Brasil, como casas particulares de veraneio e hotéis. Um outro fator que contribuiu para a incorporação desse modelo à arquitetura dessas cidades foi a associação feita entre as características marcadamente européias desses estilos e o clima ameno de tais localidades. Além disso, a maioria dessas cidades proporciona aos visitantes uma paisagem bucólica, com vistas para regiões montanhosas, preservando grandes áreas verdes além de cursos ou quedas d'água de fácil acesso ao turista. Assim, o pitoresco tornou-se o padrão arquitetônico de várias estâncias brasileiras.

Muitos exemplares dessa arquitetura foram construídos principalmente na primeira metade do século XX tanto nas estâncias climáticas, cidades de clima frio, quanto nas estâncias hidrominerais nos estados de São Paulo e Minas Gerais. Como já se pôde observar, na primeira metade do século XX a atividade turística gerou intervenções relevantes em estâncias balneária nesses estados, visando criar ou aprimorar as instalações das termas e das fontes e melhorar a estrutura hoteleira nessas cidades.

Ainda no final do século XIX as estâncias brasileiras começaram a receber investimentos para o aprimoramento das instalações termais. Observa-se que estas

⁴⁵ Sobre o pitoresco na moradia carioca, consultar GEOFFROY, 2004.

⁴⁶ Vale lembrar que alguns desses bairros foram originalmente concebidos como arrabaldes e. Mesmo nos casos das propostas inseridas nas cidades, havia uma aproximação com o subúrbio em suas concepções formais e paisagísticas.



86. Caxambu
Casa de Banhos



86. Caxambu - Casa de Banhos (detalhe)

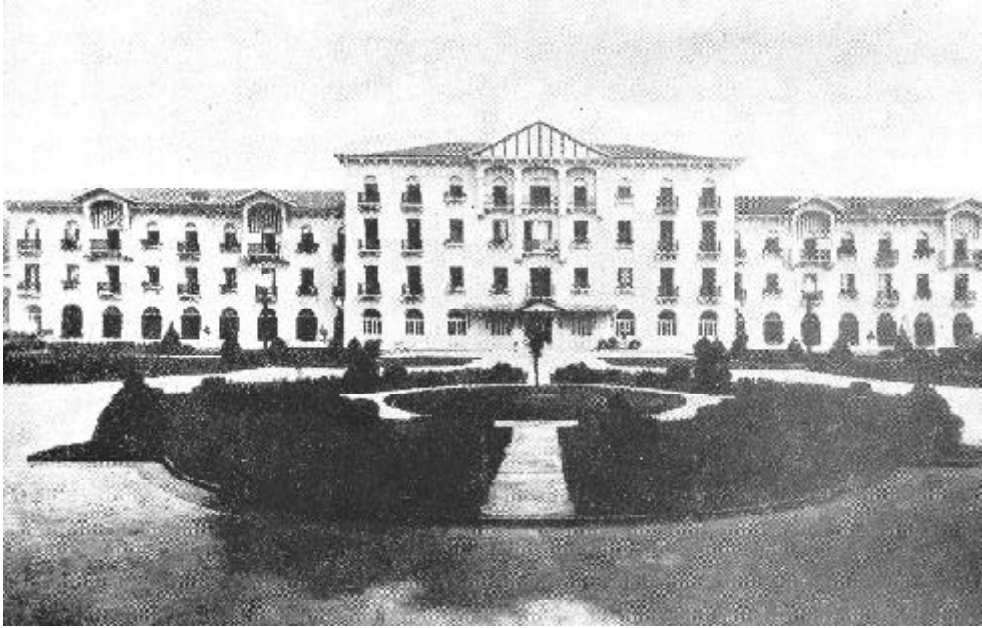


87. Caxambu - fonte

primeiras propostas arquitetônicas dirigidas aos estabelecimentos hidrotermais possuíam relações estreitas com os modelos europeus do século XIX. A casa de banhos da cidade mineira de Caxambu foi construída de acordo com uma proposta eclética, incorporando tanto elementos da tradição clássica – a volumetria regular e simétrica, colunas (dispostas em duplas, à maneira de Serlio e Paládio), frisas, frontões sobre as janelas – quanto das “inovações técnicas”, representadas principalmente pela cobertura metálica e o relógio que se sobressaem na porção central do edifício. O uso do metal se repete em diversos dos pavilhões das fontes de Caxambu, construídos de acordo com a linguagem característica das obras da *Belle Époque*, presente também em fontanários de várias estâncias européias, como Vichy, e nos quiosques de Glaziou no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Contudo, o modelo para o significativo conjunto de empreendimentos realizados nas estâncias brasileiras no século XX parece ter sido a cidade de Poços de Caldas, localizada no Sul de Minas Gerais. Já na década de 20, a cidade contava com um hotel com capacidade de hospedar 600 pessoas, o Palace, projeto de Eduardo Vasconcellos Pederneiras, em estilo basco, construído entre 1925 e 1930. Nesse mesmo período, foi feito também o Palace Cassino, de estilo semelhante ao do hotel, e o prédio das Termas, com composição clássica e diversos elementos da arquitetura, romana (inclusive a janela termal).

Embora esses investimentos tenham sido feitos apenas na década de 20, Poços de Caldas também já era uma estância conhecida no país desde o século XIX e possuía alguns chalés semelhantes aos do Rio de Janeiro construídos no final desse



88. Poços de Caldas - Palace Hotel



89. Poços de Caldas
Termas Antônio Carlos



89. Poços de Caldas
Hotel da Empresa

mesmo século. Vários membros da aristocracia cafeeira tinham em Poços de Caldas suas casas de veraneio.

No decênio de 1880 surgiram os chalés, tão adequados ao cenário da montanha, que deram o tom da arquitetura local por muito tempo, enchendo de encanto alpino as encostas e o vale. Eles foram devidos a um arquiteto tirolês, Panzini, que traçou neste estilo as primeiras Termas, o primeiro hotel mais ou menos confortável (o Hotel da Empresa), casas para vilegiatura, como as do Conde do Pinhal, dos Barões de Miranda e de Itacuruçá, além dos lindos “chalés Procópio”, das famílias Azevedo e Oliveira, fazendeiros na vizinha São João da Boa Vista. Ao final do século, contrastando com a leveza dessas estruturas, implantaram-se casarões compactos e pesados, como os de Martinho Prado Júnior (Martinico) e do Conde Prates; em seguida, os da “Rainha do Café”, Dona Iria Junqueira, e outros grandes fazendeiros. (CANDIDO in RIO, 1992, p. X).

Essas casas, de modo geral, assemelhavam-se àquelas construídas no Rio de Janeiro nesse mesmo período. Na casa do Barão de Itacuruçá, construída em 1877, é possível notar algumas características do estilo “chalé Suíço”, como a cobertura em duas águas com empena voltada para a rua, os lambrequins contornando o telhado e a varanda em ferro fundido, que cercava toda a casa. Nesse projeto de Panzini, é possível notar também alguns detalhes em madeira ornamentando o oitão da fachada frontal.

Além dela, outros projetos de Giovanni Baptista Panzini podem ser encontrados em Poços ainda hoje, como a residência do Barão de Miranda, de 1890; ou o chalé que abriga hoje o Instituto Moreira Salles, construído em 1894 para a família de Cristiano Osório de Oliveira. O edifício possui os mesmos elementos presentes nas obras já citadas. Aqui, porém, o arquiteto criou dois volumes que se interceptam no piso superior. As mesmas soluções e características podem ser vistas no chalé Coronel Procópio, construído na mesma época do Cristiano Osório.

Os elementos ornamentais presentes nos projetos de Panzini caracterizavam não só o estilo do “chalé”, mas das construções residenciais do Tirol, na Áustria, terra natal do arquiteto (JUNQUEIRA, 1999, p. 102). É interessante observar que ornamentos bastante semelhantes foram aplicados também em residências nos Estados Unidos, por volta de 1870. Há ainda na cidade um outro chalé, construído em 1887. Não foi possível, porém, precisar a autoria do projeto. Nessa construção, é possível notar uma semelhança com a descrição da residência de Glaziou no Passeio Público do Rio de Janeiro (BRENNNA, in FABRIS, 1987, p.33), no uso de tijolos à vista além da ornamentação em madeira recortada que decora os beirais.

Já no século XX, com o crescimento do turismo e a construção do Palace



91. Panzini - Chalé Cristiano Osório (1890)
(fotografia de 2002)



92. Panzini
Casa do Barão de Itacuruçá
(1877)
(fotografia de 2002)



93. Panzini
Casa do Barão de Miranda
(1890)
(fotografia de 2002)

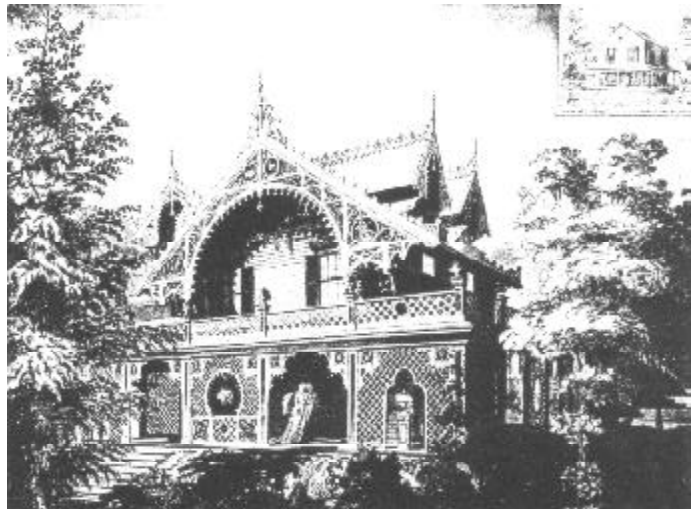
94. Chalé (1887)
(fotografia de 2002)



95. Panzini
Chalé Procópio
(1890)
(fotografia de 2002)



96. Putnam e Tilden
cottage em Nahant,
Massachussets
(1872)



Hotel, do Palace Cassino e das Termas a partir da década de 20, a cidade ganhou novas construções em estilo pitoresco. O chalé suíço (ou tirolês) foi despojado dos elementos que o caracterizaram no Brasil no final do século XIX e ganhou um novo aspecto, semelhante ao das residências paulistas construídas nessa época. Entre essas obras, podemos destacar a residência de Pedro Severino Netto, projeto de João Scharinger, de 1945. A grande declividade da cobertura, com telhas imitando placas de ardósia, e as saliências no reboco simulando um enxaimel aparente, a chaminé e a ornamentação em pedra remetem às características da arquitetura medieval. A composição irregular da planta, com volumes que se cruzam em direções diferentes é uma característica do *cottage* inglês e do bangalô no século XIX. Algumas características se repetem em outras duas residências (construídas uma ao lado da outra), como os revestimentos de pedra e as faixas em relevo.

Um outro projeto que merece destaque é o Aeroporto de Poços de Caldas, construído em 1936, com várias características pitorescas ligadas ao estilo missões.



97. Residência
em Poços de Caldas
(fotografia de 2002)



98. Residência
em Poços de Caldas
(fotografia de 2002)



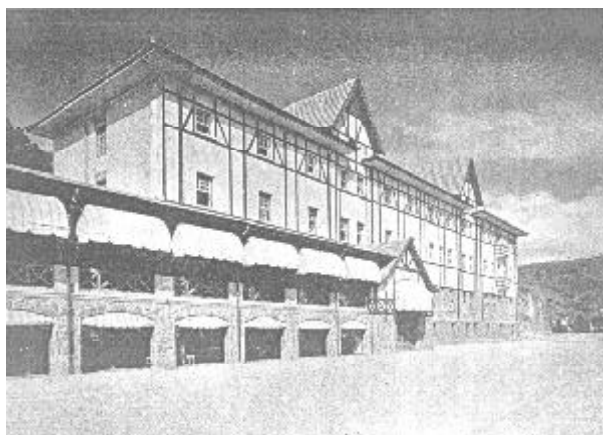
99. Scharinger - Residência Pedro Severino Netto (1945)
(fotografia de 2002)



100. Richter e Lotufo - Aeroporto de Poços de Caldas (1936)
(fotografia de 2002)

Nesse projeto dos engenheiros Richter e Otávio Lotufo, as características do missões aparecem nas janelas de dimensões reduzidas, em arco pleno, nos gradis, nas torres e nos azulejos e vitrais com desenhos de inspiração mexicana.

Além de Poços de Caldas, outras estâncias hidrominerais e climáticas receberam novas construções, muitas vezes ligadas o pitoresco, nas décadas de 1930 e 1940. Dentro do quadro da arquitetura hoteleira no estado de São Paulo, podemos citar o projeto para o Hotel Cassino de Campos do Jordão, de Bratke e Botti, construído nos padrões do chalé suíço. Nesse caso, porém a semelhança com os chalés se reduz ao telhado de duas águas e uma sutil composição com elementos de madeira. No Hotel Toriba, do escritório Severo, Villares & Cia, também em Campos do Jordão, e no Hotel Glória, de Lindemberg & Assumpção, em Lindóia, as características desse estilo são mais visíveis. No estado do Rio, o Hotel-Cassino Quitandinha, em estilo “normando-suíço”, foi construído também nessa época (1941-44) em Petrópolis. Em Minas, apareceram nessa época outros edifícios em estâncias já estabelecidas, como Caxambu e projetos de intervenções mais globais, com a criação de novos conjuntos arquitetônicos, como no caso de Araxá.

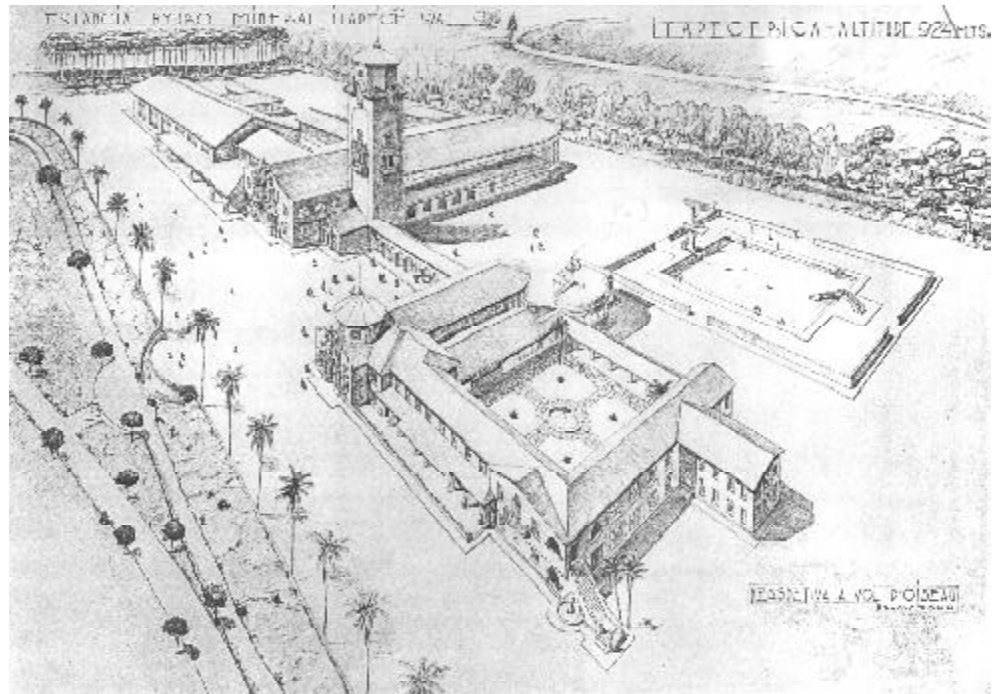
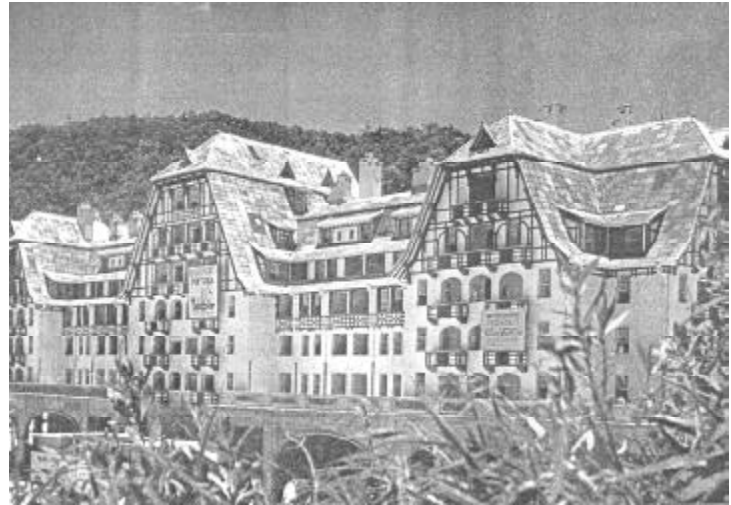


101. Águas de Lindóia
Hotel Glória



102. Águas de Lindóia
Hotel do Lago

103. Petrópolis
Hotel Quitandinha



104. Projeto para a Estância Hidromineral de Itapeçica da Serra

CAPÍTULO 3

AS ÁGUAS DE ARAXÁ

As águas sempre tiveram papel importante na história de Araxá. Embora as fontes araxaenses só começassem a ser usadas com fins medicinais no início do século XX, suas propriedades contribuíram para a formação dos primeiros núcleos fixos de povoamento nessa região do Triângulo Mineiro. Já no século XVIII, tropeiros e criadores de gado encontravam nas águas de Araxá uma rica complementação à alimentação dos animais.

Antes disso, já haviam passado por aquelas bandas grupos de garimpeiros e viajantes, expedições colonizadoras, negros fugidos do cativo e caçadores de escravos; além da população indígena, que habitou soberana no território até meados do século XVIII, sendo posteriormente caçada e dizimada. Um último grupo, os tropeiros, também transitou pelos campos de Araxá, levando gado da então capitania de Goiás e do interior de Minas até o Rio de Janeiro. Esses criadores começaram a estabelecer novamente uma população fixa no local ainda no final do século XVIII. Não tardou para que corresse pela província as notícias da presença de boas pastagens da região e os relatos sobre a água rica em sais minerais que brotava na área conhecida como Barreiro, atraindo para Araxá criadores de vários pontos de Minas Gerais.

Ao longo do século XIX a população de Araxá aumentou consideravelmente e tornou-se cada vez mais autônoma em relação aos municípios vizinhos, com o bom desenvolvimento da atividade pecuária na região. Contudo, somente no início do XX - com a comprovação das propriedades químicas e medicinais das fontes locais e o início da exploração das águas - o núcleo urbano desenvolveu-se com maior rapidez e vigor. Assim, a freguesia de Araxá, que tinha 75 casas em 1816, tornou-se, em 1920, um município, cuja sede contava com mais de seis mil

construções, possuindo pouco mais de 44 mil habitantes, embora 60% dessa população morassem em distritos.

O crescimento da atividade turística, aliado ao estabelecimento de uma considerável população de imigrantes, acarretou em transformações na cidade. O traçado tortuoso das ruas do antigo povoado foi sendo gradativamente substituído, na medida do possível, por um conjunto de ruas retilíneas e alargadas (LIMA, 1999, p. 47-59), preparadas para comportar o tráfego de automóveis, principal meio de transporte entre o centro e as fontes, distantes aproximadamente 5 quilômetros. Novas construções, em estilo europeu, tomaram o lugar das antigas construções em madeira ou adobe, restando na cidade poucos exemplares da arquitetura colonial. Nas primeiras décadas do século XX surgiram também novos estabelecimentos comerciais, muitos deles voltados aos visitantes. Ainda nesse período, a cidade também passou a contar com investimentos em infra-estrutura urbana, atendendo assim muitas das novas necessidades locais e, no Barreiro, onde brotavam as cada vez mais conhecidas fontes medicinais, foram feitos os primeiros melhoramentos.

Ainda assim, de acordo com os comerciantes e negociadores locais ligados ao turismo, o Barreiro carecia de intervenções mais incisivas em suas instalações para que a estância pudesse equiparar-se às de Caxambu e Poços de Caldas, conhecidas e freqüentadas desde o século XIX. Estabeleceu-se então um acordo que cederia as terras onde se localizavam as fontes ao governo estadual, que se encarregaria das obras de melhoramentos. Algumas providências importantes foram tomadas pelo Estado até a década de 1930, como o aprimoramento das instalações das fontes e da casa de banhos, a criação e a reforma das vias de transporte até Araxá e o Barreiro, a elaboração e a implantação de um parque na área das fontes e a encomenda de estudos preliminares para uma obra mais completa de remodelação - cuja pedra fundamental foi lançada ainda no final da década de 1920 - incluindo estudos geológicos, químicos e topográficos, além de um plano urbanístico.

Com o advento do Estado Novo, as perspectivas em relação à reforma do Barreiro assumiram definitivamente um caráter mais grandioso. O Barreiro agora deveria espelhar uma imagem de pujança e de progresso, que o governo de Getúlio Vargas almejava transmitir. Os projetos para o conjunto, especialmente os do hotel e das termas, adquiriram proporções mais generosas e as obras em curso, que progrediam lenta e intermitentemente, ganharam um ritmo mais veloz. Ainda assim, com o grande volume de trabalho envolvido na estância, o complexo hidromineral do Barreiro levou mais de uma década para entrar em funcionamento, já em 1944.

DE POVOADO A CIDADE: UM BREVE HISTÓRICO DE ARAXÁ

Embora a exploração das fontes de Araxá não tenha representado a primeira atividade econômica da cidade, suas águas foram de grande importância para a formação do núcleo urbano. Os primeiros grupos que se assentaram na região eram formados por criadores de gado, que lá encontraram áreas propícias para pastagens e uma água rica em sais minerais.

O território já havia sido povoado por índios, os *araxás*, dos quais a cidade herdou seu nome¹. Resquícios da cultura indígena aparecem ainda nas toponímias locais; em nomes de ruas, como Imbiara e Pepururé, de cidades próximas, como Ibiá, ou de rios que cortam o Triângulo, como Paranaíba. As primeiras referências à tribo dos araxás datam ainda do século XVII (1688), feitas por uma expedição rumo à capitania de Goiás. Mais tarde, outros grupos de viajantes europeus que percorreram as bandas de Araxá também registraram a presença dessa população.

A tribo dos araxás, descendentes do tremembés², manteve o controle de parte das terras de Araxá até 1766. Neste ano, o povo foi atacado por um bando liderado pelo coronel Ignácio Corrêa Pamplona, que exercia o cargo de “mestre de campo regente” (PONTES, 1928, p. 21), o que levou à dizimação da população nativa do local. Alguns sobreviventes permaneceram na região e acabaram se misturando com os colonizadores que ali se estabeleceram posteriormente.

Há também sinais da presença de negros na região de Araxá. Tais registros, anteriores à ocupação definitiva do território por pecuaristas, denotam que esta população era composta, em geral, por escravos fugidos, que chegaram a fundar nas redondezas o Quilombo do Ambrósio ou do Tengo-Tengo. O quilombo perdurou por mais de vinte anos, chegando a ter uma população de 500 pessoas e provavelmente foi destruído por um incêndio, também em 1766³ (LIMA, 1999, p. 32), provocado por um bando enviado pelo governo da capitania. O chefe deste grupo era Antonio João de Oliveira, senhor do próprio Ambrósio, líder dos quilombolas.

Araxá foi ainda ponto de pouso de expedições colonizadoras e de viajantes estrangeiros em missões de reconhecimento, além dos caçadores de índios e escravos. Passaram também pela região alguns grupos de garimpeiros, que acreditavam na possibilidade de encontrar minas de ouro nas proximidades de Goiás. De fato, iniciou-se uma exploração no Rio das Velhas, um dos referenciais geográficos importantes na região. Tal atividade deu origem ao povoado do Desemboque, ao qual Araxá pertenceu por algumas décadas⁴. Contudo, com a escassez de ouro nas jazidas, a atividade do garimpo foi gradativamente esmorecendo.

¹ O nome araxá provavelmente vem da união dos termos tupis *ara* (= sol) e *xá* (= lugar de onde se vê). Embora as traduções variem ligeiramente de acordo com o autor que as descreve, pode-se atribuir à expressão indígena o significado de “lugar alto, onde primeiro se avista o sol”. Em alguns documentos, há também uma variação de grafia, onde o nome da tribo aparece como *arachá*.

² Estes, por sua vez, constituíam um ramo dos tupis (PONTES, 1928, p. 16).

³ De acordo com Pontes (1928, p. 20), o incêndio teria acontecido em 1746.

⁴ O julgado do Desemboque compreendia toda a região do Triângulo Mineiro e parte do sul de Goiás, com exceção das terras pertencentes ao julgado vizinho de Santa Luzia (Pontes, 1928, p. 26).

Posteriormente, as rotas desses garimpeiros foram usadas por tropeiros que levavam gado do interior do país até o Rio de Janeiro. Uma parcela desses tropeiros decidiu fixar-se definitivamente na região, percebendo as vantagens das terras araxaenses. Estas, já abandonadas pela maioria dos garimpeiros e negligenciadas pelos governos da capitania de Goiás (a qual pertenciam), pareciam realmente não ter dono. Vale ressaltar que Araxá foi um dos primeiros núcleos de povoamento das regiões do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba.

A atividade pecuária prosperou a partir do final do século XVIII, quando as águas do Barreiro começaram a ser utilizadas pelos criadores. O uso dessas águas salitradas suplantava a necessidade de enriquecer a alimentação do rebanho com o sal extraído do mar, que tinha que ser comprado no Rio de Janeiro e aumentava o custo da criação. O sucesso da atividade atraiu pecuaristas de outras regiões de Minas, desde as mais próximas, como Paracatu, até mais distantes, como Sabará, Mariana e São João del Rey. Na primeira metade do século XIX, o viajante francês Saint-Hilaire passou por Araxá e descreve um relato sobre a origem do povoado que ali se estabeleceu:

Um velho que se estabelecera em Araxá havia trinta anos disse-me que tinha encontrado ali, ao chegar, apenas um pobre casebre. Em breve correu a notícia, em toda a Província de Minas, de que as terras da região eram extremamente férteis, além de várias extensões delas não terem dono. Espalhou-se também que havia ali imensas pastagens, onde se podia criar numeroso gado sem se ter de despender dinheiro na compra do sal. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 128)

Já em 1814, para evitar tumultos no local, foi estabelecido um acordo entre os fazendeiros que previa um revezamento nos dias em que cada rebanho seria levado às fontes, cujas nascentes já haviam sido cercadas por um muro circular (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 131). O sistema funcionou bem durante décadas, contribuindo com o incremento da atividade econômica e o aumento da população local.

O pequeno povoado foi reconhecido como freguesia⁵ ainda no século XVIII (1791) e recebeu o nome de São Domingos do Araxá⁶. Para isso, um dos proprietários de terra da região, Alexandre Gondim, doou à igreja uma parcela de seu patrimônio, constituída por parte da chamada Sesmaria do Barreiro, que já havia sido demarcada em 1785 (PONTES, p. 21). A construção da Igreja de São Domingos deu início à atual configuração urbana de Araxá. A freguesia transformou-se em julgado (com um juiz local), em 1811, elevada a vila, em 1831 e, finalmente, em 1865, tornou-se cidade. Saint-Hilaire apresenta em seus relatos uma breve descrição do núcleo urbano de Araxá por volta de 1820:

⁵ A condição de freguesia indica que a localidade passava a ser a sede de uma paróquia.

⁶ É curioso observar que o artigo masculino “o” precede o nome da cidade em diversos documentos, onde são encontradas construções como *o Araxá*, *no Araxá*, *do Araxá*, ao invés de *em Araxá*, *de Araxá* e apenas *Araxá*. A população local ainda hoje costuma referir-se à cidade como *o Araxá*.

Em 1816 Araxá contava apenas com 75 casas⁷, todas pequenas. Por ocasião da minha viagem só duas casas eram sobrados, sendo todas cobertas de uma cor desbotada e feitas de barro e madeira, ou então de adobe. Todas elas tinham um minúsculo quintal cercado por muros muito baixos e feitos de barro.

Há em Araxá uma praça muito ampla e de traçado regular, mas as casas que não dão para essa praça ficam espalhadas aqui e ali, um pouco desordenadamente.

A igreja foi erguida na extremidade mais elevada da praça e, conforme o costume, fica a igual distância das duas fileiras de casas. [...]

Durante a semana a maioria das casas de Araxá fica fechada. Seus donos só ali aparecem aos domingos, para assistirem à missa, passando o resto do tempo em suas fazendas. Só permanecem na cidade, nos dias de semana, os artesãos – alguns dos quais bastante habilidosos – as pessoas sem profissão, alguns comerciantes e as prostitutas. O que acabo de dizer aqui pode ser aplicado praticamente a todos os arraiais da Província de Minas. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 130.).

Nesse ínterim, o núcleo urbano de Araxá, assim como toda a região do Triângulo e do Alto Paranaíba, foi objeto de disputas entre as então capitânicas de Minas Gerais e Goiás. Na época da formação do arraial de São Domingos do Araxá as terras da região pertenciam à capitania de Goiás, embora a maioria de sua população fosse composta por indivíduos provenientes de cidades mineiras. As terras do Desemboque, que incluíam Araxá, já haviam pertencido à Capitania de São Paulo e das Minas do Ouro (de 1709 a 1720). Posteriormente, com a divisão dessa capitania em duas, a região passou a pertencer à Capitania de Minas Gerais, à qual ficou

⁷ Informação do Barão de Eschewege, citada por Saint-Hilaire.



105. Mapa com a demarcação entre as capitânicas de Minas Gerais e Goiás em 1811



106. Dona Beja
(óleo de Calmon Barreto, artista araxaense)

subordinada até 1766, ano em que passou a pertencer a Goiás. O retorno da região a Minas, em 1816, como parte da Comarca de Paracatu do Príncipe, envolveu requisições dos povoados da região e uma breve contenda política, da qual teria participado uma figura mítica, dona Beja⁸, cuja história até hoje atrai visitantes à cidade.

Dona Beja, ou Anna Jacintha de São José, é sempre descrita como uma mulher loira, de olhos claros e pele alva, possuidora de uma beleza ímpar. Sua aparência rendia-lhe um certo poder de influência sobre alguns políticos locais, auxiliando na obtenção de favores e no atendimento a pedidos e requisições. Diz-se que Beja teria montado uma “casa de diversão” na chamada Chácara do Jatobá, que estaria localizada na região onde o Barreiro foi construído. A formosura da personagem era conservada ao longo dos anos pelo uso das águas e da lama de Araxá, com as quais costumava banhar-se. A fonte radioativa utilizada por Beja foi batizada com seu nome. Muitos dos fatos narrados a respeito da vida dessa mulher não foram ainda comprovados, embora existam documentos que atestam sua existência, sua permanência em Araxá e sua participação em eventos relevantes para o município.

De acordo com os relatos de historiadores locais e romancistas, o então ouvidor da comarca, Joaquim Ignacio Silveira da Motta, teria visitado Araxá em 1815, região onde Anna Jacintha morava com um casal de tios. Ao ver a moça (que tinha na época dezesseis anos), Motta ficou fascinado com sua beleza e, impossibilitado de conquistá-la por meios lícitos, uma vez que já era um homem casado, mandou raptá-la. Consciente do crime que havia cometido, Motta sabia que sua punição seria reclamada ao governo da capitania de Goiás. O ouvidor já não tinha boas relações com o governador desta capitania e, por outro lado, mantinha bons contatos

⁸ Ou dona Beija, como aparece em algumas referências.

com os administradores mineiros. Tinha ainda a seu favor o fato de que a população do Triângulo, descontente com a administração goiana, já lhe havia reivindicado a reintegração desse território à capitania de Minas. Atendendo tais pedidos, Motta não mais poderia ser condenado em Goiás. Assim, o ouvidor rapidamente articulou o retorno do Triângulo a Minas e o rapto de dona Beja, graças à boa situação de Motta junto aos membros do governo da capitania mineira, nunca foi julgado.

Além de ter assumido a posição de pivô do processo de separação do Triângulo da capitania de Goiás, há indícios da participação de dona Beja em alguns documentos a respeito da chamada Revolução Liberal, em 1842. Tal evento consistia de uma luta liderada pelos membros do Partido Liberal⁹ em Minas, São Paulo e, com menor intensidade, no Rio de Janeiro, contra uma interpretação do Ato Institucional de 1840, feita pelos conservadores, que diminuía, em alguns pontos, a autonomia das províncias.

Apesar de sua conduta “reprovável”, Anna Jacintha conseguiu alcançar uma posição social elevada, além de participar ativamente da política da cidade. Provas de sua boa situação na sociedade araxaense são o casarão onde habitava, localizado em uma região nobre da cidade, e os casamentos de suas duas filhas com membros da elite local. Na metade do século XIX, Beja mudou-se para o município de Estrela do Sul (na época, Bagagem), provavelmente atraída pela notícia da descoberta de minas diamantes de naquela região, e lá permaneceu até a sua morte, em 1873.

O sobrado onde Dona Beja possivelmente residiu em Araxá permanece conservado na cidade e foi transformado em um museu que leva seu nome, onde estão expostos objetos de uso cotidiano no século XIX e algumas peças que teriam pertencido à dama¹⁰. O mito Dona Beja tem sido reavivado de tempos em tempos, inclusive na década de 1940, por ocasião da inauguração do novo complexo do Barreiro. A bela figura de Beja é ainda hoje uma das atrações oferecidas em Araxá a seus visitantes.

OS PRIMEIROS TURISTAS E AS PERSPECTIVAS DE MUDANÇA

As propriedades da água de Araxá foram oficialmente registradas e comunicadas à coroa na época do final da disputa entre Minas e Goiás, ainda em 1816, com as pesquisas do barão alemão W. L. von Eschewege realizadas com as águas do Barreiro¹¹ (LIMA, 1999). Outros viajantes, membros de expedições de reconhecimento, passaram por Araxá durante o século XIX, como o já citado Saint-

⁹ De acordo com Boris Fausto (2001, p. 171), “os liberais agrupavam a pequena classe média urbana, alguns padres e proprietários rurais de áreas menos tradicionais, sobretudo de São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul”. Entre seus líderes, estavam figuras conhecidas, como o Padre Feijó e Teófilo Otoni. Uma das maiores derrotas dos liberais na Revolução aconteceu no município de Santa Luzia, vizinho de Araxá.

¹⁰ Algumas fontes atestam que Dona Beja teria morado, na verdade, em um sobrado já demolido, vizinho à construção transformada em museu.

¹¹ O nome Barreiro se deve à presença de alagadiços na região onde era encontrada a lama medicinal.



107 e 108. Imagens do Barreiro anteriores à construção da primeira casa de banhos

Hilaire e o também francês Saint-Adolphe, descrevendo a presença das águas e atentando para suas qualidades:

Eu não podia passar por Araxá sem ir ver as águas minerais a que a região deve, em grande parte, o seu povoamento.[...]

Ao chegar ao final desse pasto entrei numa mata bastante fechada. Depois de ter andado um légua e meia mais ou menos, por um trilha bem batida, cheguei finalmente ao local onde se encontram as águas minerais e que ali é chamado de Barreiro.

Num ponto sombrio da mata, onde as árvores são juntas e mais folhudas, há um espaço com cerca de 600 passos de circunferência, cercado por um muro de arrimo e inteiramente tomado por uma lama negra e compacta. É do meio dessa lama, em cinco ou seis pontos diferentes, que brotam as fontes de água mineral.

As águas são límpidas e de cor avermelhada, com um gosto amargo que lembra ao mesmo tempo o de ovos podres. A menção dessas simples características é suficiente para mostrar que elas são sulfurosas e, em conseqüência, poderiam ser empregadas na cura de todas as doenças para as quais são aconselhadas águas desse tipo, e em particular as moléstias de pele, tão comuns no Brasil. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 131).

Contudo, somente com o advento da República, em 1889, foram realizados os primeiros estudos geológicos, efetuados pelo Dr. Orville Derby, e as primeiras análises químicas das águas do local, realizadas pelo Dr. Luiz de Mello Brandão (médico de Juiz de Fora) e descritas por ele em seu tratado, *Hidrologia* (PONTES, 1928, p. 63). No ano seguinte, 1890, as águas de Araxá foram citadas pela primeira vez em um trabalho para a Academia Nacional de Medicina, elaborado pelo conselheiro J. M. Caminhoá (LIMA, 1999, p. 47).

Com a crescente aproximação da linha férrea até o município, o transporte do sal desde o litoral tornou-se bastante fácil e pouco dispendioso, eliminando assim a necessidade dos criadores levarem o gado até as fontes. Em contrapartida, o interesse pelas propriedades terapêuticas das águas de Araxá crescia à medida que tais propriedades eram comprovadas pelas análises mencionadas acima.

Tal interesse refletiu em uma série de transformações urbanas pelas quais a cidade passou durante toda a Primeira República. A região das fontes, que brotavam a cerca de cinco quilômetros ao sul do centro de Araxá, representavam o principal vetor de crescimento da cidade nessa época. Também nesse período, foram realizadas as primeiras intervenções no sentido de criar e aprimorar as instalações da estância do Barreiro.



109. O Barreiro após os primeiros melhoramentos
No centro, a casa de banhos

105. Hotel Cavallini



106. Hotel das Fontes



No final do século XIX e início do XX a câmara municipal aprovou a concessão de direitos de exploração das fontes pela iniciativa privada, medida que deu origem aos primeiros hotéis e à primeira casa de banhos no Barreiro, que foi posteriormente ampliada. Coube aos médicos João Teixeira Álvares e Joaquim Pereira Goulart, que passaram a gerenciar o uso das águas a partir de 1903, os trabalhos de limpeza da área do Barreiro e de drenagem dos pântanos que cercavam as fontes. Os dois investidores construíram também uma clínica (ou “sanatório”) para atender os curistas. Os visitantes eram transportados em “troleys tirados por muares” desde as estações de trem das cidades vizinhas até Araxá (PONTES, 1928, p. 60), já que a linha férrea não chegava até a cidade na época.

É interessante observar que, enquanto as obras de melhoramentos eram feitas na região das fontes, alguns serviços urbanos, hoje considerados essenciais, ainda começavam a ser instalados na cidade, como telefone, água e energia elétrica, implantados em 1906, 1909 e 1914, respectivamente (LIMA, p. 60).

Os terrenos onde se localizavam as fontes foram desapropriados e doados ao Estado em 1914, através de um acordo entre a Câmara araxaense e o governo estadual. Em troca, o município de Araxá passaria a ser administrado por uma prefeitura¹². De acordo com Pontes (1928, p. 23), a criação da prefeitura conduziu ao rápido desenvolvimento do município que, até o advento da República, havia tido um crescimento “quase nulo”. O governo de Minas também foi encarregado de implantar

¹² A prefeitura assumiu o poder executivo do município, que até então era controlado pela Câmara Municipal.

uma linha de bondes elétricos ligando Araxá ao Barreiro e de providenciar a construção de um “grande hotel cassino na cidade” (PONTES, 1928, p. 60).

Apesar da precariedade na infraestrutura do núcleo urbano de Araxá e no Barreiro, as águas atraíam investimentos, na construção de hotéis e de estabelecimentos voltados aos visitantes. A instalação dos bondes nunca foi levada a cabo pelo governo estadual e, por conseguinte, o setor hoteleiro local investiu no transporte automobilístico. Diversos hotéis estabelecidos na cidade ofereciam o serviço de traslado até as fontes, com carro e motorista. A partir de então Araxá começou a ter condições de dividir com Poços de Caldas e Caxambu as levas de turistas interessados nas qualidades medicinais das águas mineiras.

As propriedades medicinais e as indicações terapêuticas das águas do Barreiro eram largamente anunciadas em jornais, revistas e panfletos, especialmente em Minas, em São Paulo e no Rio. Os anúncios traziam também referências às belezas da paisagem local e às benesses do bom clima da região¹³, além de relatos de curistas que haviam encontrado a cura para suas moléstias, em especial a diabetes, nas “águas milagrosas” de Araxá. Tais anúncios parecem ter surtido efeito, uma vez que a atividade turística intensificava-se a cada ano.

Em 1927, a cidade contava com sete hotéis e cinco pensões no centro, além de três hotéis e uma pensão no Barreiro, num total de dezesseis estabelecimentos. Um levantamento feito dez anos depois mostra que haviam sido montados ainda mais um hotel e quatro pensões: em 1937, Araxá contava com vinte e um locais de

¹³ A temperatura média em Araxá é superior à de estâncias como Poços de Caldas. Ainda assim, o clima da cidade é considerado ameno.

Vae a Araxá?

Então precisa de um bom Hotel e bom, só o

Grande Hotel de Trivelli & Masini

Estabelecimento dotado de todo o conforto, com ótimas e modernas instalações
— — Predio novo e especialmente construido para este fim — —

Os Ss. acqstas tem no Hotel toda a facilidade p. irem ao barreiro, p. o que o estabelecimento dispõe de dois automoveis complet. novos, cobrando 3\$000 p. valem de ida e volta

Diaria 15\$000

Refeição avulsas
Almoço ou jantar 5\$0000

Camas avulsas
Casal 10\$, Solteiro 6\$

Horario das refeições:
Almoço das 10 1/2 ás 12 hor.
Jantar, das 17 ás 19 horas

Gerente e chefe de um dos salões, o conselheiro municipal,
Ass. Trivelli

Araxá — Minas

112. Anúncio do Hotel Trivelli & Masini (publicado em 1928)

hospedagem e aparecia como a quarta cidade mineira em número de estabelecimentos hoteleiros, sendo superada apenas por Belo Horizonte, Poços de Caldas e Juiz de Fora (CONTINENTINO, 1937, p. 303, quadro 1).

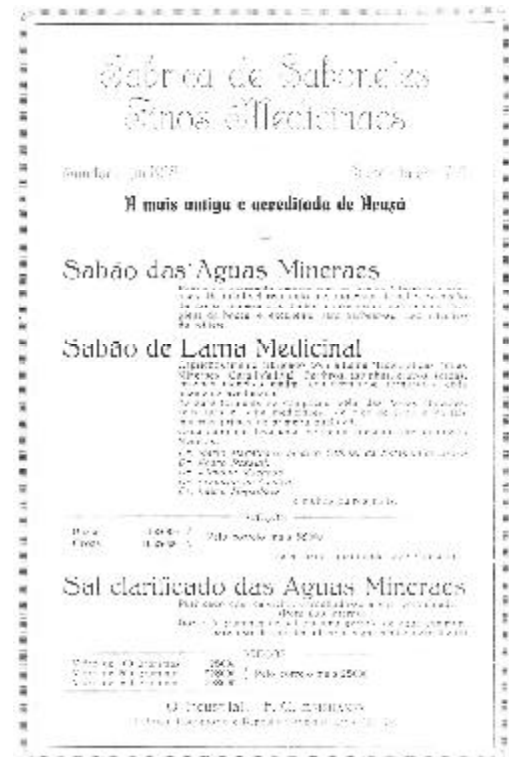
Os anúncios dos hotéis araxaenses enfatizavam o conforto e o asseio dos estabelecimentos, a qualidade e a fartura do serviço de cozinha, a disponibilidade de banhos quentes e frios e a presença de luz e campainha nos apartamentos. Alguns relatos da década de 1920 afirmam que havia hotéis de “primeira ordem” em Araxá e no Barreiro, “cinco dos quais são os melhores que, presentemente, se conhecem no Brasil Central” (PONTES, 1928, p. 85).

Além dos investimentos no barreiro e nos hotéis, outros estabelecimentos montados na cidade nessa época denotam o crescimento da atividade turística na cidade. Dentre os estabelecimentos comerciais criados, pode-se citar o cine Trianon (1922) e o Cine-Teatro Glória (1929), além de lojas, confeitarias, salões de beleza, barbearia, bilhares, oficinas mecânicas, farmácias e fábricas de manteiga, cerveja e sabonetes (LIMA, p. 50-51). Um grupo de médicos também estabeleceu um bom número de consultórios, que atendiam os turistas. Dentre eles, destacam-se os nomes de Pedro Pezzutti, Mario Magalhães, Hugo Levi e Heitor Motandon¹⁴, autores de diversos textos sobre a hidroterapia. A Fábrica de Sabonetes Medicinais Finos, montada em 1918, empregava em seus produtos a lama do Barreiro¹⁵. Nas

¹⁴ Motandon foi médico oficial das termas nas décadas de 1920 e 1930.

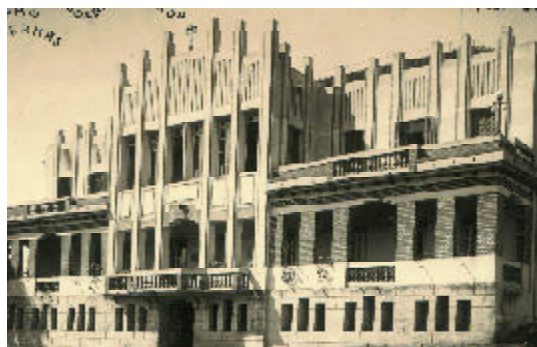
¹⁵ A fábrica pertencia a F. C. Epiphânio e chegava a enviar os sabonetes a seus clientes via correio.

113. Anúncio da Fábrica de Sabonetes





114. Hotel Rádio



115. Hotel Colombo

embalagens, eram incluídas bulas com informações escritas por tais médicos, já com renome na cidade (O FASCÍNIO..., 1997, p. 9).

O sucesso da atividade turística, aliada aos incentivos do governo federal, atraiu também para Araxá vários grupos de imigrantes estrangeiros, em especial sírios, libaneses e italianos, nas primeiras décadas do século XX. Muitos deles já encontravam na cidade laços de parentesco ou de amizade e lá se estabeleciam em funções diversas. Os sírios e libaneses dedicavam-se principalmente ao comércio, muitas vezes trabalhando como mascates antes de abrirem seus próprios negócios. Já os europeus tinham um campo de atuação mais diversificado, que variava desde o ramo da construção civil até o automobilístico (oficinas, concessionárias, etc.), passando por fábricas de pequeno porte e hotéis, como o Hotel Rádio, cujas ruínas permanecem conservadas no parque do Barreiro¹⁶ e o Hotel Colombo¹⁷, que funciona ainda hoje nas proximidades do balneário.

Assim como em outras cidades brasileiras, Araxá sofreu transformações com o crescimento da população de imigrantes¹⁸. Além dos novos costumes introduzidos no cotidiano local, os estrangeiros trouxeram diferentes noções de administração de negócios e um novo repertório arquitetônico e urbano. Na descrição apresentada pelo engenheiro Hildebrando Pontes, em 1928, é possível apreender o aspecto que a cidade adquiria na República Velha, com o crescimento do número de turistas e o estabelecimento da população de imigrantes:

¹⁶ O estabelecimento foi aberto com o nome de Hotel dos Estrangeiros, em 1919, pelo alemão Emílio Hirschle e sua esposa francesa, Lídia Bruno (conhecida na cidade como Madame Francesa). O casal, que teria sido obrigado a permanecer no Brasil por ocasião da Primeira Guerra, foi responsável pela montagem do primeiro hotel de grande porte no Barreiro (LUGAR DE MEMÓRIA..., 2001, p. 18).

¹⁷ Este foi aberto por Luiz Colombo, imigrante italiano que, além de proprietário de dois estabelecimentos hoteleiros (possuía também o Grande Hotel Colombo, no centro de Araxá), era mestre de obras, tendo coordenado a construção de vários edifícios na cidade (HOTEL COLOMBO..., 1999, p. 6).

¹⁸ Sobre o assunto, é interessante observar a abordagem de Stélio Marras (2003).

116. Cine Trianon



117. Araxá Hotel



118. Hotel Cassino



119. Turistas em frente ao Hotel Cassino



A cidade divide-se em *antiga e nova*. A primeira compreende toda a parte que está para baixo das ruas do Comercio, S. Sebastião ao Lavapés, e a última, o que fica para cima.

Na parte antiga as ruas são estreitas, tortas e sem calçamento e as casas de madeira em estylo colonial. Ao passo que na parte nova as construções têm estylo, são elegantes e confortáveis.

A cidade é abastecida de água canalizada que ultimamente já não satisfaz as exigências da população sempre em acréscimo. Possui luz e força eléctricas que acabam de ser duplicadas.

[...] As ruas não são calçadas; apenas algumas são macadamizadas com cascalhos, outras com terra, simplesmente. Todas estas são providas de passeios de tijolos de mosaico ou cimento liso. [...] Na cidade de Araxá é notável um certo preconceito de seus habitantes, [...] julgando-se os de uma parte constringidos a morar na outra. (PONTES, 1928, p. 30-32).

As mudanças em curso na cidade podiam ser observadas não só nas transformações na arquitetura residencial e nos investimentos em infra-estrutura, mas também no aumento no número dos estabelecimentos comerciais em geral e no incremento das atividades de comércio com outros municípios e estados. No final da década de 1920, a cidade contava com cerca de 190 casas varejistas e exportava diversos artigos, desde café e lã até água mineral e sabonetes. Além do comércio, as atividades de agricultura e pecuária ainda tinham grande representatividade na economia local e existia também um garimpo em funcionamento, embora o ouro da região estivesse praticamente esgotado. Nessa época, já havia também na cidade uma agência bancária, além de correspondentes do Banco do Brasil e das Caixas Econômicas Estadual e Federal.

Apesar do crescente desenvolvimento urbano e econômico de Araxá, a população local requisitava junto ao interventor do estado novos investimentos em melhoramentos no Barreiro, especialmente após as reformas de remodelação de Poços de Caldas, na década de 1920. O exemplo dessa estância - com instalações modernas e grandiosas - acendeu as expectativas dos investidores araxaenses, que agora viam não só necessidade, mas também urgência em modernizar o Barreiro.

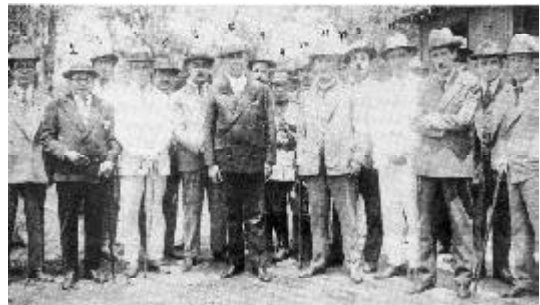
Ainda em meados da década de 1910 o governo mineiro havia mandado executar diversos estudos a respeito das fontes do Barreiro e de seus arredores. Em 1916 o Dr. Alfred Schaeffer, químico do estado, apresentou suas análises sobre as propriedades químicas das águas. Schaeffer encontrou várias fontes na área do Barreiro e analisou as seis mais abundantes, encontrando nelas diferentes temperaturas e teores variados de radioatividade e de diversas substâncias. A nº 1 era utilizada na casa de banhos. Em 1925, Otávio Magalhães desenvolveu uma série de pesquisas no campo de biologia, nas quais foram encontradas vinte e três algas. José Ferreira de Andrade

120. Panfleto com registros das análises de Schaeffer



RESULTADO DA ANALYSE	
DO SAL DAS	
Aguas do Araxá-Barreiro	
FEITA PELO	
Dr. Alfredo Schaeffer	
Sulfuro de sódio	0,00525
Acido silico	0,01563
Chloreto de sodio	0,00587
Phosphato de potassio	0,00638
Sulfato de calcio	0,00534
Sulfato de magnesia	0,00234
Sulfato de potassio	0,24350
Sulfato de sódio	0,21930
Carbonato de sodio	2,16840
Sextoxydo de ferro	0,00073
Oxydo de aluminio	0,00217

121. Visita do interventor Antonio Carlos (de terno escuro, no centro) ao Barreiro



Júnior executou vários estudos geológicos, que foram complementados em 1926, por Glycon de Paiva, geólogo do estado. A partir desses dois últimos, concluiu-se que o Barreiro, com suas fontes e sua lama, é fruto de uma fratura geológica profunda, onde teria ocorrido uma sucessão de eventos de erupção vulcânica e sedimentação em diferentes períodos geológicos, o que teria desencadeado os processos químicos e biológicos que deram origem às propriedades da água e da lama da região:

O Barreiro está situado em um campo de fratura[...] Evidentemente, as rochas sofreram aí um forte esmagamento e estão fraturadas por um sistema de juntas reticuladas [...], tendo ainda sofrido a injeção do magma a grande distâncias. A seção geológica indica claramente a sucessão dos fenômenos orgânicos, de que foi teatro a região, desde a origem dos nossos dias. [...] (ANDRADE JÚNIOR, 1942, in SILVA; MACHADO FILHO, 1946, p. 53).

Através dessas análises, constatou-se a abundância (em volume de água) de algumas das fontes do Barreiro, cujos cursos d'água possuíam muitas vezes comunicações entre si. Essas fontes, em sua maioria, encontram-se em lençóis não

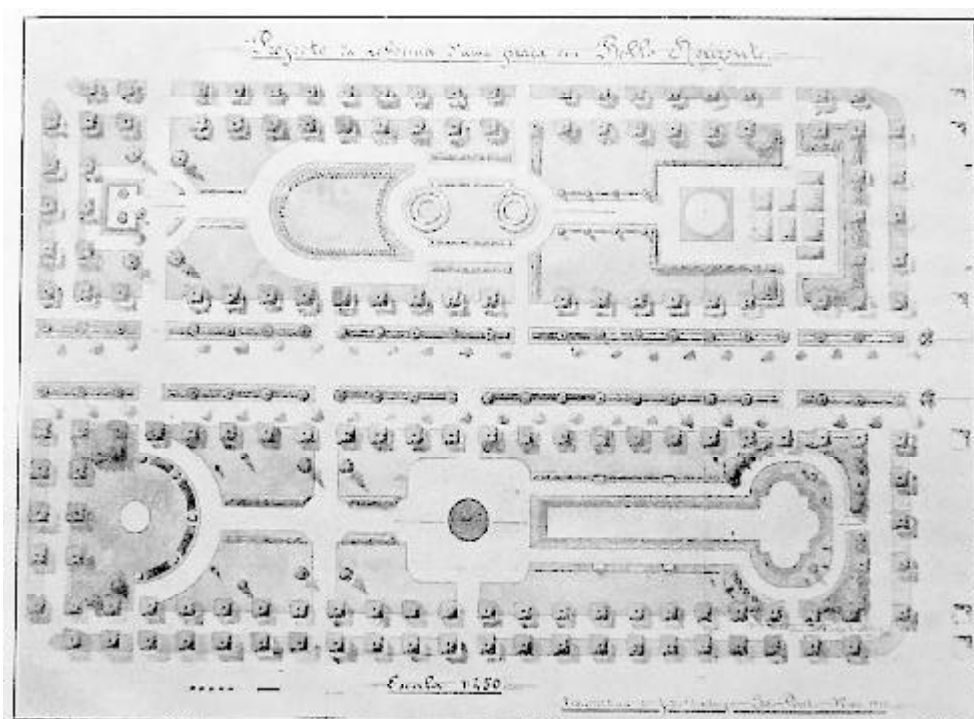
muito profundos, quando não afloram à superfície (como havia observado Saint-Hilaire em seus relatos)¹⁹. Os estudos realizados nesta época também esclareceram definitivamente as origens das propriedades químicas das duas principais fontes da estância de Araxá. A partir deles, descobriu-se que a fonte Dona Beija (à qual se atribuía o poder de rejuvenescer) possuía até então o maior teor de radioatividade entre as fontes brasileiras e ocupava a décima segunda posição em comparação com águas de outros países²⁰. A sulfurosa, à qual Saint-Hilaire se referiu em seu relato, era indicada para o tratamento dos mais diversos males, como a diabetes, e acabou sendo batizada com o nome de Andrade Júnior em reconhecimento ao valor dos trabalhos deste profissional.

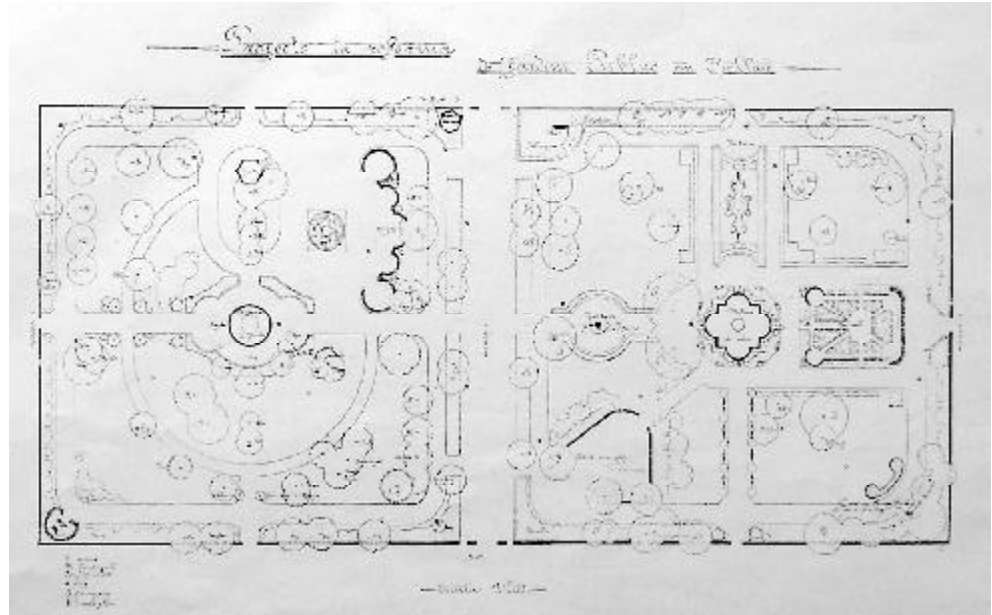
Por volta da década de 1920, o governo estadual encomendou um projeto para um parque na região das fontes do Barreiro. O escritório paulistano Dierberger & Cia. foi encarregado da tarefa. Reynaldo Dierberger foi autor de uma vasta obra de parques e jardins públicos e residenciais, além de ser também responsável por alguns projetos de ajardinamento de propriedades rurais.

Entre os planos elaborados por ele e sua equipe podem ser citadas a Praça de Liberdade, em Belo Horizonte, a Praça da República, em Jaboticabal, e o Jardim Público de Rio Claro. Realizou ainda os jardins do Museu do Ipiranga e a reforma dos jardins do Palácio Campos Elíseos, ambos em São Paulo. Ainda na capital paulista, Dierberger projetou os jardins de pelo menos quatro grupos escolares (Rodrigues

¹⁹ A fonte sulfurosa Andrade Júnior, por exemplo, brota ainda hoje no lago mantido ao redor do edifício que abriga os bebedouros.

²⁰ Posteriormente, verificou-se a existência de outras fontes com teor radioativo superior ao da Dona Beija: três no Brasil e mais dezessete em outros países.





123. Dierberger - projeto para Jardim Público, em Rio Claro

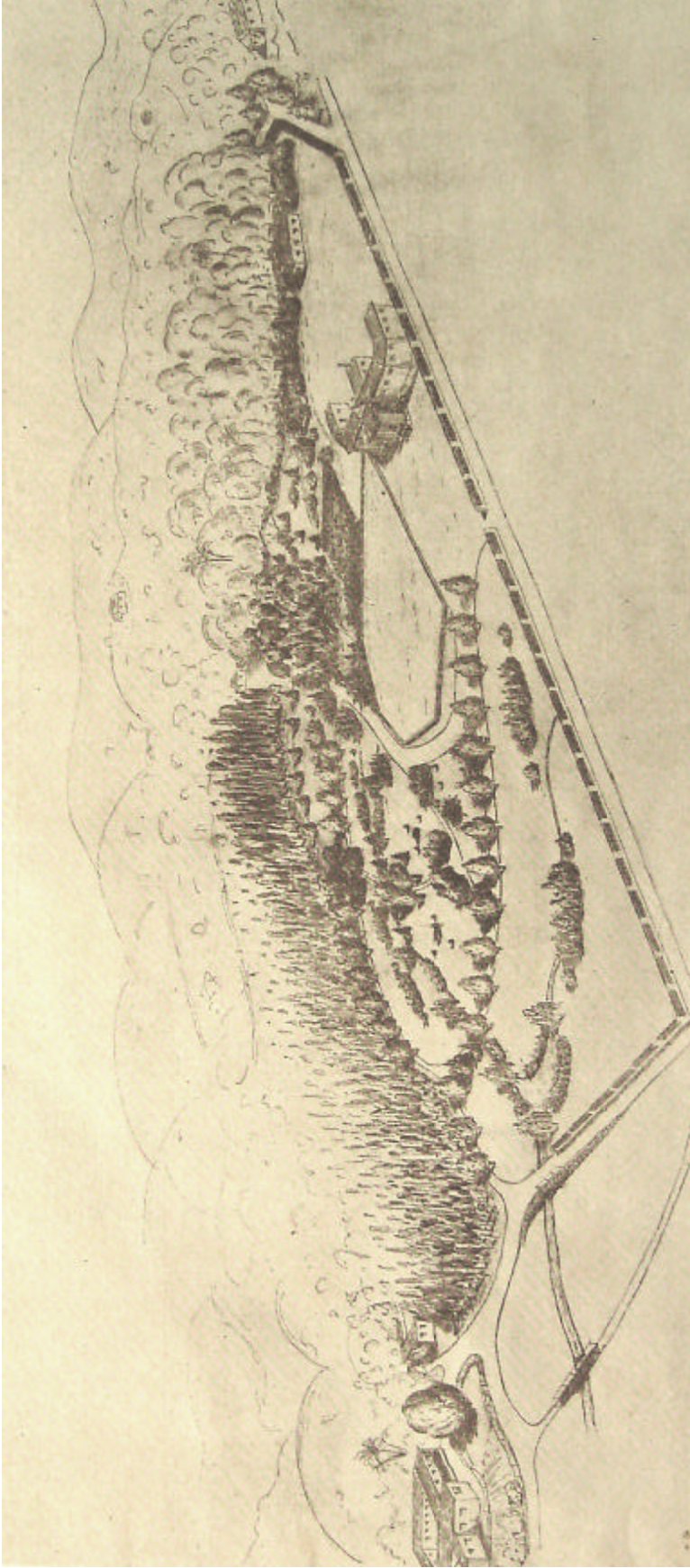
Alves, Marechal Deodoro, Dom Pedro II e Marechal Floriano) e da Santa Casa. Além do plano para Araxá, o escritório fez também os projetos para mais duas estâncias mineiras: Poços de Caldas e Cambuquira.

Contudo, a maior parte de seus trabalhos era constituída por jardins residenciais. Só na cidade de São Paulo, até 1928, ano em que publicou seu livro *Arte e Jardim*²¹, Dierberger havia feito mais de cento e cinqüenta projetos paisagísticos para clientes particulares. Sua clientela era composta por vários membros da elite paulistana, sendo possível encontrar na lista de projetos encomendados os nomes das famílias Prado, Matarazzo, Crespi, Freire, Rodrigues Alves e Prates, entre outros.

Os projetos de Dierberger descritos em seu livro eram feitos nos estilos os mais variados, desde o rococó ao inglês, passando pelo chamado “beautiful-garden americano” e pelo “mourisco”. É possível encontrar em suas obras tanto traçados retilíneos e geométricos, geralmente associados a um cuidadoso trabalho de topiaria nas massas de vegetação, quanto desenhos sinuosos para os caminhos e composições vegetais aparentemente mais livres. A composição dos jardins parecia acompanhar os estilos das residências ao redor das quais eram construídos e o gosto de seus proprietários. A presença de espécies tipicamente européias, como pinheiros e roseiras, é constante nas obras do paisagista, embora ele tenha incorporado em alguns de seus projetos plantas mais adaptadas ao clima tropical, como palmeiras e bromeliáceas.

O plano de Dierberger para Araxá consistia exclusivamente no tratamento paisagístico da região do Barreiro, não sendo previstas a construção de novos edifícios ou equipamentos. Foi reservada no projeto uma área livre de cobertura vegetal,

²¹ O volume foi montado como uma espécie de catálogo dos projetos do escritório



124. Dierberger - projeto para o Barreiro

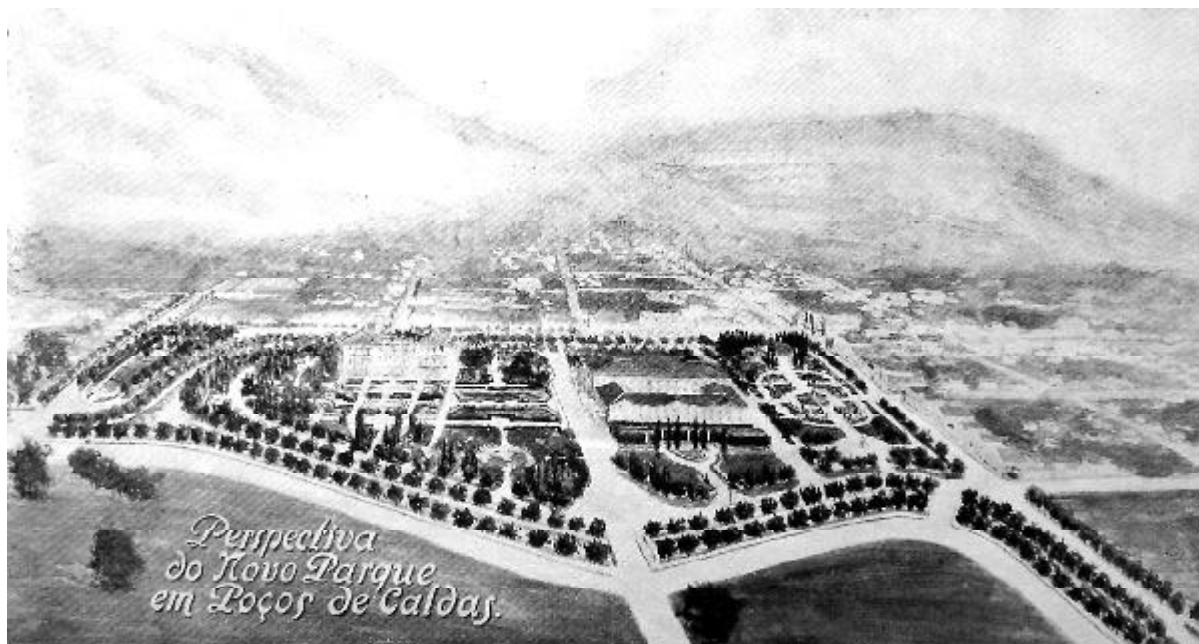


125. O Barreiro, já com o parque de Dierberger

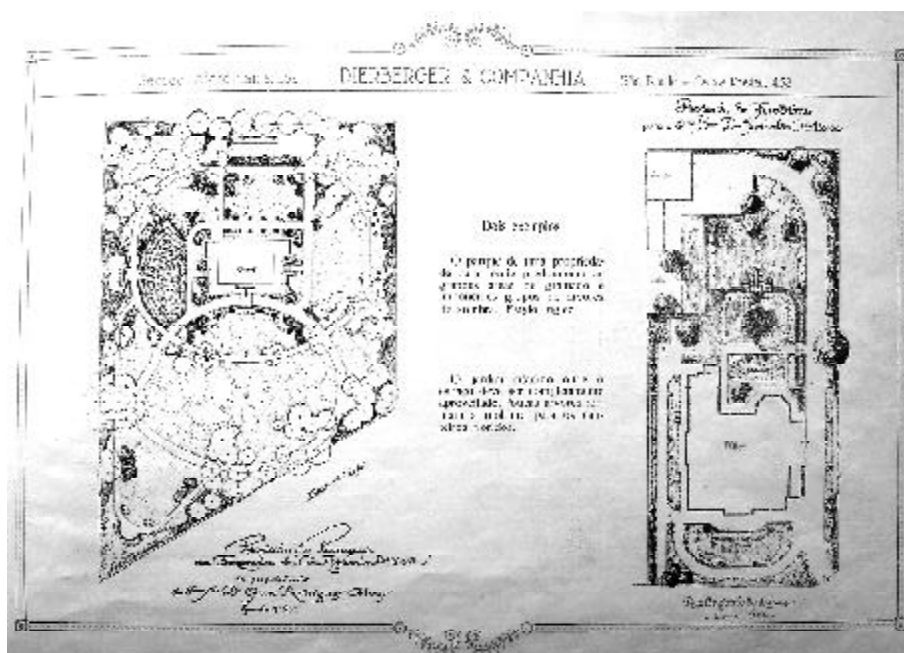
fronteira à casa de banhos (que deveria ser mantida), onde foi conservado o tanque de lama do balneário, que deveria servir também como área de acesso e estacionamento de automóveis. Contudo, a maior parte do parque proposto deveria ser constituída por extensões ricamente arborizadas, permeadas por vias sinuosas - propícias para caminhadas -, gramados e canteiros. Nessas regiões, especialmente ao longo dos caminhos, deveriam ser plantados pinheiros e eucaliptos. O projeto também prevê a formação de um bosque com estas espécies. Aparentemente, a mata nativa deveria ser conservada em alguns pontos, em geral mais distantes das edificações que compunham as instalações do balneário. Embora não apareça na perspectiva apresentada por Dierberger, a lagoa já formada no local também foi mantida.

O partido adotado por Dierberger no Barreiro, em termos gerais, segue o modelo do jardim inglês, com um traçado orgânico, a criação de visuais pitorescas e variadas e uma composição bastante livre das massas vegetais em diversos pontos, embora fossem previstas áreas com configurações mais regulares, que contariam também com uma vegetação arbustiva controlada. É curioso notar que o projeto para o Barreiro difere visivelmente dos planos elaborados para Poços de Caldas - anteriores aos de Araxá - onde os jardins construídos possuem um desenho geométrico e simétrico, com eixos de perspectiva e um controle mais rígido da vegetação, podendo ser percebidas neles referências da tradição paisagística francesa.

Embora o paisagista não explicita em seus textos as razões para a diferença de partido entre os dois projetos, ambos constituem bons exemplos para observar o



126. Dierberger - projeto para Poços de Caldas



127. Dierberger: jardim "rural" e jardim "citadino"

que Dierberger entendia por “jardim citadino” e “jardim rural”. O primeiro deveria ter seu “espaço completamente aproveitado”, com “poucas árvores” servindo de “moldura para os canteiros floridos”. Os parques rurais deveriam obedecer composições “onde predominam as grandes áreas de gramado e imponentes grupos de árvores de sombra”, no “estilo inglês”. O conjunto de Poços inseria-se, já naquela

época, em uma trama urbana consolidada, central, podendo assim ser enquadrado na primeira categoria. Já o parque de Araxá, como já mencionado, localizava-se em uma região distante do centro, fora do perímetro urbano, ou seja, numa área rural, devendo, assim, seguir a segunda vertente. Tal diferenciação não constituía uma regra, nem mesmo entre os projetos de Dierberger. Contudo, essa associação entre jardim urbano e tradição francesa e parque rural e composição pitoresca, ou estilo inglês, foi recorrente em diversas propostas paisagísticas no início do século XX.

Independente da composição paisagística adotada nos projetos, cabe ressaltar a preocupação do governo do estado, no início do século, em garantir nas estâncias mineiras a formação de paisagens agradáveis aos visitantes e aos curistas, com grandes extensões de áreas verdes. Percebia-se, já nessa época, que a paisagem das estâncias era um dos atrativos dessas localidades e merecia, portanto, atenção especial, como fica claro no texto que acompanha os desenhos do projeto de Dierberger para Poços de Caldas:

O eminente Governo do Estado de Minas Gerais, no afan de levar adiante o seu programma de modernização e incrementar a frequencia ás suas inigualáveis Águas, distinguiu-nos com a preferência de suas ordens, confiando-nos entre outros os serviços da formação do novo parque de Araxá (DIERBERGER, 1925, p. 8).

Além das providências relativas ao parque do Barreiro, foram ainda empregados, também por parte do governo estadual, recursos na construção e ampliação da rede ferroviária e das rodovias que ligavam Araxá às capitais e a outras cidades da região. Até meados da década de 1920, os trens vindos do Rio de Janeiro, pela Central do Brasil, de Belo Horizonte, pela Oeste de Minas, chegavam apenas ao município vizinho de Ibiá. A partir de São Paulo, a ferrovia Mogyana chegava até Uberaba, a 100 quilômetros da estância. A partir dessas cidades, o trajeto até Araxá tinha que ser feito por automóvel. A inauguração do trecho da Oeste de Minas ligando Ibiá a Araxá, em 1926, tornou mais fácil a viagem dos turistas e impulsionou a atividade turística da cidade.

OS PREPARATIVOS PARA O NOVO BALNEÁRIO

Ainda em 1925, o então interventor do estado, Fernando Mello Viana, lançou a pedra fundamental das obras de construção de novas instalações no Barreiro, para as quais se previa na época dimensões grandiosas:

[... o] projectado balneário [...] virá ao encontro das necessidades de milhares de pessoas de saúde abalada, cujo restabelecimento depende das águas milagrosas do Barreiro; obra essa que, rivalizando com as mais confortáveis do mundo, levará a felicidade de uma esperança abençoada aos lares do Brasil inteiro, da América do Sul e da Europa, pois que seu êxito mundialmente completo, depende do suntuoso prédio que levantarão naquela bacia, como homenagem à Humanidade. (PRESIDENTE MELLO., 1925, p. 1).

Previa-se para esse conjunto, a construção de “uma piscina, um *ground* para *foot-ball*, *court* para *tennis*, lago para passeios de bote, um sanatório para diabéticos” (CARVALHO, 1928, p. 56). Neste mesmo ano, foi feito um projeto para uma nova casa de banhos²². Para a construção do balneário, foram chamados o clínico alemão, Paul Schoebert, de Baden Baden, especialista em tratamentos pelo uso das águas, e Eugen Maurer, de Wilbad, técnico em captação de fontes. A opinião desses especialistas, o primeiro apostando no “futuro brilhante” de Araxá e o segundo afirmando que o Barreiro rivalizaria com a “célebre estância austríaca de Gasten²³”, foi utilizada em propagandas e anúncios da época, que procuravam atrair investimentos para a cidade e a região (O Estado de São Paulo, 1930, p. 12).

O médico David Mourão, especialista em tratamentos hidrotermais, foi contratado pelo estado para supervisionar as obras. Contudo, esta função acabou sendo exercida por Andrade Júnior, que, na condição de engenheiro, acompanharia toda a construção do novo complexo hidrotermal. De acordo com ele, as instalações da época estavam mal localizadas. A casa de banhos havia sido construída muito próxima às fontes sulfurosas. Assim, por um lado, a integridade das mesmas poderia ser comprometida e, por outro, a proximidade de cursos d’água poderia ser nociva aos trabalhos de revestimento da área (ANDRADE JÚNIOR in SILVA; MACHADO FILHO, 1946, p. 55). Entre os trabalhos executados por Andrade Júnior, estão a orientação dos trabalhos de sondagem dos terrenos onde seriam construídos os novos equipamentos do Barreiro e a elaboração das diretrizes metodológicas para a captação das fontes. Estas últimas deveriam ser mantidas em seu regime natural. De acordo com o geólogo, a fonte a ser empregada nas termas foi encontrada a pouco mais de cinco metros de profundidade e tinha vazão suficiente para mais de mil banhos diários, durante anos (p. 58). Ainda assim, Andrade Júnior recomendava a realização de estudos para a exploração de novas fontes.

Contudo, nessa época, o município passava novamente por uma situação semelhante àquela já vivida na década anterior: enquanto eram propostos e providenciados melhoramentos no Barreiro, a cidade sofria com problemas de déficit em infra-estrutura, agravados pelo constante crescimento populacional. Tal situação

²² É possível supor que o edifício constituiria o conjunto lançado por Mello Viana, embora não tenham sido encontrados dados documentais sobre esse assunto.

²³ ou Gastein

gerou alguns protestos contrários à postura do governo estadual em relação a Araxá:

Agora, estando as rendas do nosso município hypotecadas ao Estado, estando a nossa cidade sem rede de exgottos, quase sem água e quase sem luz, não compreendemos esse olhar amoroso e essa mão enluvada, macia e amável para com as margens do Barreiro, concedendo graciosamente água e luz inexistentes e recusando iguaes beneficios aos patrióticos e beneméritos proprietários do Hotel Excelsior a se levantar magestoso e imponente na avenida Imbiara. (JOÃO DE CÁ, 1926, s.p.).

Pode-se enxergar na situação da época um prenúncio do futuro da estância, onde as obras ligadas ao Barreiro consumiriam praticamente todos os recursos estatais, enquanto os estabelecimentos particulares montados no centro de Araxá passariam a definhir. Contudo, no final da década de 1920, as obras do novo balneário, anunciadas por Mello Viana, permaneciam praticamente irrealizadas. Por outro lado, a quantidade de visitantes continuava a crescer: de acordo com um anúncio publicado n'O Estado de São Paulo (1930), o número de banhos tomados no Barreiro havia subido de 3600 em 1925 a 5800 em 1929.



128. A casa de banho



129. Banhistas no Barreiro

Assim, surgiam novos apelos dos araxaenses junto ao governo estadual pela retomada do plano de urbanização da área das fontes e as negociações entre a prefeitura e o governo do estado continuaram. De acordo com um depoimento emitido pelo Dr. Hugo Levy, ex-prefeito de Araxá, o governo do estado iniciaria a confecção do plano para a “cidade de Barreiro”, [...] no qual serão previstos todos os serviços das urbs modernas”, já em março de 1930 (O Estado de São Paulo, 1930, p. 12). Contudo, somente em 1933, o então interventor do estado, Olegário Maciel, encomendou um novo projeto urbanístico para a estância, coordenado pelo engenheiro Lincoln Continentino. O novo plano para o balneário de Araxá fazia parte de uma série de intervenções nas estâncias de Minas Gerais, com obras que contaram com a participação de profissionais importantes no campo do urbanismo, como Hipolyto Pujol Jr., em Lambari, e o próprio Continentino, que elaborou também um projeto para São Lourenço²⁴. A importância do plano de urbanização de expansão do Barreiro, conduzido por uma equipe multidisciplinar, foi apontada por Andrade Júnior (um dos integrantes da referida equipe), em um relatório escrito em 1928:

Não se trata de uma simples construção civil, estando em relação íntima com a natureza físico-química da água, dependendo ainda de outros fatores, entre os quais se destaca a situação do estabelecimento termal. [...]

Parece-me, pois, oportuna a organização de um plano geral de aparelhamento da estância, de acordo com suas probabilidades, prevendo o seu desenvolvimento progressivo, por período de tempo razoável e suscetível de ampliação futura, pela captação de novas fontes. Este plano, uma vez estabelecido em bases seguras e meditadas, pela colaboração do geólogo, do arquiteto e do médico hidrólogo, será executado metodicamente e não poderá, evidentemente, sofrer alterações profundas, em futuro próximo ou remoto, evitando as marchas e contra-marchas nocivas e onerosas (ANDRADE JÚNIOR in SILVA; MACHADO FILHO, p. 60).

Porém, sob a justificativa de deficiência de recursos disponíveis para as obras, a remodelação do Barreiro caminhava lentamente. De acordo com o prefeito Fausto Alvim, nomeado em 1930, a estância carecia de investimentos não apenas na remodelação do balneário, mas também na manutenção das vias de transporte até Araxá:

Quanto às termas do Barreiro, têm elas passado nestes últimos tempos pela mesma crise que, à exceção de Poços de Caldas, assoberba as nossas estâncias hidrominerais. Os fatores desse fenômeno são conhecidos. Em Araxá, foram agravados pela distância e péssimos meios de comunicação que nos ligam aos grandes centros. Ultimamente, parece que a Oeste de Minas compreendeu [o]

²⁴ Ver Capítulo 4.

que seria sacrificar de vez a nossa estância, permanecendo por mais tempo o absoluto desconforto das suas viagens, ainda mais, a absurda conservação de suas linhas. [...]

[...] A estrada de Sacramento, mais importante que a Oeste [de Minas] para os interesses de nossas termas, foi encontrada por mim quase em abandono. [...] A estrada do Barreiro ao Araxá numa extensão de 9 km, também reclama atenção especial ao Estado. (FAUSTO ALVIM..., 1992, p. 5)

Com relação à construção do novo balneário, Fausto Alvim propunha uma intervenção modesta. O prefeito defendia a permanência das antigas fontes e a construção de um “hotel de conforto, sem luxo exagerado”:

[...] As instalações balneárias completar-se-iam, mantendo-se as atuais para a clientela mais modesta. Outro balneário seria construído, ainda que sem exagero suntuário, para os que pudessem pagar melhor o seu conforto. (FAUSTO ALVIM..., 1992, p.5).

Porém, com o advento do Estado Novo, as obras grandiosas imaginadas nos anos anteriores finalmente pareciam estar mais próximas de se concretizarem, adquirindo um novo fôlego, sob a intervenção de Benedito Valadares. Nomeado interventor por Getúlio Vargas em 1934, após a morte de Olegário Maciel, Valadares permaneceu no cargo por doze anos. Contudo, antes de sua nomeação, nada na trajetória de Valadares indicava a sua rápida ascensão política.

Mineiro da cidade de Mateus Leme (então de Pará de Minas), Valadares cursou a Escola Livre de Odontologia e Farmácia em Belo Horizonte e a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, onde se graduou em 1920. Regressou a Pará de Minas, onde atuou como advogado e, em 1930, foi eleito prefeito. Nesse mesmo ano, juntou-se à Aliança Liberal, movimento favorável à eleição de Vargas como presidente, posição assumida pelas principais lideranças em Minas, incluindo-se aí o governador Antonio Carlos.

Os mineiros e os gaúchos, principais líderes desse movimento, não concordavam com a indicação do nome do paulista Júlio Prestes como sucessor do também paulista Washington Luís na presidência. Apesar do teor aparentemente democratizante dos discursos das autoridades envolvidas no evento, o apoio à Revolução de 30 por esses estados estava menos ligado à perspectiva de mudanças sociais ou econômicas, do que a “uma justificativa para a revolta armada contra os ‘de dentro’, que não haviam atendido aos seus interesses nas negociações para a escolha do candidato ‘do governo’ em 1929” (SKIDMORE, 1982, p. 31).

Com a posse de Vargas, Valadares foi confirmado no cargo de prefeito. Já

²⁵ Vargas conseguiu a eleição de aliados também no estado de São Paulo (Armando Sales de Oliveira) e do Rio Grande do Sul (Flores da Cunha).



130. Benedito Valadares

em 1932, durante a Revolução Constitucionalista, este seguiu novamente as lideranças políticas mineiras e aderiu às frentes legalistas, adquirindo inclusive a patente de capitão por sua atuação como chefe de polícia. Em 1933, Valadares foi eleito deputado constituinte e, no ano seguinte, eleito governador, recebendo de Vargas o cargo de interventor do estado²⁵.

As expectativas da época apontavam como possíveis sucessores do interventor Olegário Maciel os nomes de Gustavo Capanema e Virgílio de Melo Franco. Capanema já assumira interinamente o cargo de interventor antes da posse de Valadares e já se sobressaía nos campos político e cultural. Além de contar com o apoio de boa parte das lideranças mineiras, Capanema também tinha participado da Revolução, apoiando Vargas. Virgílio de Melo Franco reunia as mesmas qualidades de Capanema, tendo também atuado na Revolução a favor do governo varguista. Tinha ainda a seu favor o fato de pertencer a uma família com tradição política em Minas. Assim, a nomeação de Valadares, com experiência política e administrativa bastante inferior a dos dois outros “candidatos”, causou espanto na época.

Porém, a escolha de Vargas deixa claro que não interessava ao governo presidencial fortalecer as lideranças de um estado de representativa força política como Minas Gerais. Os conflitos entre interesses regionais, que culminariam na Revolução Constitucionalista, ainda pairavam sobre os acertos políticos entre a União e os estados, podendo representar uma ameaça à estabilidade do Estado Nacional almejada pelo presidente. A estratégia de Vargas era justamente a de fortalecer o governo da União a partir de um crescente decréscimo na autonomia administrativa dos estados. Portanto, era essencial a conquista de aliados nos cargos de interventores. Para Skidmore, o caso de Valadares é um bom exemplo de sucesso dessa estratégia usada por Vargas (1982, p. 60).



131. Getúlio Vargas e Benedito Valadares

Valadares administrou o estado mineiro como interventor até 1935, quando foi eleito governador pela assembléia. Em 1937, com o golpe que deu início ao Estado Novo, Vargas extinguiu o cargo de governador e instituiu novamente o de interventor²⁶. Permanecendo à frente do governo estadual durante todas essas mudanças, Valadares foi sempre fiel a Vargas, até que este fosse deposto, em 1945. Nas décadas seguintes assumiu, ao longo de diversas eleições, os cargos de deputado federal e senador.

Ainda na década de 1930, a fidelidade de Valadares garantiu ao estado de Minas Gerais alguns privilégios junto ao presidente. A remodelação do Barreiro, que até então parecia interessar principalmente aos investidores locais, passou a ser um projeto dos governos do Estado e da União. O investimento em obras públicas de relevo, representantes de um Estado nacional estável e moderno fazia parte da política de fortalecimento do governo presidencial, que passava pela criação de uma identidade nacional e pela valorização do sentimento nacionalista. Várias estratégias e diversos tipos de propaganda foram empregados nesse intuito. Além disso, as obras do Barreiro também podem ser enxergadas como parte de uma política de incentivo à ocupação das regiões centrais do país, uma vez que o balneário aqueceria a economia do Triângulo e promoveria a criação de meios de subsistência na região.

Além disso, Valadares também percebia o potencial, remodelação das estâncias mineiras constituía um dos temas de maior interesse no governo de Benedito Valadares quando este assumiu o cargo de interventor:

²⁶ Mesmo assumindo novamente o cargo de interventor, Valadares preferiu manter para si o título de governador, com o qual tornou-se mais conhecido.

O governador Benedito Valadares, em mensagem à Assembléia Legislativa do Estado, já assegurava, com especial destaque, que o aparelhamento das nossas estâncias hydromineraes deveria constituir uma das maiores preocupações de seu governo. Não só sobre o ponto de vista econômico, como também social. Assim também entenderam nossos constituintes que incluíram entre os dispositivos da Constituição mineira a obrigatoriedade do Estado de organizar e executar um plano systemático de appatelhamento das estâncias hydromineraes, dispendendo com os respectivos serviços, até sua conclusão, as rendas nellas mesmas arrecadadas. (Magalhães & Cia, 1935, s.p.).²⁷

Assim, em meados da década de 1930, os trabalhos envolvidos na remodelação do Barreiro ganharam mais vigor. Além do plano urbanístico elaborado em 1933, foram encomendados, em 1936, os projetos para o hotel e as termas, que agora possuiriam dimensões monumentais, seriam construídos com materiais refinados e contariam com equipamentos que garantiriam o estabelecimento de padrões internacionais de conforto e de serviços.

Além de Valadares, o Barreiro contou também com o apoio do então secretário estadual de Agricultura, Viação e Obras, Israel Pinheiro. Pinheiro, engenheiro formado na Escola de Minas de Ouro Preto, assumiu a Secretaria logo que Valadares foi nomeado governador e nela permaneceu até 1941. Após deixar esse cargo, assumiu a presidência da Companhia Vale do Rio Doce (1941-1946) e da Novacap (1956 –

²⁷ Aqui se dava início a um sistema de gestão dessas estâncias que perduraria aproximadamente até o final da década de 1980, quando as instalações começaram a ser privatizadas.



132. Construção do novo balneário à direita, à frente, a antiga casa de banhos, ao fundo, o novo edifício das termas

1961), além de ter sido eleito governador de Minas em 1965.

Durante a gestão de Pinheiro, mais precisamente em 1937 (ano do golpe que levou Getúlio Vargas à presidência) os trabalhos da estância saíram de um regime de oito anos de interrupções e adquiriram um ritmo mais constante e acelerado. Em 1938, vários dos projetos arquitetônicos já haviam sido preparados, embora a construção dos mesmos ainda não tivesse sido iniciada. Em compensação, os trabalhos de infra-estrutura e preparação dos terrenos já se encontravam bastante adiantados. Nesse mesmo ano, já pousava em uma pista construída próximo ao balneário um avião da Panair vindo de São Paulo²⁸. Em 1943, Valadares contratou também os serviços de Burle Marx para a elaboração do parque do Barreiro.

A monumentalidade dos edifícios do Grande Hotel e das Termas, a beleza dos jardins de Burle Marx, as feições modernas da fonte Andrade Júnior e a amplitude do parque faziam do Barreiro um símbolo de pujança e riqueza, uma imagem progressista e modernizadora dos governos federal e estadual. O plano urbanístico do Barreiro era um dos elementos constitutivos do caráter modernizador que o complexo deveria ter, adotando soluções coerentes com as necessidades técnicas e funcionais do balneário naquele período.

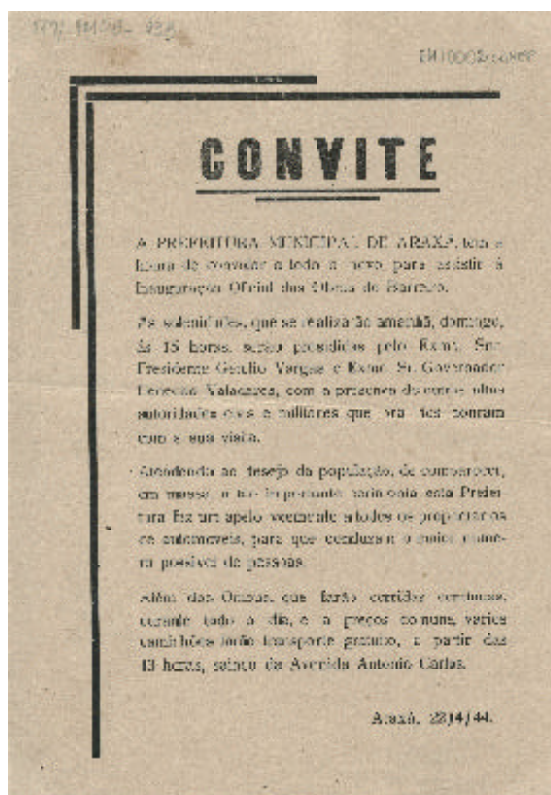
O presidente Vargas demonstrava grande apreço pelo conjunto, realizando diversas visitas a Araxá durante as obras, ocasiões em que se hospedava no Hotel Colombo, considerado então o melhor da estância. Os profissionais envolvidos na construção aparentemente passavam longos períodos na cidade, retornando a suas cidades de origem de tempos em tempos. Grande parte dos engenheiros, arquitetos e técnicos ligados à execução do complexo ficavam hospedados no Hotel Rádio, que posteriormente abrigaria também alguns funcionários do balneário e os artistas que se apresentavam no Grande Hotel. Aparentemente, o engenheiro Andrade Júnior, que passou a residir nas proximidades do parque, constituía uma exceção dessa prática.

À medida que as construções se desenvolviam, crescia o entusiasmo dos jornais da época em relação ao novo Barreiro:

A estância deve obedecer a um plano geral, integral e totalitário, organizado por profissionais competentes e especializados, para que se opere seu desenvolvimento harmônico, de hoje para o futuro, pelo tempo em fora. No plano grandioso, já em começo de realização, deve se afirmar desde agora com certeza absoluta, um dos maiores elementos de atração para a moderna indústria do turismo, pela comodidade que oferece, situação privilegiada de belezas sem rival.

O governo do Estado vem fazendo, no Barreiro do Araxá, obra de verdadeira brasilidade [...] (CARVALHO FILHO, 1938, p. 34).

²⁸ Essa mesma companhia faria o transporte aéreo entre o Barreiro e as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte nas décadas seguintes.



133. Convite para a inauguração do Barreiro

A aura de otimismo impulsionava a economia local, que já se preparava para um grande aumento do número de turistas que visitariam a estância após a inauguração do novo complexo balneário. Conseqüentemente, observou-se também um considerável crescimento populacional na cidade que, em 1946, já tinha 17 mil habitantes, dos quais 12 mil moravam na sede do município (SILVA; MACHADO FILHO, 1946, p. 47).

Após quase uma década de obras, o novo balneário do Barreiro foi inaugurado no dia 23 de abril de 1944, aniversário de Getúlio Vargas, que foi o primeiro hóspede do novo hotel. O presidente assistiu à cerimônia de inauguração²⁹, assim como o governador Benedito Valadares e outras autoridades políticas. Foram enviados, no dia anterior, convites à população local. Esta, porém, aparentemente não representava a maioria entre os presentes. (LIMA, 1999, p. 65). A Segunda Guerra ainda estava em curso na Europa, como conseqüências cada vez mais graves e devastadoras. No Brasil, o Estado Novo já mostrava sinais de desgaste³⁰. O Barreiro parecia surgir como um símbolo da aparente solidez do primeiro governo varguista, apesar dos problemas que o cercavam e que levariam a seu fim no ano seguinte. Embora as informações a respeito do custo total da obra sejam bastante imprecisas, estima-se que a construção do novo complexo demandou um investimento de trezentos e

²⁹ Após a inauguração, Vargas freqüentemente passava alguns dias do ano em Araxá, iniciando uma tradição, entre os presidentes, de visitar o balneário, que perdurou até o início da década de 1990, quando o hotel e as termas foram fechados para reformas.

³⁰ Aliás, uma das primeiras manifestações contra o governo getulista foi o Manifesto dos Mineiros, no qual diversas personalidades políticas de Minas Gerais demonstravam seu descontentamento com os rumos tomados por Vargas, que teria se desviado das propostas democráticas apresentadas na época da Revolução de 1930 (FAUSTO, 2001, p. 383; CHAGAS, 1994, p. 82-89).

oitenta mil contos de réis. Tal quantia correspondia ao orçamento total do estado de Minas Gerais previsto para aquele ano.

O sucesso da estância do Barreiro duraria ainda pelas duas décadas seguintes, apesar dos abalos provocados pela proibição do jogo em 1946, pelo próprio fim do Estado Novo e pela queda na procura pelas águas como tratamento medicinal, ocasionada pelo desenvolvimento de novos medicamentos e terapias, que passaram a combater, com maior rapidez e eficácia, as diversas moléstias que levavam os curistas às cidades de águas.

CAPÍTULO 4

A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ESTÂNCIA: O PLANO URBANÍSTICO DO BARREIRO

A elaboração de um plano de urbanização para a região das fontes de Araxá constituiu o primeiro passo para o desenvolvimento de projetos e obras que transformaram o complexo hidromineral do Barreiro. Aparentemente, a construção do conjunto terminou aproveitando apenas uma parcela do desenho e das orientações colocadas nesse projeto para a estância. Contudo, sua análise torna-se relevante na medida em que são apresentados aqui diversos elementos que contribuem para a compreensão de algumas das concepções urbanísticas vigentes no Brasil na primeira metade do século XX e das referências presentes no planejamento de cidades de águas brasileiras.

Com base nas análises geológicas e levantamentos topográficos elaborados já nas décadas de 1920 e 1930, o projeto de urbanismo do Barreiro foi pensado como um plano geral, prevendo soluções para questões de caracteres bastante diversos, desde a preservação das nascentes das fontes e dos córregos da região até índices de ocupação dos lotes previstos. Para a elaboração desse plano, formou-se, como já mencionado no capítulo anterior, uma equipe multidisciplinar, que contava com engenheiros, arquitetos e geólogos, muitos deles ligados a instituições do governo estadual. Entre os membros dessa equipe, destaca-se Lincoln Continentino, figura importante na produção e na divulgação de propostas urbanísticas em Minas Gerais.

Continentino foi profissional atuante como engenheiro - desenvolvendo uma atividade intensa nas áreas de engenharia sanitária e de urbanismo - e como professor, lecionando na Universidade Federal de Minas Gerais. Além de participar do projeto para a estância de Araxá, elaborou planos para a capital mineira, para diversas cidades no interior de Minas e para municípios de outros estados brasileiros. Sua formação, que incluiu um curso de especialização no Estados Unidos, deu a Continentino a

oportunidade de familiarizar-se com os ideários e modelos do urbanismo moderno, aplicados largamente em seus diversos projetos e divulgados em seus cursos.

No plano para Araxá também é possível detectar ressonâncias dessas idéias urbanísticas internacionais e observar afinidades e semelhanças entre o plano em questão e formulações européias ou norte-americanas, assim como influências de estudos e projetos nacionais. Dentro desse conjunto de ideários, destaca-se a união de princípios da engenharia sanitária a características semelhantes às das cidades e subúrbios-jardins ingleses. Essa associação esteve presente não só no projeto para Araxá, mas também em diversas estâncias brasileiras. Tal modelo parece ter se tornado um padrão urbanístico para tais localidades. Em muitos dos planos elaborados para as estâncias, vastas áreas cobertas com vegetação foram criadas ou mantidas. O traçado orgânico também aparece nos diversos projetos, acompanhando a situação topográfica de cada um dos sítios. Além da estância de Araxá, outras cidades podem ser tomadas como exemplos da aplicação dessas concepções urbanísticas, como Águas de São Pedro e Águas da Prata, em São Paulo¹. Essas estâncias desenvolveram-se em fundos de vales, contando com topografias acidentadas, grandes declividades e, por vezes, a presença de nascentes – a serem preservadas – em pontos espalhados do território urbano. A associação do traçado orgânico e da manutenção de áreas verdes revelou-se ideal para solucionar questões técnicas - como salubridade, tráfego e escoamento de águas - e para promover a criação de paisagens diferenciadas, adequadas à cura e ao turismo. No caso de Araxá, as fontes do Barreiro estão localizadas a cinco quilômetros do centro da cidade, em uma bacia regada por diversos córregos. Tal situação permitiu a criação de um extenso parque, no qual as instalações balneárias foram implantadas.

O projeto urbanístico para a estância araxaense adequava-se à perspectiva modernizadora dos governos mineiro e federal. Como já vimos, várias intervenções urbanísticas e propostas para cidades novas brasileiras desse período estiveram vinculadas à idéia de modernização. Desde o início do século XX, as novas vias largas davam um outro dinamismo ao transporte dentro da cidade. A implantação de inovações técnicas possibilitava a criação de construções e espaços mais salubres. As novas edificações, as praças, os parques e os espaços livres configuravam uma nova imagem urbana. Enfim, as intervenções urbanas, como o projeto de Saturnino de Brito para Santos e as reformas elaboradas por Agache no Rio de Janeiro, eram vistos como sinônimos do progresso. Além disso, o termo “modernização”, era correntemente entendido como sinônimo de equiparação com os modelos internacionais.

¹ Sobre o assunto, ver BONFATTO (2004), TREVISAN (2004), FRANCO (2005) e STEINKE (2002).

Com efeito, alguns planos urbanísticos elaborados durante o Estado Novo apresentavam, além da preocupação com a implantação de novas soluções técnicas para problemas de conforto e higiene, uma função embelezadora e até mesmo monumental. Essas propostas deveriam representar a força e o caráter progressista no governo de Getúlio Vargas, adquirindo, assim, uma dimensão propagandística. Como já se pôde observar, o plano de urbanização do Barreiro era um dos elementos constitutivos do caráter modernizador que o complexo deveria ter, adotando soluções coerentes com as necessidades técnicas e funcionais do balneário naquele período.

Porém, as principais preocupações de Continentino em relação ao urbanismo do Barreiro aparentemente passavam longe da dimensão simbólica almejada pelo governo. O memorial e os desenhos encontrados sobre o projeto dedicam-se quase que exclusivamente à criação de espaços agradáveis ao turista, adequados à atividade terapêutica e à solução de problemas técnicos, como tráfego e escoamento adequado das águas. Pode-se perceber no Barreiro a presença de concepções e soluções recorrentes em outros projetos desenvolvidos pelo engenheiro. A partir da análise no plano para Araxá, pode-se observar também, em certa medida, o processo de incorporação, ou tradução, de idéias urbanísticas estrangeiras, presentes na formação de profissionais como Continentino, às questões das cidades brasileiras.

A TRAJETÓRIA DO ENGENHEIRO LINCOLN CONTINENTINO

A coordenação da equipe que elaborou o plano de urbanização do Barreiro foi um dos trabalhos desenvolvidos nos primeiros estágios da prolífica carreira de Continentino. Embora tenha sido ainda pouco estudada, a atuação desse engenheiro teve papel importante na formação de profissionais das áreas de engenharia e arquitetura e na divulgação das idéias e propostas do urbanismo moderno europeu e norte-americano, especialmente no estado de Minas Gerais. Seus diversos planos, como os projetos de expansão de Belo Horizonte e a proposta vencedora do concurso para Monlevade², também constituíram uma contribuição significativa para o conjunto de cidades novas planejadas e de intervenções urbanas desenvolvidas no Brasil na primeira metade do século XX.

Discípulo de personagens relevantes na área do urbanismo e da engenharia sanitária, como Saturnino de Brito e Lourenço Baeta Neves, Continentino baseou sua trajetória profissional em um campo de saber vasto, que extrapolava as especializações da engenharia civil. Para que se possa estabelecer com maior precisão

² Sobre os projetos para Monlevade, ver LIMA, (2003); CORREIA (2003).



133. Lincoln Continentino

as relações entre o pensamento de Continentino e os conjuntos urbanísticos elaborados por ele, em especial o plano do Barreiro, é necessário fazer um apanhado, ainda que breve, da formação do engenheiro e de sua extensa atuação como docente e como divulgador das concepções e propostas urbanísticas que se desenvolviam no Brasil até a década de 1950.

Lincoln Continentino nasceu na cidade mineira de Oliveira, em 1900, e faleceu em Belo Horizonte, em 1976. Formou-se engenheiro civil pela Escola Livre de Engenharia de Belo Horizonte, em 1923. Em 1927, iniciou seu ofício como docente universitário, no cargo de professor da cadeira de *Geometria descritiva* da escola em que se formou. Nesse mesmo ano, ingressou em um curso de especialização em Engenharia Sanitária, na divisão de Engenharia da Universidade de Harvard, que duraria dois anos³.

O curso (*State and Municipal Sanitation*⁴) dava ênfase às questões relacionadas ao abastecimento de água e ao tratamento de esgoto das áreas urbanizadas. Assim, as atividades didáticas varriam temas como qualidade da água, métodos de filtragem e controle sanitário das fontes aquíferas. Por outro lado, as aulas e seminários abordavam também assuntos ligados diretamente ao campo do urbanismo, como uso e ocupação do solo e planejamento de bairros residenciais.

Em 1932, três anos após seu retorno ao Brasil, Continentino defendeu sua tese de livre-docência, *O problema de limpeza pública*, ainda na Escola de Engenharia, agora incorporada à Universidade de Minas Gerais⁵. O texto incluía vários itens abordados em Harvard e observações a respeito de diversas cidades mineiras. Mais tarde, em 1936, Continentino assumiu interinamente a cadeira de *Higiene geral*;

³ O curso foi feito sob caráter de missão do governo estadual, com apoio da Fundação Rockefeller.

⁴ Saneamento Municipal e Estadual

⁵ A Escola Livre foi criada em 1911 e incorporada à Universidade de Minas Gerais em 1927. Esta, por sua vez, tornou-se Universidade Federal de Minas Gerais em 1949.

higiene industrial e dos edifícios; saneamento das cidades; urbanismo. Em 1939, foi aprovado no concurso que lhe deu a vaga definitiva como professor dessa mesma disciplina⁶, sucedendo o engenheiro Lourenço Baeta Neves. Continentino organizou a disciplina em quatro partes, que eram apresentadas consecutivamente ao longo do período letivo: higiene, saneamento, urbanismo e estatística.

Além dessa matéria, outras disciplinas foram conduzidas por Continentino na universidade. Ainda na Escola de Engenharia, lecionou também *Hidrologia*. Na Faculdade de Filosofia, foi responsável por *Estatística geral e aplicada* e, na Escola de Arquitetura, assumiu a cadeira de *Urbanismo – Arquitetura paisagística* a partir de 1941. No ano anterior, Continentino havia se preparado para lecionar na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, onde assumiria a cadeira de Hidráulica Urbana e Saneamento⁷. O plano de transferência para São Paulo já sinalizava uma certa frustração de Continentino em relação às perspectivas de realização dos projetos para Belo Horizonte, desenvolvidos paralelamente às atividades acadêmicas. Ainda na década de 1940, esse descontentamento, revelado em correspondências (LIMA, 2003, p.165), levou Continentino a transferir-se para o Rio de Janeiro, onde montou um escritório e elaborou alguns projetos de intervenções urbanísticas durante dez anos. Contudo, Continentino nunca chegou a desfazer completamente os vínculos com Minas Gerais. Até seu retorno a Belo Horizonte, participou e coordenou, mesmo à distância, diversos projetos ligados a cidades mineiras. Já de volta a Minas, na década de 1950, assumiu novamente suas disciplinas nos cursos de Filosofia, Arquitetura e Engenharia.

As preocupações presentes nos projetos de Continentino, como já mencionado, muitas vezes ultrapassavam os campos do conhecimento técnico do engenheiro e do urbanista, abrangendo também questões econômicas e políticas. A amplitude das bases teóricas de Continentino era certamente notada também em suas aulas e provavelmente impressionou uma parcela dos estudantes. Na década de 1950, seus alunos de Filosofia e de Engenharia chegaram a enviar aos candidatos ao cargo de governador do estado alguns planos e textos elaborados por Continentino, convencidos da capacidade e da competência do professor (LIMA, 2003, p. 169).

Em geral, o material didático-bibliográfico preparado por Continentino apresentava de maneira bastante objetiva e sucinta os temas abordados pelas disciplinas – talvez seja possível enxergar aí uma herança do espírito prático característico dos norte-americanos, adquirida em sua especialização. As referências bibliográficas relativas ao urbanismo também eram pouco extensas, inclusive na apostila preparada já em 1960 para a matéria *Higiene, urbanismo, saneamento* do curso de Engenharia.

⁶ Continentino apresentou nesse concurso o trabalho *Tratamento de Esgotos de Belo Horizonte*.

⁷ Aqui, Continentino apresentou a tese *Teoria da filtração das águas. Filtros lentos, tratamentos preliminares, tipos diversos de filtros lentos. Qualidade da areia, órgãos acessórios e pormenores da construção*.

Estas, porém, incluíram obras relevantes, como *Recent advances on town planning*, de Thomas Adams, o *Plano de grandes avenidas de São Paulo*, de Prestes Maia e *Remodelation d'une capital*, de Agache⁸, além de seu próprio livro, *Saneamento e urbanismo*, escrito em 1937.

Em *Saneamento e Urbanismo*, Continentino traz um compêndio de estudos e artigos sobre assuntos bastante variados, dividindo-os em duas partes: *Questões de saneamento* e *Questões de urbanismo*. Na primeira, além de escrever sobre as contribuições da engenharia sanitária, Continentino trata de questões que variam desde análise e purificação da água até recomendações para a construção de um hospital, passando por instalações hidráulicas, parâmetros para piscinas de natação, modelos para usinas de beneficiamento de leite e propostas para instalações de leprosários. Na segunda, o autor traz um artigo sobre o urbanismo e seu campo de atuação e sobre administração municipal, além de apresentar os planos para Belo Horizonte e Monlevade. A partir dessa obra é possível observar com maior precisão a amplitude do campo de conhecimento do engenheiro e entrever, através da bibliografia - aqui sim, mais extensa -, as referências projetuais e teóricas de Continentino. Na lista de autores apresentada no livro, além de Adams, Prestes Maia e Agache, já citados em suas apostilas, constam nomes como Saturnino de Brito, Lourenço Baeta Neves, Aarão Reis, Anhaia Melo, Armando de Godoy, Henrique de Novaes, Atilio Correia Lima, Stübben, John Nolen, Unwin, Benoit-Levy, Olmsted, Le Corbusier, Sitte, Abercrombie, Pierre Lavedan e Marcel Poète.

Continentino teve participação atuante na divulgação das propostas e discussões apresentadas por esses autores, reafirmando a importância do planejamento urbano e da engenharia sanitária no desenvolvimento das cidades. Foi diretor e fundador do curso de Engenharia Sanitária e do Instituto de Engenharia Sanitária. Além da publicação de *Saneamento e Urbanismo* e de seus trabalhos acadêmicos, Continentino produziu diversos artigos incluídos em periódicos da época, ministrou palestras e apresentou trabalhos em conferências, congressos e seminários. Em muitos de seus textos publicados, transparece sua confiança no potencial transformador das propostas modernas de urbanismo.

As teorias e realizações urbanísticas mais opostas estão acordes quanto ao seu objetivo final, que consiste em assegurar a união mais íntima da cidade com a terra virgem, garantindo à natureza uma estrada ampla por entre as massas inertes de edificações urbanas. [...]

Lutando de começo contra a rotina e o septicismo, querem os urbanistas que a vida entre com ar e sol em todas as vivendas e que as crianças se desenvolvam e robusteam em ambientes propícios, no contato íntimo com os dons e esplendores da natureza. A partir das concepções de ordem monumental, até as

⁸ Continentino não cita as datas de publicação dessas referências.

mais modestas organizações do tipo cidade-jardim, todas mostram hoje à evidência que os espaços verdes integram as novas concepções urbanísticas e penetram por ramificações mais sutis, como elemento de equilíbrio da obra artificial. (CONTINENTINO, 1940, p.223).

Essa passagem permite também observar a noção de Continentino sobre urbanismo, entendido aqui como a criação de ambientes saudáveis, “propícios” ao bom desenvolvimento do ser humano. Para ele, o urbanista tem um caminho claro a seguir: garantir união entre o meio urbano e a natureza. Daí sua evidente simpatia por propostas e conceitos que integrassem elementos naturais às “massas inertes de edificações urbanas”, incluindo-se aqui o ideário da cidade-jardim. A predileção por esse conjunto de modelos urbanísticos aparece também em muitos dos planos desenvolvidos por Continentino e em outros artigos elaborados por ele para apresentação em periódicos e em eventos científicos.

Os temas dos eventos científicos que contaram com a participação de Continentino variavam entre urbanismo, administração municipal, higiene, saúde e engenharia sanitária. Nesses congressos, o urbanista apresentou alguns de seus projetos urbanos (como o Plano de Urbanização de Belo Horizonte), diversas propostas de planejamento urbano, novos padrões para abastecimento de água, coleta de esgoto e tratamento do lixo, além de discussões e sugestões sobre saneamento. Tais assuntos também estiveram presentes nas palestras e discursos proferidos por Continentino para um público mais abrangente, na universidade, em órgãos do governo e em instituições filantrópicas. Aparecem aqui, novamente, observações sobre seus próprios projetos, propostas técnicas para soluções de problemas de saneamento e diagnósticos de diversas cidades mineiras. Nas apresentações do engenheiro⁹ foram expostas várias das preocupações e observações que conduziram diferentes aspectos de seus planos urbanísticos, como a integração entre cidade e natureza, o desenvolvimento de sistemas eficazes de esgoto e drenagem, soluções relativas a questões de tráfego e fluxo viário e o planejamento da expansão dos núcleos urbanos.

A carreira de Continentino como projetista e técnico esteve constantemente dividida entre trabalhos desenvolvidos junto a órgãos públicos e encargos particulares, encomendados ao *Escritório Lincoln Continentino* (montado em Belo Horizonte) e à *Empresa Técnica Lincoln Continentino & Cia. Ltda.* (que funcionava em duas cidades, Niterói e Rio de Janeiro, criada no período em que Continentino morou nesta última). De acordo com Lima (2003, p. 170), Continentino enviou cartas de apresentação a prefeituras de diversos municípios, como forma de divulgação de seu escritório. Embora nem todas tivessem obtido o efeito esperado, tal estratégia parece ter rendido

⁹ O conteúdo de algumas dessas apresentações foi publicado em revistas da época.

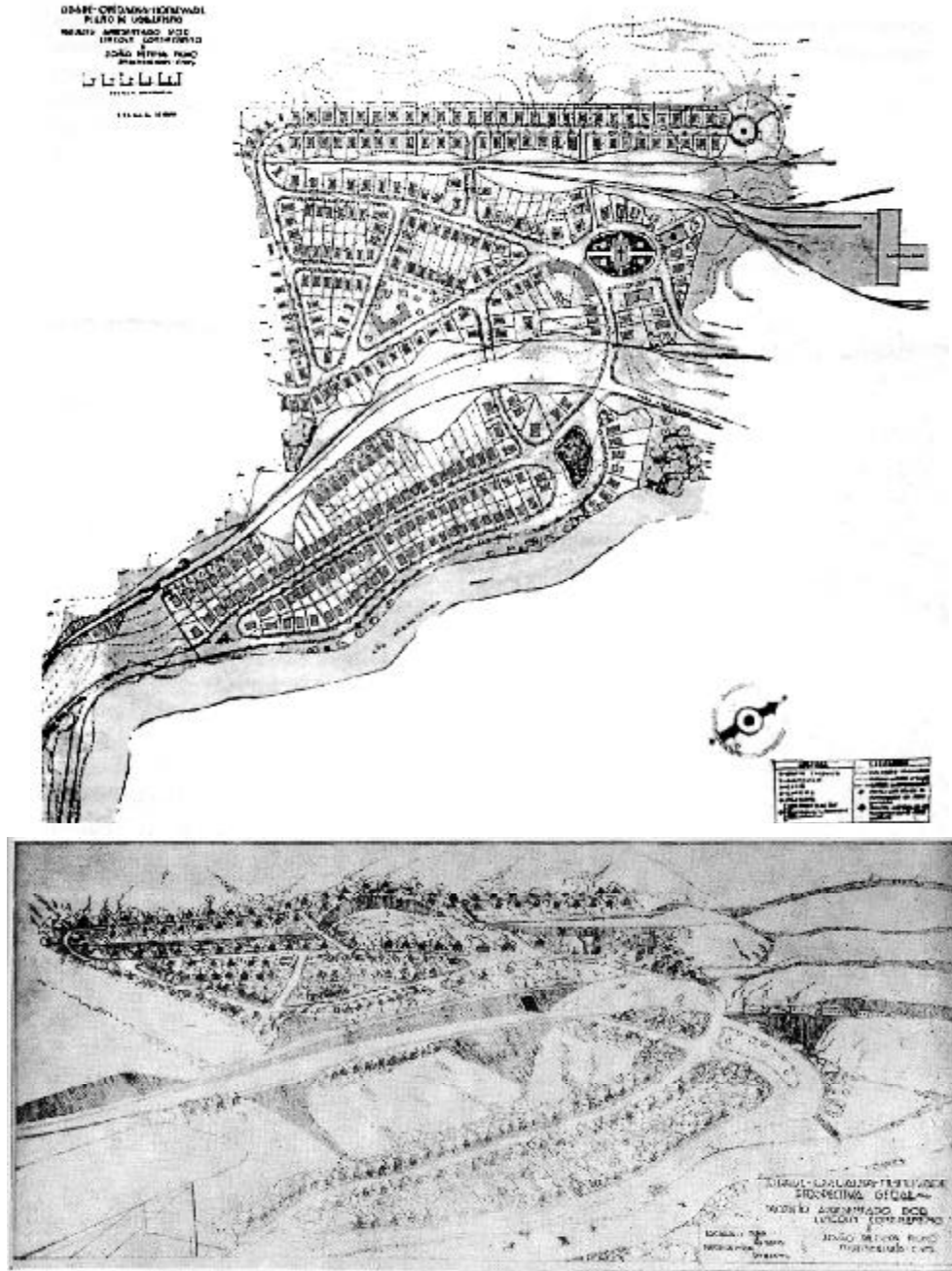
alguns projetos ao engenheiro e sua equipe. No Rio de Janeiro, sabe-se que Continentino desenvolveu o plano para um hospital em Vassouras e um conjunto de estudos para uma usina hidrelétrica em Petrópolis.

Em Minas, a quantidade de trabalhos encontrados é mais significativa. Entre eles, estão o projeto para a cidade de Monlevade, elaborado com João Penna Filho, em 1933, que, como já mencionado, foi vencedor do concurso promovido pela Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. Vale lembrar que o plano de Continentino e Penna Filho tinha como concorrentes figuras que se tornariam conhecidas, como Lucio Costa e Ângelo Murgel. Na proposta para Monlevade, já compareciam alguns elementos que compareceriam recorrentemente na obra de Continentino, como o traçado orgânico, grande proporção de áreas verdes e a preocupação em aliar soluções técnicas à construção de uma paisagem urbana agradável.

O engenheiro foi também autor de um plano de urbanização de São Lourenço, estância hidromineral sul-mineira bastante conhecida, especialmente entre os cariocas. Contudo, não foram encontradas peças gráficas a respeito desse projeto ou documentos que atestem sua execução. Ainda assim, vale observar que a cidade possui características bastante similares a outras estâncias projetadas no Brasil, como a presença de um parque, com vias sinuosas e lagos e, em alguns bairros residenciais, um traçado irregular, acompanhando a situação topográfica do sítio onde a estância foi construída. Em 1942, foram desenvolvidos projetos urbanísticos para as cidades de Belo Vale, Dolores de Boa Esperança, Prata, Além Paraíba e um hospital para Governador Valadares. No ano seguinte, desenvolveu um projeto para Curvelo.

A atuação junto a órgãos públicos compreendeu trabalhos de consultoria técnica (como estudos para desinfecção da água em Belo Horizonte) e participação na elaboração de diversos projetos urbanos. O plano para o Barreiro, em Araxá, de 1933 (mesmo ano do projeto para Monlevade), foi um de seus primeiros trabalhos de caráter estatal, desenvolvido por uma comissão criada pelo governo mineiro, como veremos adiante. Nesse mesmo ano, Continentino e o arquiteto Aurélio Lopes, que também integrou a equipe de Araxá, participaram ainda de um concurso promovido pelo Instituto Nacional de Previdência, para a elaboração do projeto do Hospital do Funcionário Público, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, 1934, Continentino foi integrado à Comissão Técnica Construtiva de Belo Horizonte, presidida por Lourenço Baeta Neves. Na subcomissão de arquitetura e urbanismo, onde Continentino trabalhava, estavam também Ângelo Murgel, seu concorrente em Monlevade, Aurélio Lopes e Fábio Marques, integrantes da equipe que elaborou o plano urbanístico do Barreiro, e Luís Signorelli, autor da maior parte dos edifícios da estância araxaense¹⁰.

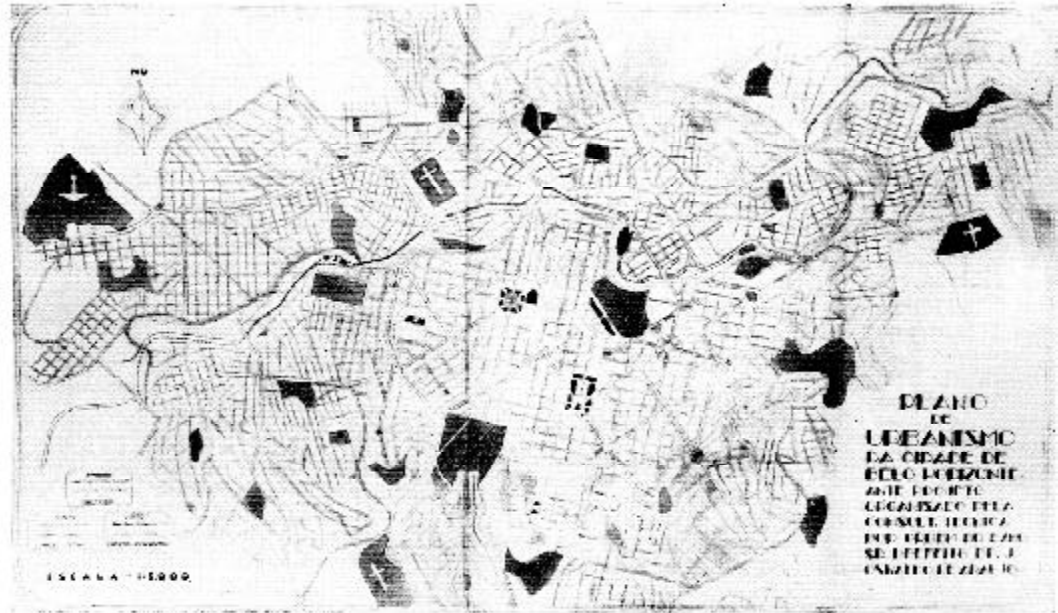
¹⁰ Faziam também parte da Comissão os engenheiros Alfredo Carneiro Santiago e Alvimar Carneiro de Rezende, diretores das empresas construtoras que executaram os edifícios do hotel e das termas de Araxá.



135 e 136. Plano de Continentino e Penna Filho para Monlevade



137. Projeto para o Hospital do Servidor Público do Rio de Janeiro



138. Plano para expansão de Belo Horizonte

Nesse período, Continentino deu início aos primeiros estudos e projetos de revisão do plano de Aarão Reis para Belo Horizonte (freqüentemente citados em seus textos), que se prolongariam até a década de 1950. Continentino atentava para a necessidade de orientar a expansão da capital mineira e de promover reformas no projeto construído. Assim, a proposta compreendia, entre outros fatores, a formulação de um plano de zoneamento que estabelecesse regulamentações de uso e ocupação do solo, a criação de áreas verdes em várias áreas do território urbano e a adoção de uma hierarquia no sistema viário.

No memorial do plano de Continentino para a expansão de Belo Horizonte, pode-se perceber que o engenheiro critica os arruamentos dos subúrbios e loteamentos construídos nos arredores da zona central da capital mineira e defende a expansão da cidade a partir de um outro modelo de parcelamento de lotes e de traçado viário.

A preocupação dos arruamentos em linha recta, a despeito das condições do terreno, determinou fortes movimentos de terra e rampas absurdas de mais de 20%. As ruas estreitas com áreas insuficientes para passeios têm casas [com] fronteiras distantes somente de 10 metros porque não foi previsto um recuo das mesmas em relação ao alinhamento, como seria recomendável nas zonas residenciais. (CONTINENTINO, 1937, apud LIMA, 2001).

Também em seus artigos era possível perceber a presença de tais críticas ao traçado retilíneo e ao sistema de tráfego adotados em Belo Horizonte:

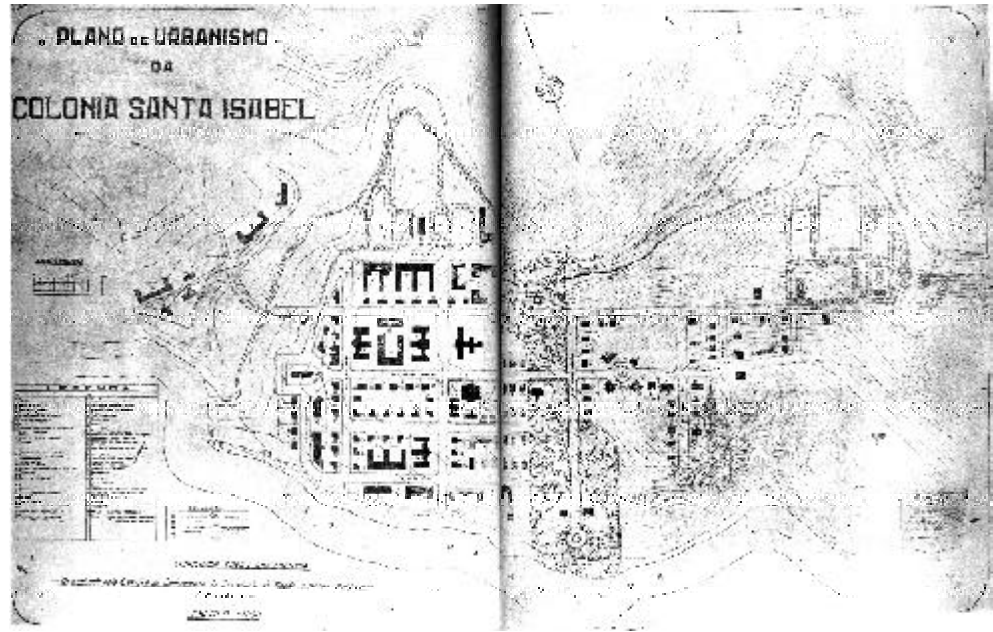
A área das avenidas ficou exorbitante, mas as condições de tráfego tornaram-se extraordinariamente difíceis, devido aos inúmeros cruzamentos em seis sentidos das avenidas diagonais com os vértices das quadriculas, formadas por ruas e avenidas. Se a zona urbana contém ruas e avenidas em excesso, estas pecam por falta, na zona suburbana e rural, onde quase não há praças e muito menos parques. (CONTINENTINO, 1954, p. 68).

Pode-se notar aqui, além das críticas ao traçado regular de Belo Horizonte, o descontentamento de Continentino com relação à carência de áreas verdes na capital mineira. Em outros de seus escritos e discursos, o urbanista também expressa sua preocupação com a baixa proporção de áreas verdes nas cidades brasileiras, às vezes comparando-as a exemplos norte-americanos, nas quais (seguindo os padrões das intervenções do movimento City Beautiful) as áreas ocupadas por parques, praças, gramados e bulevares são muito superiores. A admiração pelas cidades norte-americanas, que Continentino conheceu no período de sua especialização em Harvard, é demonstrada em diversos de seus comentários. Para ele, “nos Estados Unidos, estão, mais do que em qualquer país, espalhadas em todas as direções, as cidades jardins, bellas, confortáveis, alegres, salubres e prehenchendo integralmente aos altos objectivos visados pelos seus organizadores” (CONTINENTINO, 1937, p. 348). Em Belo Horizonte, Continentino condenou a redução da área original do Parque Municipal e propôs em seu plano a criação de um sistema de parques e jardins que se estendesse também às zonas de expansão.

Uma dessas zonas era constituída pelo bairro “Fazenda Velha”¹¹, desenvolvido por Continentino nos anos de 1937 e 1938. Tal bairro recebeu posteriormente o nome de Cidade-Jardim. O projeto já se localizava fora dos limites do plano original de Aarão Reis, porém ainda em uma região fronteira à Avenida do Contorno. Aqui, de acordo com o memorial, Continentino cuidou de estabelecer a permanência de áreas verdes, incluindo um parque, além de lotes generosos e recuos amplos, dispostos de acordo com um traçado que buscou acompanhar a conformação topográfica local. Ou seja, a proposta incluía soluções bastante diversas daquelas aplicadas por Reis, podendo ser considerada como uma alternativa aos problemas que, de acordo com Continentino, foram desencadeados pela configuração do plano inicial de Belo Horizonte.

Além do bairro Cidade-Jardim, outras parcelas do plano de expansão de Belo Horizonte proposto por Continentino foram implantadas em duas gestões municipais, de 1938 a 1939 e de 1951 a 1955 (LIMA, 2003, p. 203-204). Contudo, a proposta do engenheiro nunca foi completamente executada. Em um artigo escrito em 1940, Continentino coloca, como um dos principais pontos dos estudos e projetos

¹¹ Trata-se da área remanescente da antiga Fazenda do Curral d’El Rey.



139. Plano para o leprosário de Santa Isabel

para a capital, a criação de outros bairros-jardins nas regiões periféricas (1940. p. 225). Continentino prestaria também serviços de consultoria para administrações municipais da capital até 1959, participando do comitê que investigou as causas da ruptura da barragem da Pampulha, em 1954, e integrando uma equipe formada para elaborar o projeto da Cidade Universitária de Minas Gerais.

Junto ao governo estadual, entre 1936 e 1941, Continentino trabalhou como engenheiro-chefe da Inspetoria de Engenharia Sanitária da Diretoria de Saúde Pública e como diretor do Serviço de Saneamento e Urbanismo da Secretaria de Viação e Obras Públicas. Neste segundo cargo, elaborou o plano de urbanismo da cidade de Tremedal¹², além dos projetos dos leprosários de Ibiá (cidade vizinha a Araxá) e Santa Isabel. Nos anos de 1936 e 1937 trabalhou também como consultor técnico no Ministério da Educação e Saúde, sendo membro de uma equipe responsável por desenvolver um projeto para a Universidade do Brasil.

Em 1951, Continentino tornou-se membro da Comissão do Vale do São Francisco, onde participou da elaboração de projetos de várias cidades localizadas ao longo do rio, como Pirapora, em Minas; Juazeiro, na Bahia; Propriá, no Sergipe; Penedo, em Alagoas e Petrolina em Pernambuco. Em todos os municípios foi empregada a mesma metodologia para o desenvolvimento dos planos de urbanização: foram consideradas as características e potencialidades específicas de cada localidade, levantadas a partir de visitas de reconhecimento, das quais Continentino também tomou parte. Feitas as pesquisas *in loco*, cada plano deveria abordar e prever os

¹² De acordo com Lima (2003, p. 176), este plano também com características presentes nas cidades-jardins inglesas, como traçado sinuoso, lotes amplos e calçadas gramadas e arborizadas.

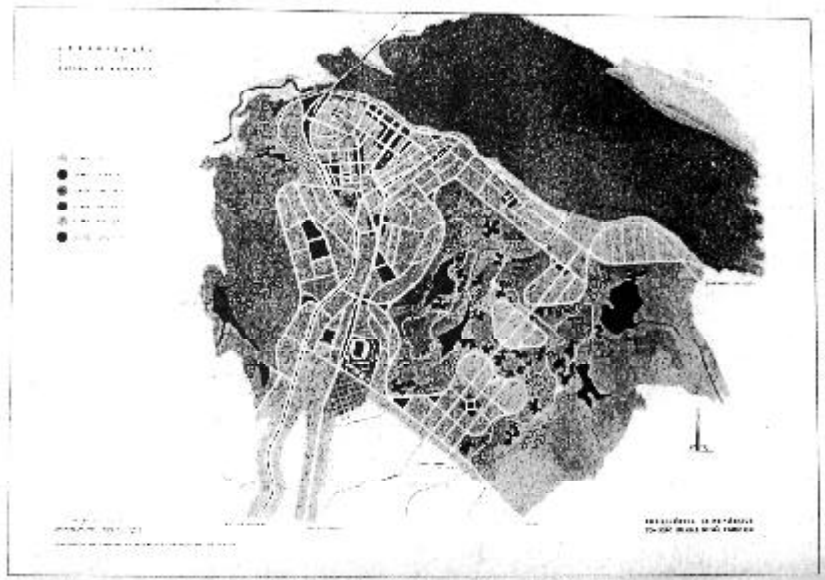
seguintes itens: elementos de circulação e tráfego; bairros novos, remodelação de áreas existentes, espaços de recreação e áreas livres; e zonas de expansão. De acordo com Lima (2003, p. 178), destacam-se aqui a ampliação das áreas verdes e as preocupações relativas ao sistema viário. As questões de saneamento, por outro lado, aparecem agora com menos ênfase.

Nesses projetos, as referências ao modelo de cidade-jardim aparecem com maior destaque na grande parcela de terrenos destinados à formação de parques e praças, além da presença constante de avenidas-parques (*parkways*). O traçado agora assume um desenho mais retilíneo, com algumas exceções, determinadas por condições topográficas mais acidentadas, como no caso de Propriá. As referências a esse modelo retornariam mais tarde, nos planos elaborados por Continentino, ainda na Comissão, para as cidades de Januária e Capitólio, ambas em Minas Gerais. No projeto para esta última, Continentino previa a presença de um “cinturão verde” e de uma avenida ao longo do rio que atravessava a cidade. Propunha também a transformação de uma vila operária existente em uma “vila-jardim” e a adoção de sistemas de *cul-de-sac* em uma das vias projetadas. A mesma solução apareceria ainda no projeto do bairro Minas-Brasil (1955), em Belo Horizonte, para onde também se previa um traçado orgânico - acompanhando os movimentos do terreno - e a presença de um grande número de praças e áreas arborizadas.

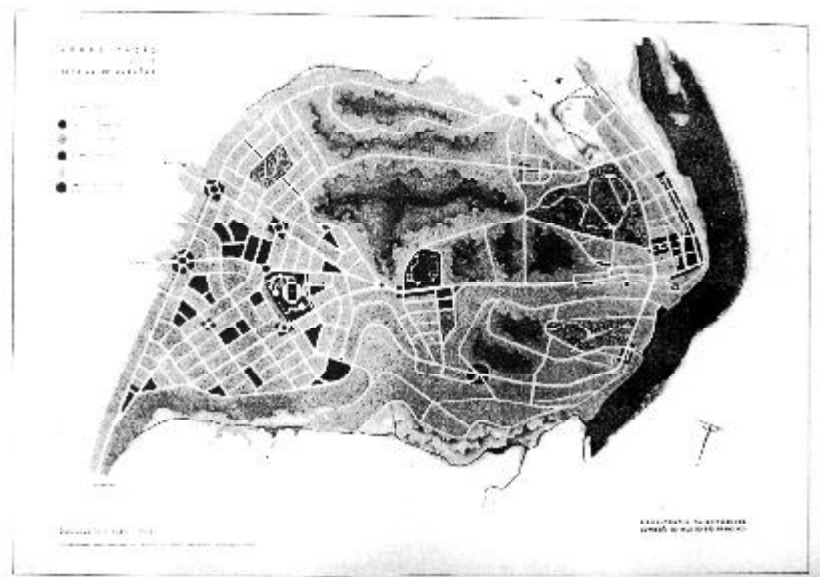
É possível perceber, ainda nos últimos projetos desenvolvidos por Continentino, várias relações com os trabalhos elaborados no início de sua carreira. As preocupações presentes nos planos do urbanista, ao longo de sua trajetória, certamente representam tanto heranças de sua formação, provenientes da graduação no curso de Engenharia Civil e da experiência nos Estados Unidos, quanto de sua atuação no meio acadêmico e no canteiro de obras, que lhe rendeu a troca de conhecimentos com diversos profissionais do campo do urbanismo, como Baeta Neves, e o contato estreito com a literatura a respeito do planejamento de cidades.

No conjunto de planos desenvolvidos para as cidades do Vale do São Francisco comparece ainda a preocupação em desenvolver um planejamento global, contemplando fatores que variavam desde o zoneamento dos núcleos urbanos até o detalhamento das vias de tráfego de automóveis e das calçadas. Para tanto, Continentino defendeu, também nessa última fase de sua carreira, a constituição de equipes formadas por profissionais de diversas áreas, com responsabilidades variadas tanto nos levantamentos que deveriam anteceder a confecção dos projetos quanto na elaboração dos planos em si. Percebe-se também, nos memoriais que acompanhavam esses planos, a recorrência de várias concepções e soluções projetuais, como o aproveitamento das condições naturais de paisagem, relevo, ventos dominantes e

recursos hídricos da região a ser urbanizada, a adequação do traçado às condições morfológicas do sítio, a criação ou manutenção de áreas verdes permeando a trama urbana e a criação de espaços belos e saudáveis, garantindo o conforto e o bom desenvolvimento dos futuros habitantes. Como se pôde perceber, esses fatores já apareciam na fase inicial da carreira de Continentino como urbanista, ainda na década de 1930, em trabalhos como o plano de Monlevade, o projeto de expansão de Belo Horizonte e a urbanização da região do Barreiro, em Araxá.



140. Plano urbanístico de Propriá - SE



141. Plano urbanístico de Penedo - AL

ARAXÁ: O PROJETO DE UM NOVO BALNEÁRIO

A construção que deu origem à configuração atual da estância da estância do Barreiro teve início, oficialmente, em 1932. Porém, somente no ano seguinte o então interventor Olegário Maciel designou uma equipe para elaborar os primeiros estudos para o plano urbanístico da estância. Além do engenheiro Andrade Júnior, do Serviço Geológico Federal, participaram do grupo vários profissionais ligados ao governo do estado de Minas Gerais, como os também engenheiros David Mourão e Carvalho Lopes, do Departamento de Comércio, Indústria e Estâncias Hidrominerais do Estado; o arquiteto Aurélio Lopes, da Divisão de Negócios Municipais do Estado; e, da Inspeção de Engenharia Sanitária da Diretoria de Saúde Pública do Estado, Fábio Vieira Marques e Lincoln Continentino, que, como já foi colocado, orientou a organização do projeto urbano (CONTINENTINO, 1933).

Além de coordenar os trabalhos envolvidos no plano para Araxá, Continentino elaborou também o memorial justificativo do projeto, onde descreve as zonas, as edificações e os equipamentos que comporiam o conjunto. O plano de urbanização compreendia a área do balneário em si e também a criação de setores residenciais e comerciais e de um centro cívico. Em suma, previa-se a criação de um novo núcleo urbano na região do Barreiro, que confirmaria as expectativas a respeito do vetor de crescimento da cidade de Araxá colocadas no capítulo anterior. De acordo com o memorial, pouco do que já havia sido construído na região das fontes poderia ser aproveitado. As únicas exceções descritas são o Hotel Rádio e o Hotel Colombo¹³.

Ainda no memorial, Continentino afirma que o novo projeto aproveitaria o “belo jardim das fontes” existente e deveria ampliá-lo. Apesar do apreço demonstrado pela equipe de Continentino em relação ao paisagismo de Dierberger, não se nota traços do projeto elaborado na década de 1920 pelo paisagista na configuração atual do Barreiro. Ao que tudo parece indicar, os jardins de Dierberger foram completamente removidos durante a construção do complexo balneário e substituídos pelo conjunto desenvolvido pelo escritório de Roberto Burle Marx na década de 1940.

O texto do memorial justificativo afirma que o plano urbanístico do conjunto foi projetado pelo arquiteto e urbanista Aurélio Lopes. Este, como já mencionado, trabalhou com Continentino também no projeto do concurso para o Hospital do Servidor Público, no Rio de Janeiro. Contudo, não foram encontrados documentos ou dados que pudessem precisar em que medida Aurélio Lopes foi responsável pelo desenho da estância. Seu nome também não consta em nenhuma das pranchas levantadas nesta pesquisa¹⁴. Por outro lado, Lincoln Continentino acompanhou os

¹³ Um terceiro estabelecimento hoteleiro, a Pensão Cavallini, foi reformada e transformada no Hotel da Previdência (também funcionando ainda hoje), embora o plano não previsse sua manutenção.

¹⁴ De acordo com LIMA (2003), o arquiteto Aurélio Lopes afastou-se logo no início dos trabalhos, ficando a cargo de Continentino o desenvolvimento do plano. Ainda assim, Continentino considerava-se colaborador de Lopes no projeto para Araxá (CONTINENTINO, 1937, p. 348).

trabalhos de elaboração desse projeto pelo menos até o reinício das obras, em 1937.

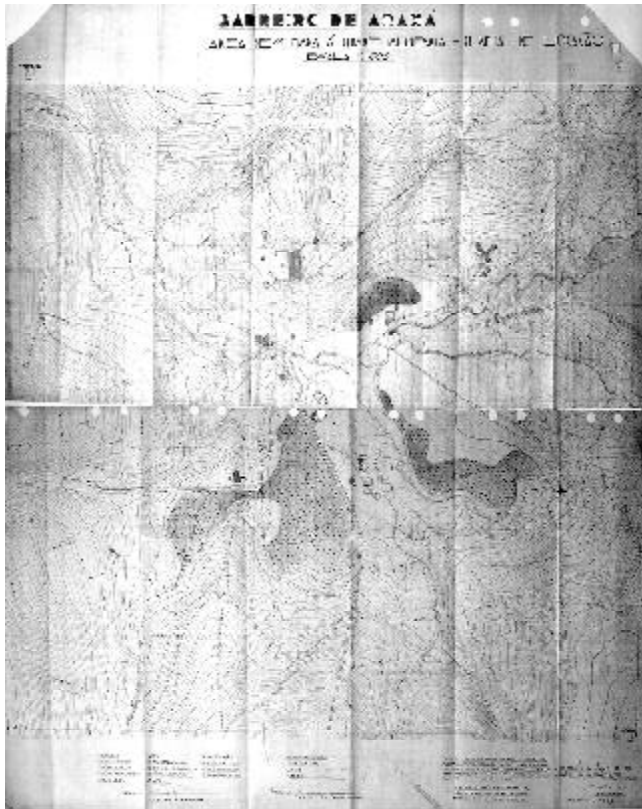
Também no memorial, Continentino ressalta que a proposta apresentada em 1933 deveria ser ainda mais desenvolvida, tratando-se, portanto, apenas de um plano inicial e não um projeto executivo. De acordo com seu texto, até novembro daquele ano, alguns dos estudos e levantamentos necessários para a execução do plano urbanístico ainda não tinham sido concluídos pela equipe, como a análise hidrográfica de uma das bacias do Barreiro; uma planta da região, com a localização de alguns equipamentos urbanos; além de estudos e projetos dos edifícios que comporiam o balneário, das instalações para o fornecimento de energia elétrica e do sistema viário de ligação do Barreiro com Araxá.

Para a área do balneário, o plano previa a criação de um parque, localizado na área central da região a ser urbanizada, onde estariam localizados o Grande Hotel, o cassino, as termas, as fontes e os demais equipamentos necessários para o funcionamento do balneário, como instalações de recreação e esportes. Desse modo, o turista poderia usufruir de ambientes propícios tanto para atividades físicas quanto para o repouso, ambos associados às terapias das águas e dos banhos e reconhecidos como parte do processo de cura. A presença do parque também contribuía para a construção de um ambiente diferenciado, marcado pela união entre as paisagens rural e urbana.

É possível estabelecer paralelos entre o programa proposto para o Barreiro e os planos para outras estâncias brasileiras, que, de modo geral, eram baseados nos modelos europeus. Vale lembrar que a distribuição dos edifícios voltados aos turistas e aos curistas em áreas de parque representa uma configuração urbana recorrente em estâncias européias (bastante conhecidas no Brasil), como Vichy, Aix les Bains e Baden Baden. Outros projetos no Brasil também concentraram equipamentos como fontes e termas em parques, como o de Águas de Lindóia, elaborado por Luís Saia na década de 50, o projeto não realizado de Águas da Prata, de Ulhôa Cintra, feito em 1923, o plano de Jorge Macedo Vieira para Águas de São Pedro, de 1936¹⁵ e a proposta de Hippolito Pujol Junior para a estância mineira de Lambari, elaborada no mesmo ano que a de Araxá, 1933. Além das casas de banho e fontes, tais cidades contavam sempre com hotéis, cassinos, áreas de recreação - com quadras ou campos esportivos, pistas para caminhada e playgrounds para as crianças -, além de bosques e reservas de floresta.

O plano de Continentino propunha a manutenção do lago que já existia na região das fontes e criação de um segundo lago, de grandes dimensões. O primeiro, formado pela junção de dois córregos da região, localizava-se entre a antiga casa de banhos e a fonte radioativa. Haveria uma ligação entre os dois lagos, por meio de um

¹⁵ A respeito das transferências de modelos urbanísticos internacionais nessas estâncias, ver FRANCO (2005).

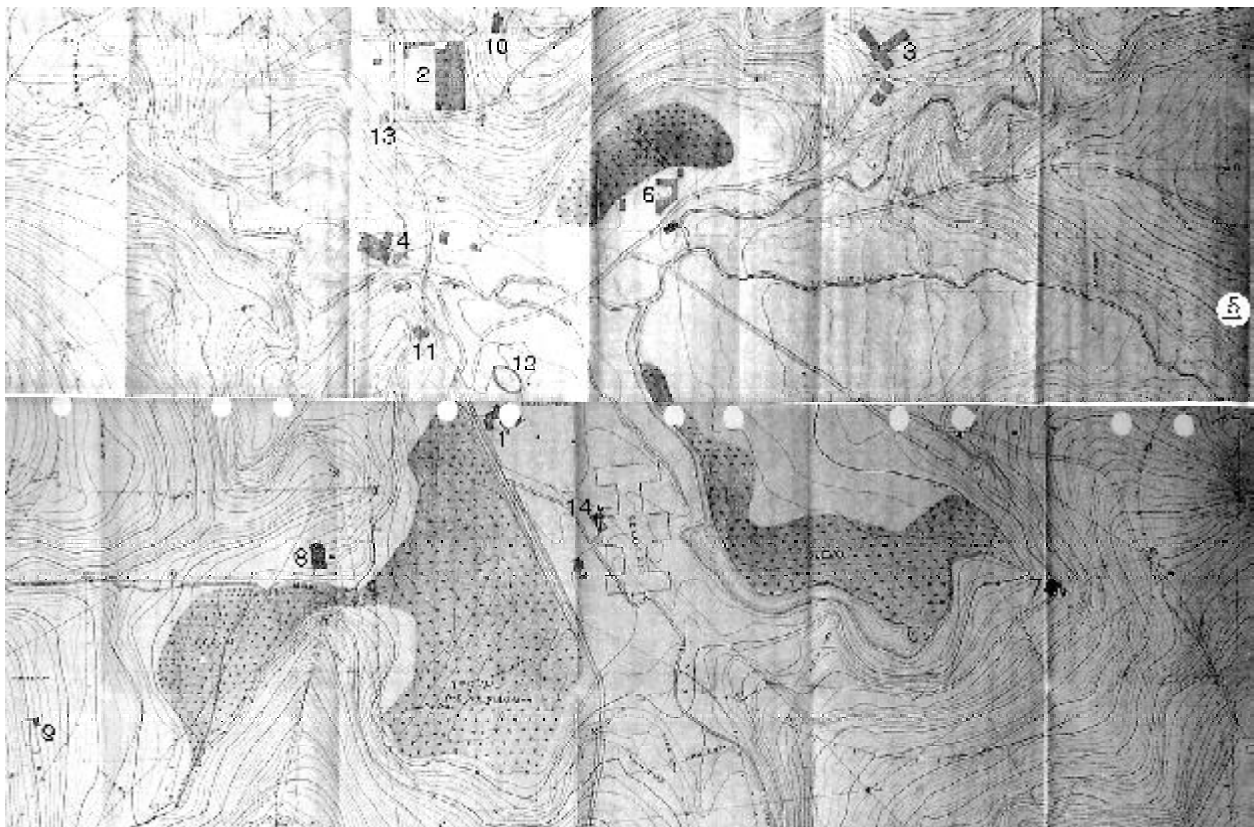


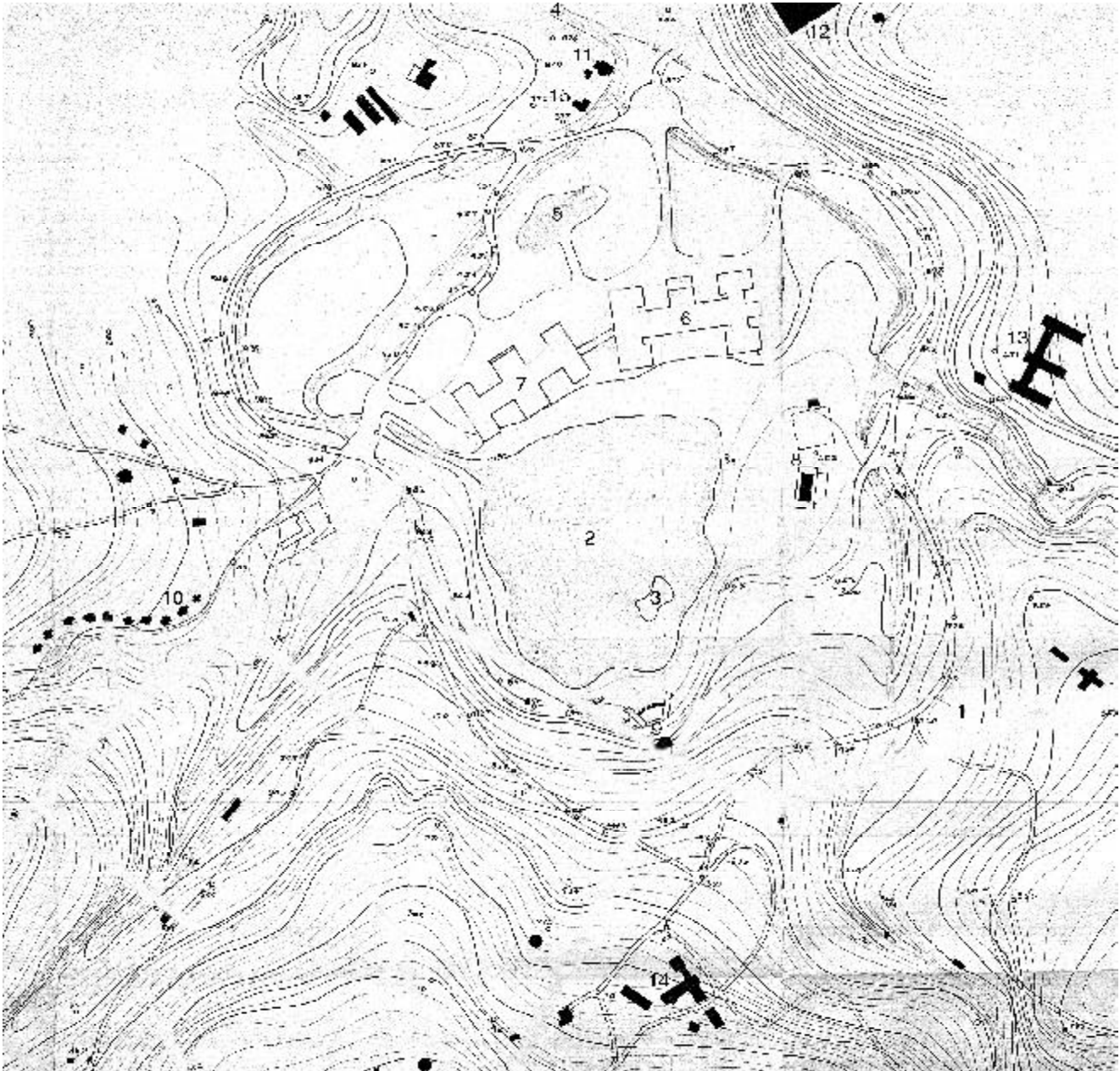
132. Barreiro - Planta de Localização (1937)
(constam aqui as assinaturas de Israel Pinheiro, Andrade Jr. e Continentino)

as áreas escurecidas correspondem a regiões de brejo

Edificações existentes na região:

1. antiga casa de banhos
2. Hotel Colombo
3. Hotel Cavallini
4. Hotel Cassini das Fontes
5. Hotel Rádio
6. bazar
7. fonte radioativa
8. Pensão Santa Terezinha
9. Sítio Motandon
10. capela do Hotel Colombo
11. antiga subestação de energia
12. tanque de lama
13. consultórios
14. escritório da Comissão de Obras de Araxá





143. Barreiro - Planta da área do balneário (sem data)

- | | | |
|----------------------------|----------------------|-----------------------------------|
| 1. Avenida do Contorno | 6. Grande Hotel | 11. Hotel Cassino das Fontes |
| 2. Lago Superior (Sul) | 7. Termas | 12. Hotel Colombo |
| 3. Ilha dos Amores | 8. Praça de Esportes | 13. Hotel Cavallini |
| 4. Lago Inferior (Norte) | 9. fonte radioativa | 14. Hotel Radio |
| 5. Lago da fonte sulfurosa | 10. vila operária | 15. antiga sub-estação de energia |

canal com dimensões suficientes “para passagem de botes”¹⁶. Aparentemente, o lago existente teve suas dimensões bastante alargadas, aproveitando as águas de outros córregos da região e cobrindo também uma extensa área de brejo. Esta grande formação lacustre passou a ser chamada de Lago Superior, ou Lago Sul¹⁷. Inundado em 1940 (DOURADO, 2000), este se localiza na porção central do balneário. Dentro dele foi criada uma pequena ilha, já prevista no memorial, que recebeu o nome de Ilha dos Amores. Parte do leito do Córrego do Sal, que corre ao norte de conjunto, foi contida por uma barragem, de modo a formar o outro lago previsto no memorial, designado como Lago Inferior, ou Lago Norte.

O plano previa uma implantação diferente para um dos principais edifícios que compõem o balneário, o hotel-cassino. De acordo com o memorial, o hotel e o cassino deveriam funcionar em edifícios independentes, a serem erguidos um de cada lado do canal que ligaria o lago existente ao lago a ser criado. O memorial observa ainda que os dois prédios teriam uma comunicação, feita por uma passagem elevada. Contudo, como veremos no capítulo 5, o projeto do hotel abrigou também o cassino, eliminando a necessidade da execução de um segundo edifício. O hotel-cassino e as termas¹⁸ foram construídos em uma área próxima ao Lago Superior, seguindo uma implantação que acompanha o desenho de suas margens.

A presença de um lago artificial também era notada nos projetos de Águas da Prata e de Lambari¹⁹, e na cidade de São Lourenço, como já se observou nesse capítulo. Em Araxá, pode-se dizer que o Lago Superior (ou os dois lagos previstos no plano inicial) constitui-se como elemento central do projeto urbanístico do parque, orientando a configuração e a disposição dos demais elementos que compõem o balneário²⁰. Além do hotel e das termas, outros equipamentos distribuem-se ao redor dessa formação lacustre, como o centro de esportes. Por outro lado, também é possível observar que a formação desse lago obedeceu algumas condições naturais preexistentes, como a presença do manancial da fonte radioativa – Dona Beja – próximo às suas margens²¹ e a situação topográfica. Aparentemente, não foram necessários grandes movimentos de terra para a inundação da área do lago.

A Avenida do Contorno, principal via de tráfego de veículos proposta pelo plano, limita a região ocupada pelo parque, estabelecendo uma ligação entre o novo conjunto e os demais hotéis que já existiam na região do Barreiro (Colombo, Rádio e da Previdência). Essa avenida, para onde deveria convergir “todo o movimento da estância” (CONTINENTINO, 1933), segue as curvas de nível da região do parque, evitando assim trechos com grandes declividades. Conseqüentemente, seu traçado orgânico também concorda com as margens do Lago Superior, permitindo a realização

¹⁶ Nota-se já aí a atenção dada à prática esportiva nos projetos de estância.

¹⁷ Segundo o memorial, mesmo a execução desse lago prescindia de cálculos que ainda não haviam sido efetuados.

¹⁸ O memorial não traz informações a respeito da localização das termas.

¹⁹ Estava prevista aqui a manutenção de uma formação lacustre já existente.

²⁰ É possível afirmar que o contato direto com a água – com um lago ou com o mar – representa uma das características do partido adotado nos projetos de várias cidades balneárias. Em muitos desses casos, o *waterfront* contribui para a monumentalidade do conjunto criado. Sobre o assunto, consultar CAPUANO (1992, p. 118).

²¹ Embora a fonte tenha tido seu pavilhão completamente remodelado, sua localização permaneceu praticamente inalterada no novo conjunto.

de caminhadas e passeios - já que não há nela trechos excessivamente íngremes - e a criação de um percurso que proporciona visuais diversificadas e agradáveis ao olhar.

Aliás, a intenção de se criar um conjunto paisagístico agradável, com uma visualidade rica, pode ser notada em todo o parque. O percurso pelo conjunto proporciona panoramas variados, definidos pela situação topográfica, pela distribuição dos edifícios em diferentes pontos do terreno, pelas massas de vegetação e pelo próprio Lago Superior. Foram criados, especialmente ao longo do percurso da Avenida do Contorno, pontos de atração na paisagem, que geralmente se constituem pelos edifícios que compõem o balneário, como os pavilhões das fontes. Aparentemente, essa via poderia exercer a função dos *promenades* e *bulevares*, constituindo-se também como um local de encontros. Um outro atrativo paisagístico é a Ilha dos Amores que, por sua vez, oferece também perspectivas interessantes do complexo. Nota-se aqui a referência à tradição pitoresca de desenho urbano, privilegiando o traçado irregular em detrimento de eixos retilíneos, de acordo com os princípios defendidos por Sitte.

Assim como a Avenida do Contorno, as demais vias de tráfego previstas para o conjunto foram estudadas cuidadosamente. Alguns princípios da engenharia sanitaria, da tradição urbanística pitoresca e do Movimento *City Beautiful*, como canais de drenagem a céu aberto, áreas ajardinadas e a idéia de *parkway* estão presentes no traçado viário do plano para o Barreiro:

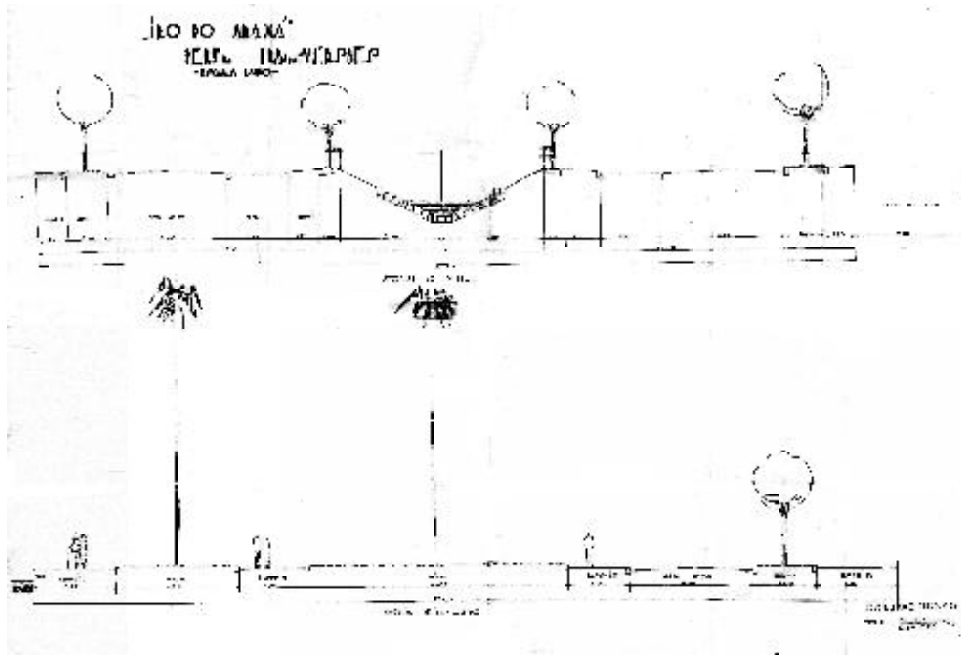
Os perfis dos arruamentos foram organizados de acordo com as condições de tráfego máximo previsto. Tratando-se verdadeiramente de uma cidade-jardim, foi previsto o máximo possível de área gramada e ajardinada. Desta forma, os perfis transversais das ruas contêm entre a área central e pavimentada e os passeios laterais, duas faixas gramadas, onde deverão ser plantadas árvores de pequeno porte, e intercaladas entre as árvores ficam os postes de iluminação, energia e telefone. Assim não ficam as pistas obstruídas com árvores e postes. As canalizações elétricas serão embutidas.

Outra norma geral seguida no projeto dos arruamentos foi aproveitar os leitos dos inúmeros e abundantes córregos da bacia do Barreiro, para projetar, ao longo deles, avenidas canalizadas. (CONTINENTINO, 1933, p. 04).

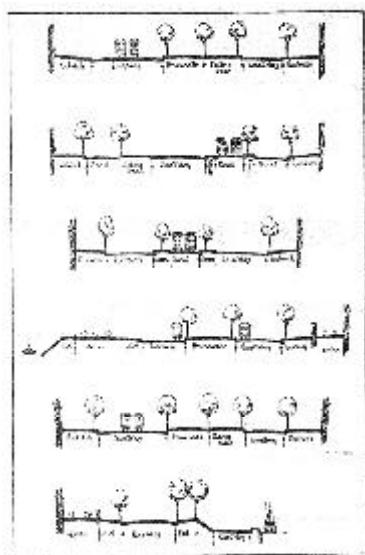
As soluções adotadas para o arruamento da estância estão bem explicitadas em uma prancha, desenhada em 1937 e com o visto de Continentino, que apresenta cortes esquemáticos de uma rua e uma avenida do parque. Tais cortes mostram a sucessão: o leito carroçável, as áreas verdes, as calçadas de pedestres e o leito dos córregos (fig. 138). Esquemas muito semelhantes ao de Araxá podem ser encontrados no *Town Planning Practice*, de Raymond Unwin, publicado em 1909. Continentino também utilizou desenhos como estes no projeto para Monlevade. Algumas soluções

são encontradas tanto em Monlevade quanto em Araxá, como a arborização das vias de tráfego, o enterramento das tubulações elétricas e a avenida beira-rio ou *parkway*, recurso viário bastante utilizado por Continentino em seus planos:

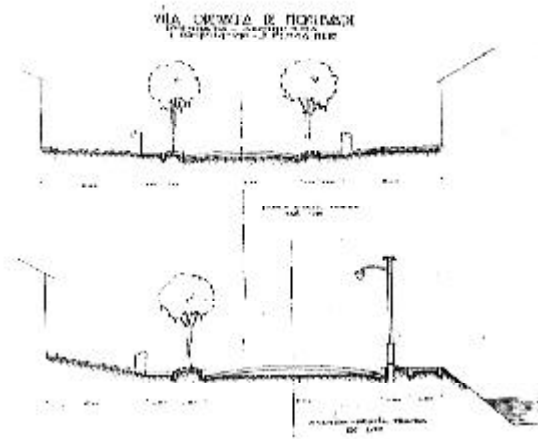
Segundo a classificação de Saturnino de Britto, designamos por avenidas sanitárias os ‘park-ways’ ingleses que são as avenidas por cujos eixos passam os cursos d’água que banham as cidades. A técnica nos ensina que no traçado



144. Cortes esquemáticos de ruas da estância do Barreiro (1937)



145. Modelos para planejamento de vias expostos em *Town Planning Practice*



146. Plano para Monlevade cortes esquemáticos do sistema viário

econômico de uma cidade ou de um novo bairro, sempre que possível, devemos conservar o 'talweg' ou leito dos cursos d'água na sua posição natural, realizando somente os desvios indispensáveis para não prejudicar o traçado das avenidas. Os desvios dos leitos são onerosos e podem acarretar modificações desaconselháveis no regime dos cursos d'água. (CONTINENTINO, 1954, p.69).

Como já se pôde observar no desenho da Avenida do Contorno, a condição topográfica da região do Barreiro foi definitiva na elaboração do traçado viário e dos lotes previstos para as demais zonas do conjunto:

A topografia muito irregular e acidentada do terreno não permitiu que se observassem estritamente todas as regras de urbanismo para o traçado dos arruamentos. A consideração primordial, observada sempre em primeiro plano, foi a situação topográfica do local, sendo as outras considerações de importância secundária. (CONTINENTINO, 1933, p. 03).

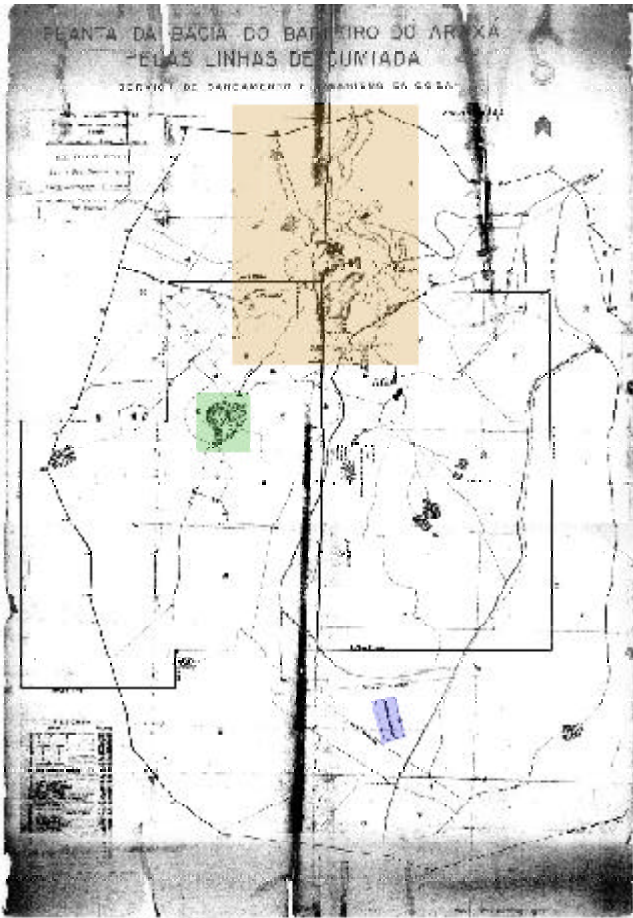
Propôs-se para as ruas a serem criadas no Barreiro uma declividade máxima de 12% nas vias e prevendo locais para estacionamento em diversos pontos. Além das diretrizes para os planos viários, o memorial trazia orientações a respeito dos sistemas de abastecimento de água, esgoto e energia. O sistema de esgoto aplicado seria o separador absoluto²². De acordo com Continentino a situação topográfica da região do Barreiro impossibilitava a criação de quarteirões regulares, impedindo a drenagem direta das águas de cada lote. Assim, o plano previa a abertura de passagens de serviço nos fundos de alguns lotes residenciais, pelas quais passariam as canalizações de esgoto e águas da chuva, bem como os dutos de eletricidade, gás, etc. O plano deveria prever ainda os cuidados na captação das fontes e da lama medicinal. Para a preservação da fonte radioativa, deveriam ser desapropriados cerca de um milhão de metros quadrados ao redor do manancial. Essa fonte abasteceria não só o balneário, mas também toda a região a ser urbanizada²³. A formação do parque na área do balneário contribuiria, assim, não só para a criação de uma paisagem propícia para as atividades da cura e do turismo, mas também para a preservação das nascentes²⁴.

A atenção em relação ao sistema viário e às questões relacionadas à infraestrutura urbana também é perceptível em outros projetos de estâncias elaborados no Brasil. Nos planos das cidades novas ou remodeladas, o traçado dos arruamentos foi previsto e estudado, como no caso de Águas de Lindóia, Águas da Prata, Águas de São Pedro e de Lambari. Em um artigo publicado a respeito deste último, Pujol propõe a substituição do traçado pré-existente na cidade, onde as ruas seguiam pelas faixas de maior declividade - dificultando a circulação de pedestres e automóveis e facilitando a formação de barrancos pela ação das chuvas - por um traçado que se

²² Tal sistema, recomendado por Saturnino de Brito, conduzia separadamente as águas pluviais e as águas servidas. Sobre o assunto, ver ANDRADE (1992).

²³ Vale lembrar aqui que a fonte canalizada para o abastecimento do pavilhão da Fonte Dona Beja é apenas parte do manancial de água radioativa da região.

²⁴ Ainda nas estâncias européias do século XIX, a manutenção ou a criação de uma paisagem de feições campestres estava associada à pureza das águas minerais e medicinais (GOUBERT, 1986, p. 116).



147. Planta da bacia do Barreiro aprovada em 1943

amarelo: área do balneário
verde: Mata da Cascatinha
lilás: campo de aviação



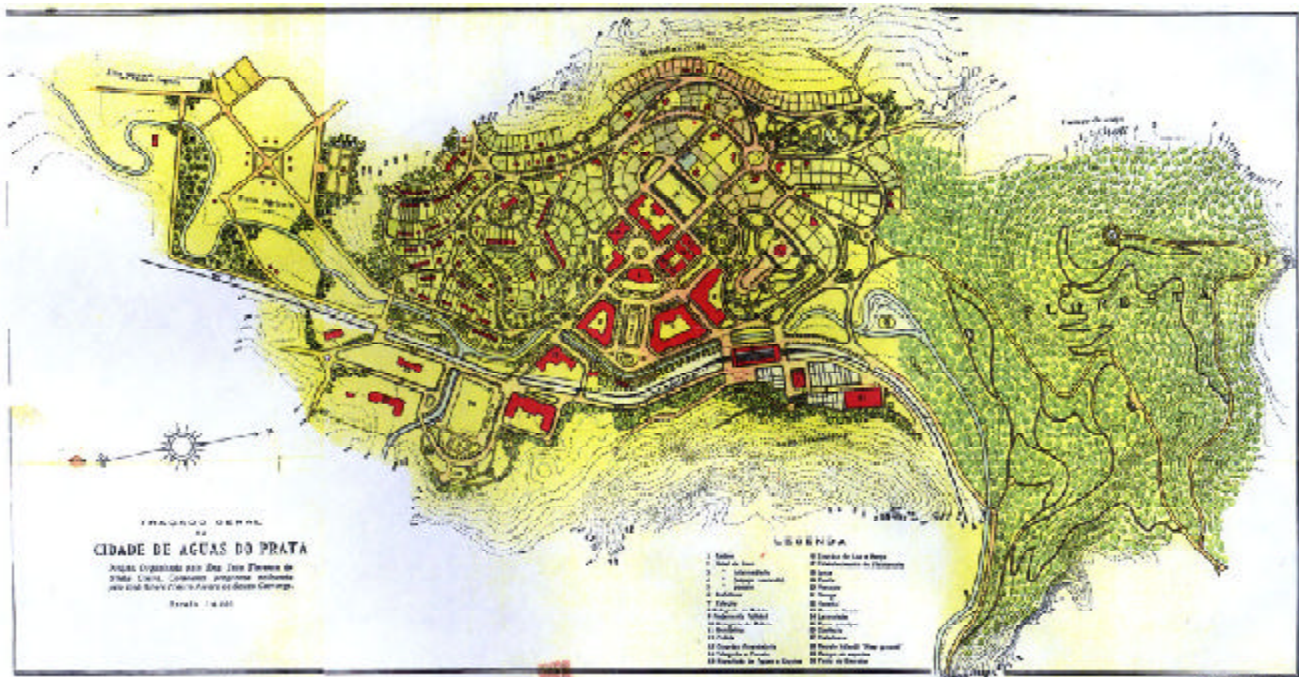
148. Vista aérea do Barreiro
à frente, o Grande Hotel e as Termas, ao fundo, o Lago Superior e a Avenida do Contorno

conformasse à situação natural dos terrenos, com rampas suaves (PUJOL, 1933, p. 524). Em Águas da Prata, Ulhôa Cintra propõe ruas sinuosas ligando os bairros à região central. Esta área, localizada em uma situação topográfica um pouco menos acidentada, possuiria vias retilíneas, de acordo com a tradição *beaux-arts*. Já em Águas de São Pedro e Águas de Lindóia o traçado orgânico permeia todo o conjunto urbano. Assim como proposto por Continentino em Araxá, adotou-se, nas três estâncias paulistas, a solução da avenida-parque para as vias ao longo dos rios (FRANCO, 2003, p. 103-151)²⁵.

A preocupação em adequar os arruamentos à topografia natural dos sítios está também presente em muitos dos projetos de Continentino. Em seus planos para a capital, como já foi comentado, Continentino recomendava a adoção de traçados mais orgânicos. No plano do leprosário de Santa Isabel (fig. 133), o engenheiro adotou um desenho ortogonal na região central do conjunto, mas evitou, nos pontos menos favoráveis, uso do traçado reticular, adotando em alguns casos o *cul-de-sac*. Também no leprosário foi estabelecido como limite recomendável de declividade o índice de 8% e, como máximo, de 12% e prevista uma grande quantidade de áreas ajardinadas, segundo o padrão da cidade-jardim. (LIMA, 2003, p. 189).

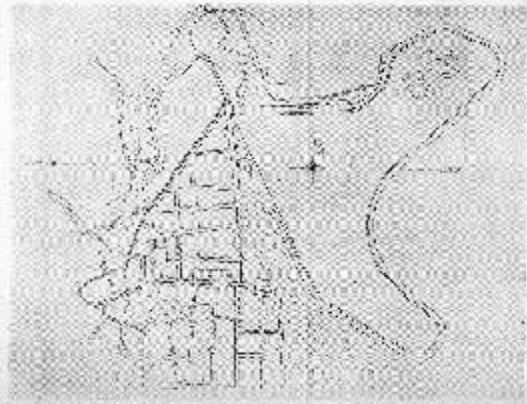
No plano para Monlevade, Continentino preocupou-se também em hierarquizar o sistema viário, diferenciando as vias de tráfego intenso das ruas

²⁵ As três cidades paulistas citadas desenvolveram-se ao longo de vales. Assim, os cursos fluviais e as avenidas-parques estão localizados nos eixos centrais dos conjuntos urbanísticos.



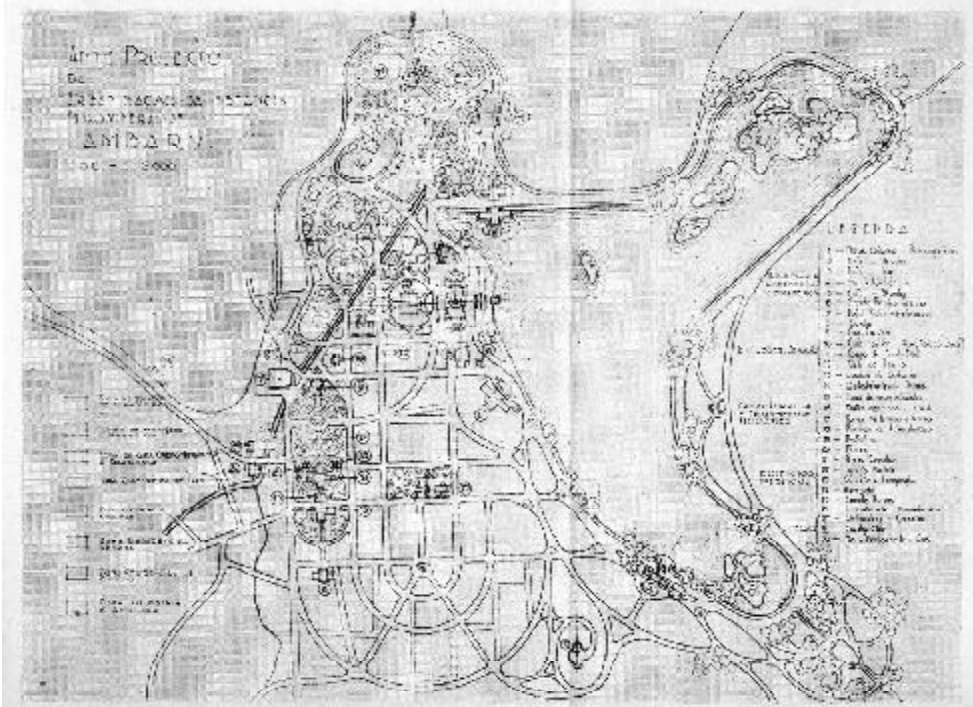
149. Plano de Ulhôa Cintra para Águas da Prata (1923 - não construído)

PLANTA ACTUAL DA CIDADE DE LAMBARY



150 e 151. Plano de Pujol para Lambary (1933)

PLANO GERAL DE REMODELAÇÃO DE LAMBARY



residenciais. O relevo movimentado da região onde seria construída a cidade levou o urbanista a propor um sistema viário alternativo ao regular, cartesiano. Em seu projeto, as vias acompanham a topografia do terreno, evitando grandes movimentos de terra e declividades acentuadas, dando origem, assim, a lotes e quadras irregulares: “(...) foram estabelecidos perfis racionais para os arruamentos, segundo regras dominantes de urbanismo, applicadas às cidades-jardins” (CONTINENTINO, 1937 apud LIMA, 2001). Essa solução permite também a criação de sistemas eficientes de escoamento de esgoto e de águas pluviais, respondendo às exigências sanitárias e ambientais.

Como já se pôde constatar, os projetos de Continentino para Monlevade e para o Barreiro guardavam características das experiências de cidade-jardim, desenvolvidas na Inglaterra e nos Estados Unidos²⁶. Vale ressaltar novamente que tal referência foi recorrente nas obras de Continentino, tanto em seus discursos e textos quanto nas intervenções práticas (LIMA, 2001, p. 599). As propostas desse modelo, aliadas a princípios do urbanismo sanitário, apareciam aqui como resposta às questões de saúde, higiene e conforto que o urbanismo deveria responder, além da procura por um novo padrão estético para as cidades, de acordo com as necessidades brasileiras. Essas novas concepções urbanísticas deveriam ser adaptadas aos mais diversos tipos de intervenções urbanas planejadas, fossem em cidades empresariais, como Monlevade, capitais, como Belo Horizonte, ou estâncias hidrominerais, como o Barreiro de Araxá.

Embora Continentino tenha supervisionado a elaboração das pranchas técnicas utilizadas na construção do conjunto, como diretor na Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado, o urbanista aparentemente não acompanhou a execução da obra. Os serviços de terraplanagem da Avenida do Contorno foram coordenados pelo engenheiro Agostinho Carlos Catella, também funcionário do governo estadual. Além das tarefas específicas realizadas por profissionais como Catella, o gerenciamento global das obras do Barreiro aparentemente ficou a cargo de Andrade Júnior, que coordenou as diversas equipes envolvidas na construção até a época da inauguração do complexo, na década de 1940.

Vale observar que o plano viário proposto pela equipe de Continentino foi parcialmente implantado, sendo encontrados poucos sinais de sua realização fora

²⁶ Os planos de Francisco Batista de Oliveira e de Ângelo Murgel para o concurso de Monlevade também apresentavam soluções filiadas às propostas desenvolvidas nas cidades-jardins.



152. Escavação do Lago Superior



153. Aspecto atual do Barreiro (fotografia de 2002)
Lago Superior - ao fundo, o hotel (dir.) e as termas; à direita, a Ilha dos Amores



154. Aspecto atual do Barreiro
(fotografia de 2005)
Lago Inferior - a direita, a via onde se distribuem as residências dos funcionários graduados

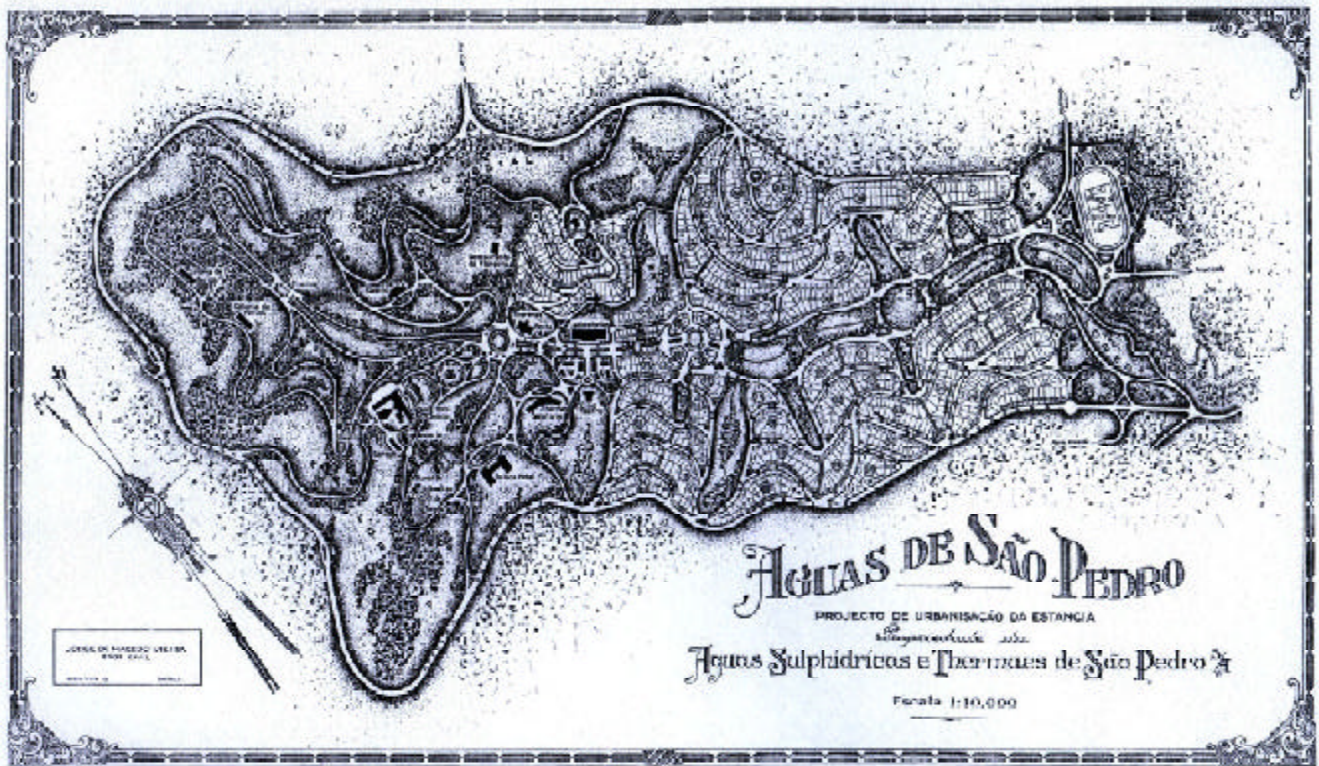
dos limites da Avenida do Contorno. O projeto sofreu também algumas alterações relevantes, como a criação de uma nova rodovia ligando o Barreiro a Araxá, que não estava prevista no memorial descritivo.

O PROJETO DE UMA CIDADE BALNEÁRIA

Além das orientações relativas à área reservada às instalações do balneário e ao sistema viário, o memorial também contemplava todas as zonas que constituiriam a nova estância: residencial, comercial e parques e jardins. A proposta incorporaria uma área com mais de 1300 quilômetros quadrados. Aparentemente, o projeto desenhado por Aurélio Lopes previa a divisão dos terrenos da região do Barreiro em

quarteirões, enumerados no memorial, com suas respectivas áreas. Não foram encontrados, porém, pranchas com as configurações de tais quadras. Para a zona residencial, previa-se a criação de mil lotes, podendo abrigar cerca de seis mil habitantes, além dos hóspedes que visitariam o balneário. Como já se observou nesse capítulo, a descrição do zoneamento já denota a intenção de se criar nos arredores do Barreiro um subúrbio de proporções generosas, com características muito similares às das estâncias planejadas no Brasil. A elaboração de um plano de zonas também denota a sintonia do projeto para o Barreiro com os ideários urbanísticos modernos e com outras experiências em desenvolvimento no campo do planejamento de cidades naquele período. Em sua apostila, Continentino ressalta que a definição do zoneamento constitui uma das condições imprescindíveis para o planejamento das cidades (CONTINENTINO, 1960, s.p.).

Outras estâncias planejadas no Brasil também apresentaram propostas de zoneamento, com princípios às vezes similares ao projeto de Araxá. Em Lambari, por exemplo, além das zonas voltadas ao uso dos turistas, previa-se também uma zona comercial de caráter local, zonas residenciais e setores agrícolas. Já o projeto de Vieira para Águas de São Pedro, cidade planejada para ter o turismo como sua principal atividade econômica, não previa áreas destinadas a atividades agrárias, contando



155. Projeto de Jorge de Macedo Vieira para Águas de São Pedro (1936)



156. Anúncio da Villa Radio
o quadro em amarelo indica
a área do Barreiro

apenas com uma pequena zona comercial e uma zona residencial, além do setor hoteleiro e termal (FRANCO, 2003, p.133).

No caso de Araxá, a maior parte da área destinada à construção do conjunto seria ocupada por loteamentos - que tomariam 53% da superfície - onde se localizariam as zonas residencial e comercial. Ainda assim, a proporção de áreas verdes e de logradouros públicos (que, somados, ocupariam 47% dos terrenos) excederia a percentagem usual encontradas em outras cidades²⁷.

Vale observar, porém, que, mesmo antes do início das obras de remodelação da estância, já se anunciava em jornais a venda de lotes na “Villa Barreiro”²⁸, ainda na década de 20, e, em 1930, na “Villa Rádio”. Tais anúncios também confirmam a região do Barreiro como um dos vetores de crescimento da cidade de Araxá. A Villa Rádio (projeto de 1929), de acordo com o desenho que ilustrava o anúncio, teria uma dimensão aproximadamente cinco vezes maior do que aquela que o Barreiro tinha antes de sua remodelação. O conjunto seria construído em uma região localizada

²⁷ Os resultados de duas bases de cálculos para áreas verdes – 1 hectare / 6000 a 10000 pessoas ou 30 m² / pessoa – eram inferiores às áreas reservadas no local.

²⁸ Não foram encontrados registros a respeito da localização precisa dos lotes deste loteamento ou registros sobre seu traçado.

ao sul do Hotel Rádio, englobando também os terrenos deste estabelecimento. Também de acordo com o anúncio, o projeto da Villa Rádio²⁹ possuía um traçado sinuoso, lotes generosos e grandes proporções de áreas verdes, seguindo um modelo muito similar àquele encontrado nos subúrbios-jardins ingleses e norte-americanos. Com base nesse projeto, é possível entrever dois aspectos do contexto urbanístico da época: em primeiro lugar, ele mostra que os modelos presentes nos planos de cidades ou subúrbios-jardins já eram bastante difundidos entre os engenheiros civis brasileiros na década de 1920. Em segundo, esse modelo também era associado no Brasil ao planejamento de áreas de lazer e de subúrbios; núcleos urbanizados, mas que deveriam guardar um caráter semi-rural.

Bem como a Villa Rádio, o plano de Continentino e sua equipe incorporava elementos presentes nos subúrbios-jardins na elaboração dos setores residenciais. Previa-se aqui a criação de lotes com dimensões amplas, “bem maiores do que as adotadas entre nós”³⁰, onde as residências seriam construídas com um afastamento mínimo de cinco metros entre si. Exigia-se também o mesmo recuo em relação ao alinhamento da rua e uma taxa de ocupação de, no máximo, 25%. Esse padrão de loteamento, com habitações isoladas em grandes lotes, tornou-se mais comum nos subúrbios e bairros-jardim construídos na América, especialmente nos Estados Unidos, do que na Inglaterra. Padrões semelhantes podem ser encontrados também em outras cidades brasileiras. Os bairros-jardim paulistanos (Pacaembu, Alto de Lapa e Jardim América, entre outros) são exemplos desse tipo de ocupação³¹, ainda que com uma destinação mais reduzida para as áreas livres.

O sucesso de empreendimentos planejados com características das cidades-jardins, como os bairros paulistanos citados acima, denota a valorização desse padrão urbanístico entre os brasileiros, o que fazia com que esses tipos de loteamento se tornassem bons investimentos em termos financeiros, apesar do grande número de áreas não edificadas³². Voltando rapidamente ao anúncio da Villa Rádio, é possível notar que a adoção dos padrões urbanísticos dos subúrbios-jardins estava associada à rentabilidade do conjunto de lotes. O anúncio trazia um discurso de Mário Campos, prefeito de Araxá em 1930, que continha as seguintes palavras sobre a urbanização da área das fontes a ser executada por parte do Estado: “o traçado dessa cidade, QUE SERÁ UMA CIDADE JARDIM e que obedecerá aos preceitos mais modernos do urbanismo, foi confiado ao competente técnico da capital do Estado³³” (UMA INICIATIVA..., 1930, p. 12). A ênfase na cidade-jardim denota que os conjuntos construídos de acordo com esse modelo eram bem vistos pelo público das estâncias e pelos possíveis compradores de lotes na Villa Rádio.

²⁹ O anúncio identifica como autor deste plano o engenheiro civil José Carlos Pedro Grande, que era também proprietário de terras na região do Barreiro.

³⁰ A condição topográfica acidentada dos terrenos foi descrita como uma das justificativas para a generosidade das metragens.

³¹ Ver ANDRADE (1992) e WOLFF (2001).

³² Essa valorização das áreas urbanizadas que incorporavam o verde já era percebida pelos promotores das intervenções filiadas ao City Beautiful nos Estados Unidos. (DAL CO, 1975, p. 185). Sobre os bairros paulistanos, ver ANDRADE (1999, p. 225-353).

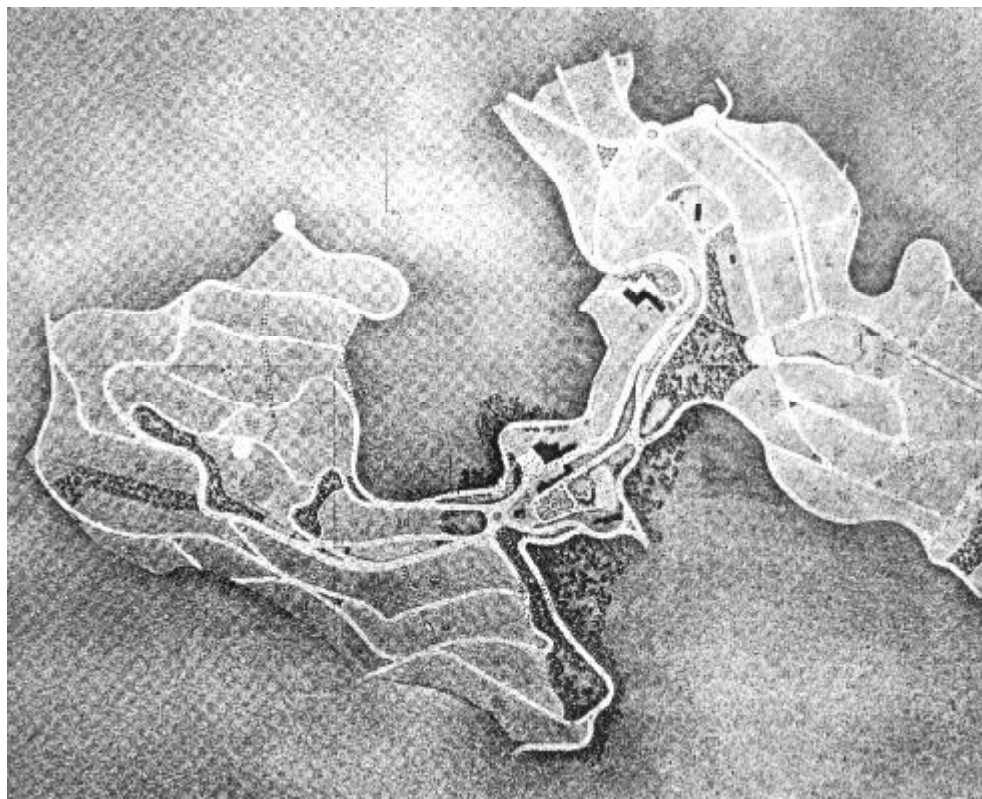
³³ Sabemos, contudo, que o “competente técnico” seria contratado somente três anos após a publicação do anúncio.

Assim, nas estâncias balneárias brasileiras, parcelamentos com lotes generosos tornaram-se um padrão. Em Águas de Lindóia foram propostos lotes residenciais com dimensões que variavam de 400 a 600 m², metragem semelhante à estabelecida em Águas de São Pedro, também com 600 m². Em Araxá, os quarteirões teriam em média cerca de 17000 m², onde poderiam ser distribuídos cerca de trinta e cinco lotes semelhantes aos das estâncias paulistas. Os planos para estas cidades, incluindo-se aí a de Araxá, procuravam regular ainda as taxas de ocupação, as dimensões mínimas dos lotes e os gabaritos das edificações (FRANCO, 2003, p.133 e 141).

No Barreiro, algumas soluções típicas do urbanismo de tradição pitoresca apareciam também no projeto dos arruamentos da zona residencial, como o sistema de *cul de sac*.

Adotou-se várias vezes em condições especiais do terreno, em zona residencial, o sistema de arruamentos 'cul de sac', quando se pôde assim realizar melhor aproveitamento do terreno loteado e fácil drenagem de águas. (CONTINENTINO, 1933, p. 04).

Esse sistema, bastante utilizado em inúmeros planos de cidades, bairros e subúrbios-jardins em diversos países - como a cidade de Welwyn, na Inglaterra (1920),



157. Projeto da empresa Lindemberg e Assumpção para Águas de Lindóia (1942)

o subúrbio de Radburn nos Estados Unidos (1929) -, foi também empregado em experiências brasileiras como o Setor Sul do plano para Goiânia (1934), elaborado pelo engenheiro Armando de Godoy. Continentino, que aplicou o sistema em vários dos projetos já citados aqui, era defensor dessa solução e de vários aspectos do traçado da cidade-jardim. Em um artigo sobre o urbanismo de Belo Horizonte, ele observa:

[...] Quando se projetou Belo Horizonte, ainda não se tinha idealizado o traçado da cidade jardim residencial, cercada de avenidas ou artérias de tráfego intenso, mas tendo em seu interior somente ruas curtas e estreitas, com curvas e ‘cul de sacs’ ou viradouros, tendo em vista restringir a velocidade e a intensidade do tráfego privativo de cada núcleo residencial. As residências dentro da cidade jardim tipo Wellwin ou Letchworth ficam protegidas pelo seu próprio traçado, contra o tráfego intenso, veloz e perigoso ou contra o excesso de ruídos e poeira das avenidas e seus cruzamentos. (CONTINENTINO, 1954, p.69).

O plano da equipe coordenada por Continentino previa também a construção de uma vila operária, destinada a abrigar, primeiramente, os trabalhadores das obras do Barreiro e, posteriormente, os funcionários do balneário e suas famílias. O memorial menciona apenas a localização onde a vila deveria ser construída, ressaltando que o traçado do conjunto, ainda a ser elaborado, deveria constar no plano urbanístico definitivo da estância. De acordo com o memorial, a vila se localizaria em um terreno localizado a oeste do balneário, próximo à rodovia que constituía então a principal ligação entre o Barreiro a Araxá (conhecida atualmente como “estrada velha”). Passaria também por essa área um ramal ferroviário, ligando a região das fontes ao centro da cidade, que nunca chegou a ser executado. Contudo, o conjunto de casas operárias que foi de fato construído situa-se em uma área a leste da Avenida do Contorno, próximo à estrada que conduzia à Cascatinha³⁴ e à indústria engarrafadora de águas do Barreiro (construída na década de 1970). Não foram encontrados dados que fornecessem alguma justificativa para a mudança radical da proposta de localização dessas casas.

A vila possui residências geminadas, mais modestas, e habitações de maior porte, isoladas nos lotes. As duas tipologias estão dispostas em terrenos com áreas e configurações diferentes entre si, localizados em quadras definidas por um traçado não ortogonal, que acompanha a topografia da área. O grupo de moradias geminadas é composto por edificações uniformes, contendo duas residências cada uma. As unidades foram dispostas linearmente ao longo de uma via que acompanha o curso de um dos córregos da bacia do Barreiro. Devido ao grande desnível do terreno em direção ao leito do rio, as habitações foram implantadas em uma cota superior ao

³⁴ Trata-se de uma queda d’água localizada próximo ao conjunto do balneário, muito visitada pelos turistas até a década de 1980, quando o curso do córrego que dava origem à cascata foi desviado para atender as necessidades de uma das empresas mineradoras de Araxá.

nível da rua. Assim, foi necessária a construção de muros de arrimo, que limitam também os jardins fronteiros propostos para cada residência. Embora não seja possível precisar a participação da equipe coordenada por Continentino na elaboração desse conjunto, algumas soluções aqui aplicadas concordam com as concepções urbanísticas do engenheiro. A disposição linear, acompanhando o curso fluvial, evita declividades excessivas na via de acesso às casas, auxiliando no escoamento das águas e no tráfego de veículos e pedestres. As unidades habitacionais, por sua vez, estão resguardadas em relação à rua, tanto pelo desnível resultante da implantação quanto pelos jardins, que seguem as propostas para setores residenciais formuladas por Unwin e Parker. Do outro lado da via, à margem do córrego, foram plantadas árvores de grande porte, sendo possível enxergar aí a aplicação (ainda que um tanto precária) do conceito de *parkway*.

Além das unidades da vila, quatro casas foram construídas na margem esquerda do Lago Inferior para acolher os funcionários mais graduados que trabalharam nas obras do Barreiro. A disposição dessas residências segue os princípios aplicados no conjunto de casas geminadas. Porém, nota-se aqui a presença de lotes mais amplos, com recuos maiores em relação à rua e a inexistência de uniformidade tipológica, como ocorria no caso anterior. Um outro diferencial é dado pela arborização mais esparsa da via, deixando livre, em muitos pontos, a visual para o lago.

É importante observar que, embora o plano de urbanização visasse atender principalmente as exigências e necessidades dos visitantes da estância, o espaço do trabalho e sua configuração não foram negligenciados pelo plano. Contudo, vale



158. Vila operária (fotografia de 2005)



159. Residência construída junto ao Lago Norte (fotografia de 2005)

também ressaltar que após a inauguração das novas instalações do Barreiro, esses conjuntos passaram a ter pouquíssimas relações com o balneário. O grupo de casas geminadas, em especial, está praticamente ocultado pela conformação topográfica da região e o desenvolvimento das massas vegetais do parque, podendo passar despercebido pelo turista que freqüenta o hotel, as termas ou as fontes.

Afora os conjuntos voltados às moradias dos trabalhadores das obras do Barreiro, nota-se que uma pequena parcela das áreas destinadas à criação de zona residencial foram efetivamente loteadas. Desses lotes, poucos foram adquiridos para a construção de residências, localizadas esparsamente entre terrenos ainda hoje desocupados. Um dos bairros que apresentam um índice mais significativo de povoamento, é o bairro de Santa Terezinha, que se desenvolveu na região onde se localizava a antiga Pensão Santa Terezinha (já demolida) em uma região que se estende a leste do Lago Norte. Apesar da grande quantidade de lotes vazios, esta é a área residencial mais habitada da região da estância, sendo sua ocupação atual bastante variada, com construções da época da inauguração do Barreiro e um número pequeno de habitações erguidas recentemente.

Os levantamentos feitos até meados da década de 1930, época do início das obras, registram que havia nessa região apenas a própria pensão Santa Terezinha, sedes de sítios e fazendas e poucas edificações ligadas ao antigo balneário. A completa transformação da área após a inauguração do novo conjunto leva a crer que a ocupação desse bairro foi estudada e planejada. Nota-se também aqui a presença de lotes generosos, com recuos amplos, dispostos em quadras irregulares, definidas por um traçado viário que acompanha a topografia local.

O grupo escolar previsto no memorial encontra-se também nesse núcleo formado pelo bairro Santa Terezinha. Previa-se para a escola uma área para recreação (playground), cujas dimensões mínimas deveriam variar entre 9 e 12 m² por criança. Continentino parecia satisfeito com o terreno encontrado para a escola, embora lamentasse sua condição topográfica, um tanto íngreme, e se mostrasse descontente com o fato de que o estabelecimento distanciava-se muito de algumas regiões residenciais, excedendo, em alguns pontos, a distância máxima de 400 metros, o que poderia dificultar o acesso dos alunos.

A área onde a escola foi construída constitui a ligação entre o Santa Terezinha e um outro núcleo residencial razoavelmente ocupado nos arredores do Barreiro. Trata-se do loteamento feito na área pertencente ao Dr. João Jacques Motandon. Esse conjunto, aprovado em 1946, foi assinado por Wilson Motandon, engenheiro civil, e pelo engenheiro agrônomo Adhemar Calixto M. da Silva e é composto por 19 quadras dispostas ao longo do Lago Inferior, no início da estrada que liga, hoje, o Barreiro a Araxá³⁵. Previa-se aqui, além da criação de lotes residenciais, uma área destinada à construção de um parque, ao lado direito da estrada, onde se localizaria uma outra igreja (além daquela prevista no memorial de Continentino), mais um grupo escolar e uma escola infantil. Na margem esquerda do lago, uma das quadras (a de número 01) aparentemente incorporou os terrenos das quatro residências que funcionavam como moradia dos funcionários graduados durante as obras, embora esses lotes não estejam especificados na planta.

O traçado desse projeto é orgânico, com ruas que acompanham as margens do lago e a topografia do terreno. Assim como nos dois outros conjuntos residenciais já citados e a mencionada “Villa Rádio”, tal traçado deu origem a quadras irregulares, com lotes de diversas metragens e configurações. O projeto de Motandon e Silva é coerente com as soluções recomendadas por Lincoln Continentino nos memoriais de seus projetos e em seus textos. Evita grandes movimentos de terra e declividades acentuadas nas vias de tráfego, além de facilitar o escoamento das águas pluviais e servidas, através de um desenho orgânico e racional. Entre as soluções características da associação entre a tradição urbanística pitoresca e a engenharia sanitária aplicadas no projeto, pode-se citar a existência de pequenas praças nas extremidades das quadras (onde a área remanescente era insuficiente para a ocupação por lotes) e em situações de bifurcação de vias³⁶. Um outro exemplo é dado pela criação de uma rua para circulação de pedestres entre as quadras 04 e 05, ligando duas ruas em níveis diferentes³⁷. Soluções como essas podem ser observadas no bairro do Pacaembu, projetado por Parker em São Paulo e no plano de Jorge de Macedo Vieira para Águas

³⁵ A criação dessa nova rodovia não estava prevista no plano, como já mencionado neste capítulo.

³⁶ O reconhecimento dessas áreas é, atualmente, difícil, visto que esses terrenos ajardinados confundem-se com os lotes desocupados, há muito tomados por elementos vegetais bastante desenvolvidos.

³⁷ Tais ruas, chamadas de “vuelas sanitárias”, aparecem em alguns projetos de Saturnino de Brito e de Jorge de Macedo Vieira, contribuindo para o escoamento das águas de chuva e do esgoto.

de São Pedro. Além do traçado orgânico, a preocupação em reservar uma área para a criação de um parque aproxima o plano das proposições da cidade-jardim de Howard, procurando manter um vínculo entre cidade construída e natureza e criando um centro de convívio para os moradores do conjunto. Apesar da qualidade do projeto, grande parte dos terrenos desse loteamento também não foi ocupada, existindo hoje poucas residências espalhadas por várias quadras. Há uma concentração maior de casas nas quadras vizinhas ao Hotel Colombo, do lado direito do lago.

A pouca ocupação dos bairros contrariou a previsão que enxergava o Barreiro como uma área potencial de expansão urbana de Araxá. Embora seja difícil precisar os motivos que levaram à baixa ocupação dos setores residenciais da estância, é possível observar pelo menos dois fatores que dificultaram a efetivação desse aspecto do plano de urbanização. Primeiramente, percebe-se que a proibição dos jogos de azar, em 1946 (dois anos depois da inauguração do hotel-cassino e das termas, como já foi colocado no capítulo 3), trouxe conseqüências diretas ao turismo de estância, acarretando num decréscimo sensível no número de visitantes dessas localidades. Em Araxá essa queda não foi suficiente para abalar o movimento e o sucesso das novas instalações. Contudo, o recém inaugurado Grande Hotel - com seus quase



161. Quarteirão do loteamento do Sr. Motandon - não ocupado
(fotografia de 2005)



162. Ao fundo, uma pequena praça no loteamento do Sr. Motandon
(fotografia de 2005)

300 apartamentos - e os outros estabelecimentos hoteleiros da cidade aparentemente mostraram-se suficientes para abrigar a quantidade de turistas que freqüentavam o Barreiro. Em segundo lugar, há indícios de que as negociações entre o governo estadual e os proprietários das terras da região das fontes para a desapropriação dos terrenos foi bastante atribulada. Aparentemente, uma das soluções encontrada para a realização de um acordo entre as duas partes foi a concessão, por parte do Estado, de alvarás para a construção de loteamentos residenciais particulares, que geralmente constituíam-se como empreendimentos promovidos pelos próprios donos das fazendas da região, como é o caso do loteamento do Dr. Motandon.

A baixa ocupação dos núcleos residenciais trouxe também dificuldades para a criação de uma zona comercial, prevista no plano para a estância feito pela equipe de Continentino. De acordo com o memorial, tal setor ocuparia dois quarteirões da área loteada e os edifícios destinados ao comércio deveriam ser construídos apenas nos lotes pré-determinados, onde seriam criadas condições para o trânsito de mercadorias, estrutura para carga e descarga de produtos e locais de estacionamento. Quanto à extensão das fachadas frontais dos estabelecimentos, o plano determina uma proporção mínima de 7,5 cm por habitante da região³⁸. Previa-se, ainda dentro da zona comercial, a existência de um mercado. Contudo, o conjunto comercial, incluindo as instalações do mercado, não foi constituído.

O Barreiro conta hoje com pouquíssimos estabelecimentos de comércio ou de serviços, com uma concentração maior no bairro Santa Terezinha, que atendem aos poucos moradores da região. Há também um pequeno número de restaurantes e bares na estrada Araxá-Barreiro e alguns estabelecimentos voltados aos turistas. No geral, as lojas, restaurantes e bares existentes hoje na estância são relativamente recentes. Com um movimento de vendas bastante irregular - alto nas temporadas de férias e feriados e baixo no restante do ano – tais estabelecimentos, em muitos casos, funcionam por poucos anos. A única exceção era a galeria comercial que funcionava no térreo dos edifícios do Grande Hotel e das Termas. Contudo, esta também foi fechada com a reforma dos dois edifícios nas décadas de 1990 e 2000.³⁹

Outros equipamentos, relacionados no memorial, que contribuiriam para a constituição de um verdadeiro núcleo urbano no Barreiro, também não foram feitos. De acordo com o plano de Continentino, o complexo deveria ter um centro cívico e administrativo, em um quarteirão próximo ao parque do balneário, onde se localizaria a prefeitura da estância. Nesse centro funcionaria também uma agência de correios e uma clínica crenológica, não executados. Dentre os edifícios que comporiam esse centro pensado pela equipe de Continentino, o único realizado foi o da igreja, construído muitos anos após a inauguração do balneário e localizado no encontro

³⁸ O memorial não explicita o cálculo realizado para atingir tal dimensionamento.

³⁹ O fechamento do hotel e das termas, em 1993, provocou a interrupção do funcionamento da galeria e comprometeu as vendas dos demais estabelecimentos, sendo o maior fator do pouco sucesso do comércio do Barreiro nos últimos anos.

⁴⁰ Um projeto definitivo do terminal foi elaborado em 1964, por José Bellini dos Santos Filho.

entre a nova rodovia Barreiro-Araxá e a Avenida do Contorno.

O projeto propunha ainda a implantação de um sanatório “junto de uma pequena mata, em situação ao abrigo dos ventos”, também não construído. O memorial sinaliza ainda a intenção de se criar um cemitério, recomendando uma localização afastada da área do balneário e dos terrenos loteados e “na direção contrária aos ventos” (CONTINENTINO, 1933, p. 06).

Por outro lado, a implementação das estruturas de transporte recebeu investimentos para sua realização. Tanto o aeroporto quanto o terminal rodoviário previstos no plano foram construídos, sendo que a primeira pista de pouso foi feita ainda durante as obras da estância. O memorial de Continentino já esclarecia a importância da criação de um campo de pouso, em terreno apropriado, plano, distante de formações montanhosas:

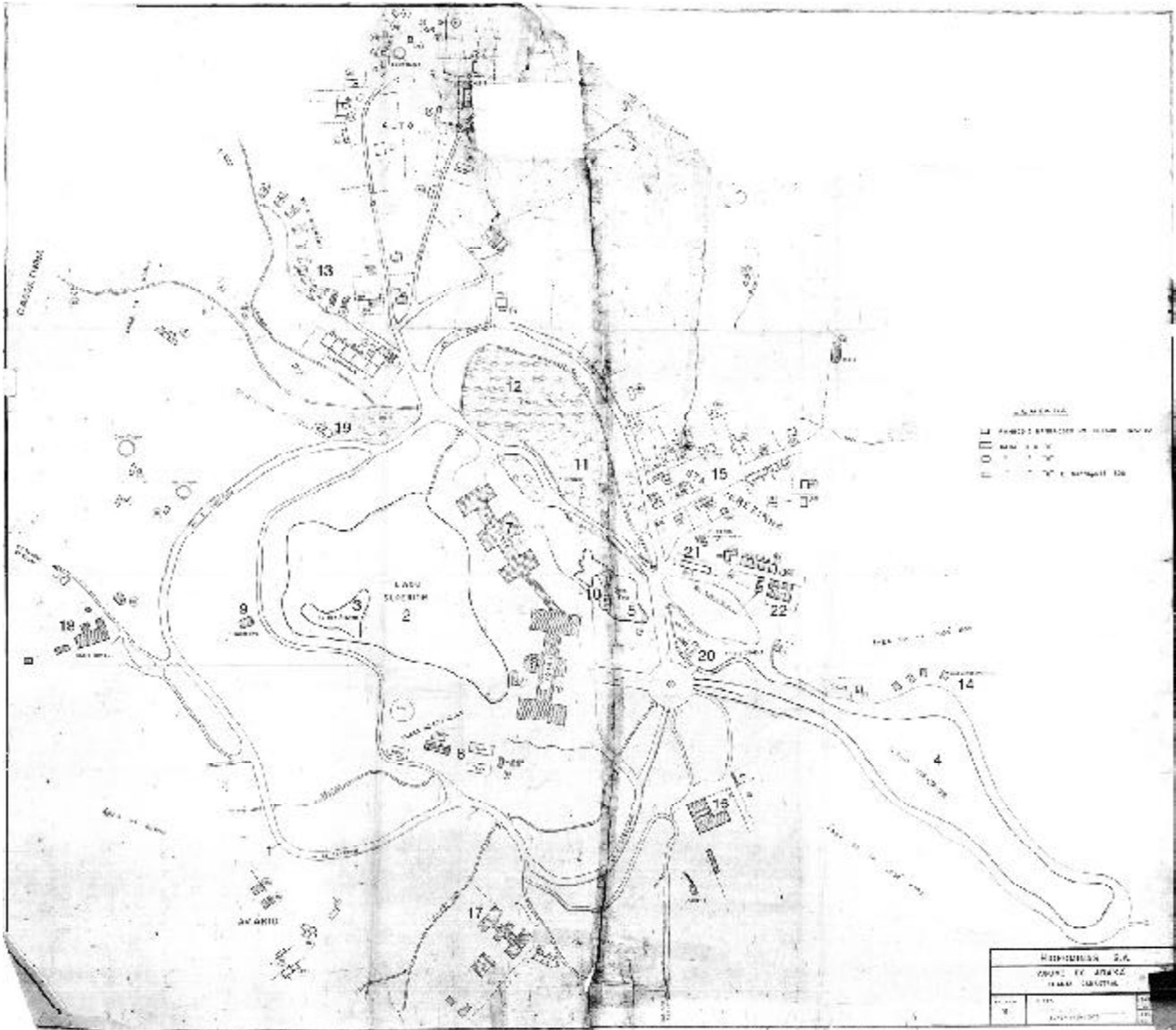
[O] transporte aéreo para Araxá [...] virá a construir em futuro não muito remoto, um dos principais meios de comunicação da estância com os grandes centros do país, pelo conforto e rapidês da viagem (CONTINENTINO, 1933, p. 06).

Já em 1938 foi construída uma pista provisória, que recebia esporadicamente os aviões que traziam os profissionais envolvidos na construção do balneário e o próprio presidente Vargas nas suas visitas. Com o novo balneário em funcionamento, o aeroporto, já com instalações completas, serviu aos turistas provenientes das capitais mineira, paulista e federal. O terminal rodoviário, também previsto no memorial, foi construído dentro do parque do Barreiro, também na área de encontro entre a Avenida do Contorno e a estrada Araxá-Barreiro⁴⁰, no terreno oposto ao da igreja.

A infra-estrutura relacionada aos transportes não é a única mencionada no memorial. Como já mencionado, a preocupação com a infra-estrutura é recorrente nos planos de Continentino. Daí a presença dessas indicações já nos memoriais justificativos, demonstrando a visão ampla do engenheiro desde o início da elaboração dos projetos. Além das recomendações para os sistemas de abastecimento de água, esgoto e eletricidade, Continentino deu, no plano para Araxá, as diretrizes e recomendações para a implementação e o funcionamento dos serviços de limpeza pública e até instalações sanitárias domiciliares, abastecimento de leite e carne e saneamento dos terrenos rurais.

Vale observar novamente algumas semelhanças entre os planos de Araxá e Monlevade. Além de similaridades já citadas nas soluções de tráfego e saneamento, o plano de Monlevade apresenta vários elementos programáticos e projetuais em comum com a estância de Araxá. Também em Monlevade a preocupação com os

1. Avenida do Contorno
2. Lago Superior (Sul)
3. Ilha dos Amores
4. Lago Inferior (Norte)
5. Lago da fonte sulfurosa
6. Grande Hotel
7. Termas
8. Praça de Esportes
9. fonte radioativa (Dona Beja)
10. fonte sulfurosa (Andrade Júnior)
11. Bosque
12. Brejo
13. Vila operária
14. Lotes residenciais - funcionários graduados
15. Bairro santa Terezinha
16. Hotel Colombo
17. Hotel da Providência (antigo Cavallini)
18. Hotel Rádio
19. Usina engarrafadora (água mineral)
20. Igreja
21. Sub-estação de energia
22. Grupo escolar



163. Planta cadastral da área do Barreiro (1977)

sistemas de infra-estrutura e os serviços urbanos básicos também estava presente (LIMA, 2001, p. 604). A cidade industrial, assim como a estância, contava com um centro cívico, constituído por praças onde estariam localizados os centros comercial e administrativo. Previa-se, entre outros equipamentos urbanos, a presença de aeroporto, hospital, cemitério e matadouro. Foram feitos estudos a respeito da localização da escola, que também teria um playground. Ainda em Monlevade, o projeto de Continentino fornece diretrizes a respeito da ocupação dos lotes residenciais, que regulariam os recuos e o índice de aproveitamento dos terrenos. Para a zona habitacional, recomendou-se aqui, assim como em Araxá, a adoção do sistema de *culs-de-sac* e a aplicação de outros princípios presentes nas propostas de cidades-jardins, como os grandes recuos das residências em relação às ruas e às divisas dos lotes (4 metros) e a proposta de criação de jardins fronteiros e gramados nos lotes residenciais⁴¹ (que deveriam ser limitados por cercas-vivas ou gradis). A cidade deveria também ser ricamente arborizada e contar com áreas verdes livres, tanto na região central do núcleo urbano quanto nos recuos generosos dos lotes.

A preocupação com a criação ou manutenção das áreas verdes também comparece no plano para Araxá. A terceira zona mencionada no memorial compreende os parques e jardins. Continentino ressalta em seu texto que “é indispensável que se preveja, em local aprazível, uma reserva florestal situada a cerca de 3 quilômetros da Estância”. Segundo o texto, além da área de floresta, o conjunto de terrenos destinados à construção da estância contaria com dez áreas de parque. A maior delas, o parque central, ou parque da estância, foi reservada à construção do balneário em si e é limitada pela Avenida do Contorno, como já foi mencionado neste capítulo. Continentino cita também o parque Cavallini (onde se localiza a “Cascatinha”, já citada neste capítulo), o parque da Igreja e o da Escola, entre outros, com especificações de suas respectivas áreas. A grande proporção de áreas de parque denota a preocupação de criar no Barreiro um padrão urbanístico diferenciado:

A área destinada aos parques e jardins corresponde a 23% da área total da cidade balneária. É esta uma percentagem muito elevada que só se justifica em uma estância balneária ou em uma cidade jardim. (CONTINENTINO, 1933, p. 3).

Esse padrão urbanístico proposto para o barreiro, com extensas áreas verdes e várias das soluções e orientações técnicas e estéticas apontadas aqui, também em outras cidades de águas planejadas no Brasil, nas quais, como já pôde se observar, é possível notar vários elementos e características comuns às da estância araxaense.

⁴¹ Tais medidas aparecem como solução para proteger as habitações operárias da poluição sonora e do ar produzidas pelas fábricas e siderúrgicas instaladas na cidade.

As estâncias hidrominerais brasileiras constituíram um campo de experimentação e aplicação de concepções e propostas do urbanismo moderno. O plano do Barreiro é um dos exemplos de incorporação e tradução dos diversos ideários urbanísticos que chegaram ao Brasil no final do século XIX e início do XX, no qual se pode observar algumas modificações e adaptações dessas referências de modo a atender as exigências locais.

Por um lado, a incorporação de tais modelos contribuiu para o grande movimento das temporadas sociais nas estâncias, constituindo paisagens com padrões europeus que tanto agradavam os turistas das camadas mais elevadas, freqüentadores assíduos dessas cidades. A correspondência às expectativas dos visitantes dos balneários e dos investidores desses empreendimentos parece ter tido nos planos elaborados no Brasil um peso maior do que as preocupações sociais e o espírito cooperativista presentes em suas referências internacionais, como a cidade-jardim de Howard.

Por outro lado, o modelo da cidade-jardim, que preconizava a integração entre a cidade e a natureza, adequava-se perfeitamente às funções de cura das estâncias hidrominerais. A presença do verde proporcionava aos visitantes uma atmosfera de tranqüilidade, bastante diversa do ambiente movimentado das grandes cidades, ao mesmo tempo que permitia a realização de jogos e outras atividades esportivas. O traçado orgânico possibilitava a realização de caminhadas, na qual se descortinavam diversas vistas ao longo do percurso. Esse desenho viário filiado ao pitoresco também se mostrou bastante adequado às condições topográficas movimentadas, comuns nos balneários do interior do país, além de responder às exigências urbanísticas do início do século, permitindo a adoção de soluções eficazes para o escoamento das águas pluviais e de esgoto e criando um padrão mais saudável de ocupação urbana, com seus lotes amplos e recuos generosos entre as construções.

A partir da análise dos projetos e textos de Lincoln Continentino e de outros profissionais contemporâneos a ele, nota-se que as preocupações que guiaram seus planos estavam vinculadas à qualidade dos espaços a serem criados, ao bem estar dos usuários, ao planejamento do funcionamento e da possível expansão dos núcleos urbanos elaborados e à solução de problemas técnicos inerentes ao campo do urbanismo. Através do plano para Araxá é possível observar a adequação de referências estrangeiras às necessidades técnicas e funcionais das estâncias brasileiras visando a constituição de ambientes saudáveis e agradáveis para o curista e o turista.

CAPÍTULO 5

A ARQUITETURA DO BARREIRO: CONCEPÇÕES DO MODERNO

Assim como os planos urbanísticos das estâncias, os projetos arquitetônicos elaborados e executados nas cidades de águas também contribuíram para a criação de um ambiente diferenciado, agradável aos visitantes dessas localidades. Vale lembrar que as edificações das estâncias abrigavam os banhos hidroterápicos, o jogo, as festas e bailes, os banquetes, os concertos e diversas outras atividades que se desenvolviam durante as estações, constituindo os principais palcos para a sociabilidade nas estâncias brasileiras. A análise dos edifícios propostos para o Barreiro permite observar o papel da arquitetura na constituição da imagem e da paisagem dessas localidades.

Observa-se nas construções da estância araxaense a incorporação do gosto e das expectativas das elites frequentadoras dos balneários. É possível perceber nessas obras diversas referências estrangeiras, que correspondiam a um ideal de sofisticação e de conforto. Assim, aparecem também aqui diversas características da arquitetura do ecletismo, especialmente dos estilos pitorescos. Os edifícios do Barreiro, bem como algumas construções presentes em outras estâncias brasileiras, constituem um conjunto propício para a observação da grande aceitação desse conjunto de estilos arquitetônicos que, assim como o próprio urbanismo de tradição pitoresca, esteve ligado ao ambiente suburbano ou às paisagens semi-rurais, como já pudemos observar. Vale ressaltar que essa produção, ainda que a partir de um viés diverso do Movimento Moderno na arquitetura, representou uma tentativa de solucionar o dilema rural / urbano; nacional / internacional; arcaico / moderno. Assim, verifica-se que esse mesmo grupo de construções também participou do debate e do processo de transição entre as vertentes ecléticas e modernas no país.

Nota-se que os conjuntos construídos nos balneários acompanharam, em certa medida, as transformações decorrentes desse debate, incorporando paulatinamente a linguagem do Movimento Moderno ao mesmo tempo em que se constituíam cenários propícios para a criação de construções de vulto nos moldes ecléticos. As duas vertentes convivem no balneário de Araxá, fazendo do Barreiro um conjunto exemplar para a observação desse debate entre ecletismo e Movimento Moderno, que se estabelecia com força na época da construção das obras do balneário.

Desse modo, estudaremos aqui os projetos arquitetônicos elaborados para a estância araxaense até a época de sua inauguração, em 1944. Através dessa investigação, procuraremos compreender as intenções e preocupações das equipes de arquitetos envolvidas na obra, como Luiz Signorelli, Raphael Hardy e Francisco Bolonha, bem como suas concepções em relação à arquitetura e à noção de modernidade.

O BARREIRO DE ARAXÁ:

O ECLETISMO NOS PROJETOS DO ESCRITÓRIO LUÍS SIGNORELLI

Como já observamos, os preparativos para a construção do novo complexo hidrotermal do Barreiro levaram alguns anos. A estância araxaense contava até então com poucas edificações: uma modesta casa de banhos, abrigos para as fontes Dona Beja e Andrade Júnior e um coreto¹ (elemento comum nas estâncias), além de alguns estabelecimentos hoteleiros e comerciais particulares.

Anda na década de 1920, propôs-se a criação de uma nova casa de banhos, que faria parte de uma intervenção mais abrangente, com espaços de recreação e esportes, anunciada pelo então interventor do estado, Mello Vianna. Contudo, esse projeto, publicado em 1925 (MINAS BRASIL, 05 nov)², não chegou a ser construído. A proposta trazia uma composição de aspectos clássicos, mais próxima de edifícios do gênero construídos na Europa e do balneário de Caxambu. Observa-se nela uma volumetria regular e simétrica e de colunas (aqui também dispostas em duplas). Um frontão foi introduzido aqui na porção central, marcando o acesso ao edifício, e a cobertura continha um conjunto de abóbadas em tenda, que apareciam com frequência nos projetos de balneários europeus.

Os trabalhos de elaboração do projeto realizado em Araxá só teriam início na década de 1930, com a criação da Comissão de Obras do Barreiro. Dos seis projetos que compunham o Parque do Barreiro na época da inauguração, quatro foram confiados ao escritório do arquiteto Luís Signorelli. Essa equipe elaborou os edifícios do Grande Hotel, das Termas, da Praça de Esportes e da Fonte Dona Beja,

¹ Em Araxá, nessa época, o coreto era a única estrutura com um tratamento ornamental filiado ao pitoresco. Havia nele um friso rendilhado, provavelmente em madeira, semelhante aos encontrados nos chalés de Poços de Caldas e do Rio de Janeiro.

² Aparentemente, trata-se do mesmo projeto elaborado por Antenor Muniz em 1924 (dados obtidos no Arquivo Público Mineiro).



164. Projeto de balneário para Araxá (publicado em 1925)

além de uma residência situada fora dos limites da Avenida do Contorno, sendo assim a principal responsável pelo conjunto arquitetônico dessa estância.

Luís Signorelli teve uma atuação de destaque na primeira metade do século XX, sendo autor de dezenas de projetos residenciais, comerciais e institucionais em Belo Horizonte e em outras cidades mineiras. Era mineiro da cidade de Cristina, onde nasceu em 1896³. Graduou-se como engenheiro-arquiteto na Escola Nacional de Belas Artes em 1925, tendo recebido a Medalha de Ouro na ocasião. Participou do Salão Nacional de Belas Artes, tendo sido premiado duas vezes: uma Menção Honrosa em 1923 e a Medalha de Bronze em 1926. Fixou residência em Belo Horizonte em 1928, dando início a sua prolífica carreira na capital. Na virada da década de 1920 para 1930, participou da fundação do Curso Livre de Arquitetura de Belo Horizonte (que se tornaria a Escola da Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais), tornando-se seu primeiro diretor.

Passaram por seu escritório⁴ diversos arquitetos que adquiriram renome na capital mineira, como Raffaello Berti⁵, Raphael Hardy Filho e Shakespeare Gomes. Hardy é autor da fonte Dona Beja e acompanhou as obras do novo balneário, enquanto Gomes realizou os desenhos técnicos de diversos projetos do Barreiro. É possível notar, portanto, que Signorelli certamente contribuiu na formação de diversos profissionais do estado de Minas, não só como professor, mas também através dos estágios em seu escritório. Tanto Hardy quanto Gomes foram alunos de Signorelli e se formaram nas primeiras turmas do curso de Belo Horizonte.

De acordo com Salgueiro (in FABRIS, 1987, p. 134-136), as obras de Signorelli constituíram uma parcela relevante do último grupo de construções ecléticas

³ Algumas referências atestam que o arquiteto teria nascido em Três Corações, em 1884.

⁴ O escritório de Signorelli localizava-se no centro de Belo Horizonte, à Av. Amazonas, nº 336.

⁵ Raffaello Berti (1900-1972) transferiu-se para Belo Horizonte em 1930, a convite de Signorelli, com quem trabalhou como sócio até 1938. Algumas obras de Berti foram assinadas por Signorelli, uma vez que Berti, por ser italiano e ter se graduado na Itália, era legalmente impedido de exercer sua profissão no Brasil. Berti foi um dos fundadores da Escola de Arquitetura da UFMG, onde atuou como professor (a biblioteca dessa Escola leva seu nome). Paralelamente à atividade da docência, produziu uma obra bastante extensa na capital mineira entre as décadas de 1930 e 1950. Sobre a trajetória profissional de Berti, consultar IEPHA (1997) e BERTI (2000).



165. Luiz Signorelli

desenvolvidas na capital mineira, caracterizado pela sobriedade dos volumes e a parcimônia na aplicação de elementos decorativos. Entre os projetos realizados pelo arquiteto, podem ser citadas as Secretarias de Estado de Turismo (1926-29 – antigo prédio da Alfândega e, posteriormente, Secretaria da Saúde, Assistência e Agricultura), situado na praça Rio Branco, e de Segurança Pública (1926-30), construída na Praça da Liberdade, o edifício do Automóvel Clube (1927-29 – vencedor em concurso) localizado à Avenida Afonso Pena, em frente ao Parque Municipal, além de diversos projetos residenciais, como a casa da família Borges da Costa (atual Academia Mineira de Letras) e a residência de Israel Pinheiro (1930, já demolida). Este último, como secretário de estado, teria posteriormente convidado o arquiteto para a realização dos projetos de Araxá.

Além da expressiva contribuição para a afirmação do ecletismo na capital mineira, com a realização de diversos projetos particulares nas primeiras décadas do século XX, Signorelli também prestou serviços para o governo de Minas Gerais nos anos 30, como funcionário da Secretaria de Agricultura, Viação e Obras. Nessa secretaria, integrou a Comissão Técnica responsável pelos planos de expansão de Belo Horizonte, da qual, como já vimos, participou também Lincoln Continentino. Mais adiante, entre os anos de 1936 e 1937⁶, foi convidado a elaborar os edifícios que comporiam o novo complexo da estância do Barreiro.

Esse conjunto de trabalhos denota que a figura de Signorelli adquirira destaque profissional na capital mineira, especialmente por sua obra eclética de vertente historicista. Nos projetos institucionais e nas residências, predominam

⁶ Vale lembrar que esse período coincide com a ascensão de Vargas à Presidência e à afirmação de Valadares no cargo de governador do estado de Minas Gerais.

composições onde se percebem referências da arquitetura clássica nos elementos construtivos ou decorativos e na volumetria maciça, sóbria e simétrica, onde, muitas vezes, se nota uma divisão clara entre base, corpo e coroamento. Contudo, é possível encontrar também na obra de Signorelli edifícios realizados de acordo com as tendências “modernizantes”. Destacam-se aqui duas obras elaboradas em parceria com Berti, como o edifício da prefeitura de Belo Horizonte (1936-39), concebida no estilo art déco.



166. Secretaria de
Segurança Pública
(1926-30)



167. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (1936-39)

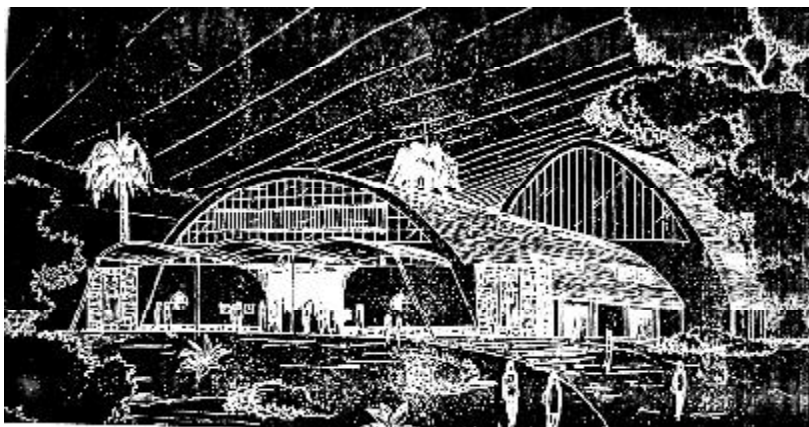
Mais adiante, em 1947, Signorelli chagara a adotar a linguagem moderna em sua obra, como podemos observar no projeto para um “teatro de emergência”, requisitado pela Prefeitura de Belo Horizonte para suprir (ainda que provisoriamente) a carência de um espaço de espetáculos na cidade. Nesse projeto, o arquiteto lança mão de abóbadas estruturais pré-moldadas de concreto e de uma cobertura feita com peças de argamassa armada, com o intuito de produzir uma obra de baixo custo.

Contudo, vale ressaltar que Signorelli fez parte de uma geração de arquitetos para a qual o ecletismo, apesar de suas referências historicistas, era também uma expressão de modernidade⁷. Como já observamos, a incorporação no Brasil dos aspectos construtivos produzidos na Europa e nos Estados Unidos era representação de uma busca pela atualização, pelo progresso, pela equiparação com o padrão arquitetônico internacional. Em 1932, junto com Berti, o arquiteto montou em Belo Horizonte a exposição “Aquarela e Arquitetura Moderna”, na qual os dois colegas expunham seus trabalhos artísticos⁸ e suas obras arquitetônicas produzidas até aquela época. No caso de Signorelli, o conjunto certamente era composto por obras ecléticas, em sua maioria de vertente acadêmica.

A própria ementa do Curso Livre de Arquitetura de Belo Horizonte, criado em 1930, refletia essa tendência. A proposta desse curso ainda seguia os moldes academicistas, num período em que os alunos da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro já se manifestavam contrariamente à estrutura curricular vigente no ensino de Arquitetura, dando origem a um movimento que culminaria na posse de Lucio Costa como diretor ainda no final daquele mesmo ano. Embora a gestão de Costa fosse curta, durando apenas até o ano seguinte, 1931, ela provocou mudanças sensíveis no ensino de Arquitetura, que teriam reflexos nos projetos desenvolvidos no Brasil, especialmente a partir da segunda metade da década de 1930, e na

⁷ Sobre o assunto, ver FABRIS (in FABRIS, 1987, p. 280-296).

⁸ Ambos eram pintores, além de arquitetos.



168. Teatro de Emergência para Belo Horizonte

organização de outros cursos em vigor no país.

Porém, em Belo Horizonte, o ensino de arquitetura repetia “modelos há muito ultrapassados na arquitetura, em coerência, é verdade, com o que se fazia em quase todo o mundo, mas defasada em relação à própria experiência brasileira, reavivando o mito do isolamento das Minas Gerais e da conseqüente manifestação tardia dos modelos europeus entre nós” (SOUZA, 1998, p. 116-117). A situação só começaria a mudar em 1943, quando Juscelino Kubitschek, prefeito da capital mineira, determinaria a incorporação do curso à Escola de Belas Artes, então dirigida por Guignard. Era o ano da inauguração oficial do conjunto da Pampulha e da contratação de Burle Marx para a realização dos jardins do Barreiro de Araxá, inaugurado no ano seguinte. Em 1946, o curso de arquitetura foi anexado à Universidade Federal de Minas Gerais, com uma proposta curricular bastante modificada, mais próxima das concepções filiadas ao Movimento Moderno. Nesse período, Luiz Signorelli já se encontrava afastado da direção da escola.

Porém, ainda na virada da década de 1930 para 1940, Signorelli encontrava-se envolvido na elaboração dos projetos e na fiscalização das obras do Barreiro, chegando a estabelecer-se em Araxá nesse período. Além dos trabalhos de construção de seus edifícios, o arquiteto acompanhou, por exemplo, o pouso do primeiro avião no campo de aviação do Barreiro, em 1938 (PESQUISAS..., 1998 b, p. 12)⁹. Aparentemente, Signorelli tornou-se um dos responsáveis pelas comunicações entre os profissionais envolvidos nas obras e as autoridades do governo mineiro, além de ciceronear freqüentemente as visitas de diretores, secretários e políticos às obras¹⁰.

Essa intensa participação de Signorelli na construção do novo balneário provavelmente contribuiu para que algumas alterações fossem feitas no plano



169. Visita de autoridades às obras do Barreiro. Signorelli é o terceiro da direita para a esquerda, de terno claro

⁹ Os estudos para a montagem desse campo haviam começado logo no início das obras, em 1936. Como já mencionado, um dos grandes entraves do desenvolvimento da estância de Araxá era a distância em relação aos grandes centros urbanos do país e a precariedade das vias de transporte. Assim, fazia-se urgente a criação de condições para o funcionamento do transporte aéreo no local, que facilitaria não só a vinda dos visitantes, mas os próprios trabalhos de construção do novo balneário. Contudo, de acordo com o depoimento de Raphael Hardy (Roteiro Araxá, s. d., s. p.), o campo de aviação nunca funcionou devidamente e as dificuldades permaneceram. O transporte do material para a obra era feito por trem ou por veículos de tração animal.

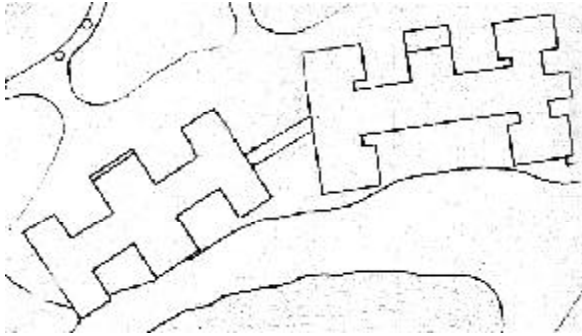
¹⁰ O arquiteto parecia realmente entusiasmado com a remodelação do balneário: no período em que esteve em Araxá, registrou as obras com sua filmadora e conduziu seu caiaque pelo Lago Superior, no qual também se divertia em um par de esquis conduzidos por um barco a motor (PESQUISAS..., 1998 a, p. 13).

urbanístico original em favor de seus projetos arquitetônicos. Como já observamos, o plano de Continentino previa a criação de três edifícios independentes para as Termas, o Hotel e o Cassino, sendo que os dois últimos deveriam ser ligados por uma passarela suspensa, que atravessaria o canal de ligação entre os lagos do balneário. A proposta de Signorelli, aprovada pelo Estado em 1938, não prevê a construção do edifício do Cassino, sendo a atividade do jogo incorporada ao prédio do Hotel. Assim, o projeto do arquiteto prevê a realização de apenas dois edifícios para abrigar as três funções: um para o Hotel-Cassino e outro para as Termas.

Os blocos do Hotel e das Termas foram inseridos em uma área bastante planejada, próxima às margens do Lago Superior. Embora a situação topográfica permitisse uma composição clássica, com volumes alinhados em um eixo, o arquiteto optou por uma implantação mais livre e orgânica, na qual os edifícios concordam com os contornos da margem norte do referido lago. Desse modo, o edifício das termas foi posicionado em um ângulo de aproximadamente cento e cinquenta graus em relação ao alinhamento do Hotel. Nota-se aqui uma preocupação em incorporar as edificações ao caráter pitoresco de seu entorno, dando origem a um conjunto volumétrico agradável e visualmente rico. A implantação proposta ainda estabelece uma relação estreita e bela entre os edifícios entre o Lago Superior: os primeiros limitam e criam uma moldura para o segundo e este, por sua vez, transforma-se em espelho para os primeiros, destacando-os no novo conjunto e ressaltando sua monumentalidade.

Aparentemente, essa proposta já havia sido aprovada em 1937, antes mesmo da conclusão dos trabalhos envolvidos na inundação do lago e da execução da Avenida do Contorno (ver fig. 136). Apesar de não ter concordado com a implantação prevista no plano da equipe de Continentino, Signorelli aparentemente incorporou a idéia da ligação entre os edifícios por meio de uma passarela suspensa. O desenho desta sofreu uma pequena curvatura, de modo a conciliar o eixo do prédio do Hotel com o das Termas.

Os dois edifícios foram pensados como um conjunto, apresentando diversas características em comum. Percebe-se aqui a convivência de diferentes referências estilísticas e compositivas, abrangendo tanto a tradição clássica quanto a vertente pitoresca. A volumetria das duas obras segue algumas referências clássicas, como a simetria (tanto no eixo transversal quanto no longitudinal), a marcação do embasamento, o destaque dado à porção central dos edifícios - nas quais se concentram os acessos - e a composição tripartida, embora não se perceba aqui a preocupação em manter proporções rígidas entre o comprimento e a altura dos prédios.

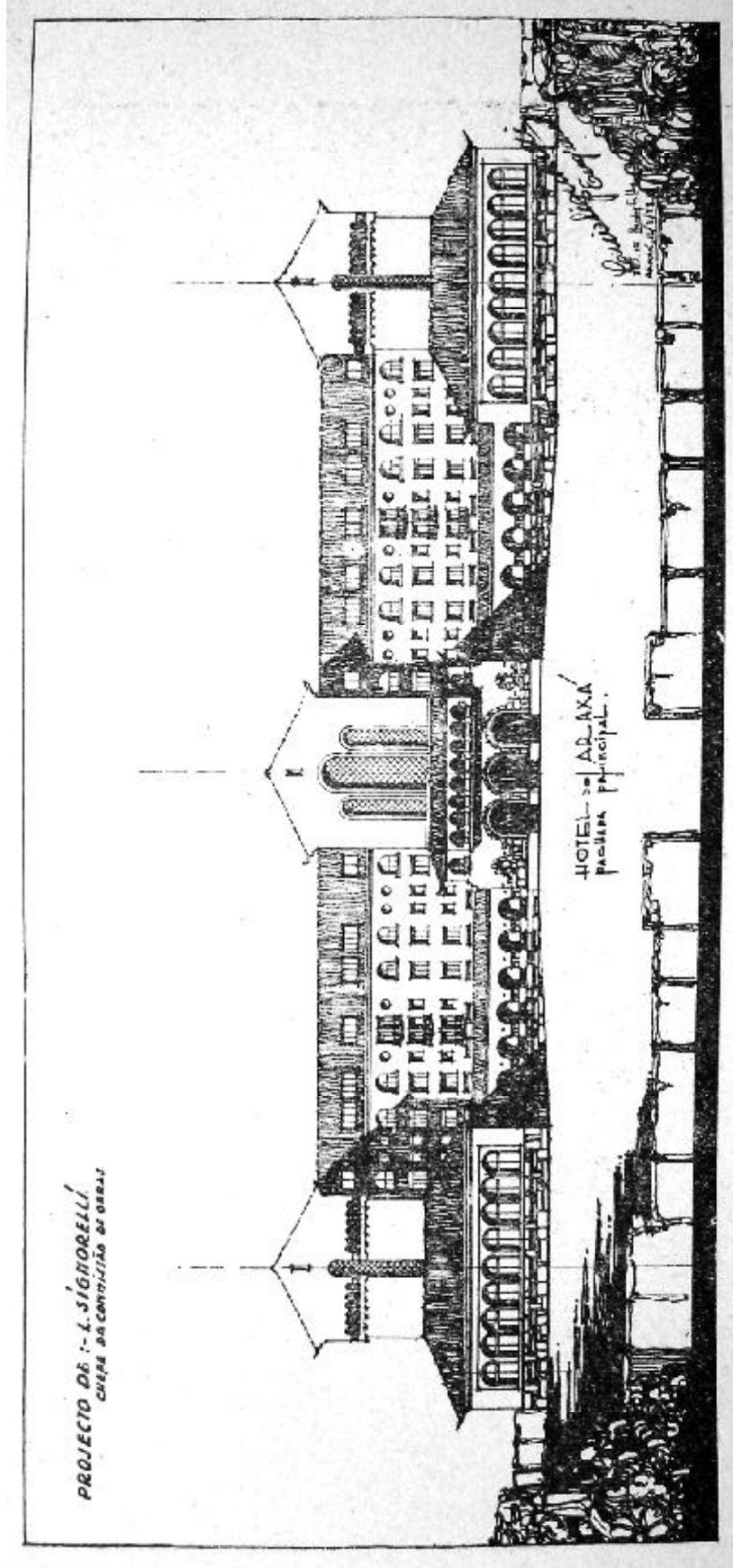


ao lado 170 . Grande Hotel e Termas -
implantação

no centro 171. Vista dos edifícios do hotel
(nos fundos) e das termas (à frente)

abaixo 172. Vista dos edifícios das
termas (à esquerda) e do hotel (à direita)
a partir do Lago Superior





173. Grande Hotel - fachada frontal
(desenho de Raphael Hardy Filho)



174. Grande Hotel - porção central da fachada frontal

O edifício do Grande Hotel possui cerca de 45 mil metros quadrados¹¹, distribuídos em seis pavimentos, além do porão e dos sótãos. A construção é composta por três volumes transversais ligados por um corpo longitudinal. O bloco central foi implantado no eixo da alameda que dá acesso à Avenida do Contorno e ao parque do Barreiro, numa solução que também contribui para enfatizar o caráter monumental da obra¹². As plantas são divididas em duas alas - que chamaremos aqui de leste e oeste - nas quais se distribuem, simetricamente, os apartamentos e, no térreo, diversas funções voltadas aos turistas.

Na área central do pavimento térreo localizam-se a recepção e, na porção posterior, voltado para o lago, o salão de inverno, com uma vasta área de estar. Aqui, Signorelli propôs ambiente constituído por um volume semicircular, vedado por amplos panos de vidro, proporcionando ao turista uma ampla visão da área do lago. Em uma perspectiva assinada pelo arquiteto (embora elaborada por um desenhista), observa-se que havia uma proposta de se criar um canal que conduziria as águas do lago até um fosso que circundaria esse volume do jardim. Embora tal proposta não tenha sido levado a cabo, observa-se aqui um tratamento especial dado por Signorelli a esse setor.

Nas quatro extremidades da planta térrea, Signorelli localizou os ambientes de maiores dimensões: na ala oeste, o salão de festas e o restaurante (ou *grill room*, como especificado no projeto); na ala leste, o cinema e o cassino. Os volumes desses ambientes ocupam apenas os pavimentos do porão e do térreo. Com essa solução, evitando as cargas dos demais pavimentos sobre esses setores, Signorelli conseguiu criar vãos generosos, livres de pilares¹³. O restaurante abre-se para uma varanda, a partir da qual se tem acesso aos jardins situados entre o hotel e o lago. O salão de festas foi pensado como um ambiente para usos múltiplos. Aqui eram realizados, os jantares, as festas e os bailes de carnaval. Na extremidade oposta, a sala de cinema é completamente vedada por um revestimento de gesso, que funciona como isolante acústico. A fachada dessa porção possui o mesmo jogo de aberturas presente no salão de festas, seu correspondente simétrico na ala oeste. Aqui, porém, essas aberturas desempenham apenas uma função estética. O cassino possui as mesmas dimensões dos demais salões e, assim como o refeitório, também se abre para os jardins e para o lago. Contudo, esse ambiente possui ainda instalações de apoio, localizadas também na extremidade da ala leste: sanitários, bar e chapelaria, foyer e um hall.

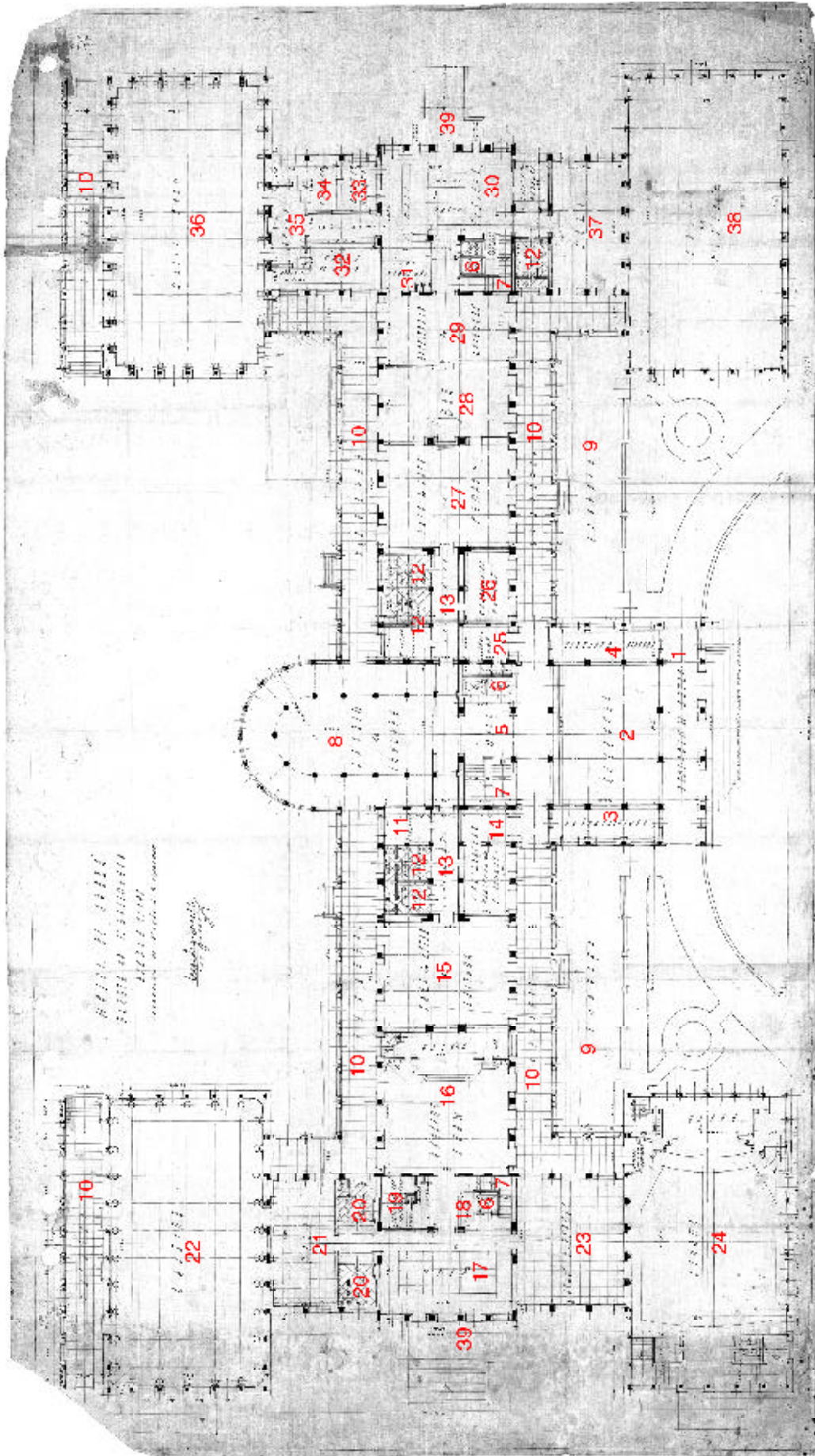
No eixo longitudinal, o arquiteto distribuiu uma série de ambientes dirigidos para diversas funções sociais dos hóspedes, como salas de estar e bares¹⁴, ou para serviços internos. A circulação entre todos esses ambientes internos voltados para os

¹¹ Cada piso mede aproximadamente 144 m x 37 m, exceto o térreo e o porão, com 144 m x 71 m (COSTA, 1950, p. 75).

¹² Observa-se aqui uma característica do urbanismo *beaux-arts*, com a criação de um eixo perspéctico dirigido a uma obra relevante. Embora a criação dessa alameda e da sua relação com o edifício do hotel pareça planejada, não há referências sobre esse assunto no memorial do plano urbanístico elaborado por Continentino e sua equipe.

¹³ Aqui os pilares foram localizados apenas no alinhamento das alvenarias.

¹⁴ Atualmente, o bar / refeitório infantil funciona como cafeteria e o salão de café / fumadouro como salão de jogos, com mesas para cartas e bilhar.

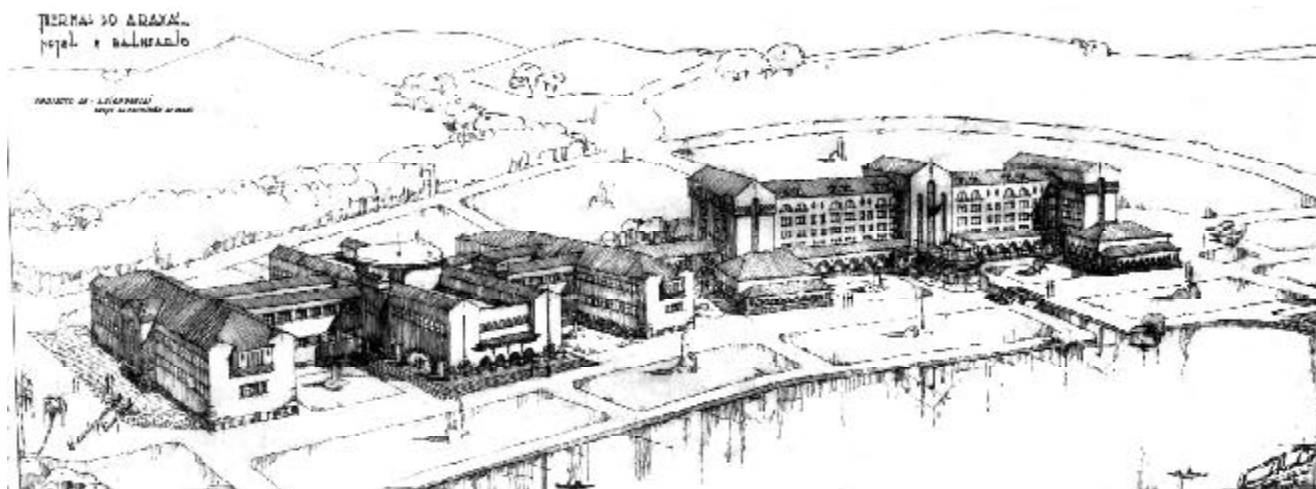


175. Grande Hotel - planta do pavimento térreo

- | | | | |
|-----------------------|-----------------------------|----------------------------|-------------------------------|
| 1. passagem de autos | 11. portaria | 21. foyer | 31. cafeteria |
| 2. recepção | 12. toaletes | 22. cassino | 32. copa de louças e talheres |
| 3. administração | 13. circulação | 23. jogos diversos | 33. jardim (garden manager) |
| 4. correio / portaria | 14. cabeleiro - senhoras | 24. cinema | 34. cambuse |
| 5. hall | 15. sala de estar e leitura | 25. telefone PABX | 35. office |
| 6. elevadores | 16. boate (dancing show) | 26. cabeleiro - homens | 36. restaurante (grill room) |
| 7. escadaria | 17. hall | 27. sala de café e fumar | 37. foyer |
| 8. salão de inverno | 18. chapelaria | 28. bar | 38. salão de festas |
| 9. terraço | 19. bar | 29. refeitório de crianças | 39. acesso |
| 10. varanda | 20. toaletes | 30. cozinha | |



176. Grande Hotel - recepção

177. Grande Hotel - salão de inverno
as janelas abrem-se para a vista do Lago Superior178. Perspectiva do conjunto hotel / termas
observa-se aqui a proposta de um canal circundando o salão de inverno e um ideal paisagístico fiado à tradição francesa



179. Grande Hotel - salão de festas



180. Grande Hotel - restaurante



181. Grande Hotel - cinema



à esquerda 182. Grande Hotel cassino
 é possível observar aqui, no restaurante e no salão de festas os pilares e vigas que permitiram a abertura de grandes vãos nesses ambientes

ao lado 183. foyer do cassino

184. Grande Hotel - sala de leitura



185. Grande Hotel - boate



186. Grande Hotel - galeria avarandada

hóspedes é feita por galerias avarandadas voltadas para o exterior do edifício¹⁵, embora existam também pequenos corredores no eixo central do pavimento térreo. Tais galerias de circulação dão acesso aos terraços e jardins localizados ao redor do edifício e funcionam também como espaços de estar e convívio. Através de suas amplas janelas, o hóspede pode contemplar diversas áreas do parque.

Os cinco pavimentos superiores e os sótãos são ocupados pelos 308 apartamentos do hotel. Do primeiro ao sexto piso, temos uma planta tipo, com algumas variações. Na parte central, próximo às circulações verticais principais, voltados para o lago, localizam-se dois os apartamentos padrão luxo, com quarto, sala e banheiro privativo. Ao longo do eixo longitudinal distribuem-se as acomodações do padrão simples com sanitários. Nas extremidades das alas, próximo às circulações de serviço, encontram-se os quartos simples sem banheiro (sendo que há um banheiro coletivo para cada duas unidades) e apartamentos com dois dormitórios conjugados e um sanitário. Ainda nessas áreas, foram colocados um cômodo para rouparia, um depósito e uma copa de apoio em cada pavimento. Nos sótãos, localizados em um sétimo pavimento, há apenas apartamentos na porção central e nos volumes finais de cada ala. Na porção central do primeiro andar (segundo pavimento), voltados para a frente, estão os dois apartamentos de padrão super luxo do hotel, que correspondem às suítes presidencial e do governador. Ambas contam com dois dormitórios, dois banheiros, dois quartos de vestir, uma sala de refeições e uma sala de recepção e estar voltada para um terraço, que dá vista para a alameda de acesso ao balneário¹⁶.

O projeto previa a criação de diversas áreas de estar nos pavimentos superiores, espalhados por várias áreas da planta. Cada pavimento tipo continha uma sala de estar localizada na zona central, iluminada pelos grandes vitrais percorrem, do primeiro ao sexto andar, o volume que compõe esse setor. Ao fundo, ainda no eixo central, foi construído um terraço, de onde se pode contemplar um panorama do parque e do lago. Um outro terraço foi também colocado no segundo andar, sobre as suítes de padrão super luxo. No quinto andar (sexto pavimento), Signorelli criou ainda pequenas varandas, localizadas no final dos volumes transversais das duas alas. Essas áreas, limitadas por uma arcada, permitem uma apreensão bastante abrangente do conjunto da estância.

O pavimento do porão é cortado longitudinalmente por uma galeria comercial, aberta não só para os hóspedes, mas para todos os visitantes do Barreiro. Aqui foram instalados boxes comerciais, estandes de artesanato e produtos típicos de Minas, uma agência de correios e telégrafos (com estação de radiotelegrafia) e um

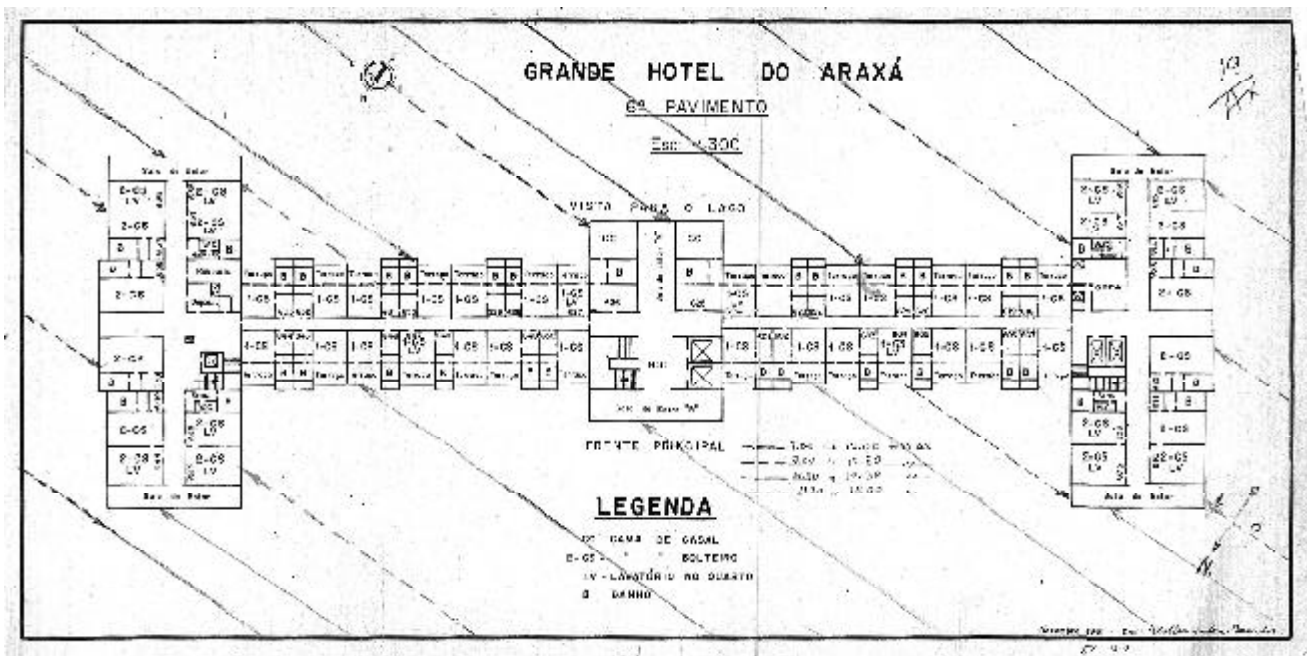
¹⁵ Para garantir a iluminação e a ventilação natural dos ambientes internos, Signorelli criou uma série de aberturas estreitas, colocadas próximas aos tetos desses cômodos, acima do nível da cobertura das varandas.

¹⁶ Estas suítes constituem um bom retrato da preocupação em incorporar no hotel padrões bastante elevados de luxo e conforto, contando com cômodos amplos, com mobiliário refinado, além de um banheiro revestido com mármore de Carrara, no qual se encontrava uma banheira sulfurosa exclusiva.

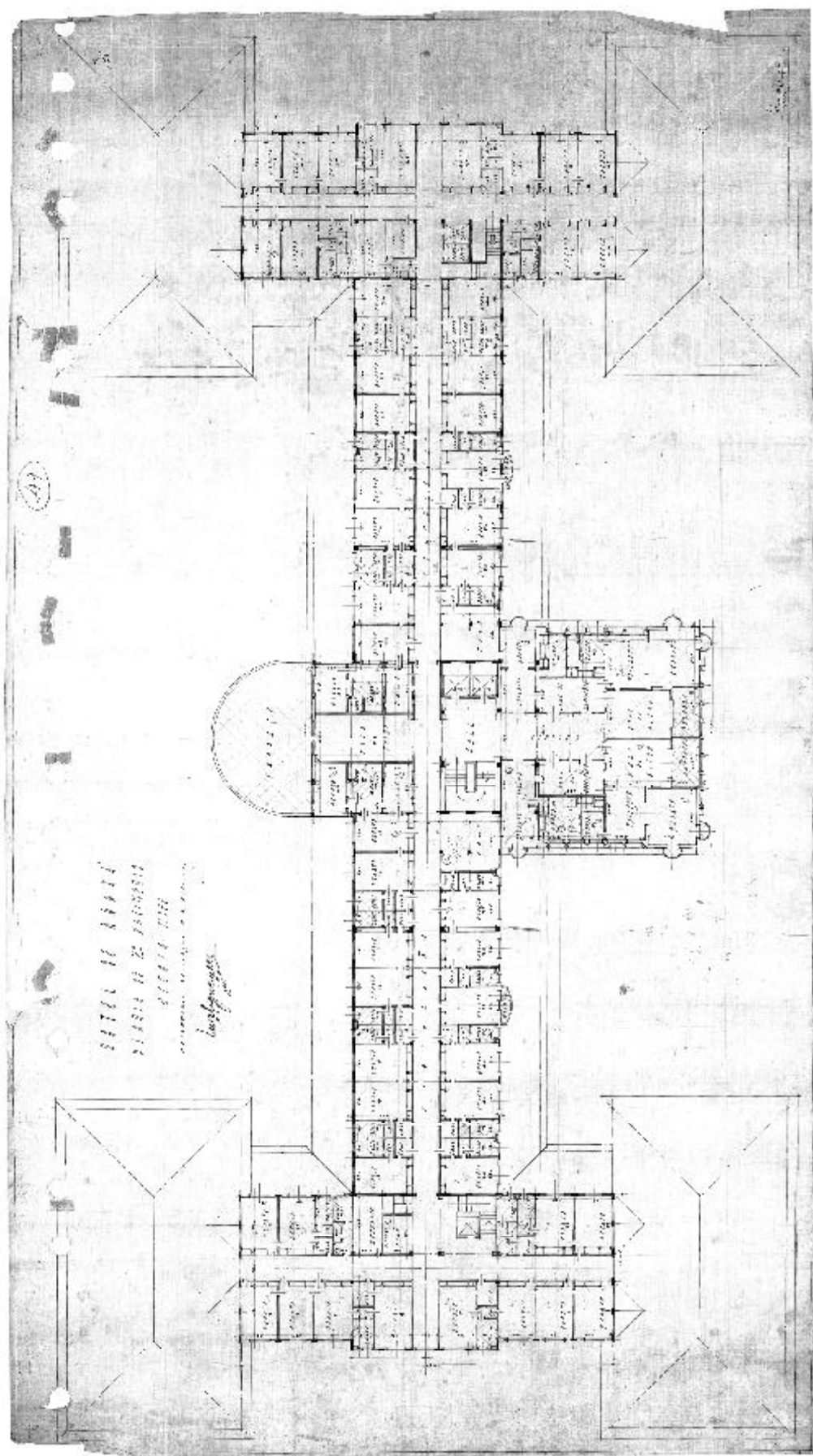
posto de vendas de passagens aéreas¹⁷. A ala oeste contava com um salão de jogos e bilhar, além de um bar e um armazém para atender os hóspedes e os visitantes. Por trás da galeria, na ala leste, distribuía-se o setor de serviços gerais do hotel, como o setor de rouparia geral (que controlava os sub-postos distribuídos nos andares) a padaria, a doceria (*pâtisserie*), o almoxarifado e um armazém para abastecimento interno. Há acessos independentes para a galeria e o setor de serviços, localizados nas laterais dos edifícios: a oeste, entre as entradas do cassino e do cinema; a leste sob a passarela que liga o Hotel às Termas.

Assim como as galerias das estâncias européias, essa passarela, concebida como um passadiço fechado, permite que o curista transite entre os dois edifícios sem estar sujeito a condições climáticas adversas. Contudo, a linguagem construtiva empregada em Araxá difere completamente das estruturas européias. Ao invés de planos envidraçados, encontramos aqui uma vedação opaca, com uma série de aberturas de dimensões reduzidas, concordando com o conjunto formado pelas construções conectadas por essa passagem. Embora essa ponte se constitua também como uma área de estar, esse espaço aparentemente desempenhava um papel pequeno nos encontros casuais e nas trocas de olhares que se faziam tão freqüentes nas estâncias, ao contrário do que ocorria nas galerias européias. Ao que tudo parece indicar, em Araxá esses encontros se realizavam com maior freqüência nas diversas áreas sociais do interior do Grande Hotel e das Termas.

¹⁷ A galeria comercial foi fechada na década de 1990, na ocasião em que o Grande Hotel e as Termas foram fechados para reformas. Após a reabertura do conjunto, o porão passou a ser totalmente ocupado por áreas de serviço ligadas ao hotel.



187. Grande Hotel - planta do sexto pavimento



190. Grande Hotel - planta do primeiro pavimento na porção central, abaixo, as suítes do presidente e do governador



191. Grande Hotel
suite presidencial: dormitório
nas paredes, pinturas de Burle Marx



192. Grande Hotel
suite presidencial: sala
nas paredes, pinturas de Burle Marx

abaixo 193. Grande Hotel
suite presidencial: terraço com vista
para a alameda de acesso ao
balneário





à direita 194. Grande Hotel - terraço na fachada frontal

abaixo 195. Grande Hotel - vista a partir da varanda do sexto andar (fundos)
à esquerda, o Lago Superior, à direita, o edifício do hotel (com um outro
terraço na fachada posterior) e das termas (ao fundo)





196. Grande Hotel
sala de estar no sexto pavimento



197. Passarela entre o
Grande Hotel e as
Termas



198. Passarela entre o
Grande Hotel e as
Termas - interior

¹⁸ Com aproximadamente cento e vinte e cinco metros de comprimento e sessenta e sete metros de largura (COSTA, 1950, p. 21).

¹⁹ Essas peças “onipresentes” possuem também um conjunto de lâmpadas de cores diferentes, cada qual designada para chamar um funcionário das termas: gerente, médico diretor, encarregado do edifício e porteiro geral (COSTA, 1950, p. 46). Na década de 1990, o sistema entrou em pane, fazendo com que os relógios parassem. Atualmente, todos os aparelhos marcam o mesmo horário – 05:07.

²⁰ Aparentemente, a área reservada para o bar foi ocupada por um escritório de administração das termas.

²¹ Além da evaporação dessa água aquecida a 36°, também foram colocados quatro nebulizadores mecânicos no ambiente, que contribuem para o tratamento feito através da emanção do vapor.

²² Embora localizadas na cota de piso, tais aberturas são fixas, contando apenas com bandeiras basculantes superiores. Diferentemente do que ocorre nos salões do cassino e do refeitório do hotel, não há circulação direta entre a área da piscina e o exterior.

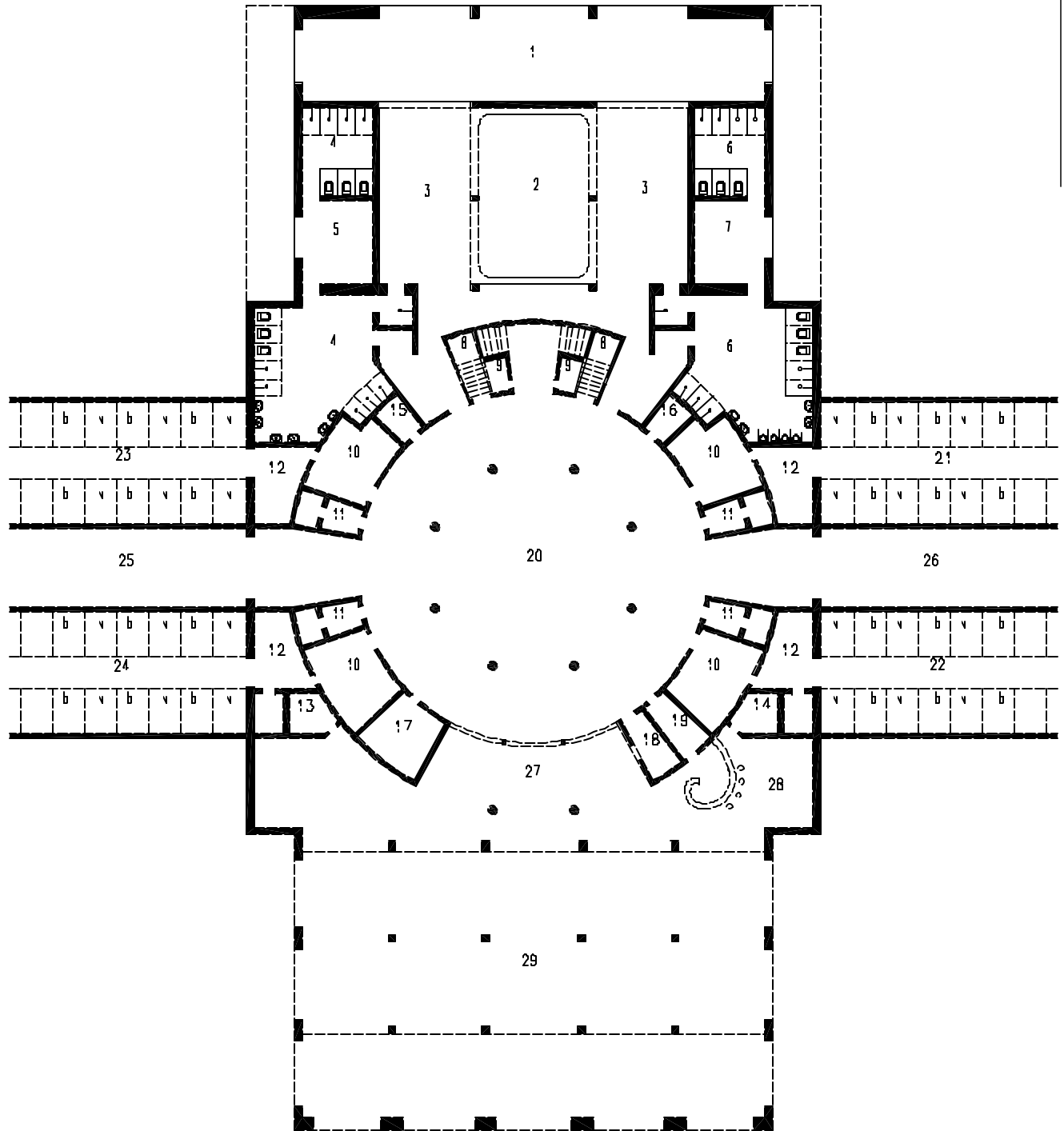
Concebido para abrigar os banhos e outras atividades hidroterapêuticas, o edifício das Termas é formado por um volume¹⁸ que abriga dois pavimentos e um porão, com fachada frontal voltada para a direção oeste. Assim como no hotel, Signorelli propôs aqui uma composição clássica, formada por três blocos transversais que se ligam por um corpo longitudinal. Tal corpo é formado pela circulação horizontal do prédio, que se constitui como uma continuação da ponte que conduz ao hotel.

O corpo central é composto por uma ampla área coberta, que se constitui como uma varanda de estar. Também aqui o acesso a esse ambiente de entrada se dá por uma escadaria ou por uma rampa para veículos, que permite que o curista (ao menos aquele conduzido por seu automóvel) tenha acesso ao edifício completamente abrigado da chuva. Ao atravessar essa varanda, chega-se ao núcleo central das Termas, que se constitui de uma rotunda de pé-direito duplo, coberta por um domo translúcido e iluminada através de um impressionante vitral. A rotunda, solução típica da arquitetura romana, constitui uma das referências clássicas presentes no projeto de Signorelli. Vale observar que esse tipo de ambiente esteve presente também em outras estâncias européias (CAPUANO, 1992, p. 126; AMARO, 1991, p. 218), como corpo central das casas de banhos. Em Araxá, o acesso às diversas funções e alas que compõem o edifício se dá a partir dessa área.

Além do espaço ocupado pela rotunda, a porção central do edifício conta com áreas de sanitários, circulações verticais (duas escadarias e um elevador), bilheterias, posto de informações, depósitos e o núcleo de manutenção do relógio de controle. Localizava-se aqui a central do sistema que determinava a duração dos banhos. Vários relógios ligados a esse sistema foram distribuídos pelo edifício das Termas¹⁹. De acordo com o projeto de Signorelli, Essa área também deveria possuir um bar, voltado para a varanda na entrada do edifício, com sua cozinha e balcão. Tais instalações, contudo, não foram construídas²⁰.

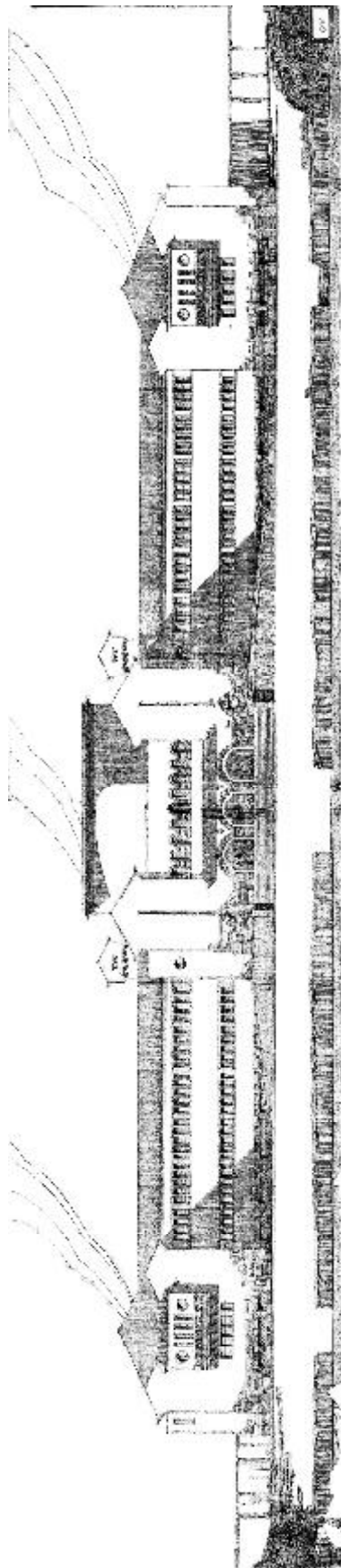
Ainda no corpo central, voltadas para o lago, localizam-se as instalações da piscina emanatória, com água aquecida²¹. Além da piscina em si, ladeada por painéis de azulejos elaborados no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, a área conta também com um espaço de estar e repouso nas laterais do recinto, onde também foram colocados bebedouros com água radioativa, a mesma da fonte Dona Beja. Esse ambiente conta com amplas aberturas envidraçadas voltadas para uma varanda fronteira ao lago²². O acesso a essa área é feito através dos vestiários – masculino e feminino – colocados nas laterais desse setor.

A segregação sexual parece ter sido uma determinante no projeto do edifício. Com exceção da piscina emanatória, as demais áreas de banho e terapia se distribuem

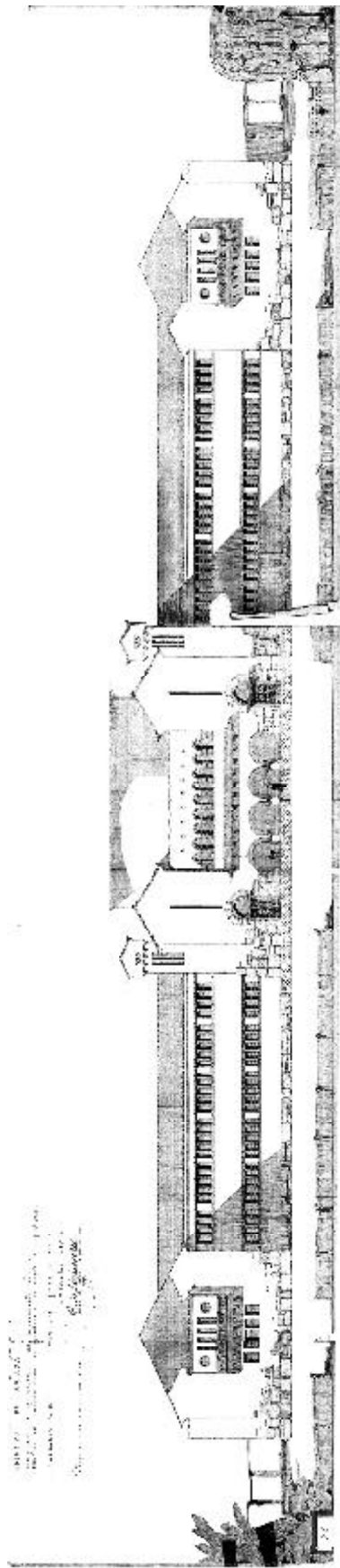


199. Termas - pavimento térreo (porção central)

- | | | |
|-----------------------------|----------------------------------|---|
| 1. varanda | 11. sanitário | 21. ala de banhos I - masculina |
| 2. piscina emanatória | 12. controle e acesso aos banhos | 22. ala de banhos II - feminina |
| 3. estar | 13. wc feminino | 23. ala de banhos III - masculina |
| 4. wc / vestiário feminino | 14. wc masculino | 24. ala de banhos IV - feminina |
| 5. rouparia feminina | 15. elevador | 25. corredor de acesso à seção de
mecanoterapia e ao hotel |
| 6. wc / vestiário masculino | 16. depósito de lixo | 26. corredor de acesso ao sanatório |
| 7. rouparia masculina | 17. relógio de controle | 27. entrada |
| 8. bilheteria (sob escada) | 18. informações | 28. bar |
| 9. depósito | 19. cozinha | 29. varanda |
| 10. espera | 20. hall | |



200. Termas - fachada frontal



201. Termas - fachada posterior



202. Termas - fachada frontal (porção central)



203. Termas - varanda frontal



204. Termas
piscina emanatória



205. Termas - rotunda central

simetricamente as alas feminina – voltada para frente - e masculina – voltada para o lago. Ainda no volume central, no pavimento superior, encontram-se duas alas com diversos equipamentos de hidroterapia. O acesso a essa seção é feito por uma passarela circular interna à rotunda, que se estende no nível desse pavimento. Cada uma dessas seções, também separadas por sexo, conta com aparelhos para vários tipos de banhos, duchas e lavagens corporais²³, além de sauna finlandesa e área para massagens. Há ainda em cada um desses ambientes uma escada que dá acesso aos dois solários do edifício, constituídos pelas lajes de cobertura dessas alas de hidroterapia.

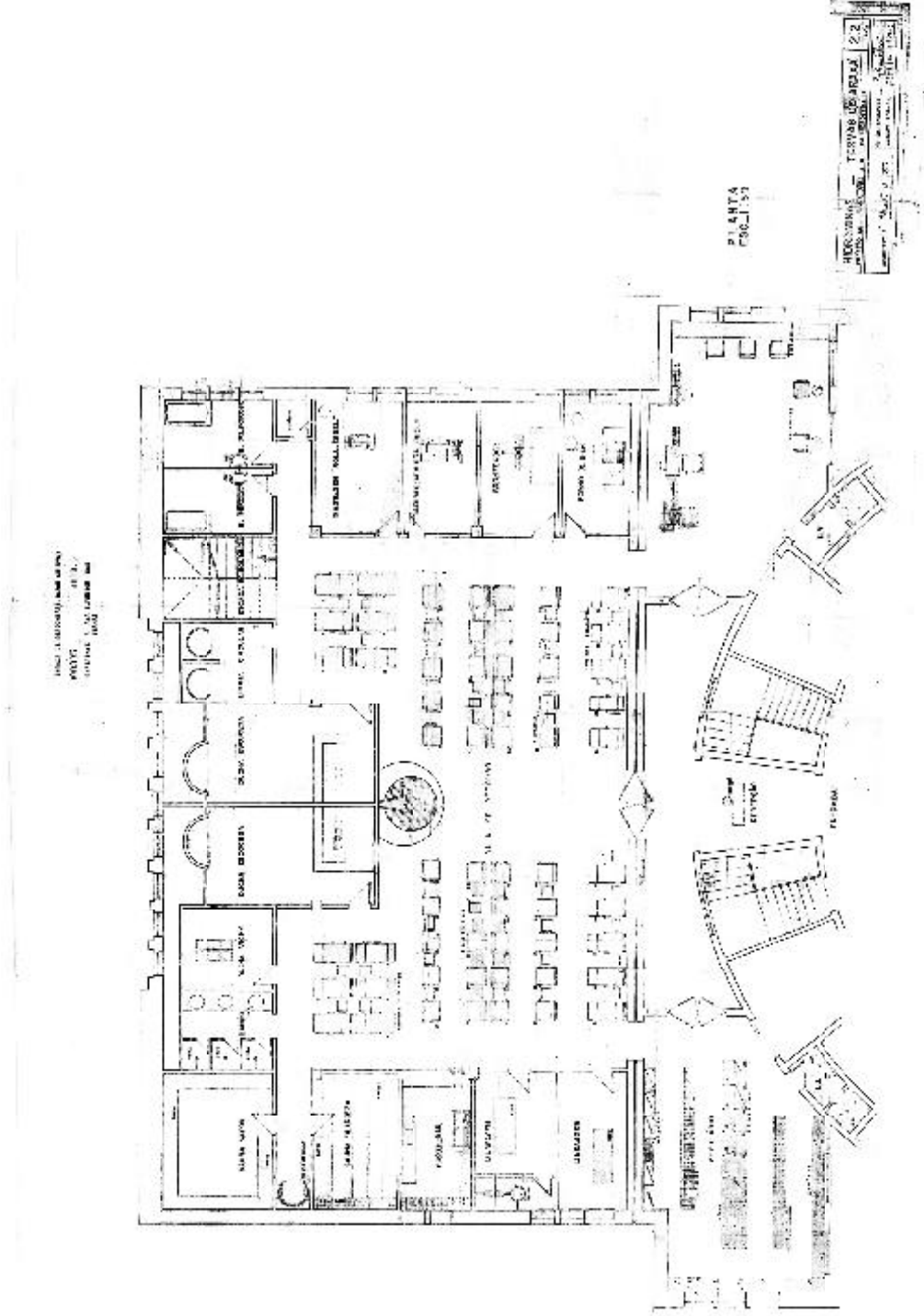
Os dois blocos que ligam o volume central aos laterais, nos dois pavimentos, são ocupadas pelos compartimentos de banhos sulfurosos. Ao todo, são oito conjuntos de doze banheiras (quatro em cada piso), num total de noventa e seis salas, voltadas exclusivamente para esse tipo de banho. O acesso a esses setores é feito a partir da rotunda, onde se localizam as salas de espera e de controle dos banhos. Cada sala consiste de uma área de vestiário e um compartimento para a banheira, onde foram instalados um alto-falante e uma lâmpada de cor vermelha. Assim, após apresentar-se à controladora dos banhos e aguardar sua vez na sala de espera, o curista dirige-se à sala de banhos designada pela controladora. Ali ele permanece mergulhado na banheira pelo período determinado também pela funcionária responsável pela ala²⁴. Durante o banho, ouve-se música suave e a lâmpada permanece acesa. Terminado o tempo do banho, a luz se apaga e anuncia-se pelo alto falante que o banhista pode sair.

O mesmo processo ocorre nas seções de banho de lama, localizadas no pavimento térreo, no bloco lateral que se situa na área vizinha ao hotel. Cada setor (masculino e feminino) possui dezesseis salas. Aqui, porém, banheira e vestiário estão concentrados em um mesmo compartimento. Somadas as alas de banho sulfuroso e de lama, o conjunto conta com cento e vinte e oito áreas com banheiras. Vale lembrar que ainda na década de quarenta os banhos constituíam tratamentos medicinais para diversos males, especialmente reumatismos, artrites, traumatismos e doenças de pele. Assim, os estabelecimentos termais como os de Araxá atraíam pacientes de várias regiões do país e até mesmo estrangeiros, sendo necessária a previsão de uma estrutura ampla para atender esse numeroso público.

No pavimento superior, acima dos banhos de lama, foi criado um setor voltado para outras funções terapêuticas: voltadas para frente, estavam as seções de inalações, gargarejos, nebulização ou pulverização geral e limpeza de ouvido (*Gouraud Souviron*), além de uma sala de esterilização. Do outro lado, localizava-se um salão voltado à mecanoterapia (atividade hoje englobada pela fisioterapia) que consiste de

²³ Banhos: vapor quente, hidrelétrico completo e parcial (onde se aplicam no paciente cargas elétricas de baixa tensão), pérolas de ar (hidromassagem suave). Duchas: escocesa, Kneipp, de mangueira, de poeira, de vapor, circulares, de teto, de Vichy (aplicada com o paciente deitado, acompanhada por massagens). Lavagens: de vias urinárias, ginecológicas e suda-bad (intestinal).

²⁴ Ao longo de aproximadamente quatro décadas, essas funcionárias se guiaram por um sistema ligado ao relógio central.



206. Termas - pavimento superior (porção central)



207. Termas - banho de lama



208. Termas - banheira de lama



209. Termas - hidromassagem com água sulfurosa



210. Termas - banheira de água sulfurosa

um tratamento feito a partir de exercícios físicos controlados.

O acesso a essas áreas e às seções de banhos de lama é feito por corredores longitudinais, nos quais foram distribuídos bancos para descanso e estar. Como já mencionado, essa circulação constitui-se como uma extensão da ponte que liga as Termas ao Hotel. Aqui, Signorelli também tirou partido da iluminação zenital, feita, nesse caso por meio de pequenos orifícios quadrados incorporados ao desenho do teto levemente abobadado. Essa composição, por sua vez, também pode ser enxergada como uma referência à arquitetura das antigas termas, uma vez que remete à solução das abóbadas com lacunários (ou caixotões), freqüente nas obras romanas.

Na extremidade oposta do edifício foi criado um hospital, com dez quartos simples e dois apartamentos com banheiro privativo. Esse setor possuía também um laboratório de análises clínicas, uma cozinha-refeitório voltada para a dieta especial dos pacientes, uma sala para pequenas cirurgias e uma enfermaria para indigentes. Esta última também era dividida em ala masculina e feminina, com vinte leitos e seis banheiros em cada seção. Ainda nesse bloco foram colocadas mais doze banheiras para banhos sulfurosos, além de uma seção de fisioterapia, sala de exames, seis consultórios e uma biblioteca com sala de reuniões. Há uma entrada independente para esse setor das termas, colocada na lateral do edifício voltada para a direção sul.

O porão é ocupado exclusivamente pelas áreas de serviço das Termas, incluindo-se as oficinas, os centros de manutenção dos dutos e equipamentos que conduzem a água e a lama até as banheiras. Encontra-se aqui o sistema de tratamento da lama medicinal. Esta é recolhida de um tanque localizado sob o pavilhão da fonte Andrade Júnior e levada até o edifício das Termas, onde é filtrada e refinada. Ainda nesse nível localiza-se a lavanderia, responsável pelo cuidado com a roupa do hotel e das termas²⁵. Também nesse edifício, Signorelli propôs a criação de acessos independentes para esse nível, localizados nas duas extremidades laterais.

²⁵ O serviço tinha capacidade para lavar, secar, esterilizar e passar trezentas toalhas de banho por hora (COSTA, 1950, p. 71).



211. Termas
fachada lateral
acesso ao subsolo e ao
sanatório



212. Termas - corredor de acesso à mecanoterapia e ao hotel

A construção dos dois edifícios, iniciada em 1939, demandou a aplicação de soluções e técnicas construtivas dispendiosas, às vezes pouco difundidas no Brasil naquele período. A execução das Termas, concluída primeiramente, ficou a cargo da construtora Carneiro de Rezende & Cia, sediada em Belo Horizonte. No caso do Grande Hotel, a obra foi confiada à Alfredo Carneiro Santiago – Alcasan, também com sede na capital mineira. As duas companhias já haviam desenvolvido realizações importantes em Belo Horizonte, sendo que seus diretores, Alvimar Carneiro de Rezende e Alfredo Carneiro Santiago²⁶, participaram da comissão do plano de expansão daquela cidade, juntamente com Continentino e Signorelli.

A Carneiro de Rezende atuou na construção da Prefeitura de Belo Horizonte (projeto de Signorelli e Berti, como mencionado, construído em 1935), da agência central da Empresa de Correios e Telégrafos, da antiga Assembléia Legislativa (1937, já demolida), do antigo estádio do América Futebol Clube (também demolido) e da Feira Permanente de Amostras, projeto de Berti (assinado por Signorelli) que se localizava na região onde foi construída Estação Rodoviária da capital. A empresa também foi responsável pela construção de várias escolas e edifícios comerciais e habitacionais em Belo Horizonte. Alvimar Carneiro de Rezende coordenou a execução de dois projetos de Signorelli, além dos edifícios do Barreiro: a Secretaria de Segurança Pública e o Automóvel Clube²⁷.

A Alcasan foi encarregada das obras do Conservatório Mineiro de Música (1926), do estádio do Clube Atlético Mineiro, da ampliação da primeira sede do Minas Tênis Clube (1937 – 38) e do Conjunto JK, projeto de Niemeyer (1953). A empresa também realizou trabalhos em parceria com a Carneiro de Rezende em algumas ocasiões, como na construção do estádio de América, do Colégio Marconi (projeto de Ângelo Murgel, 1938 – 41) e do Edifício Walmap (1948), conhecido “arranha-céu” de Belo Horizonte, além dos edifícios do Barreiro²⁸.

Embora a área escolhida para a implantação dos edifícios viesse de encontro às concepções projetuais de Signorelli, a execução demandou esforços das duas companhias, especialmente no que se refere às questões estruturais e às técnicas empregadas na fundação das construções. Os terrenos do balneário, que até então constituíam uma região de brejo, apresentaram-se muito instáveis, exigindo o emprego de estacas profundas para a construção dos alicerces, principalmente no caso do hotel, além de extensos trabalhos de terraplanagem. Foi necessária a realização de mais de cento e cinquenta perfurações de sondagem do solo e o emprego de estacas do tipo Franki, de grande profundidade²⁹. As fundações também contaram com vigas baldrame e sapatas de concreto armado, ligadas ao sistema de estacas, além de muros de arrimo, também de concreto.

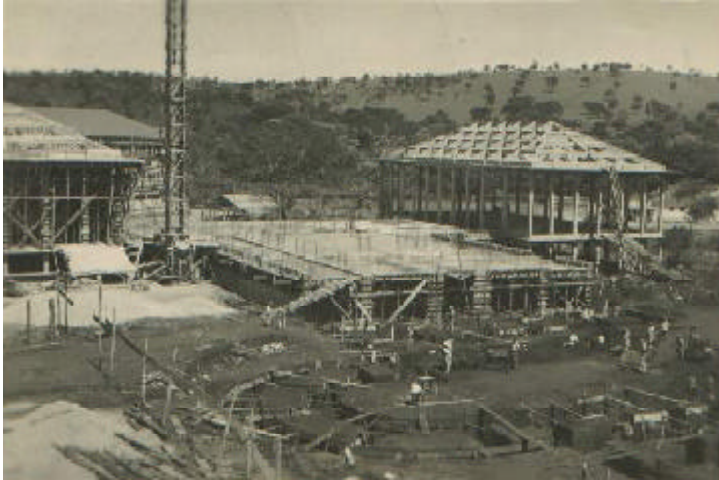
²⁶ O engenheiro Alvimar Carneiro foi veterano de Continentino na Escola Livre de Engenharia, diplomando-se em 1919.

Já Alfredo Santiago formou-se em 1918 pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Mineiro de Itajubá, Santiago retornou a Minas em 1922, como diretor da filial da Companhia Construtora Nacional, empresa carioca pioneira no uso do concreto armado na capital fluminense.

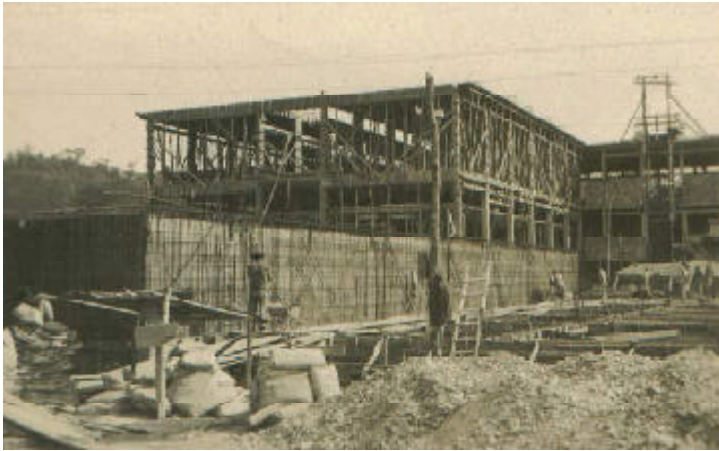
²⁷ As duas obras foram construídas pela empresa Rezende & Rache (1923 – 26), em parceria com o engenheiro Pedro Rache. A Carneiro de Rezende duraria dezessete anos, até ser fechada em 1943, com a morte de Alvimar Carneiro, um ano antes da inauguração do Barreiro.

²⁸ Sobre a atuação da Carneiro de Rezende e da Alcasan, consultar IEPHA (1997).

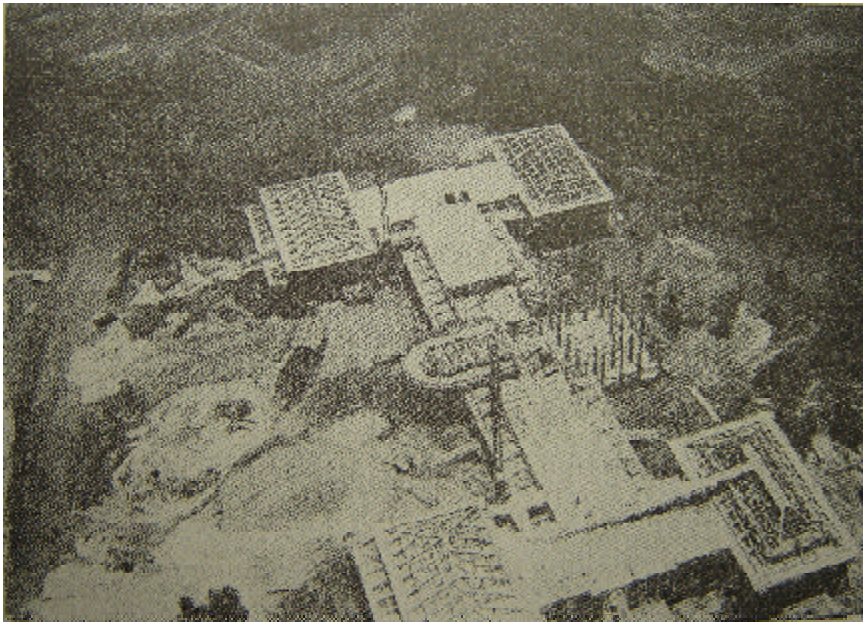
²⁹ A execução da primeira estaca do edifício do hotel foi assistida pelo subsecretário de Obras e Viação, Odilon Dias. Signorelli também chegou a convidar o governador Valadares para participar do evento (PESQUISAS, ..., 1998 b, p. 12).



213. Hotel - construção



214. Termas - construção



215. Hotel - construção

O concreto armado, que se tornaria técnica recorrente na arquitetura moderna no Brasil, também foi bastante empregado na estrutura dos dois edifícios, em pilares, vigas e lajes planas. Aparentemente, havia ainda uma escassez de mão de obra com conhecimentos sobre essa tecnologia no Brasil. Na época, a Alcasan contratou técnicos estrangeiros para atuar na construção dos edifícios, como o engenheiro Hans Kierulf, o carpinteiro Oto Smith e o mecânico Friederich Fritz (PESQUISAS..., 1998 a, p. 12).³⁰ Esse sistema estrutural permitiu, por exemplo, os grandes vãos dos salões do hotel (onde as vigas da laje de cobertura são visíveis), a criação dos terraços e solários e as extensas aberturas verticais que constituem os vitrais do Grande Hotel. Contudo, estes exemplos constituem pontos raros onde esse sistema se torna evidente. No geral, o conjunto construído transmite a impressão de que a obra empregou sistemas construtivos tradicionais, com alvenarias maciças e vãos reduzidos.

Externamente, nota-se um tratamento de fachada homogêneo nos dois edifícios, onde se observam as mesmas influências estilísticas. As referências clássicas, presentes em diversos aspectos do interior do edifício e na volumetria do hotel e das termas, estão também exterior das construções. Dentre as características dessas referências historicistas, é possível citar a utilização de arcadas, que podem ser entendidas como uma referência à arquitetura românica e às obras do Renascimento italiano. Além disso, tais obras do Barreiro apresentam também cornijas e balcões ornamentados, colunas torsas, detalhes rebuscados em planos colocados entre arcos e em encontros de paredes e óculos.

Por outro lado aparecem também nessas obras elementos que seguem a vertente pitoresca, com muitas referências ao estilo missões e ao neo-colonial. Dentre as características desse primeiro estilo, perceptíveis nessas obras do Barreiro, podemos mencionar novamente a opção por aberturas em arco nas fachadas a aplicação de texturas e de materiais de aparência rústica (pedra, terracota) no revestimento das paredes, a pintura em tom terroso, detalhes e acabamentos em metal (como guarda-corpos e gradis), o emprego de pergolados e de peças de argamassa imitando cachorros³¹, o desenho das pequenas torres que se elevam na fachada posterior, a aplicação de azulejos e a cobertura de telhas de barro, por vezes com terminação seca sobre o oitão, sem beiral. Alguns desses aspectos estão relacionados também ao neo-colonial brasileiro, que se evidencia aqui pela aplicação de mais um elemento ornamental: os peitos-de-pomba, colocados nos beirais existentes. O pitoresco aparece ainda em outros aspectos da fachada do edifício, como os detalhes em relevo no reboco, imitando as peças do enxaimel. Essa composição, como já vimos, é frequentemente encontrada nas obras inspiradas na arquitetura rural européia.

³⁰ É interessante observar que a contratação desses técnicos, provavelmente vindos da Alemanha, denotava que as relações entre o governo Vargas e os países do Eixo ainda eram mantidas naquele período.

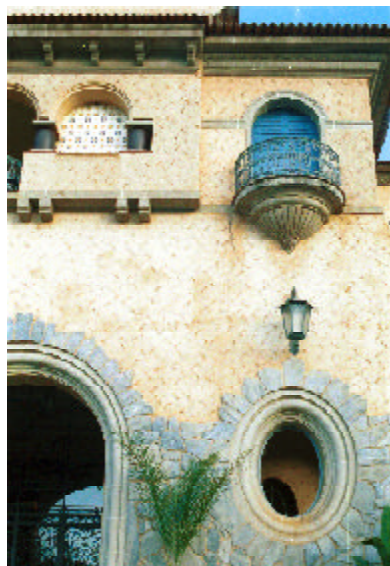
³¹ Os cachorros correspondem às extremidades aparentes das vigas de sustentação de um balanço estrutural.



216. Hotel - vitral e lajes



217. Hotel



218. Hotel



219. Termas

A proposta aprovada para execução dos dois blocos sofreu algumas modificações. O edifício do hotel tem um pavimento a mais do que estava previsto no projeto de Signorelli, fato que denota as expectativas do governo estadual relativas ao Barreiro. Além disso, é possível observar algumas alterações pontuais nos dois projetos, em sua maioria correspondentes ao tratamento superficial das obras e a detalhes específicos, aparentemente sem alterações profundas nos planos originais apresentados pelo arquiteto³². Considerando que Signorelli acompanhou a construção do conjunto, é possível supor que essas mudanças foram feitas com seu aval e supervisão.

³² No caso das Termas, por exemplo, o desenho elaborado por Shakespeare Gomes mostra duas portas colocadas na fachada leste (fundos), que comunicariam os vestiários da piscina emanatória com a varanda dessa área. Essas aberturas não foram executadas e a comunicação entre esses dois ambientes é feita por uma abertura lateral. Com essa substituição das portas por óculos, a fachada desse volume adquiriu as feições exatas de seu correspondente na porção frontal do edifício.

Contudo, esse projeto, unindo elementos do pitoresco e da arquitetura clássica, não foi o único apresentado por Signorelli para o conjunto. O arquiteto elaborou pelo menos outras duas propostas para o edifício das Termas³³. A primeira trazia uma composição nitidamente atrelada à vertente acadêmica, com vários elementos da arquitetura clássica, como colunas (contendo base, fuste com caneluras e capitel com volutas), friso, cornija, balaustradas e óculos. O conjunto volumétrico também apresenta uma concepção clássica, onde se observava, por exemplo, a simetria e a ênfase no corpo central.

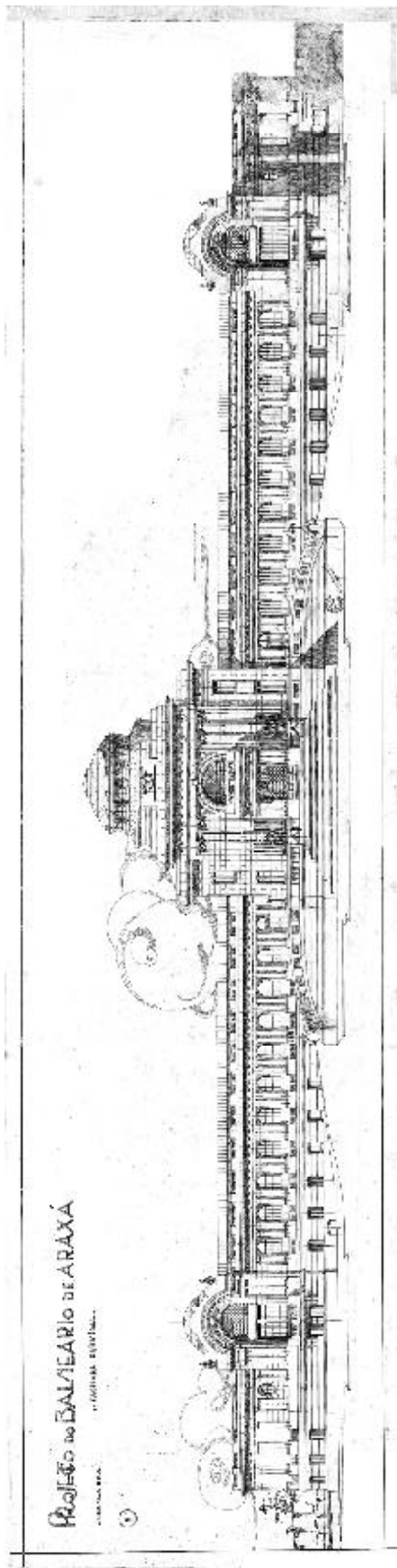
É possível perceber já aqui alguns aspectos incorporados no edifício construído, como a horizontalidade (também aqui temos dois pavimentos e um porão), a existência de dois blocos laterais e um central que se sobressaem no edifício, a rotunda iluminada por um domo e a entrada principal feita no bloco central, por meio de escadaria e rampas. Contudo, notam-se também algumas diferenças entre essa proposta e a obra construída. Nesse primeiro estudo, Signorelli colocou, na fachada frontal, amplas janelas em arco nos corpos longitudinais (onde se localiza hoje a ala feminina de banhos sulfurosos). Entre esse corpo e o exterior, existiria uma varanda, que se estenderia até os volumes laterais do prédio³⁴. Estes últimos contariam com terraços cobertos voltados para os fundos e para as laterais da construção. Apesar da simetria volumétrica, há uma evidente diferenciação entre o tratamento da fachada frontal e o da posterior. Enquanto a primeira é ricamente ornamentada, possui aberturas generosas em arco e uma ampla colonata que precede o corpo do edifício em si, a segunda é relativamente despojada, composta por planos de alvenaria mais opacos e densos, com aberturas simples e mais reduzidas. No projeto construído, essa elevação, voltada para o lago, recebeu tratamento equivalente à porção voltada para a frente do prédio.

É importante observar que esse estudo aparentemente esteve mais próximo da linguagem de diversas obras de vulto realizadas por Signorelli em Belo Horizonte, como as Secretarias e o Automóvel Clube. Tal projeto também apresenta uma ligação mais estreita com as edificações dos balneários europeus do século XIX, cujas referências foram incorporadas inclusive no Brasil, como já pudemos notar no caso de Caxambu. Signorelli teria apresentado também uma segunda proposta, na qual predominavam elementos do art déco³⁵. Aparentemente, os projetos do Barreiro foram elaborados em um momento de inflexão na carreira de Signorelli. Nas obras realizadas a partir da metade da década de 1930, período em que foram elaborados os planos para Araxá, é possível perceber um afastamento das tradições academicistas e uma aproximação com o déco, o racionalismo e, mais adiante, a linguagem moderna.

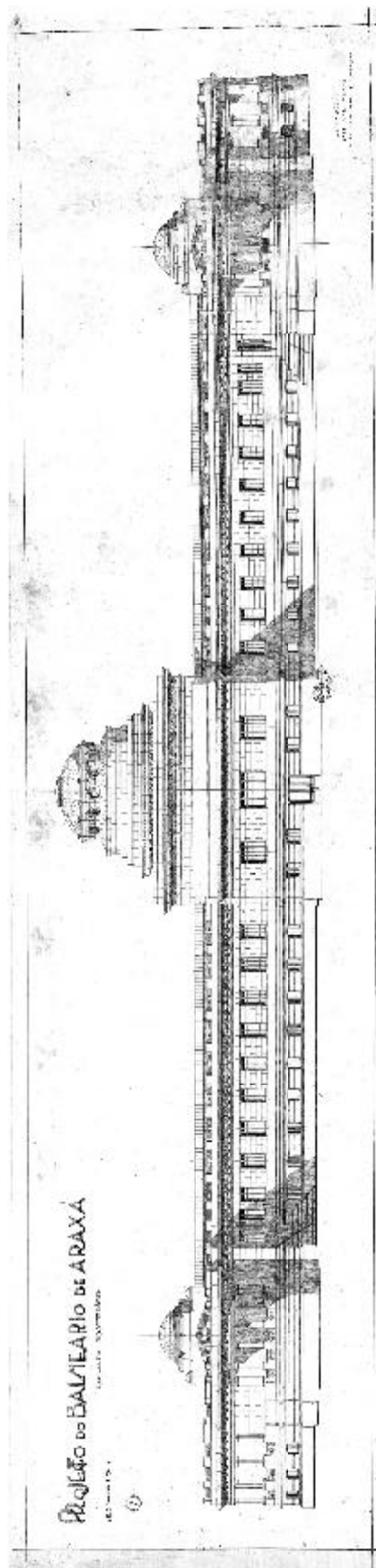
³³ Aparentemente, esse projeto foi o primeiro a ser concebido por Signorelli e também foi a primeira obra arquitetônica do novo conjunto a ter sua construção iniciada no local.

³⁴ Essas varandas talvez representem uma solução para amenizar a forte insolação sobre essa fachada, voltada para o oeste.

³⁵ Informação obtida no IEPHA (Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais).



220. Termas - proposta anterior: fachada frontal



221. Termas - proposta anterior: fachada posterior

O projeto implantado no Barreiro constitui uma proposta intermediária, aliando as tradições clássicas às vertentes “modernistas”.

A convivência entre vários estilos também é perceptível no interior das obras. O tratamento dado aos diversos ambientes resultou, por vezes, em conjuntos muito diferentes entre si. Porém, enquanto o exterior apresenta uma composição mais austera, relativamente comedida na aplicação de ornamentos, e o emprego de elementos rústicos, nos ambientes internos predominam o refinamento e o luxo, especialmente nas áreas sociais ou coletivas. Os diversos ambientes que compõem o Grande Hotel e as Termas contam com revestimentos sofisticados, mobiliário³⁶ e equipamentos refinados, muitas vezes importados da Europa, além de uma ornamentação rica, com murais, pinturas, elementos em gesso e vitrais. Embora seja possível encontrar exceções, como o cinema - onde se nota uma linha mais próxima do modernismo, com formas geométricas puras e sem aplicações ornamentais -, na maior parte dos ambientes as composições seguiram as estéticas clássicas. O detalhamento e o acabamento esmerado do conjunto, que representam uma outra contribuição para a imagem de sofisticação e de conforto dos ambientes, ficou também a cargo das construtoras Carneiro de Rezende e Alcasan.

A rotunda central das Termas constituiu um bom exemplo do tipo de tratamento dado aos espaços internos do conjunto. Dentre os diversos elementos ornamentais incorporados aqui, chama a atenção o vitral realizado pelo artesão alemão Frank Urban. Os nove painéis que compõem a estrutura retratam diversos momentos da história da região de Araxá, desde sua formação geológica, que deu origem às águas e à lama medicinal, até a exploração dos recursos minerais locais pelos criadores de gado. Ainda nesse recinto, entre o vitral e o piso superior, foram colocados oito painéis com cenas de banhos em diversas épocas e civilizações, elaborados pelo artista plástico mineiro Rocha Ferreira. As referências históricas da região (incluindo a passagem de negros, índios, viajantes, capitães do mato e garimpeiros), voltam a aparecer nos murais que se estendem nas paredes desse ambiente, sob a galeria de circulação do segundo pavimento, também concebidos por Ferreira³⁷.

Aliás, as referências simbólicas a Araxá e a o estado de Minas parecem tão onipresentes no Barreiro quanto o relógio de controle dos banhos. Afora a decoração da rotunda, diversos painéis e pinturas colocados em diferentes pontos dos edifícios remetem à “riqueza” de Minas Gerais. Aparecem aqui as cidades históricas e as estâncias hidrominerais (temas que compõem dois murais colocados na recepção do hotel), a paisagem diversificada do estado (presente nos quadros do artista mineiro Genesco Murta colocados nos corredores das Termas), as raças que teriam constituído a

³⁶ Alguns móveis foram encomendados ao Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, à fábrica do alemão Laubisch Hirth, fabricante de móveis bastante conceituado no Rio de Janeiro, à Piancastelli & Filhos, propriedade de uma família italiana estabelecida em Belo Horizonte (PESQUISAS..., 1998 a, p. 12), e à empresa paulista Teperman, que forneceu peças para outras estâncias, como Poços de Caldas, Caxambu e Águas de Lindóia (ACRÓPOLE, 1944, s.p.).

³⁷ Embora se tenha encontrado poucas referências a esse artista, tudo indica que Rocha Ferreira, assim como outros profissionais envolvidos na construção do Barreiro, já era consagrado em Minas Gerais, tendo sido premiado no Salão de Belas Artes de 1936. Nessa ocasião, ganhou uma viagem à Itália, onde pôde se especializar na técnica da encaústica, aplicada nesses murais das Termas.



222. Termas - vitral da rotunda - Frank Urban

Painéis (a partir do central, à esquerda, no sentido anti-horário)

- 1 . formação geológica
 2. presença de animais pré-históricos
 3. presença do índio
 4. combate entre índios e brancos
 5. descoberta da água pelos brancos
 6. presença do negro
 7. estabelecimento de tropeiros
 8. início da exploração da água com fins medicinais
- ao centro: mapa de Minas Gerais com a localização de Araxá

população mineira (e brasileira) – índios, negros e brancos - e, principalmente a figura de Dona Beja, que comparece em painéis azulejados no interior do hotel e na fonte que leva seu nome (como veremos adiante), além de marcar presença também na já citada série de Rocha Ferreira. A predominância desses temas artísticos denota o caráter propagandístico do novo conjunto. Além de representar uma imagem vigorosa e progressista do governo estadual (e federal), com a grandiosidade, o luxo e o conforto das instalações, as construções do Barreiro serviram como suporte para a afirmação de uma “identidade mineira”.



223. Temas
corredor de acesso ao hotel



224. Hotel
painel de azulejo
*retrata uma dama (Dona Beja)
sendo conduzida por seus
escravos negros*

Como já observamos, o governo estadual já iniciara seus investimentos nas estâncias hidrominerais de Minas desde o início do século XX, sendo o pioneiro no país nesse tipo de intervenções³⁸, que visavam fazer das estâncias o cartão de visitas do estado. Como também já foi mencionado, a cidade de Poços de Caldas, com suas novas obras realizadas ainda na década de 1920, terminou constituindo-se como modelo para outras estâncias brasileiras. As equipes responsáveis pelas intervenções nesse balneário sul-mineiro chagaram a realizar excursões às cidades de águas européias, trazendo de lá referências técnicas, programáticas, paisagísticas e arquitetônicas. Assim, vários projetos para estância elaborados a partir da década de 1930, inclusive o de Araxá, teve como modelo a estância de Poços. Além de semelhanças no programa, é possível notar aproximações construtivas e formais nítidas entre as propostas araxaenses e as construções daquela cidade. No edifício das Termas Antônio Carlos³⁹, construído em Poços, o acesso aos banhos também é feito por uma rotunda central, coberta por um vitral decorado e contando também com uma passarela interna no nível do segundo piso. Vale observar que os vitrais foram bastante recorrentes não só nas obras realizadas no Brasil, mas também em balneários internacionais.

³⁸ Vale lembrar que, diferentemente de São Paulo, que também realizou uma série de investimentos em seus núcleos hidrominerais, Minas Gerais não possui litoral, sendo as estâncias o principal destino turístico no estado naquele período.

³⁹ O nome foi dado ao interventor do estado responsável pelas obras de aprimoramento das instalações de Poços de Caldas.



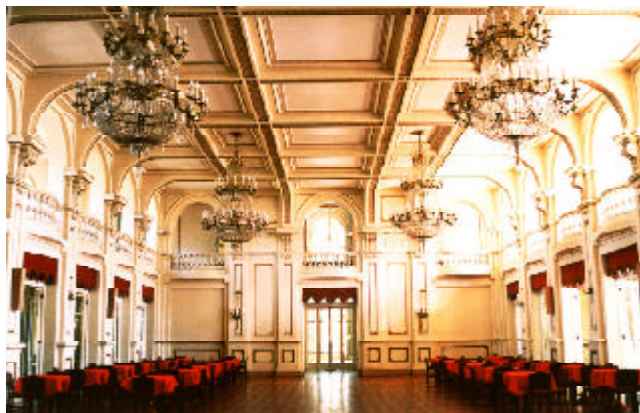
à esquerda 225. Poços de Caldas
Termas Antonio Carlos

abaixo 226. Termas de Gellert
Budapeste



No Palace Cassino, em Poços, também já apareciam, por exemplo, o embasamento revestido de pedra, os terraços com pergolados, as janelas em arco e os vitrais, dentre outros elementos que se repetem em Araxá. Ainda nesse edifício e no Palace Hotel, se observa uma predominância do pitoresco e do rústico no tratamento externo das construções e de ambientes luxuosos e ricamente decorados nos interiores. Contudo, assim como no Barreiro, a linguagem modernista já entrava, embora ainda tímida, nos edifícios voltados aos turistas. Em Poços, ela aparece na boate do Cassino.

227. Poços de Caldas
Palace Cassino



228. Poços de Caldas
Palace Cassino - boate



abaixo 229 e 230. Poços de Caldas
Palace Cassino - exterior



Além dos edifícios do Grande Hotel e das Termas, Luiz Signorelli também foi responsável pela elaboração da Praça de Esportes do balneário. Esse conjunto, aparentemente o primeiro a ser concluído no balneário, foi implantado também nos arredores do Lago Superior, na margem leste. O programa era composto por uma quadra poliesportiva e quatro de tênis, um rинque de patinação e uma piscina semi-olímpica, além de áreas de estar e edifícios de apoio para as atividades esportivas. O primeiro bloco, situado defronte à piscina, é dividido em duas alas que abrigam os sanitários e vestiários masculinos e femininos, além de uma arquibancada voltada para as competições de natação. A frente desse bloco é voltada para a Avenida do Contorno. A segunda edificação contém dois cômodos de depósitos e foi implantada junto às quadras de tênis.

É possível observar várias semelhanças entre as edificações desse conjunto e os prédios do hotel e das termas. Além da composição simétrica e a implantação em uma área plana junto ao lago, observa-se a mesma linguagem aplicada ao tratamento externo, com janelas reduzidas e portas em arco, a textura rústica das alvenarias e o emprego dos mesmos elementos ornamentais e construtivos. Vale observar, contudo, que os interiores apresentam aqui um acabamento menos refinado.

Signorelli também elaborou o desenho das áreas externas do conjunto, incluindo uma pequena praça de estar coberta por um pergolado (semelhante ao



231. Praça de Esportes - vestiários: vista frontal

encontrado nos terraços e solários do hotel e das termas), os passeios que ligavam os diversos equipamentos que compunham esse centro esportivo, além de jardins e canteiros.

Embora os edifícios tenham sido construídos de acordo com as concepções de Signorelli e tenham permanecido como tal até a época da inauguração do novo complexo hidrotermal, as áreas externas foram bastante alteradas pelo projeto paisagístico de Roberto Burle Marx, implantado posteriormente. Ao que tudo parece indicar, a Praça de Esportes foi o pivô de uma série de desentendimentos entre o arquiteto e o paisagista, como veremos mais adiante.

232. Praça de Esportes - vestiários:
fachada frontal



233. Praça de Esportes - vestiários (fundos) e piscina



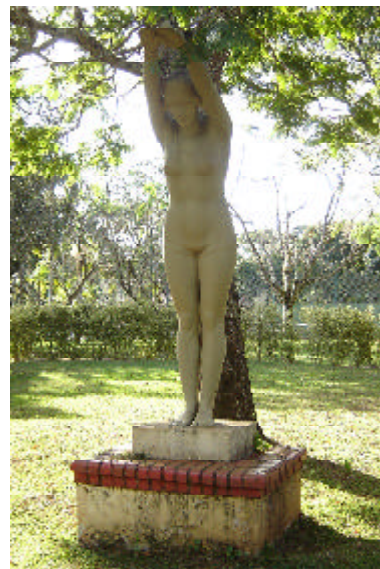
234. Praça de Esportes
área de estar externa
com pergolado



235. Praça de Esportes
quadra; ao fundo, o
bloco dos vestiários



236. Praça de Esportes
piscina



237. Praça de Esportes - nadadora



238. Praça de Esportes
área externa
ao fundo, o hotel em
construção



239. Praça de Esportes
vista aérea
hotel e termas em
construção; ao fundo, a
praça de esportes

O escritório de Signorelli também foi encarregado da elaboração do novo pavilhão para a fonte Dona Beja. O projeto foi confiado a Raphael Hardy Filho⁴⁰, que então trabalhava como arquiteto auxiliar da Comissão de Obras do Barreiro, sob a orientação de Signorelli. O ingresso nessa comissão, em 1938, representou o início da carreira de Hardy, que havia se formado como engenheiro-arquiteto na Escola de Arquitetura da UFMG no ano anterior. Em Araxá, além da proposta para esse edifício, o arquiteto realizou trabalhos de acompanhamento das obras entre os anos de 1938 e 1939.

O projeto, elaborado em 1939, deveria abrigar a fonte em si, com bebedouros e áreas de estar, e um pavilhão para banhos de ducha. O edifício guarda muitas semelhanças formais com as demais edificações elaboradas pelo escritório de Signorelli, contando também com diversos elementos característicos do estilo missões, como a alvenaria texturizada, pergolados, gradis e acabamentos metálicos, o uso de materiais rústicos, como telhas e tijolos de barro aparentes e azulejos. Contudo, ao contrário dos projetos de Signorelli para o balneário, onde os edifícios são implantados em terrenos planificados, a proposta de Hardy tira partido do grande declive da área na qual brotava a fonte radioativa, criando um conjunto edificado em vários níveis.

Na cota da Avenida do Contorno, que dá acesso à fonte, foi criado um largo, que se abre para o edifício da fonte e para uma área de estar coberta por pérgolas. O pavilhão da fonte, composto por um volume de dois pavimentos, foi implantado junto a uma das encostas do vale do Barreiro. O primeiro piso contém um salão com bancos para descanso e estar e um chafariz no qual a fonte cai, como se brotasse da própria encosta, na forma de uma pequena cascata⁴¹. Ao lado desse chafariz foi colocado um bebedouro, de onde a água radioativa era recolhida por funcionários do balneário e servida aos curistas de acordo com a prescrição dada nas Termas. Nota-se também aqui uma referência simbólica à história local. Há um alto-relevo que circunda a boca do chamariz, que remete aos trabalhos em cantaria presentes nas fontes das cidades coloniais brasileiras, onde se vê, na porção central, o rosto de um índio. Acima, foi colocado um painel de azulejos, criado também por Rocha Ferreira, que retrata o descanso de escravos junto às margens de um lago e uma escrava auxiliando uma dama branca (Dona Beja) na saída de um banho.

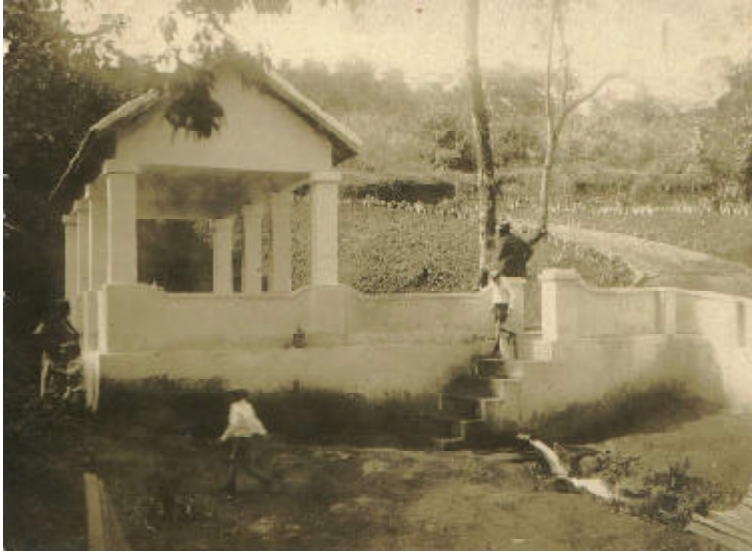
Nesse pavimento, há também uma varanda que circunda o volume do salão, com bancos e dois bebedouros para os turistas. O segundo pavimento é constituído por um mirante, composto pela laje de cobertura do salão e por um pergolado. Esse espaço segue o formato semi-circular da porção frontal do restante do volume, possibilitando uma vista privilegiada do parque, do Lago Sul, com a Ilha dos Amores,

⁴⁰ Viçosa, 1917 – Belo Horizonte, 2003. O arquiteto é filho de Raphael Hardy (1893 – 1968) e pai de Álvaro Hardy (conhecido como Veveco Hardy – 1942 – 2005), ambos também arquitetos com produções relevantes em Belo Horizonte e outras cidades brasileiras.

⁴¹ A fonte, na verdade, foi canalizada e conduzida até o ponto onde o edifício foi construído. A opção pela simulação de uma queda d'água natural pode ser explicada pela referência à história de Dona Beja, que teria se banhado em uma cachoeira da região. A composição evoca a idéia de que aquele seria o local dos banhos, embora a fonte radioativa nunca tenha aflorado à superfície com vazão suficiente para a formação de uma cascata.



240. Fonte Dona Beja - pavilhão dos bebedouros



241. Antigo pavilhão da fonte radioativa



242. Fonte Dona Beja (ao fundo) e pavilhão das duchas



243. Fonte Dona Beja - interior



244. Fonte Dona Beja
detalhe do painel de Rocha Ferreira

e do conjunto do hotel e das termas. O acesso a esse piso é feito por uma escada situada na lateral esquerda do volume no pavilhão, construída na própria encosta que limita o edifício aos fundos, ladeada por muros de arrimo.

Defronte a esse edifício, voltado para o lago, localiza-se o bloco das duchas, construído também junto a uma encosta. Aqui, porém, o volume foi implantado em um nível inferior ao do pavilhão da fonte, ligeiramente acima da superfície do lago. Assim a laje de cobertura dessa edificação coincide com o nível da Avenida de Contorno, constituindo a já mencionada área de estar encimada por um pergolado. A partir desse espaço também se tem uma boa visão do conjunto do balneário, especialmente do Lago Sul. O acesso ao piso inferior, onde se distribuem as duchas também é feito por duas escadas que ladeiam a construção. No interior, há um corredor de acesso frontal e oito cabines para as duchas⁴², cada uma contendo um vestiário e uma área de banho.

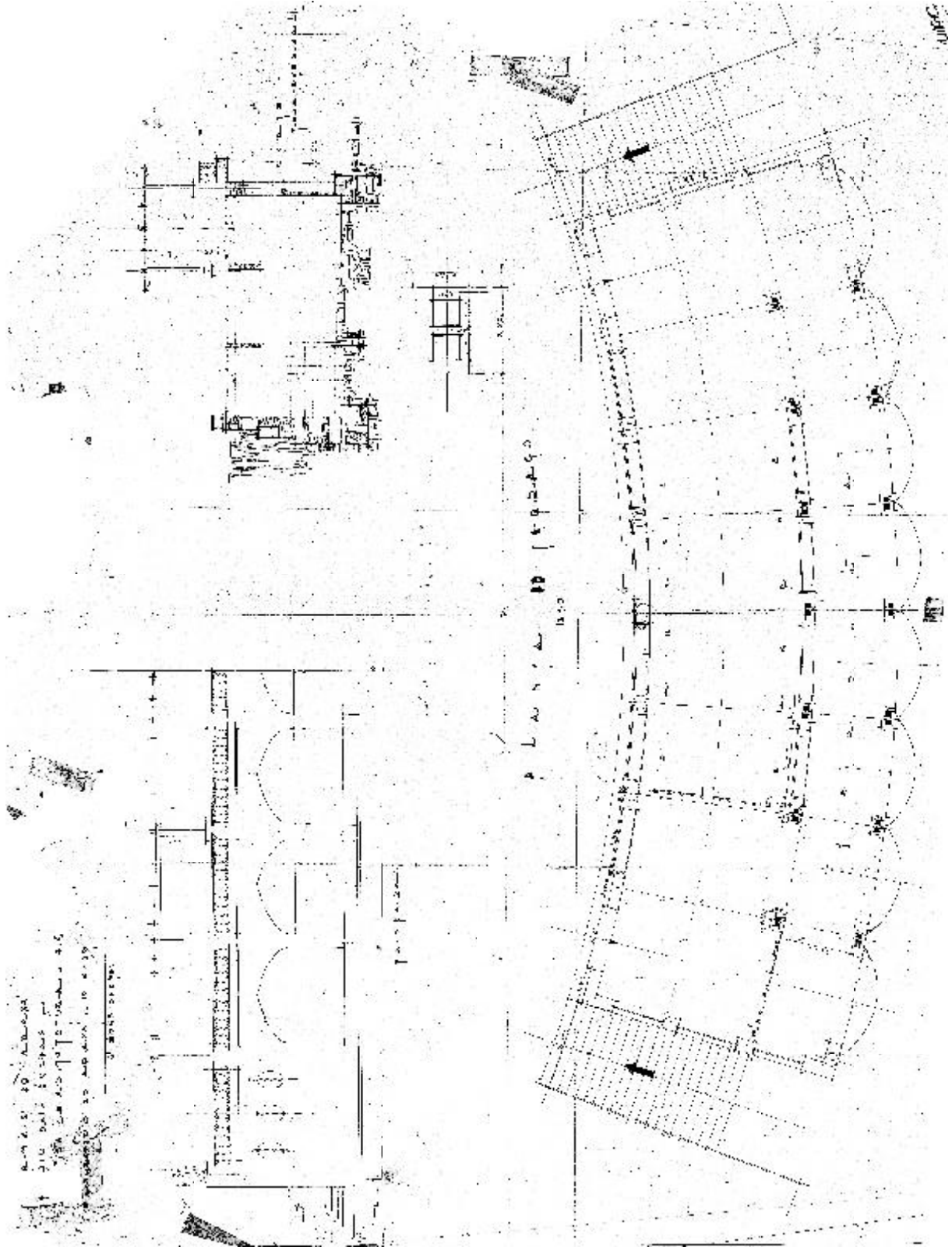
Observa-se no conjunto criado por Hardy uma preocupação em integrar os edifícios à situação topográfica dos terrenos e à paisagem do Barreiro. Os dois edifícios - também construídos pela Carneiro de Rezende - foram implantados de modo a constituírem-se como partes integrantes da configuração preexistentes da área onde foram construídos. Essa organicidade do partido adotado no projeto denota uma aproximação de Hardy com concepções que seriam bastante difundidas em obras do Movimento Moderno.

Com efeito, embora Hardy tenha optado no Barreiro por um tratamento formal que concordasse com os demais projetos de seu superior, o arquiteto adotaria em sua obra posterior uma linguagem bastante diversa da adotada no balneário de Araxá. Raphael Hardy Filho desenvolveu uma carreira bastante fecunda, especialmente no estado de Minas, nas décadas de 1940 e 1970. Discípulo de Oscar Niemeyer e Ângelo Murgel, Hardy Filho foi autor de uma produção variada, onde se destacam vários projetos filiados à vertente moderna.

Além da atividade de docente na escola onde se graduou (1958 – 1977), atuou como arquiteto projetista, sendo responsável pelos projetos do Fórum de Belo Horizonte (1948), a sede da Usiminas na Pampulha⁴³, os planos urbanísticos e arquitetônicos para a vila industrial da Usiminas em Ipatinga (1958 –69), o edifício do Instituto de Previdência Social do Estado de Minas Gerais (IPSEMG), além de diversos edifícios escolares no estado de Minas e projetos de residências, como o projeto para Juscelino Kubitschek na Pampulha. Colaborou com Niemeyer na elaboração das obras de Brasília (1957) e contribuiu com projetos habitacionais populares para os programas dos IAP's, da Fundação da Casa Popular e da COHAB

⁴² São oferecidas aqui as chamadas “duchas cascata”, que consistem de um feixe de jatos fortes que caem diretamente sobre o corpo.

⁴³ Trabalho realizado em conjunto com o filho, Álvaro Hardy e o arquiteto Istvan Farkasvolgyi.



245. Pavilhão das duchas

246. Pavilhão das duchas vista lateral, mostrando o acesso aos banhos



247. Vista a partir do solário (pav. superior) da Fonte Dona Beja



248. Fonte Dona Beja (ao fundo) e pavilhão das duchas



(na qual trabalhou como superintendente). Em Araxá, realizou ainda os projetos para a Fábrica de Fertilizantes e Fosfatos de Araxá (FERTIZA) e os edifícios de dois grupos escolares, inclusive o do Barreiro, já previsto no plano urbanístico, como veremos mais adiante.

Além das edificações construídas no parque do balneário, ligadas pela Avenida do Contorno, o escritório de Luiz Signorelli também atuou na arquitetura residencial do Barreiro. O arquiteto foi responsável pelo projeto da casa do engenheiro-chefe das obras do complexo (Andrade Júnior), localizada às margens do Lago Norte. A proposta de Signorelli possuía várias características dos estilos pitorescos que se popularizaram em diversos bairros residenciais na primeira metade do século XX. Observa-se aqui um volume coberto por um telhado de duas águas, com o oitão voltado para a fachada frontal da construção, que caracteriza os chalés construídos nesse período no Brasil. Há também a aplicação de faixas em relevo na alvenaria, simulando um enxaimel aparente, muito similar às residências em estilo normando que se difundiram em diversas localidades. Propôs-se ainda a criação de uma varanda frontal, que abrange inclusive a entrada social da residência, onde se pode detectar uma referência ao *porch*, elemento bastante divulgado nos manuais de arquitetura europeus e norte-americanos.

Outras características da arquitetura do pitoresco também aparecem no projeto, como a planta em forma de “L” - com dois volumes que se cruzam perpendicularmente - e a criação de um jardim fronteiro à residência, ligando a construção em si, implantada em uma cota mais elevada, e a rua. Embora a edificação constituísse o grupo de unidades habitacionais de padrão mais elevado construído na região do Barreiro, o programa distribuído nos dois pavimentos da casa é relativamente modesto, contemplando apenas os cômodos então considerados essenciais: sala de estar e jantar, cozinha, área de serviço, sanitário e dormitórios, além da varanda. Por outro lado, no interior da casa, foram incorporados alguns equipamentos de origem européia ou norte-americana, como a lareira, comumente empregados na arquitetura residencial construída nas estâncias nesse período. Nota-se aqui a preocupação em garantir nessas casas os padrões internacionais de conforto e, ao mesmo tempo, a incorporação de elementos que conferiam um status diferenciado às construções.

Alguns aspectos desse projeto de Sigonelli aparecem também em outras residências construídas no Barreiro, que constituem os poucos exemplos de ocupação dos lotes do setor residencial previsto para a região do balneário. Embora não tenha sido possível detectar a autoria desses projetos, observam-se aproximações nas

referências estilísticas e projetuais, além de padrões semelhantes de ocupação dos terrenos. As residências vizinhas à casa do engenheiro-chefe, localizadas também à beira do Lago Norte, seguem a mesma implantação, com o volume construído afastado o limite frontal do lote, propiciando a criação de um jardim. Ambas trazem nas fachadas alguns elementos dos estilos pitorescos, embora tais características às vezes apareçam com pouca evidência. Destacam-se a aplicação de texturas nas alvenarias, o uso de materiais rústicos, a presença do *porch*, a cobertura bastante inclinada e a volumetria variada, distribuída blocos que se espalham pelo lote em direções perpendiculares, refletindo na cobertura, cujas águas caem em direções diversas. Em uma das obras, aparece também o oitão voltado para a frente, característico dos chalés, e a simulação do enxaimel feita com relevos na alvenaria.



249. Residência do engenheiro-chefe, à beira do Lago Norte



250. Residência à beira do Lago Norte

Ainda nas unidades da vila operária, apresentada no capítulo anterior, algumas dessas características já se faziam presentes, como a implantação recuada em relação à rua, como já observamos, o emprego de materiais em estado bruto, ainda visível no embasamento de pedra, e a incorporação de uma pequena varanda na área de acesso à residência, que poderia ser enxergada como uma referência ao *porch*. Vários desses elementos também podem ser observados em habitações particulares construídas nos arredores do Barreiro.



250. Residência particular



251. Vila operária
casas para funcionários graduados



252. Vila operária
casa geminadas



253. Residência particular

254. Residência particular
em Águas de São Pedro

Vale lembrar que essas características, que remetem à arquitetura rural européia ou norte-americana, constituíam um padrão freqüentemente relacionado às casas de campo ou de subúrbio no Brasil. Como já observamos, essas construções se difundiram largamente nas estâncias do país, podendo ser encontradas não só em Araxá, mas também em outras cidades, como Poços de Caldas, Campos do Jordão, Águas de São Pedro e Águas da Prata⁴⁴.

Como já pudemos notar, o sucesso dos estilos pitorescos e de outras vertentes ecléticas nas estâncias e em outras cidades do Brasil permite observar um aspecto dos debates ou das polêmicas em torno da busca por uma identidade nacional e, ao mesmo tempo, pela promoção do progresso e da modernização do país naquele período. Vale lembrar que essa arquitetura representava, para uma parcela da população que incluía a clientela formada pelas elites brasileiras, um avanço em direção à modernização, entendido aqui como uma aproximação com a Europa e os Estados

⁴⁴ Sobre o assunto consultar também FRANCO (2005).

Unidos, como a possibilidade de participar de valores de consumo internacionais, de aderir ao cosmopolitismo mesmo em um país marcado pelo exotismo e pela ruralidade.

Contudo, essa produção recebia, desde os anos 20, diversas críticas por sua alienação em relação ao debate a respeito da criação de uma arquitetura verdadeiramente nacional, por seu distanciamento em relação às necessidades construtivas brasileiras e por seu descompromisso formal com as inovações técnicas e com as novas linguagens plásticas. Essas críticas intensificaram-se entre o final da década de 1930 e o início da década de 1940, quando o Movimento Moderno se afirmava no Brasil como resposta à busca por uma arquitetura e por uma arte “genuinamente” brasileira.

Vale lembrar que, nesse período, projetos como o Ministério da Educação, o Pavilhão do Brasil na Feira de Nova Iorque e o conjunto da Pampulha alavancaram a produção de uma série de planos e obras que passaram a receber destaque internacional. Esse reconhecimento é visível na quantidade de projetos publicados em revistas norte-americanas e européias e teve seu ápice na realização da exposição *Brazil Builds* pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, em 1943. A arquitetura brasileira foi vista como possuidora de características próprias e, até certo ponto, inovadoras. Por outro lado, ela mantinha estreita ligação com as correntes arquitetônicas internacionais. Essa nova linguagem arquitetônica gerou frutos também no Barreiro.

UM OUTRO MODERNO: OS PROJETOS DE FRANCISCO BOLONHA E A INTRODUÇÃO DE UMA NOVA LINGUAGEM ARQUITETÔNICA NO BARREIRO

A participação do arquiteto Francisco Bolonha no Barreiro se deu por ocasião da contratação de Roberto Burle Marx, em 1943⁴⁵, para elaborar os planos para os jardins de diversos setores distribuídos ao longo da Avenida do Contorno. Contudo, o estabelecimento de boas relações entre Burle Marx e o governador mineiro no decorrer das obras rendeu ao escritório do paisagista a possibilidade de desenvolvimento de dois projetos arquitetônicos para a estância: um pavilhão para a Fonte Andrade Júnior e um novo projeto para a Praça de Esportes. Os dois projetos foram repassados por Burle Marx a Bolonha, então estagiário em seu escritório⁴⁶.

Ao que tudo parece indicar, a realização dessas obras interessava as duas partes: de um lado, o paisagista viu aqui a possibilidade de garantir uma maior unidade plástica entre seus projetos de jardins e as novas construções. De acordo

⁴⁵ Mesmo ano da exposição *Brazil Builds*.

⁴⁶ Vale lembrar que Burle Marx não tinha formação de arquiteto, mas sim de artista plástico.

com Bolonha, o próprio Burle Marx teria sugerido ao engenheiro Andrade Júnior que seu escritório se encarregasse dos projetos para o pavilhão da fonte sulfurosa e de uma nova Praça de Esportes⁴⁷. Por outro lado, vale observar que esses projetos contribuiriam para a formação de uma imagem de “modernização” e de “progresso” apregoados nas propagandas feitas pelo governo em relação à construção do balneário.

Contudo, a inserção de Burle Marx e sua equipe na estância de Araxá deu início a uma série de desentendimentos entre o paisagista e Luiz Signorelli, que culminaria no afastamento do arquiteto mineiro das obras do Barreiro⁴⁸. Signorelli, defensor do neocolonial (como já se pôde notar nas obras de Araxá), tomara partido contrário na polêmica a respeito da proposta de Niemeyer para o Grande Hotel de Ouro Preto (1940), na qual se introduzia uma linguagem filiada ao Movimento Moderno numa cidade onde a arquitetura colonial estava conservada (LANA, 1998, p. 83). Burle Marx, por sua vez, havia elaborado os jardins desse hotel, num projeto que concordava com a concepção do arquiteto carioca. É possível supor ainda que a introdução das obras de Bolonha significava para Signorelli a impossibilidade de completar o conjunto arquitetônico da estância, que agora não possuiria apenas projetos de sua autoria, ou executados segundo sua orientação. Contudo, o descontentamento do arquiteto mineiro parece ter sido gerado pelas propostas que constituíam o próprio plano paisagístico de Burle Marx.

Aparentemente, Signorelli teria imaginado para o parque um desenho paisagístico pautado na tradição francesa, com composições simétricas, traços retilíneos e cartesianos. Os desenhos elaborados por seu escritório e a proposta executada na área de esportes permitem entrever as concepções do arquiteto em relação ao parque. A proposta de Burle Marx seguia um caminho bastante diverso, como veremos no próximo capítulo. O mal-estar entre Burle Marx e Signorelli provavelmente se agravou quando surgiu a proposta de um novo projeto para a Praça de Esportes⁴⁹. A sugestão era de fato bastante ousada, uma vez que pressupunha a demolição do conjunto, que já havia sido construído no Barreiro na época da contratação do paisagista.

Embora o projeto de Bolonha não tenha sido construído e os edifícios de Signorelli ainda permaneçam no local, várias alterações foram feitas nas áreas externas, substituindo os jardins e áreas de estar elaborados pelo arquiteto por uma composição que se integra com o conjunto paisagístico elaborado por Burle Marx. Aparentemente, encontrou-se assim uma solução intermediária, que incorporava as novas concepções do paisagista carioca sem interferir nas edificações do arquiteto mineiro.

Mesmo não executado, o projeto de Bolonha para a Praça, assim como o pavilhão da fonte Andrade Júnior, ganhou destaque internacional, sendo incluído

⁴⁷ Informação dada em entrevista concedida à mestrandia em 11/11/04.

⁴⁸ Informação dada por Raphael Hardy a Guilherme Mazza Dourado, gentilmente cedida por este último via e-mail (13/05/05).

⁴⁹ O desentendimento entre os dois profissionais parece ter passado despercebido entre os membros da equipe do paisagista. O próprio Francisco Bolonha afirma não ter recordações de desavenças entre Burle Marx e Signorelli (entrevista concedida à mestrandia em 11/11/04).

no número especial sobre o Brasil da revista *Architectural Forum*, em novembro de 1947. Vale ressaltar que os projetos para o Barreiro, foram elaborados pelo arquiteto antes mesmo de sua graduação em 1945.

Francisco Bolonha nasceu em 1923, na cidade de Belém, no Pará⁵⁰. Em 1940, Bolonha ingressou na Escola Nacional de Belas Artes. Nessa época, as reformulações no curso de Arquitetura da ENBA, que começaram a ser introduzidas por Lúcio Costa em 1931, já haviam sido abafadas. Contudo, Bolonha assistia da janela de sua sala de aula a construção da Associação Brasileira de Imprensa, dos irmãos Roberto, e do Ministério da Educação e Saúde. Além disso, desde o primeiro ano na ENBA, Bolonha já trabalhava em escritórios de arquitetura. Primeiramente, trabalhou como desenhista dos projetos particulares de Aldary Toledo. Nessa época, Toledo era também funcionário do Instituto de Aposentados e Pensionistas dos Bancários – IAPB. Um ano mais tarde, passou a trabalhar com Jorge Machado Moreira, Oscar Niemeyer e Afonso Eduardo Reidy, que dividiam um escritório nesse período. Mais tarde, Bolonha começou a trabalhar também com Burle-Marx, no período da noite, executando desenhos e colaborando nos projetos, ao mesmo tempo em que continuava o estágio com Moreira, Niemeyer e Reidy. Nesses estágios, o estudante participou de vários projetos, como o Hospital das Clínicas de Porto Alegre, com Moreira; o Teatro de Belo Horizonte, com Niemeyer; e os jardins da residência Odette Monteiro, em Petrópolis, e do Ministério da Educação, com Burle-Marx.⁵¹ Também para o escritório de Burle-Marx, onde permaneceu até 1950, elaborou os projetos para Araxá, em 1943 e 1944.

A convivência com obras modernas e com os arquitetos que as produziam certamente teve grande influência no pensamento projetual de Bolonha. É possível notar que, apesar da orientação acadêmica no ensino da ENBA, os projetos modernos circulavam entre os estudantes. A discussão sobre a nova arquitetura na Europa e no Brasil estava presente nas reuniões dos alunos e era bastante divulgada na *Revista de Arquitetura do Diretório Central de Estudantes da ENBA*. Nessa revista, foi publicado um projeto de Bolonha para um viveiro de pássaros na Floresta da Tijuca, em 1943.

Bolonha formou-se em 1945, na primeira turma graduada pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. A criação da Faculdade foi resultado do desmembramento do curso de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes no mesmo ano⁵². Logo após a formatura, ainda em 1945, Bolonha participou do concurso para a sede social do Jóquei Clube do Rio de Janeiro. O arquiteto fazia parte de uma equipe formada também por Lygia Fernandes, Giuseppina Pirro e Israel de Barros Correa, todos colegas de turma. O projeto recebeu o terceiro lugar.

⁵⁰ Um de seus tios (irmão de sue pai), também chamado Francisco Bolonha, era engenheiro na mesma cidade. Foi responsável pela construção de um conjunto de obras em estilo *Art Nouveau* na capital do Pará. Dentre elas, a Vila Bolonha (ver BRUAND, 1981, p.51-52 e DERENJI in FABIS, 1987, p. 156-158). Apesar do destaque da figura do tio engenheiro, o sobrinho não acredita ter recebido influência desse seu parente na decisão de tornar-se arquiteto.

⁵¹ Sobre a trajetória profissional e a obra de Bolonha, consultar MACEDO (2004).

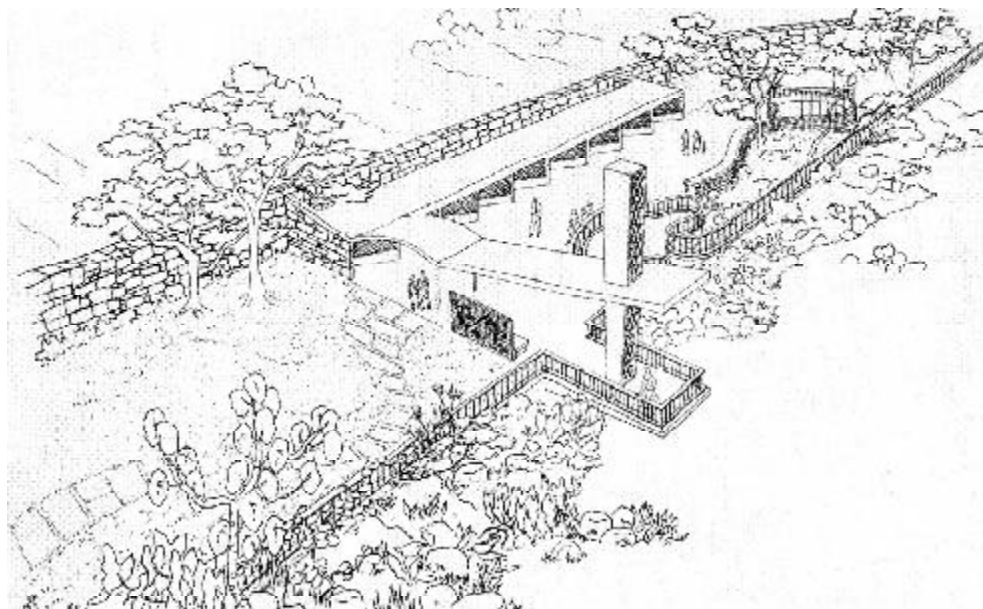
⁵² Bolonha participou do movimento de separação entre os dois cursos, divulgando a necessidade de se criar uma escola de Arquitetura independente do curso de Belas Artes. Esta deveria receber o nome de Faculdade de Arquitetura, título que, de acordo com o arquiteto, teria sido cunhado por ele (entrevista concedida à mestrandia em 11/11/04).

Ganhou também bastante destaque na imprensa, inclusive internacionalmente⁵³. Uma das fachadas, desenho de Bolonha, foi capa de um dos números da revista *L'Architecture D'Aujourd'hui* (1948). O projeto aparece também em publicações nacionais do mesmo ano do concurso e da década de 1950.

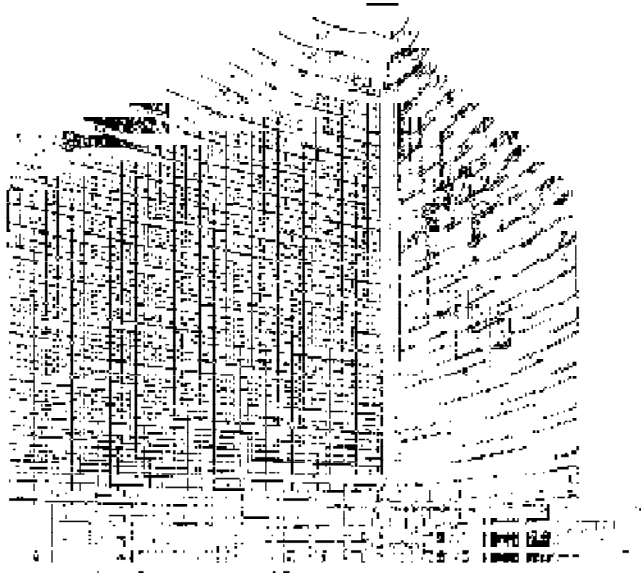
Nos anos 40 e 50, desenvolveu uma série de planos e obras para Cataguases, em Minas Gerais, como a residência José Pacheco Medeiros, a praça e o monumento José Inácio Peixoto, a praça Rui Barbosa, a Maternidade, o Orfanato Dom Silvério e um conjunto de residências operárias para a Companhia Industrial de Cataguases, além das residências de Nanzita Salgado Gomes e de Ottônio Alvim Gomes. Em paralelo aos projetos de Cataguases, Francisco Bolonha desenvolveu projetos para outras cidades brasileiras, especialmente no estado do Rio de Janeiro. Um desses projetos foi a casa de campo do embaixador Hildebrando Accioly, em Petrópolis. Construída entre 1948 e 1950, a obra é composta por volumes articulados ao redor de um pátio, com uma grande cobertura de uma só água. O projeto e algumas fotos da residência foram publicados em revistas na década de 50 e no livro de Henrique Mindlin, *Arquitetura Moderna no Brasil*. Com esse projeto, Bolonha recebeu medalha de prata no IV Salão de Arte Moderna.

Durante a década de 50, Bolonha realizou os projetos para o Jardim de Infância Ernestina Pessoa, em Vitória (1952); para a residência Nilo Pacheco Medeiros; para a Capela de Santa Maria na residência Hildebrando Accioly (1954); para o concurso do monumento aos soldados mortos na Segunda Guerra, no aterro do

⁵³ Ver *Arquitetura Contemporânea no Brasil* (coletânea) (vol. 1, 1947) e SARTORIS, 1954.



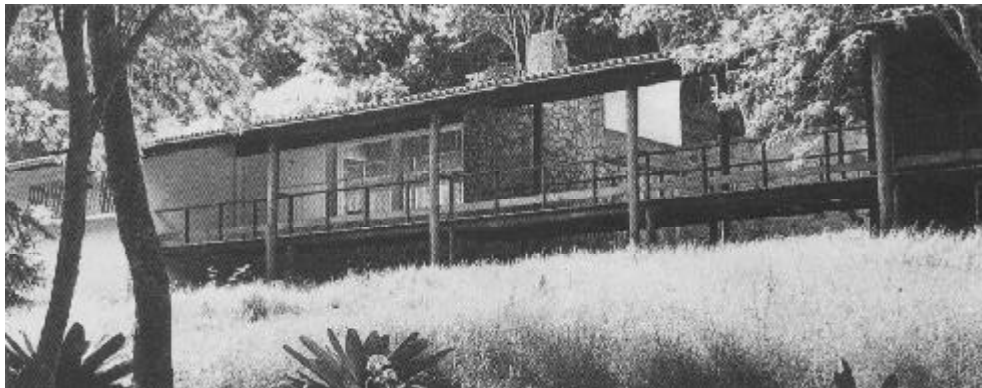
255. Viveiro de Pássaros (1943)



256. Concurso para Sede do Jôquei Clube (1947)



257. Residência de Nazita Gomes em Cataguases.
Painel de Emeric Marcier e móveis de Joaquim Tenreiro



258. Residência Hildebrando Accioly (1949-50)

Flamengo (1956); e para a sede do clube de Juiz de Fora (1958). Também nessa época, Bolonha iniciou sua carreira como funcionário público, mantendo paralelamente seus projetos particulares. A convite de Reidy, Bolonha passou a trabalhar no Departamento de Habitações Populares do Distrito Federal (DPH), onde permaneceu por dez anos.⁵⁴ Ali atuou como colaborador de Reidy na elaboração do Conjunto Habitacional Prefeito Mendes de Moraes, o Pedregulho. Realizou também o projeto para os conjuntos habitacionais de Vila Isabel e de Paquetá (ambos inaugurados em 1952), além de diversos projetos padronizados para residências unifamiliares de baixo custo.

Em 1960 Bolonha foi convidado pelo Secretário de Educação do governo Lacerda, Carlos Flexa Ribeiro, a tomar o posto de diretor da Divisão de Construções de Equipamentos Escolares.⁵⁵ O arquiteto permaneceu na Divisão por quatro anos, elaborando projetos para padrões aplicados em mais de 240 escolas na cidade do Rio de Janeiro. Nos anos de 1966 e 1967 Bolonha trabalhou para o Banco Nacional de Habitação, na Divisão de Programas e Projetos do BNH, onde realizou projetos de conjuntos habitacionais para várias cidades brasileiras.

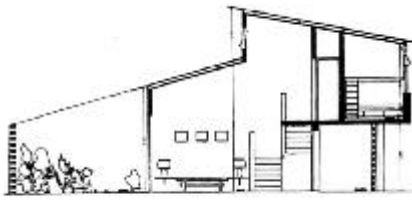
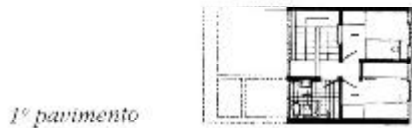
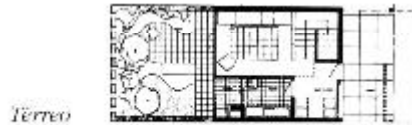
Durante as décadas de 60, 70 e 80 Bolonha elaborou diversos projetos para empresas de telecomunicações, já encomendados a seu escritório particular, montado em 1968. Primeiramente, trabalhou como consultor para a CETEL – Companhia Estadual de Telefones da Guanabara, onde fez o projeto para a estação telefônica de Paquetá e a sede da própria companhia no Rio de Janeiro. Esse último trabalho lhe rendeu uma viagem à Europa, prêmio no XVIII Salão Nacional de Arte Moderna.⁵⁶ Já nos anos 70 o arquiteto passou a trabalhar para a Companhia de Telefones de Minas Gerais, a TELEMIG. Como consultor da empresa, Bolonha colaborou no projeto para a sede da companhia. Em 1976, foi convidado para realizar o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Telebrás em Campinas. Bolonha elaborou também os projetos para os centros de treinamento dessa mesma companhia em Brasília, Recife e Rio de Janeiro.

Ao longo do tempo, a obra do arquiteto passou por transformações, bastante marcantes em alguns de seus trabalhos. Da década de 40 até a atualidade, os projetos do arquiteto foram cada vez mais orientados pela busca da funcionalidade. A sua maneira, Bolonha procurou explorar com profundidade a premissa da arquitetura moderna em que a forma é resultado da função. Assim, aspectos como construtibilidade, custo e facilidade de manutenção passaram a ser, com frequência, as justificativas das escolhas feitas pelo arquiteto em seus projetos. Especialmente nas obras mais recentes, é visível como tais aspectos guiam o traçado, as dimensões

⁵⁴ Nesse mesmo período, Reidy e Bolonha iniciaram uma sociedade em um escritório particular. Tal sociedade terminou quando o primeiro passou a dedicar-se ao projeto do Museu de Arte Moderna o Rio de Janeiro.

⁵⁵ Antes de assumir o cargo, o arquiteto já havia elaborado o projeto para a escola Joseph Bloch. Além da escola, Bolonha desenvolveu outros projetos para membros das organizações Bloch. As residências de Adolpho Bloch, de Oscar Bloch e de Nelson Alves (diretor de uma das empresas Bloch) tiveram seus projetos realizados por Bolonha nas décadas de 50 e 60.

⁵⁶ Nessa época Bolonha passou a morar em Paris, onde viveu por dois anos.

*Corte**1º pavimento**Térreo*

259. Conjunto Residencial de Paquetá (1952)



260. Escola Roma (1960-4)



261. Centro de Treinamento da Telebrás, Brasília (1977)

e os materiais usados nas construções. São esses os fatores que norteiam as obras de Bolonha, em detrimento das preocupações com o aspecto plástico do projeto.

No início da carreira do arquiteto, porém, as experimentações plásticas feitas na arquitetura brasileira nas décadas de 30 e 40 podiam ser notados em alguns de seus projetos. É possível reconhecer nesse momento a influência de arquitetos em atividade no Rio naquele período, como Niemeyer, Reidy e Lúcio Costa (BRUAND, 1981, p. 142). Os planos para Araxá fazem parte desse grupo.

O convite para a elaboração dos projetos foi feito por Burle Marx ainda no mesmo ano do início dos trabalhos do paisagista em Araxá, 1943. A fonte sulfurosa, que já havia sido canalizada e disponibilizada ao público, localizava-se dentro de um edifício inaugurado em 1932. Porém, com a completa reformulação do balneário essa construção foi eliminada. Era necessário, portanto, a construção de um outro pavilhão⁵⁷.

O novo edifício localiza-se em uma península formada em um pequeno lago desenhado por Burle-Marx, defronte ao hotel e às termas, no qual foi construído o tanque onde a lama sulfurosa é armazenada⁵⁸. A proposta de Bolonha, com o programa definido pelo próprio arquiteto, de acordo com as necessidades e possibilidades apresentadas na época, abriga duas áreas de bebedouros, além de alguns bancos para descanso e contemplação da paisagem e do volume da casa de máquinas. O edifício contém também uma área para a exposição de ossos encontrados durante as escavações para as obras do Barreiro⁵⁹.

A proposta de Bolonha é constituída por uma laje curvilínea, apoiada por pilares, sob a qual distribuem-se os ambientes e equipamentos concebidos pelo arquiteto. O desenho da laje de cobertura acompanha as margens do lago, assim como um plano envidraçado que limitava o pavilhão na elevação norte⁶⁰. Um outro plano fechado cria uma vitrine, localizada no lado esquerdo de quem chega ao

⁵⁷ De acordo com o depoimento de Bolonha (dado à mestranda em 11/11/04), a orientação do projeto foi feita pelo próprio Burle Marx, não havendo interferência direta por parte do governo estadual.

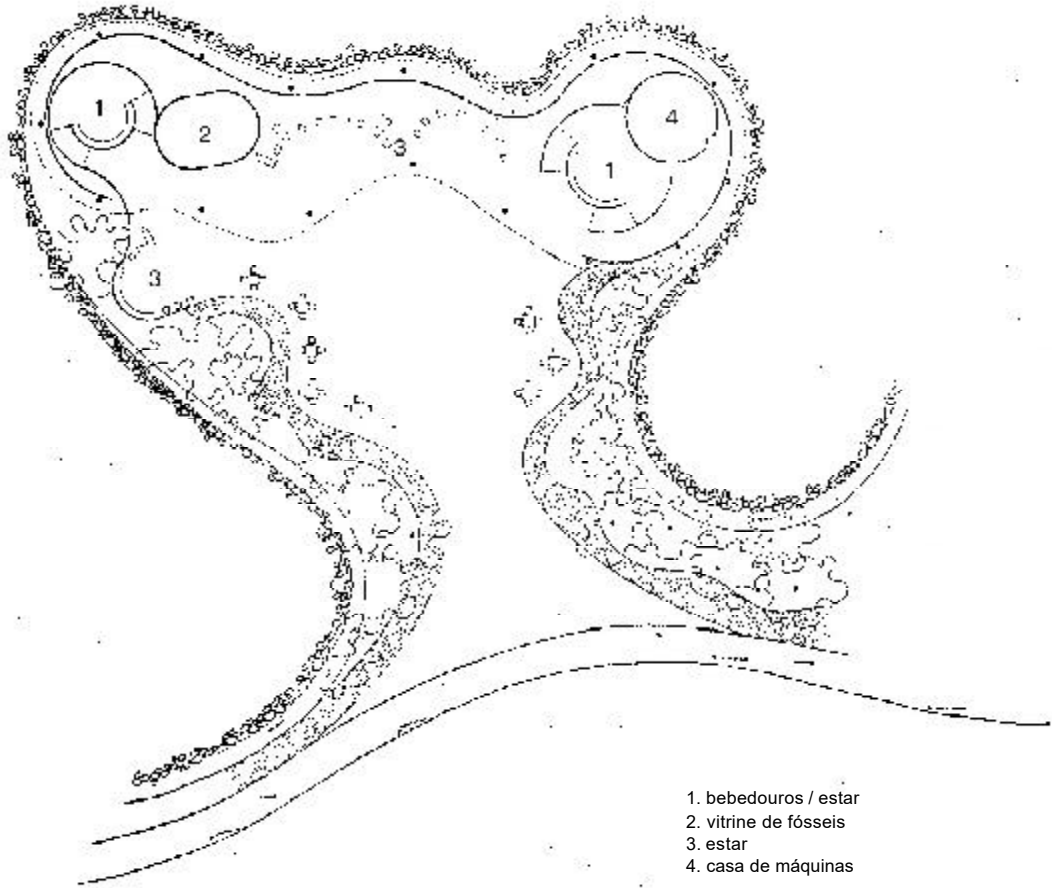
⁵⁸ A área onde o lago está localizado constituía a região onde a água sulfurosa aflorava à superfície e, conseqüentemente, era também o local onde a lama era encontrada. A antiga casa de banhos localizava-se em uma área vizinha a essa região.

⁵⁹ Tais fósseis constituem o primeiro grupo encontrado no Brasil a ser classificados pelo paleontólogo Price. Trata-se das ossadas do *Xenorhinothierium bahiense*, animal herbívoro semelhante a uma anta, mas de porte maior, do *Haploastodon Waring*, uma espécie de mastodonte, do *Lremotherium Laurilladi*, uma preguiça gigante, e do *Equus (Amerhippus) Neogaens*, um cavalo sul-americano.

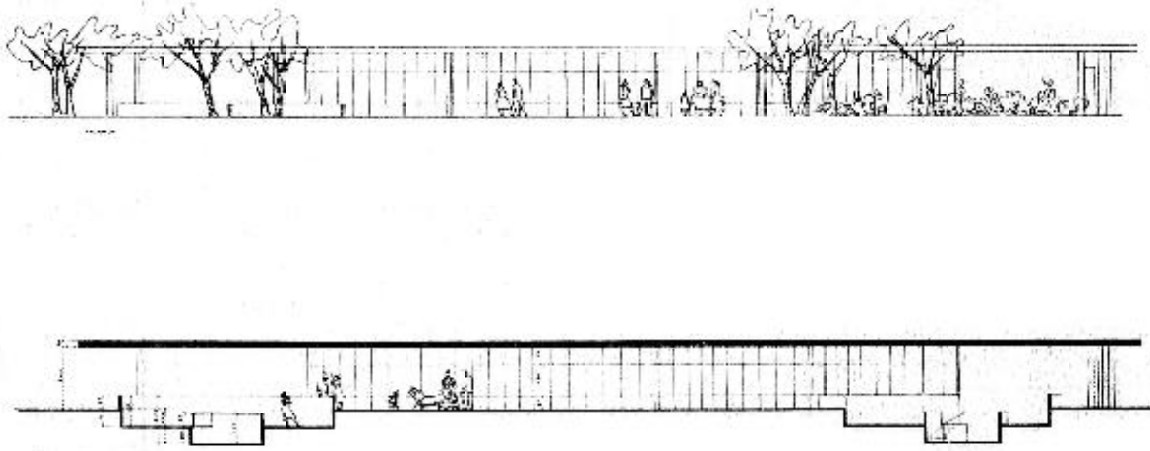
⁶⁰ Essa estrutura foi retirada na reforma do pavilhão na década de 1990.



262. Antigo pavilhão da fonte sulfurosa



263. Fonte Andrade Júnior - planta



264. Fonte Andrade Júnior - cortes

pavilhão. No interior dessa vitrine estão os ossos encontrados no Barreiro, dispostos em um patamar rebaixado em relação à cota térrea⁶¹. As duas áreas de bebedouros também foram colocadas em um nível inferior. O acesso a elas é feito através de rampas. A parede semi-circular que delimita a área de bebedouros da esquerda dá origem a uma mureta que avança em direção ao exterior, definindo uma área de estar descoberta próxima à construção. Na extremidade oposta, um muro circular define a casa de máquinas.

A estrutura da construção é de concreto armado. Os pilares e o perfil da laje foram revestidos com mármore travertino⁶². No plano de vidro foram colocadas esquadrias fixas de ferro, com aberturas apenas na porção superior, garantindo aos banhistas uma proteção contra os ventos, à maneira das antigas galeria européias. A parede da casa de máquinas e os guarda-corpos das rampas e escadas que dão acesso aos bebedouros foram revestidos por azulejos com motivos elaborados por Burle-Marx. Esses motivos remetem aos fósseis em exposição na mesma obra. Percebe-se aqui que Bolonha, já em seus primeiros projetos, começava a explorar os efeitos plásticos obtidos pelo emprego desses motivos decorativos, que serão bastante usados em sua obra, principalmente na década de 50, como no clube de Juiz de Fora e nos projetos de Cataguases⁶³.

Burle-Marx fez ainda os desenhos para o mosaico em pedra portuguesa – branca e preta – que revestem o piso de toda a península onde o pavilhão foi implantado, avançando também para o interior do edifício. Também nesse mosaico há referências aos animais pré-históricos cujos ossos foram descobertos na região. Houve aqui uma alteração em relação à proposta original apresentada, que previa a incorporação de mais figuras no conjunto. Nas proximidades da vitrine dos fósseis deveriam ser criados desenhos dos fósseis com um terceiro tipo de pedra portuguesa (vermelha). Embora a diagramação do piso tenha sido simplificada na execução da obra, não houve interferências na idéia de continuidade do piso em toda a área, de modo a criar uma unidade entre as zonas cobertas e descobertas dessa porção do parque.

Nesse projeto, Bolonha explora as potencialidades formais do concreto armado. A plasticidade dessa técnica empregada pelo arquiteto pode ser comprovada tanto no desenho sinuoso que define a cobertura quanto nas paredes curvas que configuram os diversos elementos que compõem a obra, como as áreas de bebedouros, a vitrine dos fósseis e a casa de máquinas.

As linhas onduladas são uma das indicações da influência dos projetos de Niemeyer dessa época. O traçado da laje da fonte Andrade Júnior remete às linhas

⁶¹ Atualmente a vitrine conta com bancadas de madeira onde os fósseis estão expostos. Aliás, as peças expostas consistem de réplicas, uma vez que o espaço da fonte não oferecia as condições ideais para a conservação dos ossos. O material encontrado durante a construção do conjunto foi enviado ao Museu Paleontológico de Uberaba (cidade localizada a 100 km de Araxá).

⁶² É interessante observar a presença de acabamentos requintados mesmo nessa obra filiada ao Movimento Moderno.

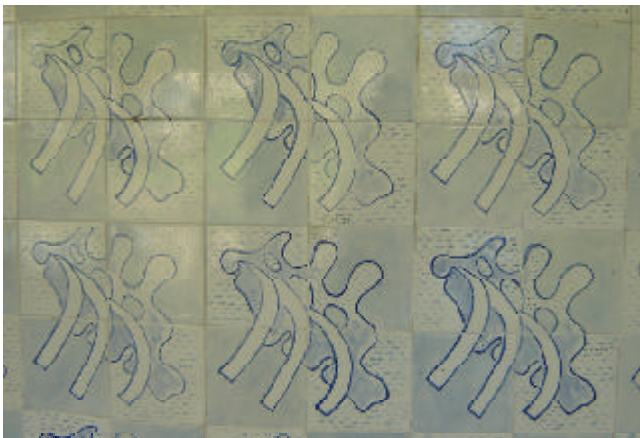
⁶³ No período da graduação Bolonha teve contato com artistas renomados, como Alfredo Ceschiatti, José Pedrosa e Franz Weissman, seus contemporâneos na ENBA. A própria esposa do arquiteto, Regina Bolonha, também é artista plástica. Aparentemente, esse convívio rendeu uma grande aproximação entre arquitetura e arte em suas obras.



265. Fonte Andrade Júnior com mosaico de Burle Marx



266. Vitrine com fósseis



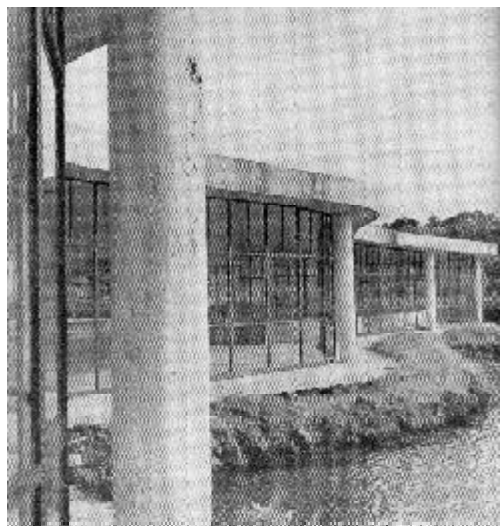
267. Azulejos de Burle Marx



268. Fonte Andrade Júnior
área de estar externa



269. Fonte Andrade Júnior
área dos bebedouros



270. Fonte Andrade Júnior na época da inauguração



271. Fonte Andrade Júnior - situação atual, sem o pano de vidro



272. Casa do Baile, Oscar Niemeyer (1942)



273. Fonte Andrade Júnior (já sem o painel de vidro)

da marquise da Casa do Baile, na Pampulha, inaugurada em 1942, ano que antecede a encomenda do projeto a Bolonha. As lajes, nos dois casos, acompanham os traçados dos lagos próximos aos quais elas foram colocadas. A semelhança também pode ser vista na criação de volumes ou elementos circulares nas extremidades das lajes. O uso de azulejos nos revestimentos das paredes e o ritmo das vedações envidraçadas com esquadrias de ferro também são índices da influência desse projeto de Belo Horizonte sobre a obra do Barreiro. É importante observar que o próprio Bolonha reconhece tal influência, visto que os dois arquitetos trabalhavam juntos nesse período.⁶⁴

Por outro lado, o desenho da fonte de Araxá é nitidamente marcado por uma busca de uma relação de unidade entre a construção e o projeto paisagístico de Burle-Marx. As linhas das áreas ajardinadas e pavimentadas pensadas pelo paisagista e o traçado de Bolonha nesse projeto se integram à medida em que se aproximam.

Bolonha explora também as possibilidades espaciais obtidas com a dissociação

⁶⁴ Entrevista concedida a Oigres Macedo e Hugo Segawa, in MACEDO (2003, p. 129).

entre estrutura e vedação. Essa independência possibilita, por exemplo, a colocação de planos envidraçados esbeltos definindo limites e ambientes. À exceção da casa de máquinas, todas as áreas no interior do pavilhão são definidas por tais planos ou por muros baixos. Com essas soluções, Bolonha possibilitou a apreensão visual de todo o edifício. O emprego de azulejos e de formas circulares também contribui para essa fluidez, promovendo um efeito de diluição dos volumes opacos.

Esses recursos também permitiram que o turista tivesse uma ampla visão do conjunto de jardins e construções que cercam a fonte a partir do interior do edifício. Essa preocupação de Bolonha reforça sua intenção de integrar sua obra ao sítio já construído. Tal visualidade também é dada pelos percursos determinados pelos elementos colocados dentro da obra. Os acessos aos bebedouros e o caminho feito ao redor do volume que contém os ossos fornecem ao visitante variados pontos de vista da paisagem que cerca o edifício e da construção em si.

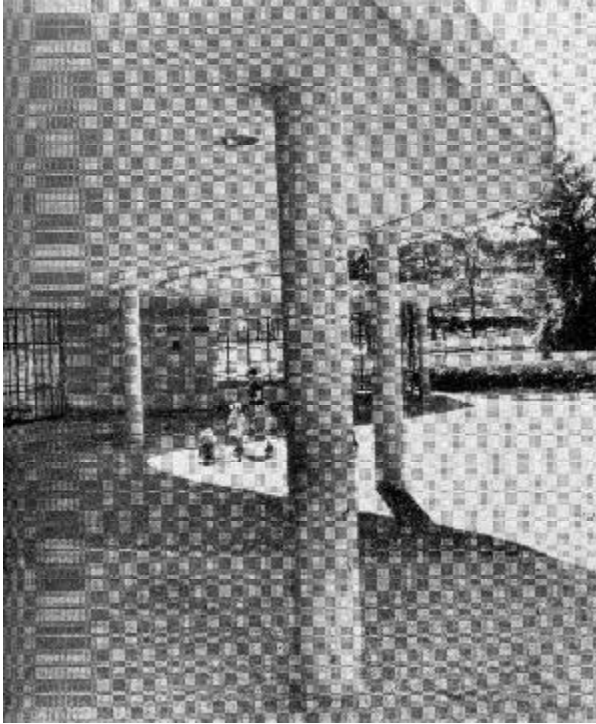
A solução de dispor os bebedouros em patamares rebaixados constitui um dos recursos que permitem essa rica variação de pontos de vista. Tal solução também possibilitou a criação de áreas espacialmente definidas, com áreas de descanso recolhidas e protegidas, sem comprometer a liberação visual do conjunto.

A implantação à beira do lago também intensifica propósito de criar uma unidade entre edifício e parque, pensados e executados em conjunto. O rebatimento da margem no traçado da laje e do plano envidraçado e o efeito de espelhamento do edifício na água reforçam a noção de que o edifício é parte do conjunto paisagístico do balneário. A linguagem usada por Bolonha é muito mais próxima do projeto paisagístico de Burle-Marx do que das construções em estilo missões elaboradas por Signorelli⁶⁵. Porém o conjunto formado pela fonte, pelo hotel e pelas termas é harmônico. A simplicidade e a limpidez da obra de Bolonha, a sua horizontalidade, sua implantação, aberta para os edifícios do Hotel e das Termas, e o emprego de soluções que permitem uma grande liberação visual desde o interior do edifício permitem uma convivência sem conflitos entre o pavilhão e as obras do arquiteto mineiro. A construção da fonte Andrade Júnior teve início em 1944 - mesmo ano da abertura do hotel e das termas - e foi inaugurada em 1947. As pranchas eram enviadas para Araxá, aos cuidados de Andrade Júnior, que repassava aos técnicos da construtora carioca Freire e Sodré, responsável pela execução da obra⁶⁶.

Nessa mesma época, Bolonha recebeu de Burle-Marx a tarefa de desenvolver um plano que substituiria a Praça de Esportes construída de acordo como o projeto de Luiz Signorelli. O conjunto proposto por Bolonha mantinha o programa das áreas externas presentes no projeto executado, com quadras de tênis, quadra de

⁶⁵ O arquiteto afirma que não se pensou em nenhum tipo de relação formal com os projetos do hotel e das termas (entrevista concedida à maestranda em 11/11/04).

⁶⁶ Aparentemente, a Freire e Sodré já vinha trabalhando na execução de outros serviços na estância quando recebeu a incumbência da construção da fonte.



274. Fonte Andrade Júnior
na época da inauguração



275. Fonte Andrade Júnior - situação atual

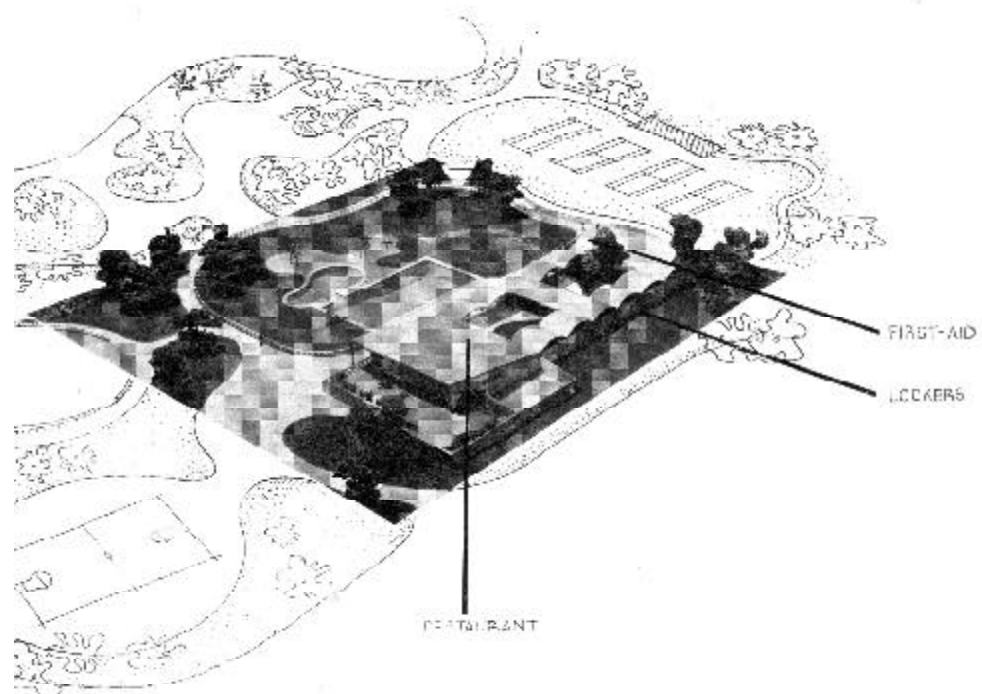
basquete e rинque de patinação. Contudo, acrescentava uma piscina infantil, que se ligaria à de adultos por um canal. Previa-se também a construção de novos equipamentos de apoio, com três blocos articulados por uma cobertura. O primeiro bloco abrigaria um salão de estar (*living-room*), conjugado a um bar e à chapelaria, um restaurante circundado por um terraço, além de áreas de serviço, cozinha e sanitários. Um segundo bloco, com vestiários, estender-se-ia horizontalmente a partir do primeiro. Um terceiro bloco, ligado aos dois primeiros por uma cobertura, conteria os serviços médicos.

A articulação entre os dois primeiros blocos também seria feita diretamente, com duas entradas de serviço comuns: a primeira comunicaria os blocos diretamente com o exterior; a segunda seria feita através do bar e da chapelaria. A partir delas, seria feito o acesso aos equipamentos de cozinha, manutenção e sanitários, concentrados na área de intersecção entre os dois blocos.

Bolonha tirou partido do desnível do terreno⁶⁷, dispendo, em uma cota mais elevada, o restaurante e o terraço. Aliado ao desnível, o emprego de planos de vidro das fachadas sul e oeste deste volume garantiriam aos turistas uma ampla vista do lago, bem como a possibilidade de avistar as piscinas, as quadras e os jardins desde o interior do restaurante. Os demais ambientes foram dispostos no mesmo nível das quadras. A comunicação entre os dois níveis seria feita através de rampas

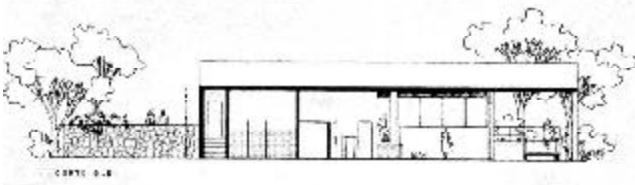
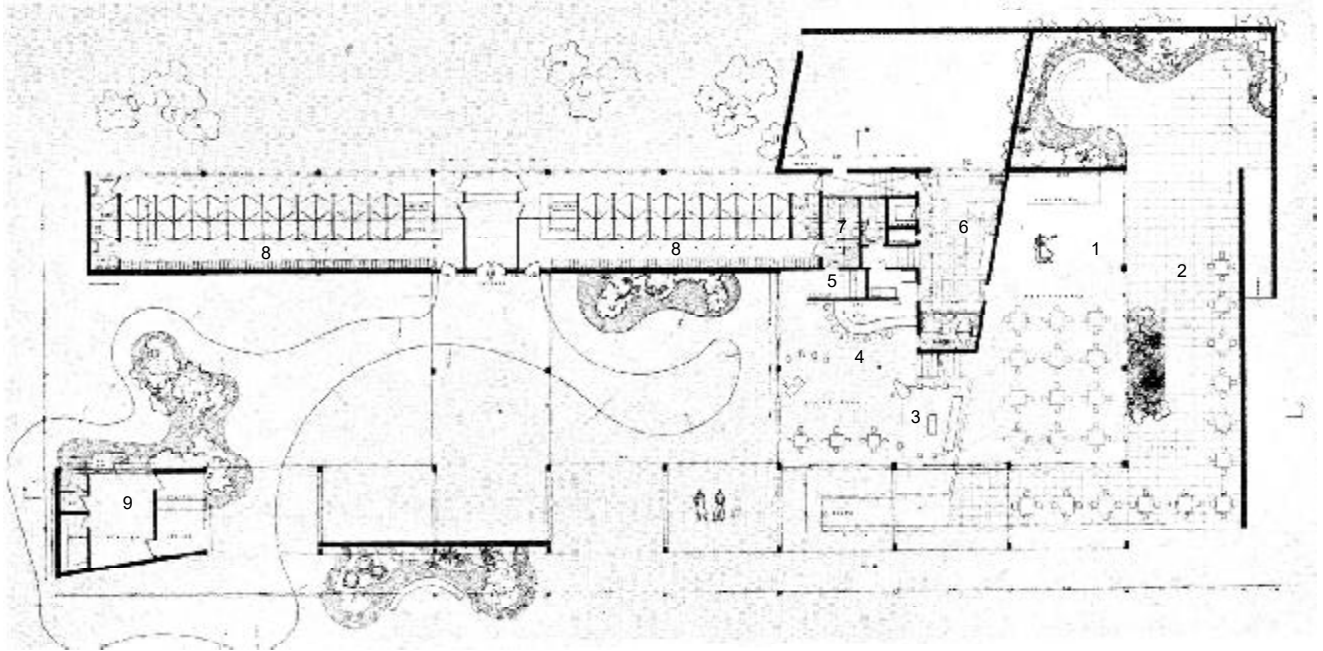
⁶⁷ Vale observar que Bolonha não chegou a visitar o Barreiro antes da elaboração dos projetos. Os dados sobre o terreno, como plantas altimétricas, eram enviados ao escritório de Burle Marx.

⁶⁸ Sobre o assunto, consultar FRANCO (2005).



277. Praça de Esportes - planta

- 1 restaurante
- 2 terraço
- 3 living room
- 4 bar
- 5 chapelia
- 6 cozinha
- 7 sanitários e serviços
- 8 vestiários
- 9 atendimento médico



278. Praça de Esportes - cortes

que dariam acesso direto ao terraço.

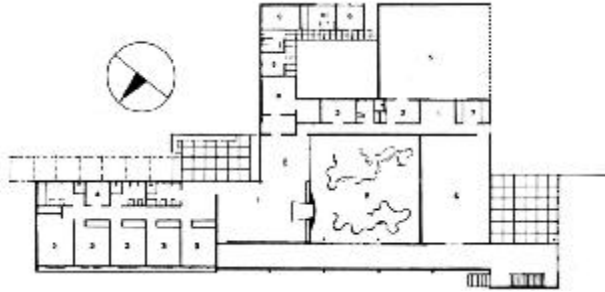
Internamente, uma escada ligaria a área de estar ao restaurante, enquanto outras duas dariam acesso das entradas de serviço à cozinha. Apesar do desnível, os dois ambientes seriam cobertos por um só plano, inclinado para baixo no sentido restaurante – estar. Tal solução permitiria a configuração de um espaço amplo, possibilitando uma integração entre os ambientes de estar, do bar e do restaurante. O plano de cobertura avançaria até o terraço que se estendia a oeste do restaurante, abrigando a rampa de acesso, protegendo o restaurante do sol da tarde e conferindo uma unidade entre exterior e interior.

A cobertura usada neste projeto seria composta por uma série de abóbadas, apoiadas por pilares, com planos inclinados nas duas extremidades. O primeiro deles, descrito no parágrafo anterior, cobriria o bloco do restaurante. Na extremidade oposta, um outro plano abrigaria o volume do serviço médico. Um conjunto de abóbadas ligaria os dois planos, enquanto um outro cobriria o bloco dos vestiários. Uma terceira cobertura abobadada conectaria os dois conjuntos.

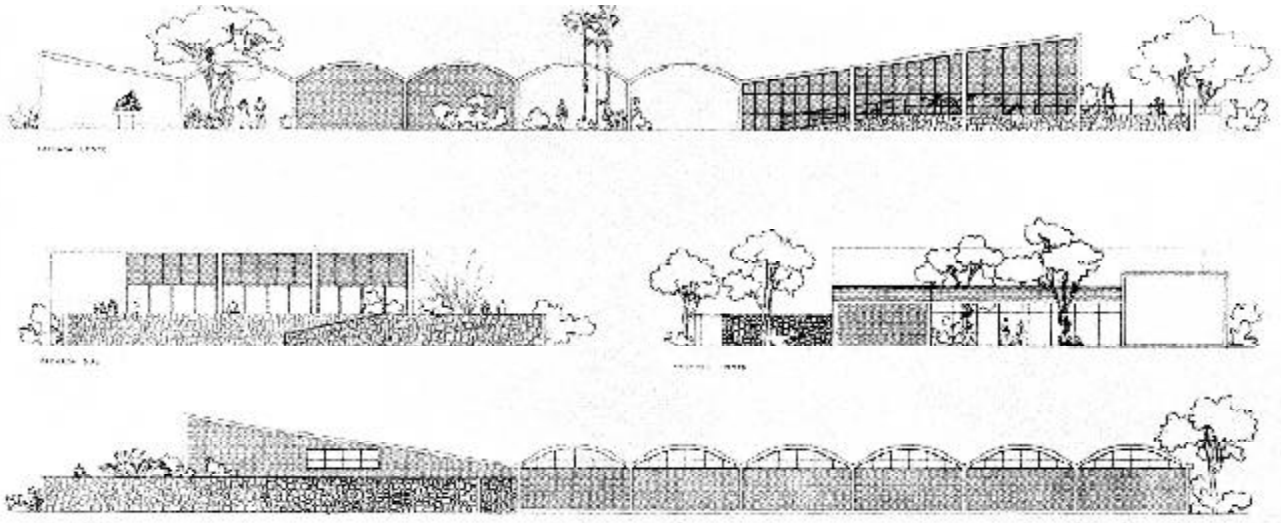
A disposição dos volumes e a configuração da cobertura do edifício do centro de esportes criariam uma alternância entre zonas sombreadas e de sol nas áreas livres que se estendem em meio aos três blocos que comporiam a construção. Com a terceira cobertura, Bolonha configuraria um pátio ensolarado entre áreas de sombra, próximo da entrada do bar. Do outro lado dessa mesma cobertura, uma nova área descoberta se abriria para o jardim entre os vestiários e o serviço médico. Esse jogo entre volumes e entre áreas cobertas e zonas ensolaradas foi bastante explorado por Bolonha em algumas de seus projetos para residências, como a de Hildebrando Acciolly e de Adolpho Bolch.

A solução de cobertura empregada por Bolonha resulta em um desenho em corte ou elevação bastante recorrente na arquitetura moderna brasileira. Esse mesmo desenho pode ser visto, por exemplo, nos projetos de Reidy para a Escola de Pedregulho (1946) e para o Restaurante e Centro Comercial do CTA (1947), dos quais Bolonha também participou. Uma solução bastante semelhante foi adotada por Artigas e Cascaldi no projeto para a Estação Rodoviária de Londrina, no Paraná (1950).

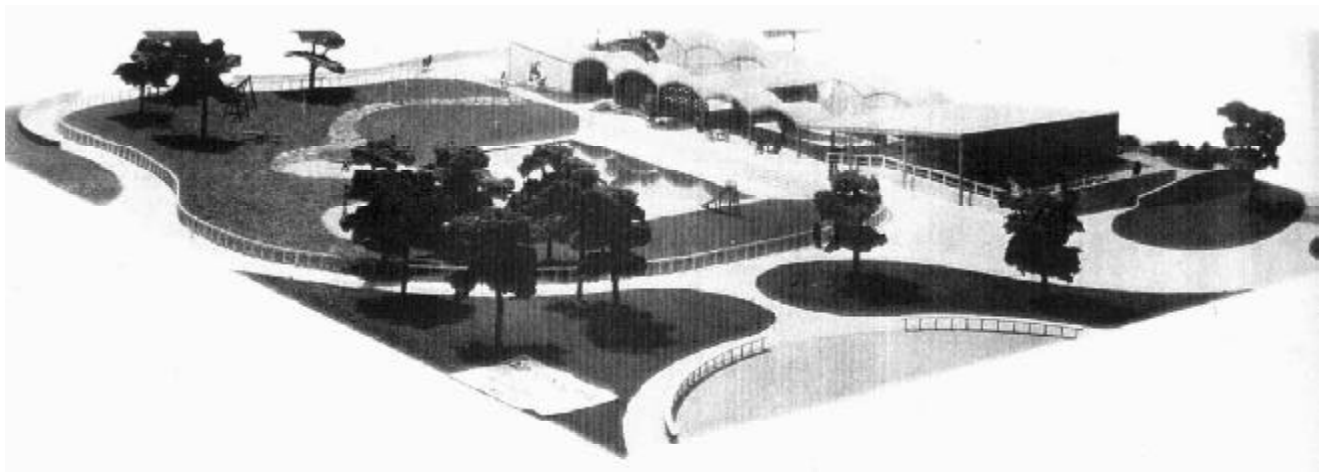
Sob duas das abóbadas que formariam a cobertura que ligava o bloco do serviço médico aos demais Bolonha inseriu um plano de elementos vazados. Esse muro demarcaria o caminho para os consultórios, além de resguardar a entrada para os vestiários. Tal entrada estaria localizada na porção central do edifício e daria acesso a um hall central, que dividia as seções masculina e feminina, e a partir do qual se



279. Residência Hildebrando Accioly
(1949-50)



280. Praça de Esportes - elevação



281. Praça de Esportes - maquete

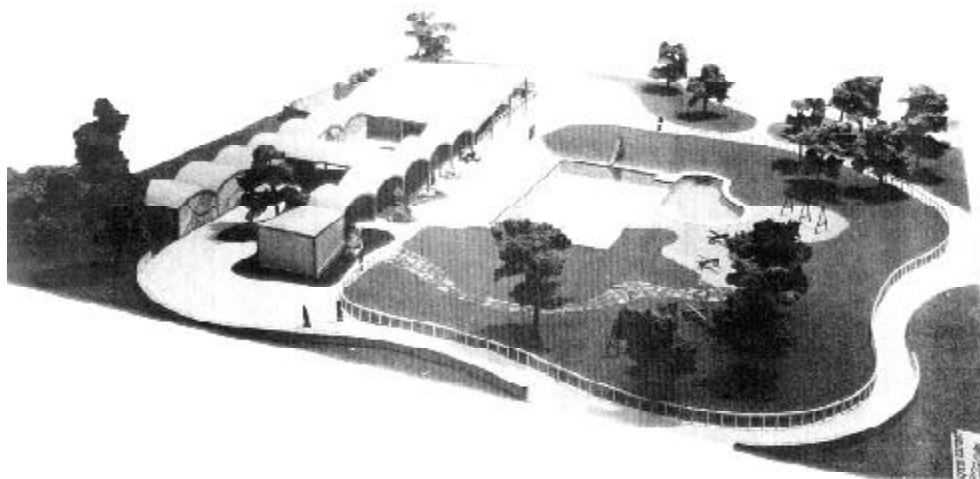
chegaria a uma área de controle e, em seguida, às cabines e aos sanitários.

Através da análise da maquete, é possível notar que Bolonha tinha a intenção de aplicar um painel artístico, provavelmente cerâmico, na fachada oeste do volume dos vestiários e na fachada leste do mesmo volume e do restaurante. A primeira elevação seria voltada para as piscinas e para o lago, enquanto a segunda seria vista por aqueles que chegavam ao centro de esportes através da Avenida do Contorno. Percebe-se, portanto, que Bolonha também empregaria na Praça de Esportes os recursos decorativos dos painéis e dos azulejos.

Ainda nesse projeto, Bolonha criou configurações e arranjos entre elementos que definem alguns percursos a serem feitos. Tais arranjos definiriam também as diversas apreensões do conjunto de edifícios e jardins que o pedestre poderia ter ao longo do caminho. O plano de elementos vazados, como já foi dito, é um dos elementos que exerceria a função de definir caminhos e vistas; assim como a configuração da cobertura, das áreas verdes e das rampas.

O acesso às piscinas seria feito através de um caminho calçado, que passaria também por um parque infantil, localizado na área que circundava a piscina para crianças. Um outro acesso, direto, seria dado por uma escadaria paralela à cobertura que ligaria o bloco dos restaurantes ao centro médico. Essa escadaria provavelmente serviria também como arquibancada usada em competições de natação.

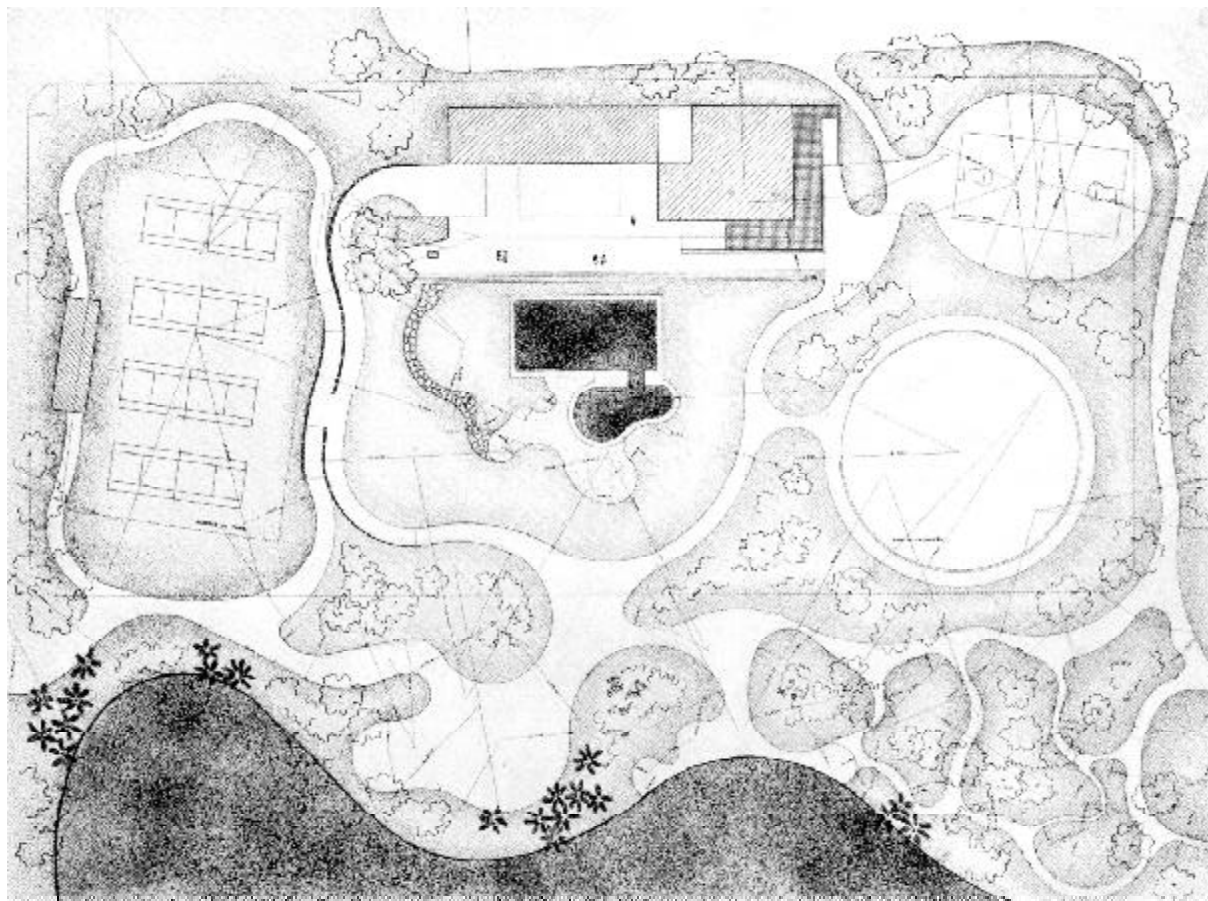
Pequenos jardins foram colocados em alguns pontos próximos ao volume do serviço médico e do bloco dos vestiários. Outras áreas com plantas e bancos foram dispostas no terraço e junto do plano inserido sob a cobertura que ligaria a circulação o terraço ao centro médico. Bolonha já havia utilizado uma composição semelhante a esta última em seu projeto para o Viveiro de Pássaros na Floresta da Tijuca.



282. Praça de Esportes - maquete

Os jardins de Burle Marx estariam espalhados pela área das piscinas, das quadras e do rink de patinação, até integrarem-se com outras áreas verdes propostas para o Barreiro. Vários caminhos permeariam esses jardins, desde a entrada do bloco dos vestiários, definindo circulações entre as várias zonas do centro de esportes e ligando-o às demais regiões do parque.

Cada elemento que forma o conjunto da Praça de Esportes foi concebido como parte do parque. Quadras, piscinas e edifícios foram dispostos entre os jardins ou são permeados por eles. O desenho e a disposição desses elementos ou das partes que os compõem, como as abóbadas da cobertura ou o traçado dos caminhos entre os equipamentos, são plasticamente afinados com o desenho paisagístico de Burle-Marx e com a organicidade da vegetação em si. A horizontalidade das edificações do conjunto, concordando com a horizontalidade do lago, e a implantação voltada para o mesmo, embora aberta e permeável, demonstram a sensibilidade de Bolonha na percepção do sítio onde seria construído o projeto e na exploração de suas potencialidades.



283. Praça de Esportes - implantação

É possível afirmar que os projetos de Bolonha e Burle Marx para o Barreiro constituem o primeiro momento de introdução do Movimento Moderno na arquitetura das estâncias brasileiras. Após a inauguração do novo complexo do Barreiro, a estância araxaense ainda receberia outros projetos de vertente modernista. Essas propostas foram elaboradas já na década de 1960, quando a arquitetura moderna já se encontrava firmemente estabelecida no país, sendo bastante difundida com a construção de Brasília (1954 – 1962).

Em 1964, foi elaborado o projeto do terminal rodoviário e do posto de manutenção automotiva, ambos assinados por José Bellini dos Santos Filho. Os dois edifícios localizam-se entre na zona de acesso ao parque do balneário, entre a estrada que ligava o Barreiro a Araxá e a alameda construída no início da Avenida do Contorno, defronte ao hotel. Além dos projetos de Bellini, também foi executado nessa época o projeto do grupo escolar do Barreiro, localizado em uma área que se estende a oeste do Lago Norte. Esse edifício foi concebido por Raphael Hardy, autor da fonte Dona Beja. Contudo, ao contrário do primeiro projeto desenvolvido pelo arquiteto na estância, já se observa aqui a linguagem moderna, que comparecia nas demais obras de Hardy daquele período.

Outros exemplos da incorporação dessa outra linguagem arquitetônica nas cidades de águas do Brasil podem ser encontrados em projetos residenciais particulares e em propostas para hotéis. Merecem destaque ainda os projetos de Oswaldo Bratke para o Balneário de Águas de Lindóia (1952 - 1959) e de João Walter Toscano para Águas da Prata (1970). Assim como em Araxá, a proposta arquitetônica do primeiro foi pensada em conjunto com o plano paisagístico, também elaborado por Burle Marx. Aparentemente, também em Águas de Lindóia, a arquitetura moderna foi introduzida pelas mãos do paisagista⁶⁸, que se mostrou uma figura relevante na difusão do Movimento Moderno nesse tipo de cidade.

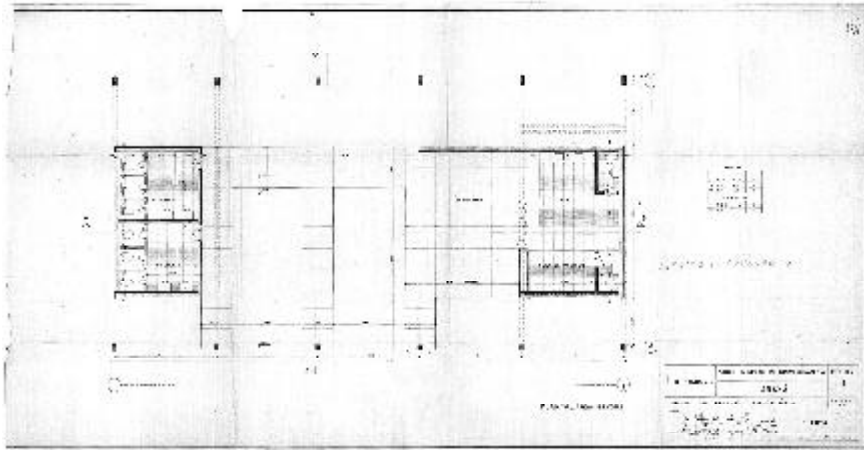


284. Grupo Escolar do Barreiro
Raphael Hardy Filho



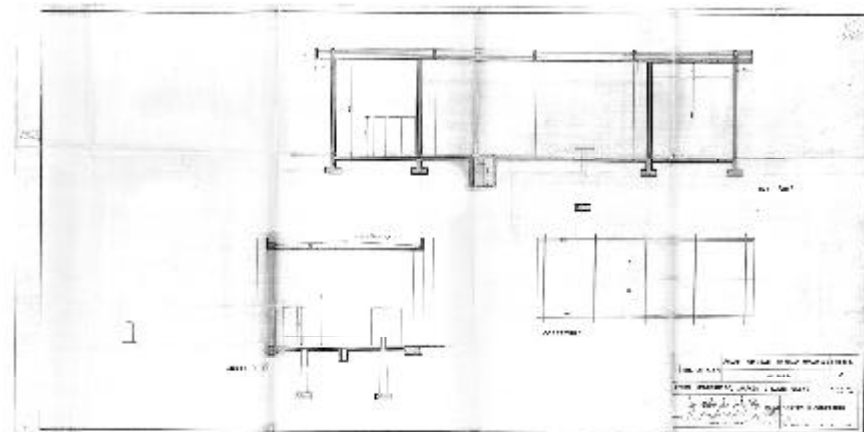
à esquerda 285. Terminal rodoviário
José Bellini Filho

abaixo 286. Terminal rodoviário
José Bellini Filho
planta



à esquerda 287. Posto de manutenção
José Bellini Filho

abaixo 288. Posto de manutenção
José Bellini Filho
corte



289. Balneário de
Águas de Lindóia
Oswaldo Bratke
(1952-1959)



290. Balneário de
Águas da Prata
João Walter Toscano
(1970)



CAPÍTULO 6

O PARQUE DO BARREIRO: JARDINS DE BURLE MARX NA ESTÂNCIA DE ARAXÁ

Em 1943, quando as obras do Barreiro já se encontravam adiantadas, o interventor Benedito Valadares solicitou a contratação do paisagista Roberto Burle Marx para a confecção de uma proposta para as áreas verdes do balneário. Contudo, como já se pôde observar, o projeto de Burle Marx para Araxá terminou adquirindo dimensões mais abrangentes, compreendendo não só a realização dos jardins que comporiam o parque do Barreiro, mas a introdução de uma outra vertente paisagística e arquitetônica na estância.

O plano de Burle Marx para o Barreiro teve um papel relevante no debate entre o eclético e o moderno, ou entre o local e o internacional, que se desenvolvia no período em que o projeto foi elaborado e executado. Através do estudo desse trabalho e de outras realizações do paisagista contemporâneas aos jardins de Araxá, é possível observar a incorporação de novas referências estéticas na arquitetura e na paisagem urbana brasileira.

Por outro lado, também se pode verificar que o projeto do parque do Barreiro também trouxe contribuições importantes para o desenvolvimento da própria carreira de Burle Marx. Em Araxá, ao lado do botânico Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, o paisagista pôde aprofundar seus conhecimentos a respeito da flora nativa brasileira e das relações entre a vegetação e o ambiente que as cerca. Essas novas noções científicas constituiriam determinantes na obra posterior do paisagista, interferindo não só em seus projetos, mas em sua carreira de pesquisador.

Assim, para uma análise mais abrangente do projeto do Barreiro, parece

necessário investigar também outros projetos elaborados por Burle Marx ao longo de sua carreira, observando as possíveis relações entre o parque de Araxá e outras propostas do paisagista. Será possível detectar, também aqui, algumas referências à tradição pitoresca, especialmente ao jardim inglês. Por outro lado, nota-se na obra de Burle Marx, um diálogo mais estreito com as experiências plásticas que se desenvolviam na Europa nas primeiras décadas do século XX.

Merece atenção ainda o papel de Mello Barreto no desenvolvimento da carreira do paisagista. Vale ressaltar que, além de ter contribuído para a formação de um novo método projetual que seria aplicado nas obras de Burle Marx a partir da década de 1940, o botânico teve participação ativa em alguns projetos desenvolvidos em Minas Gerais - incluindo o de Araxá -, orientando a composição das massas vegetais dos jardins e a seleção das espécies.

O estudo a respeito do parque do Barreiro, em particular, deve compreender não só a aplicação dos conhecimentos científicos adquiridos através do contato com Mello Barreto, já explorado em parte da bibliografia existente sobre o tema, bem como a relevância desse projeto no desenvolvimento dos procedimentos compositivos do paisagista. Procuraremos também detectar em que medida as intervenções propostas por Burle Marx contribuíram para a configuração atual do conjunto. A participação de Burle Marx deu um caráter de parque a uma área bastante transformada – e, em certa medida, arruinada – pelas obras, cobrindo-a com diferentes espécies vegetais, introduzindo novos elementos paisagísticos (como pedras, bancos e pontes) e redefinindo - ou criando - os desenhos de vias e lagos.

ROBERTO BURLE MARX E A PAISAGEM BRASILEIRA

Dentre os profissionais que participaram da construção do novo balneário de Araxá, certamente a figura de maior destaque é a de Roberto Burle Marx. Com seus projetos e trabalhos de pesquisa, o paisagista trouxe diversas contribuições relevantes não só para o desenvolvimento da arquitetura paisagística no Brasil e no exterior no século XX, mas para o estabelecimento do Movimento Moderno na arquitetura e nos desenhos de áreas livres. Além disso, Burle Marx também desempenhou um papel decisivo na incorporação de espécies nativas no repertório dos projetos paisagísticos elaborados no país a partir da década de 1930.

É importante observar que, até as primeiras décadas do século XX, grande parte dos jardins, praças e parques implantados no Brasil faziam largo uso de espécies exóticas (como roseiras e ciprestes) em detrimento de plantas nativas. Embora o

território brasileiro oferecesse uma enorme variedade de plantas, a vegetação autóctone era praticamente desprezada naquela época.

É possível estabelecer relações estreitas entre esse fenômeno e o processo que deu início aos investimentos nas estâncias brasileiras. Como já observamos, havia no Brasil desse período um desejo de equiparação com as nações européias, visto como uma forma de “superação” do modo de vida colonial. Assim, importou-se para o país os costumes (inclusive o de freqüentar os balneários e as cidades de clima ameno), as modas, a cultura, a arquitetura e a vegetação daquele continente.

Contudo, nas primeiras décadas do século XX, o Movimento Moderno ganhava força no país, especialmente após a Semana de 22. As concepções filiadas a essa corrente trouxeram uma valorização da vegetação tropical¹. Transitando entre a universalidade e o regionalismo, as obras de vários artistas que participavam desse movimento tinham, por um lado, uma relação estreita com a recente produção artística européia, com grande interesse na arte primitiva e nas culturas consideradas “exóticas”, incluindo-se aí as dos nativos africanos e americanos. Por outro lado, havia também uma busca por uma arte e por uma linguagem verdadeiramente brasileira, elevando a paisagem e as espécies vegetais locais – como cactos e palmeiras – à posição de protagonistas.

A trajetória de Roberto Burle Marx (1909-1994) pode ser enxergada como parte constituinte desse processo, sendo decisiva para a assimilação da flora nativa como base para o desenvolvimento do Movimento Moderno e para a introdução de um novo repertório formal nos projetos paisagísticos no Brasil, como observou Mário Pedrosa:

[...] ainda hoje, [...] é hábito dos jardineiros de nossas municipalidades tonsurar as árvores como se tonsura, alegremente, o pêlo dos cachorrinhos de raça. Tal prática não passa, provavelmente, de um sincretismo entre a velha ‘arte topiária’ de origem romana e a estilização voluntária do jardim francês.

[...] Os jardins que surgiram dessa estética de espírito colonial não podiam deixar de ser o que eram: pedantes e artificiais, sem raça e sem vigor, sem a alma da terra que lá fora se arrebentava, pujante e luxuriante, nos arbustos e plantas locais, nas flores selvagens dos campos e das florestas, as quais por vezes vinham até a beira do caminho, ali pertinho, bem defronte das grades do jardim. Não tinham, porém, prestígio social.

Foi então que chegou Burle Marx, jovem, robusto, nativo, revolucionário, e acabou com todos esses preconceitos. Graças a ele, a arquitetura moderna brasileira encontrou seu ambiente, sua integração com a natureza. (PEDROSA, 1958, in 1981, p. 282-283).

O interesse do paisagista pelas espécies vegetais brasileiras foi despertado longe do Brasil, em uma viagem à Alemanha feita ainda em sua juventude, em

¹ Vale ressaltar que a flora autóctone já vinha recebendo atenção no Brasil desde o século XIX. Nesse período, foi promovida uma série de iniciativas como intuito de pesquisar e catalogar a vegetação nativa do país. Sobre o assunto, consultar DOURADO (2000, p. 16-18).

1928. No Jardim Botânico de Dahlem, em Berlim, o jovem Roberto Burle Marx, então com vinte e quatro anos, pôde observar plantas nativas do Brasil de grande beleza e interesse, mas que não eram encontradas nos parques e jardins de seu próprio país.

Dois anos mais tarde, Burle Marx matriculou-se no curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes. Contudo, seguindo a sugestão de Lucio Costa², então diretor da escola, transferiu-se para o curso de pintura, onde estudou com Cândido Portinari. Ainda como aluno de arquitetura, o estudante demonstrava grande facilidade no lidar com as plantas e interesse na botânica. Após a viagem à Alemanha, Burle Marx inquietava-se ao observar o favorecimento de espécies estrangeiras, “no afã de imitar o Velho Mundo” (BURLE MARX, 1975 in BURLE MARX, 1987, p 47-52), em detrimento da rica variedade de plantas nativas. Assim, ainda na juventude, o paisagista passou a se empenhar na pesquisa da vegetação brasileira e na incorporação dessas espécies nos projetos de áreas verdes no país.

Burle Marx percebia que essa sua busca ia além do cientificismo, da necessidade de conhecer a vegetação brasileira. A valorização da flora tropical contribuía para a descoberta (ou a construção) de uma identidade nacional:

A variedade imensa de plantas que nos oferecem as nossas matas magníficas e as que, embora exóticas, já tenham se adaptado ao nosso clima nos facilitarão enormemente a tarefa de [expressar brasilidade]. Urge que se comece, desde já, a semear nos nossos parques e jardins a alma brasileira (BURLE MARX, 1935 apud DOURADO, 2000, p. 41).

Assim, Burle Marx deu início, no final da década de 1940, a uma vasta coleção de espécies autóctones. Realizava expedições pelo país em busca de novas plantas e adquiriu uma propriedade rural, o Sítio Santo Antônio da Bica, onde passou a cultivar um viveiro composto por esse grupo vegetal³. Em suas viagens, o paisagista descobriu diversas espécies ainda não catalogadas, batizadas com a terminação *burle marxii*, além de um gênero, o *Burlemarxia spiralis*.

As atividades de pesquisa foram desenvolvidas paralelamente a uma vasta produção de projetos paisagísticos, espalhados por diversas regiões do país, além de encomendas internacionais. Na extensa carreira de Burle Marx, é possível observar essa preocupação em incorporar e valorizar as espécies vegetais autóctones. Pode-se dizer que ele foi um dos principais responsáveis pela incorporação da flora nativa no paisagismo do Brasil, contribuindo para uma mudança profunda no olhar da sociedade brasileira em relação à vegetação que brotava espontaneamente em nosso território e à paisagem formada por esse grupo de plantas.

² Este lhe encomendaria o primeiro projeto paisagístico de Burle Marx: os jardins de uma residência projetada em parceria com Warchavchik no Rio de Janeiro (1932).

³ A propriedade, atual Sítio Roberto Burle Marx, contava, já nos anos de 1960, com uma coleção de espécies autóctones sem paralelos em outros países em termos de variedade. (DOURADO, 2000, p. 51).

É também possível observar na obra de Burle Marx, especialmente até a década de 1950, várias referências paisagísticas internacionais, como a do jardim pitoresco de tradição inglesa. O pitoresco pode ser notado nas composições orgânicas, com percursos sinuosos, visuais com enquadramentos variados e massas vegetais mais livres e irregulares, evitando o recurso da topiaria. Várias dessas características podem ser observadas nos planos de paisagistas ingleses e norte-americanos, como William Robinson, Lancelot “Capability” Brown, Gertrude Jekyll, Downing e Olmsted.

A tradição pitoresca aparece ainda na associação entre árvores e espécies de porte menor. Enquanto a tradição francesa primava por seus canteiros e *parterres* de flores e espécies rasteiras, além dos conjuntos de arbustos cuidadosamente podados, a vertente pitoresca costumava fazer uso da associação entre massas arborizadas e plantas ornamentais que crescem próximo ao solo, criando áreas iluminadas em contraste com pontos sombrios. Uma outra característica do jardim pitoresco que também comparece na obra de Burle Marx é o uso da cor das folhas, das flores e dos elementos minerais que compunham seus projetos, embora admitisse o verde como tom dominante. Em vários de seus projetos, Burle Marx adotou aproveitou grande variedade da flora brasileira, adotando espécies de diversas cores, com períodos de floração diferentes. Desse modo, seus projetos contam com uma variação cromática rica durante o ano todo.

A própria preocupação com o cromatismo em seus jardins denota a compreensão que Burle Marx tinha da dimensão artística do paisagismo. O jardim, para ele, não poderia ser reduzido a uma mera coleção de espécies reunidas em um campo, sem qualquer critério estético. Embora essa noção já estivesse presente também entre os paisagistas do século XIX, Burle Marx procuraria trazer para suas obras uma linguagem diferente daquela desenvolvida por seus precursores filiados à tradição pitoresca inglesa (BARDI, 1964, p. 16). Em muitas das obras do paisagista brasileiro, observa-se uma aproximação com uma linguagem formal ligada ao Movimento Moderno vigente na Europa e no Brasil.

Em grande parte, posso explicar através do que houve em relação à minha geração, quando os pintores recebiam o impacto do cubismo e do abstracionismo. A justaposição dos atributos plásticos desses movimentos estéticos aos elementos naturais constituiu a atração para uma nova experiência. Decidi-me a usar a topografia natural como uma superfície para a composição e os elementos da natureza – minerais e vegetais – como materiais de organização plástica, tanto e quanto qualquer outro artista procura fazer sua composição com a tela, tintas e pincéis. (BURLE MARX, 1954 in BURLEMARX, 1987, p. 11).

Ao se referir a seus projetos paisagísticos, Burle Marx por vezes usava termos ligados às artes plásticas, como forma, pano de fundo e ritmo, além de relacionar as cores da vegetação aos tons de tintas para pintura, como o “amarelo cádmio dos líquens”, ou “as violetas graves das quaresmeiras” (BURLE MARX, 1967 in BURLEMARX, 1987, p. 39). Para Dourado, a obra de Burle Marx trouxe relevantes contribuições na exploração das potencialidades plásticas do paisagismo, avançando em relação a seus predecessores ingleses:

Robinson e Jekyll se concentraram no problema da policromia das florações mediante uma visão naturalista. Burle Marx foi além, introduzindo outras variáveis. Transcendendo e subvertendo as proposições desses notáveis predecessores, desenvolveu uma nova e complexa tradução do fenômeno das cores nos jardins, atentando não apenas para a expressividade das inflorescências, mas todo o cromatismo proporcionado por elementos naturais vivos ou inertes – folhas, frutos, sementes, galhos, troncos, pedras, água -, moldando assim uma das orientações de sua obra madura. (DOURADO, 2000, p. 85).

Esse avanço na obra de Burle Marx chamou a atenção dos críticos estrangeiros, como Philip Goodwin e Sigfried Giedion, que reconheceram nos projetos do paisagista carioca uma resposta para a busca de uma linguagem moderna para o jardim. Embora o paisagista desse continuidade à tradição pitoresca, explorando o cromatismo e o desenvolvimento natural da vegetação, além de lançar mão de traçados sinuosos, é possível afirmar que a concepção projetual de seus jardins está associada à linguagem abstracionista do século XX.

Para alguns estudiosos, como Giedion e Zevi, os jardins de Burle Marx, com suas massas vegetais coloridas e suas formas orgânicas, pareciam compartilhar da mesma pesquisa estética desenvolvida por artistas como Jean Arp, Miró, Léger e Kandinsky (ZEVI, 1957 in QUEIROZ; BOFF, 1979, p. 41-43). Ou seja, nesse sentido, a obra de Burle Marx está menos próxima da tradição paisagística pitoresca dos séculos XVIII e XIX, no qual os projetos procuravam assemelhar-se à paisagem natural (embora houvesse já uma consciência artística nas propostas) do que das propostas plásticas de seu tempo. Alguns planos de Burle Marx foram incluídos na exposição *Brazil Builds*, coordenada por Goodwin em 1943 e, ainda na década seguinte, sua produção ainda era tema de artigos escritos por Giedion.

Também no Brasil, os trabalhos de Burle Marx ganharam destaque por suas relações com o Movimento Moderno, especialmente com a arquitetura dessa vertente:

A paisagem em torno do edifício vive e o inspira. Se o resultado é sobretudo pictórico, por sua adaptação ao conjunto, já é, no entanto, arquitetônico. Pela

seiva das plantas e o vigor das cores, os jardins de Burle Marx são ainda um pedaço da natureza, embora já participem da casa e sirvam como que de cadência ao seu ritmo espacial. A função deles é agora ampliá-la, fazê-la extravasar pelos espaços abertos. (PEDROSA, 1958, in 1981, p. 287).

A aproximação entre o trabalho de Burle Marx e a estética do Movimento Moderno adquiriu notoriedade ainda entre o final da década de 1930, com o projeto dos jardins do Ministério da Educação e Saúde⁴, no Rio de Janeiro (1938 –1942). Aqui, o paisagista propõe um desenho curvilíneo definindo as áreas cobertas por vegetação e os caminhos pavimentados, que compareceria em diversas de suas obras posteriores. Também já se nota nessa proposta a exploração de contrastes cromáticos entre as espécies empregadas, com uma evidente intenção estética. Esses recursos foram desenvolvidos em outros planos elaborados por Burle Marx nesse período, como o terraço do edifício do Instituto de Resseguros do Brasil, elaborado pelos irmãos Roberto no Rio de Janeiro (1939-1942). Nessa proposta, observa-se também a incorporação de elementos minerais, como rochas, areia e água.

⁴ O projeto do edifício (1936) foi elaborado por uma equipe composta por Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcellos, além de ter contado ainda com a participação de Corbusier (BRUAND, 1981, p. 81-92).



291. Esquema cromático do projeto para o terraço do Ministério da Educação e Saúde (1939-1942)



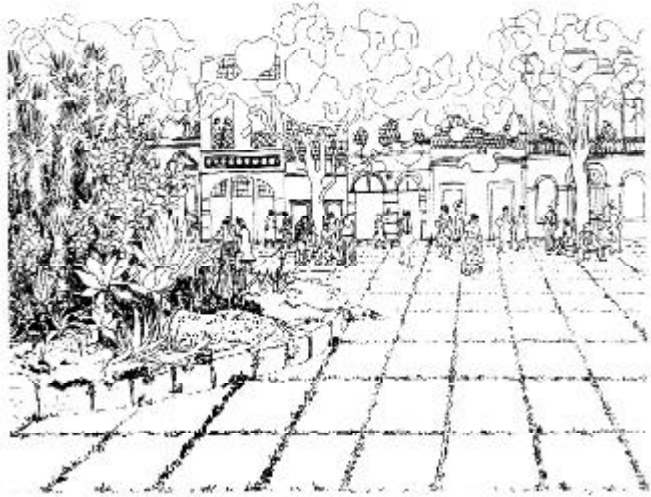
292. Terraço do Ministério da Educação e Saúde (1939-1942)

Contudo, ainda em 1934, antes desses planos elaborados para o Rio de Janeiro, Burle Marx havia sido convidado a trabalhar no Recife, onde desenvolveu uma série de projetos que já exploravam as potencialidades paisagísticas das espécies nativas. O convite foi feito por intermédio do arquiteto Luiz Nunes, que assumira há pouco a Diretoria de Arquitetura e Construção de Secretaria de Viação e Obras Públicas do estado de Pernambuco. Burle Marx, aos vinte e cinco anos, recebeu o cargo de chefe da Subseção de Parques e Jardins, subordinada a essa diretoria.

No Recife, Burle Marx desenvolveu projetos de jardins e praças públicas, como o Jardim da Casa Forte, a Praça Euclides da Cunha, a Praça Artur Oscar, a Praça da República e o Parque Derby. As propostas apresentadas pelo paisagista nesse período não eram completamente desvinculadas dos princípios compositivos academicistas, como simetria e eixos perspécticos. Ainda assim, é importante ressaltar que muitas das propostas consistiam de intervenções em áreas preexistentes, sendo alguns dos traços ecléticos vistos aqui remanescentes das configurações anteriores de tais conjuntos. Por outro lado, Burle Marx parece ter tido liberdade na seleção das espécies a serem inseridas nesses jardins. Nos diversos planos, foram empregadas espécies autóctones que, em alguns casos, substituíram os conjuntos de plantas exóticas que haviam sido plantadas antes da contratação de Burle Marx.

Contudo, o paisagista não propõe o ostracismo completo dessas espécies estrangeiras. No Jardim da Casa Forte, Burle Marx prevê a criação de três setores: o primeiro seria formado por plantas oriundas de outros continentes; o segundo por exemplares da flora americana; e o terceiro por espécies amazônicas, como o pau-mulato, o abricó-de-macaco e o açai (MOTTA, 1983, p. 11). A união de grupos vegetais de origens diferentes em um mesmo conjunto, no qual se pode observar e comparar os diversos indivíduos e onde a vegetação brasileira tem o mesmo status das demais, denota já uma preocupação didática, que apareceria também em outras propostas de Burle Marx. A Praça Euclides da Cunha (antigo Cactário da Madalena), onde foram colocadas diversas espécies de cactos nativos da região da caatinga, pode ser considerada como o projeto pernambucano onde a preocupação em reabilitar a flora local aparecia com maior ênfase.

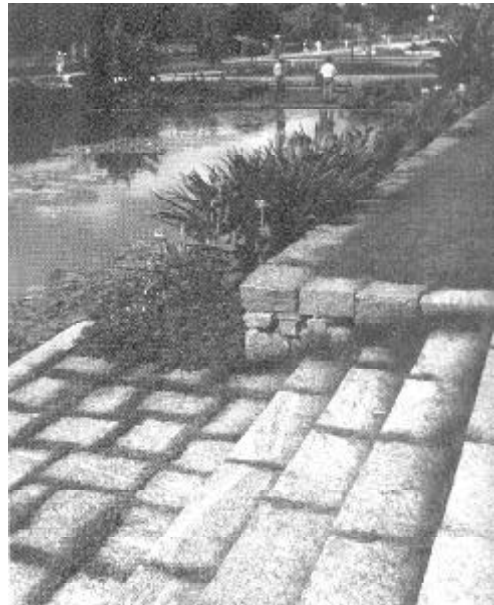
Na primeira metade da década de 1940, Burle Marx recebeu diversos encargos no estado de Minas Gerais, onde pôde dar continuidade as suas pesquisas a respeito da vegetação nativa e das potencialidades paisagísticas dessas espécies. Enquadraram-se aqui o próprio parque do Barreiro e o conjunto paisagístico da Pampulha. Este último foi uma iniciativa de Juscelino Kubitschek, então prefeito da capital mineira. Além de lotes residenciais, o complexo compreendia uma área lacustre, na qual



293. Praça Artur Oscar

294. Praça Euclides da Cunha
(Cactário da Madalena)

295 e 296. Jardim da Casa Forte





297. Pampulha - Cassino (1942)

deveriam ser implantados equipamentos de uso coletivo. Oscar Niemeyer foi contratado para realizar os projetos arquitetônicos e Burle Marx, os planos paisagísticos.

Observa-se nos projetos para a Pampulha a exploração de formas orgânicas, que definiam o desenho das massas de vegetação e dos caminhos de pedestres que permeavam os jardins. Nas áreas em torno da lagoa, Burle Marx fez largo uso de gramados e espécies rasteiras ou arbustivas, sendo mais raro o emprego de árvores de grande porte. Esse partido dava destaque às obras de Niemeyer que se distribuíam na região. O próprio traçado das áreas verdes, conduzindo o olhar para os edifícios, também contribuía para a valorização da arquitetura do conjunto. (DOURADO, 2000, p. 98). Destaca-se também nesse projeto o emprego de plantas com grande variação cromática, organizadas de acordo com um desenho cuidadosamente estudado, com um resultado rico e harmônico.

Várias das características projetuais presentes nos planos para a Pampulha foram desenvolvidas nos projetos posteriores do paisagista. Em algumas propostas elaboradas ainda na década de 1940, como a Fazenda Marambaia (1945-1947), propriedade da senhora Odete Monteiro, localizada na região de Petrópolis, comparecem ainda os caminhos sinuosos, as formas orgânicas e o emprego de espécies predominantemente nativas, com coloração variada. Contudo, os estudos cromáticos aparecem aqui com maior ênfase, não só nas associações entre os diversos tons de

flores e folhas, mas também na relação entre essa grande variedade de cores com a água dos pequenos lagos propostos no conjunto e com o verde predominante dos gramados e folhagens. Também é possível observar um estudo cuidadoso na criação de contrastes entre as várias cores das flores e das folhagens e as tonalidades das rochas que constituem as montanhas que fazem fundo ao jardim.

O jardim [da Fazenda Marambaia] sublinha a beleza da paisagem lá encontrada. O cinza azulado da Serra dos Órgãos se mostra salpicado pelos vermelhos dos gravatás (*Bromeliaceae*). E esses tons quentes vão permeando a paisagem, num trajeto que ganha ritmo, precisão e interesse, até conduzir as atenções aos pormenores caprichosos de uma flor. (MOTTA, 1983, p. 32).



298. Residência Odete Monteiro - Fazenda Marambaia (1945-1947)



299. Residência Odete Monteiro - Fazenda Marambaia (1945-1947) - planta com esquema cromático

A análise de Motta permite observar ainda outro aspecto importante da obra de Burle Marx: a ligação do projeto paisagístico com a paisagem natural. A forma curvilínea que define os diversos setores da proposta e a composição dos conjuntos de vegetação tende a mesclar-se com a mata e os morros que circundam a fazenda, ao mesmo tempo em que contribuem também para destacar tais elementos naturais. Chama a atenção em projetos como a Fazenda Marambaia a habilidade em diferenciar o ambiente construído do ambiente natural sem causar choques entre os dois. Uma outra estratégia adotada para esse fim, além da exploração dos contrastes cromáticos, é o emprego de uma gradação na composição das massas vegetais, observando o desenvolvimento e a forma tridimensional natural de cada espécie. De modo geral, próximo aos caminhos e às formações lacustres da Fazenda Marambaia, foram colocadas áreas de gramado, entremeadas por plantas rasteiras e arbustos de pequeno porte e, em seguida, espécies arbustivas de maior porte e árvores. Essa solução conduz o olhar do solo para o alto, para o relevo montanhoso da região.

Burle Marx, mesmo nesse jardim, modelou o solo e criou um canteiro cheio de variadas e minúsculas flores, vibrantes e alegres, como se um universo 'botticelliano' ali se apresentasse. Tudo se passa num vaivém, da visão de proximidade para a visão de distância. (MOTTA, 1983, p. 32).

Já na década de 1950, Burle Marx foi convidado a trabalhar no planejamento dos jardins da propriedade de Edmundo Cavanellas. Tratava-se também de uma fazenda situada na região de Petrópolis. O conjunto contaria ainda com uma residência projetada por Niemeyer. A proposta para Cavanellas (1954-1955) trazia várias soluções semelhantes àquelas aplicadas na Fazenda Marambaia, como o estabelecimento de relações com a paisagem natural, o desenho curvilíneo e os estudos cromáticos. Contudo, Burle Marx propôs, em uma área plana que se estendia próximo à casa, uma composição claramente geométrica, com um tabuleiro formado por uma espécie rasteira (*Stenotaphrum americana*) em duas variedades cromáticas, uma clara e outra escura. O projeto previa também para esse setor um conjunto de árvores de pequeno porte plantadas em três fileiras cartesianamente alinhadas, além de um espelho d'água e um caminho de pedestres com desenhos retilíneos.

O paisagista introduzia assim, na residência Cavanellas, uma nova linguagem plástica, que seria desenvolvida em outros de seus trabalhos. O novo repertório formal, com maior rigor geométrico, foi empregado em diversos projetos elaborados a partir desse período, sendo continuamente desenvolvido e ampliado em propostas das décadas de 1960, 1970 e 1980. Percebe-se também uma exploração cada vez maior dos recursos plásticos de elementos inorgânicos, como esculturas, monolitos, muros,



300. Residência Cavanellas (1954-1955)

chafarizes, mosaicos, mobiliário e equipamentos urbanos (MOTTA, 1983, p. 53), muitas vezes desenhados pelo próprio Burle Marx. Vale lembrar que, além de pintor e paisagista, Burle Marx desenvolveu projetos para cenários e murais cerâmicos, além de tapeçarias e desenhos de jóias. Entre os diversos projetos nos quais Burle Marx lançou mão dessas novas possibilidades formais, podem ser mencionados os jardins do Museu de Arte Moderna do Rio (1956-1960), do Palácio do Itamarati e do Ministério do Exército, em Brasília (1965 e 1970, respectivamente), o Centro Cívico de Santo André (1967), os calçadões da Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro (1970) e o terraço da agência do Banco Safra na Avenida Paulista (1988).

Porém Burle Marx não abandona de pronto o desenho curvilíneo que caracterizou sua obra entre a segunda metade da década de 30 e o final dos anos 40. Até a década de 1960, é possível observar ainda a presença de formas orgânicas no traçado de alguns projetos, como a Praça Salgado Filho, defronte a o Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro (1953). Em diversas obras, nota-se também a convivência entre setores elaborados com linhas sinuosas e áreas definidas por composições já bastante próximas do repertório projetual adotado no final da carreira do paisagista. Exemplos conhecidos desse grupo são o parque do Ibirapuera, em São Paulo (1953)⁵, o conjunto habitacional Pedregulho, no Rio de Janeiro (projeto de Reidy, 1955), os jardins da Residência Olivo Gomes (projeto de Rino Levi e Roberto Cerqueira Cesar, 1950-1953, ampliado em 1965), o Parque del Este, em Caracas (1957) e o conjunto do Aterro do Flamengo (1962-1965).

Embora a obra de Burle Marx tenha passado por diversas transformações

⁵ Sobre os projetos para o Ibirapuera, consultar OLIVEIRA, 2002.

301. Praça Salgado Filho
Rio de Janeiro (1953)



302. Museu de Arte Moderna
do Rio de Janeiro (1956-1960)



303. Ministério do Exército
Brasília (1970)





304. Parque del Este - Caracas (1957)

formais ao longo de sua carreira, com introdução de novos elementos além da vegetação em si, a experimentação de novas composições plásticas e a revisitação de soluções projetuais, pode-se afirmar que uma constante em seus projetos paisagísticos foi a preocupação em incorporar e difundir as espécies brasileiras, divulgando suas qualidades estéticas e investigando suas características naturais. Tal preocupação refletia-se também em sua militância em favor da preservação da flora nativa e do meio ambiente. Esse aspecto da atuação de Burle Marx - com as expedições de coleta, a formação de um viveiro de mudas e o combate à devastação ambiental através de textos e discursos - recebeu contribuições importantes de seus contatos com pesquisadores científicos e aparentemente adquiriu força a partir da década de 1940, justamente no período em que o paisagista estava envolvido nas obras do Barreiro, quando teve a oportunidade de trabalhar com o botânico Mello Barreto.

EXPERIÊNCIAS EM MINAS GERAIS E A PARTICIPAÇÃO DE MELLO BARRETO

Como já observado, no início da década de 1940, Burle Marx esteve ocupado com uma série de projetos para cidades mineiras, não só na capital, Belo Horizonte, mas também em cidades do interior. Ao todo foram dezessete projetos de jardins particulares e públicos. Além das propostas para Araxá, o escritório do paisagista foi contratado para o desenvolvimento dos projetos como o da Praça Rui Barbosa, das residências dos irmãos Francisco e José Peixoto, em Cataguases, do Grande Hotel de Ouro Preto e de uma escola em Pará de Minas⁶.

Fora os jardins da Pampulha e o parque do Barreiro, parcialmente implantados, apenas os jardins das duas residências foram executados. A casa de Francisco Peixoto, projeto de Niemeyer (1940), teve seu plano paisagístico concluído em 1943, e a de José Peixoto, proposta de Edgar Guimarães do Valle, foi realizada em 1946 (ROCHA, s.d., p. 14). Os planos para a escola de Pará de Minas e do hotel em Ouro Preto – outro trabalho de Niemeyer, também de 1940 – ficaram no papel (DOURADO, 2000, p. 97).

Ainda assim, o período em Minas Gerais representou um momento importante para a obra de Burle Marx, que passou a contar nessa época com a colaboração do botânico Henrique de Mello Barreto. O contato com Mello Barreto deu ao paisagista uma base científica para a elaboração de seus projetos. De acordo com o próprio Burle Marx, através da parceria com Mello Barreto, ele adquiriu conhecimentos que possibilitaram a compreensão da vegetação como um sistema. O botânico contribuiu com a noção de que o bom desenvolvimento das massas

⁶ Esta, como já mencionado, é a terra natal de Bendito Valadares, então interventor do estado.



305. Residência José Peixoto - Cataguases (1946)

vegetais dependia de uma associação correta entre espécies e do conhecimento do habitat natural das plantas:

Ele me ensinou a observar que as plantas não vivem isoladas, mas vivem em associações, que têm sua lógica própria e sua beleza. Aprendi que é importante conhecer seu habitat natural, antes de querer utilizá-las em jardins. Percorri, com Mello Barreto, várias regiões, conhecendo a flora da canga ferruginosa, do arenito/quartzito, do cerrado e das rochas calcárias. (BURLE MARX, 1975 in BURLE MARX, 1987, p. 52).

Henrique Lahmeyer de Mello Barreto (1892-1962) nasceu no Rio de Janeiro e mudou-se para Belo Horizonte aos dezoito anos. Era autodidata em botânica e havia se especializado na pesquisa de diversas regiões do estado de Minas Gerais, estudando suas formações vegetais naturais. Mesmo sem formação acadêmica, foi contratado como Mestre de Cultura da Secretaria de Estado de Agricultura em 1926. Nesse mesmo ano, tornou-se diretor do horto florestal de Cataguases, permanecendo no cargo até 1931. Em 1932, Mello Barreto foi designado para coordenar um plano de construção de um jardim botânico público na região de Belo Horizonte⁷. Contudo, já em 1934, os trabalhos foram paralisados por entraves políticos e o projeto ficou reduzido a uma seção do Instituto durante oito anos.

Apesar de sua curta duração, a proposta do Jardim Botânico de Belo Horizonte tornou-se conhecida na época, recebendo inclusive a atenção da comunidade científica internacional, que se interessou pela atuação cuidadosa de Mello Barreto. De acordo com Lana (in SOUZA, 1998, p. 97), já em 1930, o Arnold Arboretum, da Universidade de Harvard, classificava o trabalho de pesquisa de Mello Barreto como o melhor do Brasil. A partir da coordenação do Jardim Botânico de Belo Horizonte, o botânico também firmaria relações com autoridades de outras instituições e universidades conhecidas em diversos países⁸, através de correspondências contendo dados, listagens e mudas de espécies vegetais.

Várias das informações cedidas por Mello Barreto em suas cartas eram obtidas em expedições que ele realizou em diversas regiões de Minas Gerais, durante o período em que o projeto do Jardim Botânico esteve suspenso. Contudo, na década de 1940, Mello Barreto tornou-se funcionário do Instituto Agrônomo do Estado, onde teve a oportunidade de retomar os planos para o Jardim. Para tanto, chefiou novas expedições com o intuito de coletar espécies dentro do território do estado, obtendo exemplares para a formação de um viveiro com plantas das diversas regiões fitogeográficas de Minas Gerais.

Mello Barreto mostrava um interesse maior pelas espécies saxícolas (plantas

⁷ O plano seria implantado na Fazenda da Baleia, localizada a leste da capital.

⁸ Podem ser citados aqui o Jardim Botânico de Dahlem, em Berlim, o National Museum dos Estados Unidos, o Botanical Museum, também de Harvard, a School of Forestry, da Universidade de Yale, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos e o Jardim Botânico de Nova York, além de outras instituições latino-americanas e brasileiras.

que se desenvolvem em meio rochoso) e por seus habitats naturais, como a canga, que se caracteriza pela manifestação em solos ricos em ferro. Assim, entre as diversas regiões visitadas pela equipe do botânico, estão várias serras mineiras, com composições rochosas que freqüentemente apresentam minérios ferrosos. As expedições abrangiam áreas como as serras do Curral e do Cipó, nas proximidades de Belo Horizonte, do Itacolomi, nas vizinhanças de Ouro Preto, de São José, entre Tiradentes e São João del Rei, do Espinhaço e do Ibiá, perto de Araxá⁹.

O contato entre Mello Barreto e Burle Marx aparentemente se deu justamente durante elaboração do projeto para o Barreiro. O paisagista chegou a acompanhar algumas das expedições chefiadas por Mello Barreto, nas quais teve a oportunidade de se familiarizar com a flora mineira, “observando *in loco* o comportamento das espécies”, o que lhe permitiu “a utilização adequada de cada planta, mediante relações e associações de todo gênero” (MOTTA, 1983, p. 11). Se por um lado o paisagista pôde aproveitar a convivência com Mello Barreto para aprofundar seus conhecimentos botânicos, este último, por sua vez, certamente se entusiasmou com as propostas paisagísticas de Burle Marx, que incorporavam e colocavam e destaque as espécies regionais, seu objeto de estudo.

Nos projetos para a Pampulha, a incorporação da flora nativa já se dava de maneira extensiva mesmo antes da participação do botânico. O trabalho de Burle Marx abrangia os jardins para o Cassino, da Casas do Baile, do Iate Clube, do Grande Hotel da Pampulha, da Capela de São Francisco de Assis, do Lar dos Meninos, do Golf Clube, a Praça Santa Rosa e o Parque Vereda, além de jardins residenciais particulares, incluindo a casa do próprio Kubitschek. Os planos para os três primeiros

⁹ Ao todo, foram visitadas dezenove serras em diversas regiões do estado (LANA in SOUZA, 1998, p. 96).



306. Residência Juscelino Kubitschek
Pampulha - Belo Horizonte (1942)

foram iniciados em 1942, antes da participação de Burle Marx no balneário de Araxá.

O conjunto da Pampulha foi oficialmente inaugurado em 1943, com vários dos setores e edifícios projetados ainda não concluídos. Assim, os trabalhos se estenderam por mais dois anos, envolvendo ainda a elaboração de outros setores para o complexo - concomitantemente ao projeto do Barreiro - como o Parque Vereda e a Praça Santa Rosa, desenvolvidos entre 1944 e 1945. Contudo, na área da Lagoa, somente o Cassino, a Casa do Baile e o Iate Clube foram efetivamente concluídos. A área projetada nas vizinhanças da Capela de São Francisco foi parcialmente implantada e as demais propostas não chegaram a ser iniciadas¹⁰.

Embora não executados, os planos da Praça Santa Rosa e do Parque Vereda, elaborados após o início dos trabalhos no Barreiro e os primeiros contatos com Mello Barreto, permitem observar características comuns com os jardins da estância. Uma dessas características é justamente a contribuição do botânico na concepção projetual de Burle Marx. Já se nota aqui uma preocupação em explorar as características estéticas de cada planta por meio da criação de condições para o seu bom

¹⁰ Aparentemente, os eventos políticos que conduziram ao fim do Estado Novo, em 1945, abalaram o desenvolvimento das obras desse conjunto.



307. Praça Santa Rosa - Pampulha (1944-1945)

desenvolvimento natural. Assim, além de uma seleção cuidadosa de espécies, que incluía um número significativo de plantas nativas do estado, os projetos traziam uma fundamentação científica na composição das áreas verdes, buscando introduzir cada grupo de mudas segundo suas necessidades, como insolação e propriedades do solo.

A participação de Mello Barreto foi decisiva, orientando as seleções das plantas e as associações entre elas. A área designada para a implantação da Praça Santa Rosa era composta por terrenos secos e pedras, aparentemente de pouca serventia para plantio. Assim, o projeto de Burle Marx e Mello Barreto previa a introdução de espécies xerófitas – plantas adaptadas a ambientes áridos – com portes variados, além de rochas e pedregulhos. A proposta buscava demonstrar e divulgar as possibilidades de exploração de um sítio aparentemente pobre, desde que se fosse empregado um conjunto de plantas e de elementos paisagísticos adequado (DOURADO, 2000, p. 216 -218).

O Parque Vereda também foi concebido de acordo com as condições naturais apresentadas pelo local onde ele seria implantado. Ao contrário da Praça Santa Rosa,



308. Parque Vereda - Pampulha (1944-1945)

os terrenos destinados ao parque eram permeados por cursos d'água, contando com áreas alagadiças. A proposta previa a presença de uma vegetação variada, aproveitando as espécies lacustres que já se encontravam ali, além da introdução de plantas das regiões da Amazônia (nas áreas mais sombreadas) e do Vale do São Francisco. O plano visava criar condições para que o sítio pudesse abrigar animais que viviam anteriormente na região. O projeto incluía ainda espaços de recreação e de estar.

A parceria de Burle Marx com Mello Barreto que se efetivaria não só durante a década de 1940, nos planos para Minas, mas também em outras ocasiões nas quais o paisagista pôde contar com a orientação de Mello Barreto na seleção das espécies e nas composições paisagísticas. O botânico colaborou com Burle Marx até a sua morte, em 1962. Participou de projetos no Rio de Janeiro nas décadas de 1950 e 1960, como a Praça Salgado Filho e outros setores do Aterro do Flamengo, dando continuidade à parceria que se iniciara ainda em Araxá.

O PARQUE DO BARREIRO

Em meio aos trabalhos da Pampulha, em 1943, Burle Marx foi convidado a realizar mais um projeto em outra cidade mineira: o parque da estância do Barreiro, em Araxá. O paisagista já havia adquirido renome no país com projetos como os jardins do Ministério da Educação e Saúde e o terraço do edifício da Associação Brasileira de Imprensa, ambos no Rio de Janeiro, tendo ainda exemplos de sua obra incluídos na exposição *Brazil Builds*, inaugurada naquele mesmo ano no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA). Além disso, sua participação em diversos projetos realizados em Minas naquele mesmo período, como os jardins do Grande Hotel de Ouro Preto e o próprio conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte, certamente chamaram a atenção do interventor do estado, Benedito Valadares¹¹.

Valadares havia solicitado ainda naquele ano os serviços de consultoria de Alfred Agache. O governo teria encomendado ao urbanista francês a elaboração de projetos de ampliação do traçado viário e do próprio parque (radiogramas e telegramas 03/01/1943, 22/01/1943, 24/02/1943, 10/03/1943, 04/05/1943, 12/05/1943 e 13/05/1943). De acordo com Lima (2003, p. 195) Agache já havia sido convidado a opinar a respeito das reformas em curso em Belo Horizonte na época. Contudo, em relação a Araxá, este teria apenas consultado o material referente ao projeto já desenvolvido para a estância e, embora considerasse o conjunto bastante interessante – aventando, inclusive, a possibilidade de publicá-lo na França -, não teria chegado a um acordo com o governo mineiro a respeito dos honorários, o que teria inviabilizado

¹¹ Francisco Bolonha afirma que Burle Marx havia sido contratado para a elaboração do parque do Barreiro por já ser “muito famoso” na época (depoimento cedido à mestranda em 11/11/04).

sua participação no projeto¹². Com efeito, não foi encontrado nenhum material que atestasse a efetiva atuação de Agache no plano do Barreiro.

Vale observar que até a década de 1930, antes do início da participação de Burle Marx no estado, os projetos paisagísticos encomendados para diversas cidades mineiras traziam concepções filiadas ao *beaux-arts*, com composições simétricas e regulares, além da incorporação de espécies exóticas. Exemplos desses jardins são a Praça Raul Soares, inaugurada em 1936, em Belo Horizonte, além dos planos de Dierberger para a Praça da Liberdade, também na capital, e para as praças e parques de Poços de Caldas. Mesmo a proposta de Dierberger para Araxá possuía características dessa vertente paisagística em alguns setores, embora o conjunto, ao que tudo parece indicar, obedecesse predominantemente a tradição pitoresca do jardim inglês. A contratação de Agache certamente daria continuidade à tendência academicista.

A proposta de Burle Marx trazia o desenvolvimento das experiências plásticas já iniciadas no Ministério da Educação, no Instituto de Resseguros e em alguns projetos para a Pampulha (Cassino, Casa do Baile e Iate Clube), iniciados no ano anterior e inaugurados naquele mesmo ano de 1943. No Barreiro, o paisagista pôde experimentar o emprego do traçado curvilíneo - determinando formas irregulares e orgânicas -, a exploração de contrastes cromáticos e os recursos paisagísticos da vegetação autóctone em um conjunto com grandes dimensões.

O parque do Barreiro era a primeira obra em que Burle Marx pesquisava em larga escala os traçados curvos na organização compositiva do todo paisagístico, rompendo com a sintaxe anterior da fase pernambucana e a revisitação de princípios acadêmicos, em favor de conceitos plásticos modernos, como a assimetria. Um novo enfoque em seu trabalho, que se fortaleceria nos anos seguintes. Tratava-se do interesse ecológico pela flora e pelo ambiente natural, valorizando o potencial de aproveitamento das associações vegetais existentes na própria natureza do ofício paisagístico. Fazer jardins, desenhar parques, construir paisagens, passava a ser não apenas um problema estético-cultural, mas também científico. (DOURADO, 2000, p. 212).

O plano foi organizado em vinte e cinco seções, compostas por grupos vegetais de diferentes regiões do estado de Minas Gerais. A parceria com Mello Barreto, que se iniciava nesse projeto, foi portanto definitiva na composição do conjunto. O memorial descritivo, elaborado pelo próprio botânico e publicado em diversos jornais da época, esclarece as intenções presentes na proposta para Araxá:

O Parque do Barreiro do Araxá está sendo feito dentro de princípios inteiramente novos, pois inspira-se principalmente em motivos da flora mineira, apresentando assim um cunho regional acentuado e evitando pela sua origina-

¹² Tais informações foram extraídas de uma carta enviada a Continentino pelo engenheiro Romeu Duffles em 16/11/1942, reproduzida por Lima em sua dissertação (2003).

lidade a monotonia que em regra se nota na maioria dos demais do Brasil, monotonia essa derivada do aproveitamento de um número restrito de elementos, na sua maioria exóticos, que se repetem continuamente com uma feição estandarizada.

Ao lado da finalidade paisagística, também existirá no Barreiro uma expressão cultural, pois na constituição dos diferentes grupos vegetativos por-se-á em relevo a feição decorativa característica que cada um poderá apresentar, respeitando-se a fidelidade científica.

Preside a preocupação de reproduzir o ambiente típico de cada grupamento, sendo para isso aproveitados também outros elementos como as rochas, que determinam as formações geológicas as quais por sua vez condicionam os diferentes biotipos florísticos. (MELLO BARRETO, in SERÃO INAUGURADAS..., 1944, p. 5).

O memorial põe a claro, de início, a preocupação em se criar um conjunto completamente diverso dos modelos paisagísticos que vigoravam na capital e em outras cidades mineiras. O destaque dado aos aspectos regionais, em oposição à valorização de elementos exóticos, característicos dos projetos de linha acadêmica, estava ligado à busca do Movimento Moderno por uma arte ou uma arquitetura brasileira. A partir das concepções explicitadas no memorial já é possível entrever o desencontro entre o pensamento de Burle Marx, respaldado por Mello Barreto, e as propostas arquitetônicas de Signorelli, com suas características da arquitetura eclética de origem européia. As diferenças entre os dois profissionais também apareciam nas concepções paisagísticas do arquiteto mineiro, mais próximas da tradição francesa, como já observamos, e a linguagem empregada por Burle Marx.

Apesar do distanciamento em relação aos projetos de Signorelli, o plano de Burle Marx aparentemente agradou as autoridades governamentais. Como já mencionado, o estudo apresentado trazia ao Barreiro uma imagem de modernidade e progresso, almejada pelos governos do Estado e da União. Vale lembrar novamente que estes, por sua vez, já haviam aprovado outros projetos filiados ao Movimento Moderno que também contavam com a participação de Burle Marx, como o Ministério da Educação e o hotel de Ouro Preto. Além disso, a proposta do paisagista e de Mello Barreto, que transformava o parque da estância em um mostuário da variada flora de Minas Gerais, carregava ainda uma dimensão propagandística, enfatizando as riquezas locais. Como já pudemos notar, esse caráter se fazia bastante presente nas obras arquitetônicas do Barreiro, que traziam diversas peças decorativas retratando aspectos da história e da geografia local.

É possível afirmar que essa concepção estivesse também ligada à noção de parque didático, ou cultural, como Mello Barreto preferiu colocar no memorial descritivo. Reproduzindo os ambientes naturais de cada região fitogeográfica de

1. Alameda de acesso
2. Plantas perenes - oxícolas e quartzíticas
3. Viveiro de animais
4. Brejo - hidrófilas
5. Orquidário
6. Fonte Andrade Júnior
7. Palmeiral
8. Xerófitas
9. Canga da Serra do Curral
10. Semixerófitas
11. Jardim das quaresmeiras
12. Ilha dos Amores
13. Floresta de ipês
14. Parque infantil
15. Calcáreas
16. Roseiral
17. Praça de Esportes
18. Jardim aquático
19. Jardim das termas
20. Jardim do hotel
21. Praia
22. Brejo - hidrófilas
23. Espécies da Serra do Cipó
24. Quartzíticas
25. Bosque



Minas Gerais, o projeto enfatiza suas características individuais e seus valores estéticos e paisagísticos (ALIATA, 1990, p. 520). A idéia do parque didático também estaria presente na proposta da Praça Santa Rosa, na Pampulha, onde também seriam demonstradas as “influências físicas ou químicas sobre os vegetais” (MOTTA, 1983, p. 13).

O projeto previa a arborização da avenida que dá acesso ao balneário, com “representantes legítimos da flora serrana mineira”, como o pinheiro bravo, do gênero *Podocarpus*¹³. Nas laterais dessa via foram criados dois jardins com plantas perenes, típicas da região da Serra do Itacolomi. Nas áreas mais úmidas, seriam plantadas espécies oxícolas¹⁴, como lavoisieiras, microlícias e trembleyas, e nas mais secas, as quartzíticas. O conjunto do lado leste constitui a região onde se situava a antiga casa de banhos e o jardim projetado por Dierberger.

Seguindo na Avenida do Contorno, na direção oeste, o plano previa a criação de um viveiro de animais silvestres na fauna mineira, no qual os animais seriam mantidos em áreas livres. Embora o memorial não explicita nenhuma informação adicional a respeito desse viveiro, acredita-se que esse setor também contribuiria para o caráter didático do parque, estabelecendo relações entre a flora e a fauna da região. Aparentemente, foi pensada aqui uma proposta semelhante àquela que seria implantada no Parque Vereda, na Pampulha, elaborado no ano seguinte.

Mais adiante, haveria um bosque com espécies hidrófilas - que vivem submersas na água ou próximas de terrenos alagadiços -, uma vez que se tratava de uma região de brejo. As áreas mais elevadas e secas dessa seção seriam ocupadas por um orquidário. Em seguida, estendia-se uma área pantanosa, que seria coberta por plantas herbáceas¹⁵.

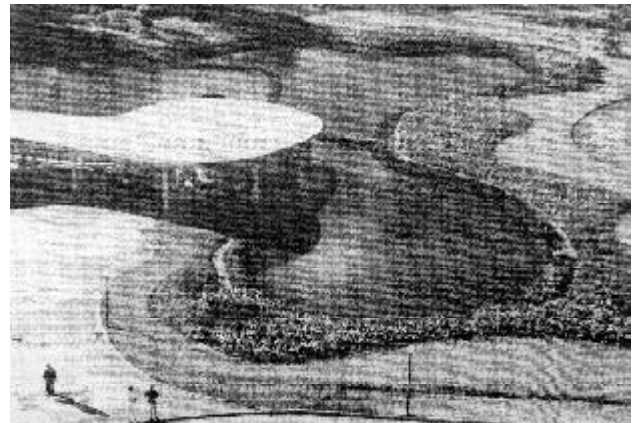
¹³ Aparentemente, durante a execução foram acrescentadas outras espécies de árvores, como o ipê rosa.

¹⁴ Espécies que se adaptam a solos ácidos.

¹⁵ Plantas com tecidos pouco consistentes, geralmente rasteiras.



310. Jardim da Fonte Andrade Júnior (fotografia de 2005)



311. Jardim da Fonte Andrade Júnior



312. Jardim da Fonte Andrade Júnior (fotografia de 2002)



313. Palmeiral (fotografia de 2005)

A área em torno do lago da fonte sulfurosa seria coberta pela vegetação típica da canga, com líquens e espécies saxícolas. É possível encontrar aqui exemplares de açucenas, filodendros, bromélias e palmeiras de espécies variadas.

Ainda seguindo a Avenida do Contorno, após a área pantanosa, foi proposto um palmeiral (“palmetum”), com diversos tipos de palmeiras, como buritis, babaçus, indaiás e guarirobas. Sucedendo o palmeiral, foi concebida uma seção de vegetação xerófila, contendo espécies das caatingas de Minas Gerais, como barrigudas, embiruços e arre-diabos. Logo em seguida, teríamos um setor composto por elementos da canga¹⁶ da Serra do Curral, com areia e pedras daquela região, além de plantas

¹⁶ Vale observar que a região da Araxá possui uma grande jazida de ferro, sendo seu solo rico nesse tipo de metal e, portanto, propício para o desenvolvimento da flora da canga.

como canelas-de-ema, lílias, arnicas, orquídeas, fedegosos, bromélias, embaúbas e embiruços. Mais adiante, foi criada uma ampla zona de semi-xerófitas, com ipês, cássias, primaveras e quaresmeiras de cores variadas, além de embaúbas, jacarandás, gameleiras, pindaíbas, ficus, jequitibás, tamboris, copaíbas e paineiras. Esse setor se estende até a porção leste do parque, abrangendo a área da fonte Dona Beja, onde há mudas de capim gigante, tinhorão, bananeira, muxoxo, pau d'alho e ipê, e a Ilha dos Amores, na qual foram plantadas ainda exemplares de outras espécies, como a cana brava e o jaracatiá. Ainda dentro desse setor, o projeto propunha a montagem de um parque infantil.

Acima da Praça de Esportes, foi concebido um jardim composto por rochas da série geológica Bambuí, que apresentam “aspectos de antigos castelos com o seu rendilhado de ameias”, e plantas saxícolas características dessa formação rochosa. Já nas proximidades da Praça, previa-se ainda a criação de um roseiral, voltado para o Lago Superior. Na porção externa à Avenida do Contorno, ainda nessa região, o projeto propunha a formação de um jardim aquático.



314. Lago Superior - margem leste



315. Vista aérea do parque, ainda com Praça de Esportes proposta por Signorelli



316. Vista aérea do parque, após a intervenção de Burle Marx

Na própria Praça de Esportes foram criados canteiros com espécies autóctones de diversos portes, como gameleiras, ipê roxo, canela preta, pau d'algo, ipê mulato, tamboril e feto macho. Nessa área, a intervenção de Burle Marx modificou profundamente o conjunto de áreas livres proposto por Signorelli, que já havia sido construído no local. O novo projeto paisagístico dessa região eliminou o traçado retilíneo anteriormente definido pelo arquiteto mineiro, substituindo-o por um conjunto de caminhos e massas vegetais de desenho orgânico. Tais jardins de Burle



317. Jardim nos fundos das termas (fotografia de 2005)

Marx foram concebidos em conjunto com o projeto arquitetônico elaborado por Bolonha para esse setor, que não chegou a ser construído. Desse modo, as áreas ajardinadas foram adaptadas aos edifícios existentes, projetados pelo escritório de Signorelli.

Nos fundos do hotel e das termas, criou-se um jardim contendo também plantas perenes, como lírios, canas-da-índia e palmeiras de pequeno e médio porte, além de um afloramento de rochas no qual seriam plantadas espécies aráceas, como filodendros. Em diversos pontos da margem do Lago Superior, seriam deixados afloramentos rochosos, cobertos por vegetação hidrófila. À beira do Lago, entre o Grande Hotel e a Praça de Esportes, foi criada uma praia.

Ainda ao longo da Avenida do Contorno, na porção leste do Parque, haveria uma outra área de brejo, sua flora hidrófila típica, seguida de uma seção composta por espécies da Serra do Cipó. Mais adiante, junto à entrada do balneário, foi prevista uma parcela contendo também plantas características região árida do quartzito, como barrigudas, sumarés, cactos e mimosas. Em todo o entorno do parque, circundando a Avenida do Contorno, foi criada ou mantida uma área de bosque, com árvores de grande porte, como ipês, maçarandubas, jatobás, paineiras, gameleiras, jacarandás, paus-d'alho, além de espécies mineiras, como a cássia do Ouro Preto, a jurujuba do Rio Doce, o ingá do Barreiro e a congonha do Barreiro¹⁷.

É possível identificar no Barreiro o emprego de alguns procedimentos compositivos que Burlle Marx adotaria também em outros de seus projetos. Observa-se no conjunto, de modo geral, uma gradação de portes das massas vegetais. As áreas

¹⁷As duas últimas provavelmente são nativas da região de Araxá.

mais baixas, próximas ao Lago Superior são cobertas por gramíneas e plantas rasteiras, com algumas espécies arbustivas colocadas em alguns pontos. Um pouco mais acima, entre o Lago e a Avenida do Contorno, já encontramos concentrações maiores de arbustos e árvores de médio porte e, na zona externa à Avenida, estende-se a área de bosque mencionada acima.

Em vários setores, como os jardins da Fonte Andrade Júnior, nota-se o uso de espécies com características cromáticas variadas. Observa-se a exploração não só dos contrastes entre as cores das flores e dos frutos e o verde das folhas e caules, mas também entre diversos tons de verde das espécies empregadas. Também no Barreiro, observa-se preocupação em especificar plantas com períodos de floração diferentes, como no caso do setor de quaresmeiras, cássias e ipês, de modo que o conjunto apresente pontos de cor, floridos, durante todo o ano.

Vários desses aspectos seriam desenvolvidos em outros projetos de Burle Marx, como a Fazenda Marambaia a residência de Edmundo Cavanellas, onde também se observam as composições gradativas e os contrastes cromáticos. Por outro lado, algumas dessas características já apareciam em outras propostas, como os



318. Vista aérea do parque

jardins da Pampulha. É possível estabelecer paralelos entre o Barreiro e estes projetos para Belo Horizonte, como a exploração das potencialidades paisagísticas das espécies autóctones (incluindo fatores de forma e cor) e a composição geral, com equipamentos distribuídos em torno de um lago. Contudo, o resultado das duas propostas mostrou-se bastante diverso.

Na Pampulha, os edifícios estão dispersos em uma área mais ampla, com terrenos relativamente planos, enquanto que o parque do Barreiro, com cerca de quatrocentos mil metros quadrados, foi implantado em uma cratera vulcânica, contando assim com grandes declividades. Além disso, as propostas de Burle Marx para os dois conjuntos também contribuíram para a diversidade dos resultados obtidos em cada caso. Em Belo Horizonte, o paisagista propõe para os jardins dos equipamentos em volta da lagoa o emprego de espécies rasteiras e de plantas de pequeno ou médio porte, fazendo uso reduzido de árvores e massas vegetais densas. Esse partido, como já mencionado, dava destaque aos projetos de Niemeyer, emoldurando-os. Em Araxá, nota-se um emprego extenso de vegetação de grande porte, especialmente nas regiões lindeiras à Avenida do Contorno.

Pode-se afirmar que o projeto para o Barreiro está, sob esse aspecto, mais próximo da tradição pitoresca dos parques ingleses ou norte-americanos – com áreas de luz e sombra, regiões de gramado e espécies rasteiras e zonas de bosque – do que a Pampulha. Assim, a proposta paisagística aproximava-se também das concepções urbanísticas propostas por Continentino, garantindo ao visitante espaços de estar agradáveis e propiciando a atividade da caminhada na Avenida do Contorno, garantindo-lhe uma ampla área sombreada.

As relações com as concepções urbanísticas adotadas no Barreiro também podem ser observadas no traçado sinuoso adotado por Burle Marx no desenho das novas vias criadas no projeto paisagístico. Burle Marx aproveita a Avenida do Contorno proposta por Continentino como via principal do conjunto e acrescenta alguns caminhos, para uso exclusivo de pedestres, ligando os diversos setores do conjunto, por vezes subindo as encostas que cercam o balneário. Esses caminhos também seguem o traçado curvilíneo que caracteriza as demais áreas do parque, criando visuais variadas ao longo do percurso e, ao mesmo tempo, evitando também trechos com grandes declividades. Contudo, em alguns casos, foi necessária a inclusão de escadarias. Estas eram escavadas nas próprias encostas, sendo às vezes revestidas e reforçadas com placas de arenito, constituindo-se como elementos discretamente integrados no conjunto, como se fossem parte do ambiente natural do parque, seguindo a tradição pitoresca.

319. Caminho que liga o estacionamento lateral do Grande Hotel à Praça de Esportes, com escada
(fotografia de 2002)



320. Caminho que liga as duas alças da Avenida do Contorno, subindo uma das encostas do Barreiro
(fotografia de 2002)

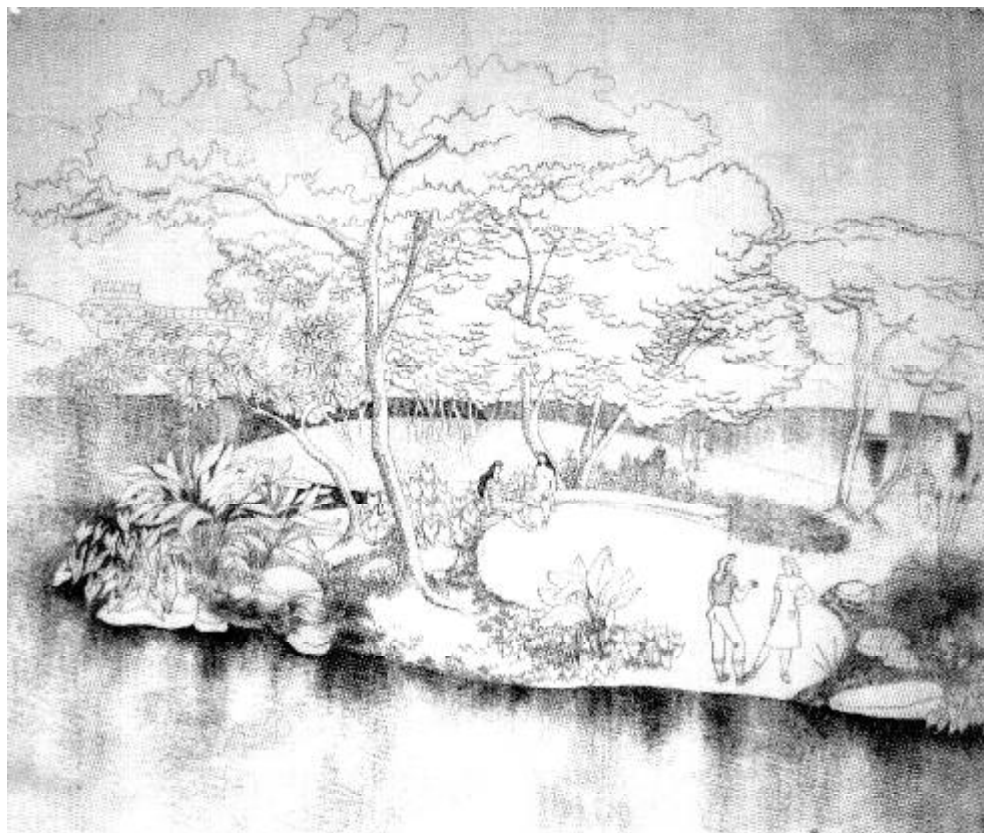


Contudo, são as experiências plásticas filiadas ao Movimento Moderno no Brasil que dão a tônica do projeto paisagístico do Barreiro. Burle Marx propôs ligeiras alterações no traçado original da Avenida, no contorno do Lago Superior e da Ilha dos Amores. Com as modificações colocadas, esses elementos adquiriram as formas orgânicas representativas dessas experiências plásticas em desenvolvimento na obra do paisagista. Essas formas definiam também os desenhos das massas de vegetação, conferindo unidade ao conjunto. O traçado sinuoso também caracterizou as diversas áreas de estar propostas por Burle Marx, onde foram incluídos bancos curvilíneos. Estes eram compostos de estruturas bastante simples de concreto, despojada de qualquer ornamento, com desenho visivelmente filiado à plástica do Movimento

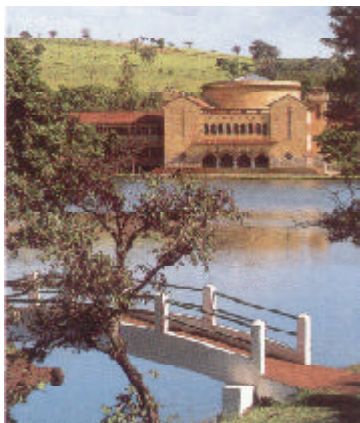
Moderno¹⁸. A mesma linguagem aparecia também nas pontes colocadas entre a Ilha dos Amores e a margem do Lago Superior e sobre os canais abertos no parque, como o que liga os dois lagos do complexo.

O projeto trazia ainda detalhes sobre o dimensionamento e a forma dos setores de cada jardim, bem como especificações das espécies a serem plantadas em cada setor e dos tipos de pavimentação a serem empregadas nos caminhos de pedestres, como seixos, terra batida, ou placas de arenito. O escritório também se responsabilizou pelos projetos executivos da área da Fonte Andrade Júnior. Além dos detalhes construtivos realizados por Francisco Bolonha, o próprio Burle Marx se encarregou de elaborar os desenhos dos azulejos e do mosaico de pedra portuguesa que compõe o piso dessa área, como já observamos no capítulo anterior. Tanto o mural cerâmico quanto os motivos aplicados no mosaico concordam com a linguagem plástica adotada no restante do conjunto paisagístico, com traços curvilíneos e formas orgânicas. Aqui, tais desenhos ainda são essencialmente figurativos, embora já tendam à abstração que comparece nos demais setores do projeto.

¹⁸ É possível encontrar bancos muito semelhantes aos do Barreiro nos jardins da Capela da Jaqueira, no Recife (1954), do Hospital Sul América, no Rio de Janeiro (1955) e no Parque de Caracas (1957), onde Burle Marx ainda adotaria a curva como partido compositivo do conjunto.



321. Perspectiva da Ilha dos Amores



322. Ponte da Ilha dos Amores



323. Banco de concreto



324. Bancos da Capela da Jaqueira (Recife, 1954)

325. Vista da Ilha dos Amores (fotografia de 2005)

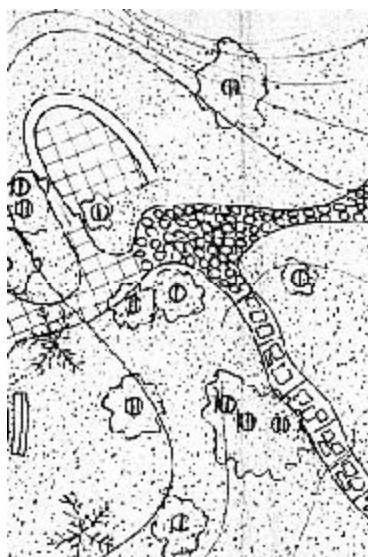




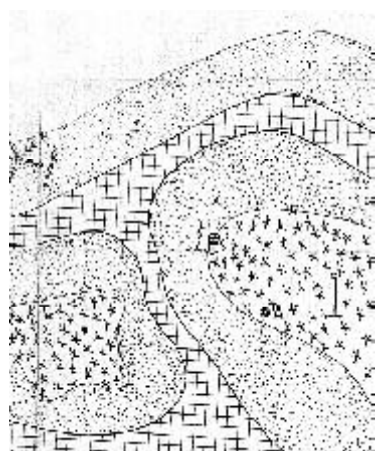
326. Jardins do hotel e das termas



327. Jardins do hotel e das termas a piscina com contornos curvilineos foi construída posteriormente



328 e 329. Pormenor da área de estar próxima à lateral do edifício das termas



330 e 331. Pormenores dos jardins do hotel e das termas



Embora o projeto de Burle Marx tenha empregado uma linguagem formal muito diferente das propostas arquitetônicas desenvolvidas pelo escritório de Luiz Signorelli, os dois conjuntos estão harmonicamente integrados, não havendo conflitos ou disparidades entre os planos. Essa harmonia pode talvez ser explicada pela aproximação do grupo de concepções envolvidas no Barreiro (urbanísticas, arquitetônicas e paisagísticas) com a tradição do pitoresco, embora essa relação apareça com maior ou menor ênfase em cada caso.

Porém, também é possível observar no plano paisagístico alguns aspectos que terminaram por contribuir com a valorização do conjunto edificado no balneário, especialmente do Grande Hotel e das Termas. O projeto de Burle Marx também valoriza a perspectiva desses edifícios a partir do lago, deixando praticamente livres de árvores ou espécies de grande porte os fundos das duas construções. Na porção frontal, a proposta paisagística mantém o eixo retilíneo da via de acesso ao balneário, possivelmente criado nas intervenções de Signorelli, e até mesmo contribui para a determinação desse eixo perspectico ao determinar a plantação de um renque de árvores nessa avenida. Pode-se enxergar aqui um resquício da composição clássica no paisagismo do conjunto. Vale ressaltar, contudo, que esses aspectos podem ter sido determinados por demandas das autoridades do governo mineiro ou pelas condições já encontradas no sítio onde o parque foi implantado, embora não tenham sido encontrados dados que permitam compreender a extensão das interferências desses fatores.



332. Alameda de acesso ao balneário (fotografia de 2005)



333. Vista aérea do balneário

¹⁹ De acordo com um depoimento de Raphael Hardy Filho, os edifícios estavam então cercados por grandes porções de terra nua, uma vez que pouco do projeto paisagístico havia sido executado. Para tentar sanar o problema, foram plantadas sementes de alpiste, que brotam rapidamente, em toda a área do parque na véspera da inauguração. Assim, no dia da abertura do conjunto, diante da presença das autoridades, os campos do Barreiro apresentavam-se verdejantes. (ROTEIRO ARAXÁ, s. d., s. p.).

²⁰ Aparentemente, na área a ser ocupada pelo orquidário, foi mantido um bosque com árvores já existentes no local. Nessa mesma região, seria implantado, na década de 1980, um conjunto com um parque infantil e quiosques comerciais, concebido de acordo com um projeto do Escritório Roberto Burle Marx de 1983.

Entre 1943 e 1944, houve um grande esforço para que os projetos de Burle Marx e sua equipe fossem concluídos rapidamente. Faltando apenas poucos meses para a inauguração, ainda eram solicitados detalhes do pavilhão da fonte sulfurosa e dos jardins enquanto Mello Barreto se prontificava do envio de remessas de mudas a serem plantadas no local, que chegavam a Araxá de trem. Ao mesmo tempo, Andrade Júnior recomendava aos demais engenheiros envolvidos na construção que as obras não fossem interrompidas “sob nenhum pretexto” (Telegramas 24/11/1943; 20/01/1944; 02/02/1944; 08/02/1944). Contudo, aparentemente, a maior parte do parque ainda não havia sido executada até o dia da inauguração do complexo¹⁹.

Embora as obras de implementação do projeto paisagístico tivessem continuado mesmo após a inauguração do Barreiro, estendendo-se até 1946, ano da inauguração da Fonte Andrade Júnior, a construção certamente perdeu fôlego após 1944, sendo praticamente paralisada a partir de 1945, provavelmente por ocasião do fim do Estado Novo. Com efeito, dos vinte e cinco setores propostos por Burle Marx, apenas vinte e um foram executados. Ficaram no papel o viveiro de animais, o parque infantil, as duas áreas de brejo (com vegetação hidrófila), o jardim da região calcárea, a composição com plantas do quartzito e o orquidário²⁰. Algumas áreas também sofreram modificações durante a execução, como a praia, que teve suas dimensões reduzidas em relação ao projeto original. Assim, ocorria mais uma vez em Araxá um processo semelhante àquele visto também em outros projetos realizados em Minas Gerais naquele período. A situação certamente decepcionava o paisagista, que via relativamente frustrados os ideais presentes em seus esforços em parceria com Mello Barreto:

Nesses anos de convívio, realizamos vários trabalhos em conjunto, onde ideais paisagísticos e ecológicos deveriam se completar, num esforço de tornar conhecidas essas formações peculiares à nossa terra. Mas as dificuldades eram grandes e os trabalhos assim concebidos e orientados quase sempre esbarravam na incompreensão ou nas reações negativas. Os projetos dessa época, em sua maioria, foram deformados, truncados, realizados parcialmente ou simplesmente ficaram no papel. (BURLE MARX, 1975 in BURLE MARX, 1987, p. 50).

Ainda assim, o projeto do parque do Barreiro trouxe contribuições relevantes para a obra de Burle Marx e para a produção paisagística no Brasil. Comparecia em Araxá, aparentemente pela primeira vez na obra do paisagista, a concepção de parque didático, que orientaria outros de seus projetos no país, como a Praça Santa Rosa, o Parque Vereda e o Jardim Zoobotânico de Brasília. Também no Barreiro, Burle Marx teve a oportunidade de explorar em larga escala o traçado curvilíneo e as formas orgânicas decorrentes de sua interpretação paisagística da estética filiada ao Movimento Moderno, aliados às concepções herdadas da tradição pitoresca de origem anglo-saxônica. Como já observamos, várias das experiências plásticas aplicadas na estância foram desenvolvidas em diversas obras do paisagista, como a Fazenda Marambaia, o Parque de Caracas e o Aterro do Flamengo.

Porém, a maior contribuição do plano talvez tenha sido a influência do convívio com Mello Barreto na carreira posterior de Burle Marx. Como já pudemos observar, o contato com o botânico certamente estimulou a realização de outras expedições em diversas regiões do país (FERRAZ, 1956, p. 13), a continuidade de suas pesquisas e a constituição de seu viveiro no Sítio Santo Antônio da Bica, além do desenvolvimento de procedimentos projetuais baseados nessa busca, que se tornariam aspectos evidentes e determinantes nos planos e nas concepções do paisagista.

Só depois de muitos anos é que o seu projeto de vida configurar-se-ia com maior nitidez, mesmo perante a opinião pública. Notamos como construiu atentamente as suas proposições fundamentais. No Parque de Araxá teve aquela preocupação que se revelara em Dahlem. Fez ver jardim onde ninguém conhecia, onde estavam destacados os grupos saxícolas, entre pedras de arenito e quartizito, os grupos de cerrado e da caatinga [...] e outros. (MOTTA, 1983, p. 11-12).

Com a convivência com Mello Barreto, cujos resultados podiam ser vistos em Araxá, o paisagista aprofundaria seu interesse científico e estético na flora nativa brasileira, sempre com a preocupação de manter na paisagem criada as relações estabelecidas na natureza. A continuidade e o desenvolvimento dessas concepções

presentes na proposta do Barreiro certamente colaboraram para a reabilitação dessas espécies e para a incorporação nos projetos paisagísticos desenvolvidos no Brasil, especialmente a partir da segunda metade do século XX.



334. Vista aérea do balneário

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho, procurou-se analisar os projetos elaborados para a construção da Estância Hidromineral do Barreiro, observando as questões envolvidas nas propostas, desde as concepções estéticas, construtivas e funcionais presentes em cada projeto até as relações dessas obras com o contexto histórico-político e com a produção arquitetônica, urbanística e paisagística da época em que o conjunto foi desenvolvido.

As obras do balneário demandaram investimentos de vulto do governo mineiro, recebendo também o apoio da União. A partir dos estudos sobre a estância, é possível observar um deslocamento gradativo dos interesses envolvidos em sua construção. Até a década de 1930, tratava-se de uma iniciativa local, desenvolvida por membros da sociedade araxaense, contando com o apoio esporádico do estado. Com o estabelecimento do Estado Novo, o balneário passou a ser um projeto do governo mineiro, que designou diversos profissionais de seu quadro de funcionários, como Continentino e Signorelli, para a elaboração dos planos para o Barreiro. Vale lembrar que o governo estadual já vinha investindo no desenvolvimento de suas estâncias, visto que essas localidades representavam então os principais núcleos turísticos de Minas Gerais. Paulatinamente, o Barreiro tornou-se também a menina dos olhos de Getúlio Vargas, que aparentemente tinha na estância um instrumento para a divulgação do aspecto vigoroso e progressista de seu governo. O presidente fazia visitas constantes a Araxá e certamente aprovou a participação de um escritório da capital federal, o de Roberto Burle Marx, que já vinha recebendo destaque internacional.

Elaborados entre as décadas de 1930 e 1940, os projetos para o Barreiro puderam aproveitar das experiências já aplicadas em outras estâncias mineiras, como Caxambu e principalmente Poços de Caldas. Essas estâncias certamente serviram como modelos importantes na construção de um ambiente urbano diferenciado no

balneário de Araxá, contribuindo não só com referências paisagísticas ou estéticas, mas também na elaboração do programa a ser incorporado no complexo araxaense. A partir da observação dessas estâncias e de exemplos internacionais detectou-se a necessidade e a viabilidade de se construir em Araxá um empreendimento de grandes dimensões, envolvendo atividades de naturezas diversas: cura, lazer, jogo, turismo, comércio e habitação.

Foi possível notar que essas propostas implantadas no balneário, à primeira vista diacrônicas e díspares, apresentam relações estreitas entre si. Embora às vezes apontem para caminhos diferentes em suas concepções formais e ideológicas, os planos concorreram para o sucesso da estância, respondendo às expectativas do público alvo desse empreendimento. Assim, observou-se de modo geral uma filiação, ainda que em diferentes níveis, às referências de tradição pitoresca, ligadas a construção de um ambiente com características próximas do rural ou do natural, aproximando-se da paisagem européia, que tanto agradava os visitantes dessas localidades.

Contudo, percebe-se no Barreiro que as próprias demandas estéticas dos freqüentadores dos balneários sofreram modificações: num primeiro momento, é possível notar uma busca por uma arquitetura e uma paisagem com características européias, entendida como um meio de equiparação com os valores e a cultura daquele continente e, portanto, como um sinal de modernização. Posteriormente, a noção de modernidade das concepções filiadas ao Movimento Moderno nas artes e na arquitetura, que colocava a idéia de valorização de aspectos vernaculares como meio de aproximação das correntes internacionais, passa a ser aceita também entre as classes de turistas e curistas.

Se por um lado se observa uma adequação dos projetos às exigências das classes freqüentadoras das estâncias, através da adaptação de referências internacionais, por outro lado é possível verificar um relativo esvaziamento desses ideários estrangeiros em sua tradução para os planos dos balneários. Em nenhum dos projetos se observa a incorporação dos ideais sociais presentes em propostas como a cidade-jardim de Howard ou o Movimento Moderno. Até onde se pôde verificar, o planejamento urbano está mais ligado questões de traçado e de soluções técnicas do que à noção mais abrangente de proposta urbana não só no caso de Araxá, como também de outras estâncias brasileiras. Mesmo nos projetos de arquitetura e de paisagismo filiados às concepções do movimento moderno comparecem aqui praticamente desprovidos do ideal de transformação social que caracterizaria diversas obras dessa corrente.

Porém, é necessário ressaltar que esse conjunto de planos certamente trouxe contribuições relevantes para a trajetória dos profissionais envolvidos na construção

do Barreiro, para o desenvolvimento do urbanismo no país, especialmente no planejamento das cidades de estância, e para o debate entre as vertentes presentes na produção arquitetônica e paisagística daquele período. Nos planos para o Barreiro é possível encontrar concepções e soluções que seriam aplicadas a outras propostas elaboradas no Brasil por suas qualidades estéticas, funcionais ou construtivas, sendo muitas delas ainda atuais.

Apesar de seu sucesso inicial, a Estância do Barreiro usufruiu pouco de um dos grandes motores do sucesso das cidades balneárias: os jogos de azar, proibidos no país dois anos após a inauguração do conjunto, em 1946. Esse fator demandou diversas iniciativas de fomento ao progresso do turismo nas estâncias já no final da década de 1940. Contudo, após a década de 1960, quando a atividade da cura também já se encontrava em decadência, observou-se um crescente dismantelamento das estruturas dos balneários brasileiros. Em Araxá, essa situação culminaria no fechamento do conjunto na década de 1990 para a realização de reformas.

Tais obras, custeadas pelo governo do estado de Minas Gerais, envolveram a restauração dos edifícios, com pequenas alterações para a adaptação das instalações aos padrões turísticos atuais. Procurou-se evitar intervenções incisivas, uma vez que o conjunto é tombado pelo patrimônio estadual. A restauração também abrangeria a recuperação do parque e a construção dos setores previstos no plano de Burle Marx que não haviam sido implantados na época da inauguração. Os equipamentos do balneário só voltariam a funcionar plenamente oito anos depois do fechamento, sob a gerência de grupos hoteleiros particulares que arrendaram o complexo do governo mineiro. Com relação ao parque, observa-se que alguns setores já foram restaurados, de acordo com o projeto original, embora a maior parte dos jardins permaneça ainda bastante descaracterizada.

Esse estudo buscou elucidar alguns pontos até então nebulosos a respeito da construção da Estância do Barreiro e expor a relevância do conjunto de seus projetos e obras para a arquitetura, o urbanismo e o paisagismo do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

TEORIA E HISTÓRIA DO URBANISMO, DA ARQUITETURA E DO PAISAGISMO

ALIATA, F. The pictorial technique of “Ecological Painting”: The Gardens of Roberto Burle Marx. In: MOSSER; TEYSSOT. *L’Architettura dei giardini d’Occidente*. Milano: s.e., 1990.

AMARO, M. A. L. Balneário – ciudad de las águas: su presencia em España. *Ciudad y Territorio*, v. 89, n. 3, 1991, p. 213-231.

ANDRADE, C. R. M. **O plano de Saturnino de Brito para Santos e a construção da cidade moderna no Brasil**. Espaço e Debates, São Paulo, n. 34, ano XI, p. 55-63, 1991.

_____. **A Peste e o plano**. O Urbanismo Sanitarista do Eng. Saturnino de Brito. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - FAU-USP, 2 vols., São Paulo, 1992.

_____. **Barry Parker** - Um Arquiteto Inglês na Cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) FAUUSP, São Paulo, 1998.

_____. “Rurs in urbe”: alguns aspectos da cidade-jardim de Ebenezer Howard. In: BARBOSA, S. (Org.). **Tempo, espaço e utopia nas cidades**. Araraquara: Cultura Acadêmica / FCL, 2004. p. 19-36.

_____. A construção historiográfica da cidade e do urbanismo moderno no Brasil: o caso das cidades novas planejadas. In: PINHEIRO, E. P.; GOMES, M. A. F.. **A cidade como história**: os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo. Salvador: EDUFBA, 2005. p. 73-90.

Architectural Forum, nov. 1947.

ARGAN, G. C. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **História da Arte como História da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Arquitetura Contemporânea no Brasil 1 (coletânea), Revista Ante-Projeto (org.), Rio de Janeiro, 1947.

BARDI, P. M. **The tropical gardens of Burle Marx**. Rio de Janeiro: Colibris, 1964.

BAUDIN, H. **Villas & maisons de campagne en Suisse**. Genebra: Éditions d’Art et D’Architecture, 1909(?).

BENEVOLO, L. **Origens da urbanística moderna**. Lisboa: Presença, 1983.

_____. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

_____. **História da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BERTI, S. M.; FONSECA, M. A. B. M. **Raffaello Berti, arquiteto**. Belo Horizonte: A. P. Cultural, 2000.

BONFATO, A. C. **Águas de São Pedro por Jorge de Macedo Vieira**: ressonâncias e traduções do modelo “Garden City” na estância hidromineral paulista. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Ciências Ambientais, Exatas e de Tecnologia, PUC-Camp, Campinas, 2003.

BOYER, M. C. **Dreaming the rational city** : the myth of American city planning. Cambridge, Mass. : MIT Press, 1986.

BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BURLE MARX, R. **Arte e paisagem**: conferências escolhidas. São Paulo: Nobel, 1987.

_____. Paisagem e trópico. In: SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 1974, Recife. **Contribuição paulista à tropicologia**. São Paulo: Pioneira, 1974, p. 61-68.

CALABI, D. **Architettura domestica in Gran Bretagna, 1890-1939**. Milão: Electe, 1982.

CAPUANO, A. Architettura sull'acqua – alcuni temi compositivi della città balneare in Europa e in América. **Rassegna di Architettura e Urbanística**, n. 76/77, genn.-ag., 1992. p. 117-132.

CAZ, R.; SARAIVA, M. De las entrañas de la tierra. Contribución al estudio de los balnearios decimonónicos. **Historia Urbana**. Madrid, n. 3, 1994, p. 39-60.

CHOAY, F. **O Urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

COLAS, L. **L'Architecture basque**, Collection de L'Art Régional en France, Chez Massin & C^{ie}, Éditeurs, s. d.

COLEÇÃO MINERIANA. **Comissão técnica consultiva da cidade de Bello Horizonte** – finalidade, vantagens, eficiência, organização. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1935.

CONTINENTINO, L. **Saneamento e Urbanismo**. Belo Horizonte: s.e. 1937.

_____. **Memorial justificativo para o plano de urbanismo da estância balneária**. Belo Horizonte: s.e. 1933.

_____. Urbanismo. O plano de Belo Horizonte. **Arquitetura e Urbanismo**. n. 4, jul./ago., 1940, p. 222-225.

_____. Urbanização de Belo Horizonte. **Arquitetura e Engenharia**. n. 30, mar./abr., 54, p. 66-73.

_____. **Apostilas de Engenharia Sanitária**. Belo Horizonte: EE/UMG, 1956.

_____. **Higiene Urbanismo Saneamento**. Belo Horizonte: EE/UMG, 1960.

CORREIA, T. B. Estado e empresas na criação e gestão de vilas operárias e núcleos fabris: parcerias, cooperação e conflitos. In: ENCRUZILHADAS DO PLANEJAMENTO, ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 10. **Anais...** Belo Horizonte, 2003.

CRESPO, R. A. G.; COVA, R. O. **Arquitectura marplatense** – el pintoresquismo. Tucumán: Instituto Argentino de Investigaciones de Historia de la Arquitectura y del Urbanismo Resistência, 1982.

CUMMING, E.; KAPLAN, W. **The Arts and Crafts movement**. New York: Thames and Hudson, 1993.

DAL CO, F. De los parques a la región – ideología progressista y reforma de la ciudad americana. In: CIUCCI, G.; DAL CO, F.; MANIERI-ELIA, M.; TAFURI, M. **La ciudad americana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975. p. 139-273.

DIERBERGER. **Arte e jardim**, São Paulo: s. e., 1928.

DOURADO, G. O. M. **Modernidade verde: jardins de Burle Marx**. Dissertação (Mestrado em arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2000.

DYOS, H. J. **The study of urban history**. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1968.

Edilizia Popolare, n° 226, mar. abr. 1993.

ELIOVSON, S. **The gardens of Roberto Burle Marx**. New York: Harry N. Abrams / Sagapress, 1991.

ESPAÇO TEMPO. **Relatório para o processo de tombamento da estância do Barreiro**. Belo Horizonte: s.e. 1992.

FABRIS, A. (Org.). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Edusp, 1987.

FERRAZ, G. Individualidades na história da atual arquitetura no Brasil – Roberto Burle Marx. **Habitat**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 12-23.

FICHER, S. **Ensino e profissão: o curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2005.

FRANCO, A. C. **Cidades de cura, cidades de ócio** – a influência de concepções estrangeiras no urbanismo de três estâncias paulistas: Águas de Lindóia, Águas da Prata e Águas de São Pedro. Memorial de qualificação, São Carlos, EESC / USP, 2003.

FRANCO, A. C. **Cidades de cura, cidades de ócio** – a influência de concepções estrangeiras no urbanismo de três estâncias paulistas: Águas de Lindóia, Águas da Prata e Águas de São Pedro. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2005.

FRAMPTON, K. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREYRE, G. **Sobrados e Mucambos**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FROTA, L. C. **Burle Marx: paisagismo no Brasil**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro / Brasiliana de Frankfurt, 1994.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Cidades Jardins** – A Busca do Equilíbrio Social e Ambiental 1898-1998, São Paulo, 1997. (catálogo de exposição)

GEDDES, P. **Cities in Evolution**. An Introduction to the Town Planning Movement and to the Study of Civics. Londres: William and Norgate, 1915.

GEOFFROY, N. M. M. G. **A moradia carioca no contexto das zonas norte e sul nos anos 20**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - FAU USP, São Paulo, 2004.

GIEDION, S. **Space, Time and Architecture**. The Growth of a New Tradition. Cambridge: Harvard University Press, 1959.

GONÇALVES, L. R. (Org.). **Arte e Paisagem** – a estética de Roberto Burle Marx. São Paulo: MAC-USP, 1997.

GOODWIN, P. L. **Brazil Builds**, Architecture New and Old 1652 – 1942. New York. MoMA. 1943.

HALL, P. **Cidades do Amanhã**: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX.. São Paulo: Perspectiva, 1996.

HITCHCOCK, H. R. **Modern Architecture**: Romanticism and Reintegration. Nova York: Da Capo Press, 1993.

A história de Araxá nas encáusticas de Rocha Ferreira. **A Noite Ilustrada**, Belo Horizonte, 1 abr. 1944, p. 31.

HOWARD, E. **Cidades-jardins de amanhã**. São Paulo: Hucitec / Annablume, 2002.

INSTITUTO ESTADUAL DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS (IEPHA). **Dicionário biográfico de construtores e artistas de Belo Horizonte**: 1894/1940. Belo Horizonte: IEPHA/MG, 1997.

KOCH, W. **Dicionário de estilos arquitetônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LANA, R. S. **Roberto Burle Marx. Henrique Lahmeyer de Mello Barreto**. Arquitetos do Jardim. Belo Horizonte: The Rockefeller Foundation / Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, 1998.

_____. **Arquitetos do jardim: Roberto Burle Marx e Henrique Lahmeyer de Mello Barreto**. In: SOUZA, E. M. (Org.). **Modernidades tardias**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 83-101.

LANCASTER, C. **The American Bungalow – 1880-1930**, Nova York: Abbeville Press, 1986.

LANE, B. M. **Architecture and politics in Germany, 1918-1945**. Cambridge, Mass. : Harvard University Press, 1985.

LEENHARDT, J. **Nos jardins de Burle Marx**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva. 1989.

_____. **Planejamento urbano**. Perspectiva: São Paulo, 1975.

_____. **Urbanismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEME, M. C. S. A formação do pensamento urbanístico em São Paulo, no início do século XX. **Espaço e Debates**, São Paulo, n. 34, ano XI, p. 64-70, 1991.

_____.(Org) **Urbanismo no Brasil 1895-1965**. Salvador: EDUFBA, 2005.

LEMOS, C. A. C. **Alvenaria burguesa**. São Paulo: Nobel, 1989.

_____. **Arquitetura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos / EDUSP, 1974.

_____.; CORONA, E. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: EDART, 1972.

LEPETIT, B. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.

LIMA, F. J. M. Problemas de urbanismo em minas Gerais nos anos 30. In **ÉTICA, PLANEJAMENTO E**

CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA DO ESPAÇO, ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR. 9 RIO DE JANEIRO, 2001. **Anais ...** Rio de Janeiro, 2001, v. 2, p. 599 - 609.

_____. **Por uma cidade moderna**: ideários de urbanismo em jogo no concurso para Monlevade e nos projetos destacados da trajetória dos técnicos concorrentes (1931-1943). Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - FAU-USP, São Paulo, 2003.

LORENZO, H. C.; COSTA, W. P. (Org.). **A década de 20 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Unesp, 1997.

MACEDO, O. L. C. **Francisco Bolonha**; ofício da modernidade. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - EESC – USP, São Carlos, 2003.

MANIERI-ELIA, M. Por una ciudad “imperial” – Daniel Burnham y el movimiento City Beautiful. In: CIUCCI, G.; DAL CO, F.; MANIERI-ELIA, M.; TAFURI, M. **La ciudad americana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975. p. 1-137.

MELLO BARRETO. Memorial descritivo do parque do Barreiro. In: Serão inauguradas, este ano, as majestosas obras da estância de Araxá. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 09 mar., 1944, p. 5.

MILLER, M. **Raymond Unwin** – Garden cities and town planning. Leicester: Leicester University Press, 1992.

MINDLIN, H. E. **Arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano / IPHAN, 2000.

Moderno e pittoresco. **A Casa**, Rio de Janeiro, n. 109, p. 5-8, jun. 1933.

MONTERO, M. I. Burle Marx. **El paisaje lírico**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

MOTTA, F. L. **Roberto Burle Marx e a nova visão de paisagem**. São Paulo: Nobel, 1983.

MOIA, J. L. **Planos completos de 50 viviendas**. Buenos Aires: Windsor, 1949.

MUMFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OLIVEIRA, F. **Projetos para o parque do Ibirapuera** : de Manequinho Lopes a Niemeyer (1926-1954). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2003.

PANSERA. Spa-town architecture midst health and high society. **L'Arca**, n. 23, genn. 1989.

PATETTA, L. **L'Architettura dell'Eclétismo** – Fonti, Teorie, Modelli, 1750-1900. Milão: Gabriele Mazzotta, 1975.

PECHMAN. O urbano fora do lugar? Transferências e traduções das idéias urbanísticas nos anos 20. In: RIBEIRO, L. C. de Q.; PECHMAN, R. (Org.), **Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 331-362.

PEDROSA, M. Arquitetura paisagística no Brasil. In: PEDROSA, M. **Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

PINHEIRO, M. L. B. **Do Beaux-Arts ao Bungalow** – uma Arquitetura Eclética em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - FAU – USP, São Paulo, 1989.

_____. **Modernizada ou Moderna?** – Arquitetura em São Paulo, 1938 –45. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - FAU – USP, São Paulo, 1997.

_____; D'AGOSTINO, M. H. S. A noção de pitoresco o debate cultural das primeiras décadas do século XX no Brasil. **Desígnio** : revista de história da arquitetura e do urbanismo – FAU/USP, São Paulo: Annablume, n. 1, mar. 2004, p. 119-128.

PUJOL, H. G. **A urbanização de Lambari**. Revista Polytechnica, n. 108, mar. - abr. 1933.

PUPPI, M. **Por uma história não moderna da arquitetura brasileira**: questões de historiografia. Campinas: UNICAMP, 1998.

QUEIROZ, P.; QUEIROZ, L. V. P.; BOFF, L. (Org.). **Roberto Burle Marx** – homenagem à natureza. Petrópolis: Vozes, 1979.

REIS FILHO, N. G. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva. 1995.

RIBEIRO, L. C. Q. e CARDOSO, A. L. Da cidade à nação: gênese e evolução do urbanismo no Brasil. In: RIBEIRO, L. C. Q.; PECHMAN, R. (Org.). **Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 53-78.

RIBEIRO, L. C. Q.; PECHMAN, R. (Org.). **Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

_____. Planejamento urbano no Brasil: paradigmas e experiências. Espaço e Debates n. 37, São Paulo, 1994.

RIVOALEN, E. **Petites maisons modernes de ville et de campagne**. Paris: Fanchon et Pinardon Éditeurs, s.d.

ROCHA, A. A utopia modernista. **Sagarana**, Belo Horizonte, ano 2, n. 8, p. 8-17, s.d.

RODRIGUES, E. J. **Estilo Missões**: as fachadas na arquitetura paulistana. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – FAU – USP, São Paulo, 1986.

ROUILLARD, D. **Le site balnéaire**. Liège: Mardaga, 1984.

SALGUEIRO, H. A. **Apontamentos para um estudo da arquitetura regional**. Estudos. Revista da Universidade Católica de Goiás. UCG. 1973.

_____. **La casque d'Arlequin**: Belo Horizonte, une capitale ecletique au 19e. siècle. Paris: Ed. De L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1997.

_____. **Engenheiro Aarão Reis**: o progresso como missão. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.

SANTOS, P. **Quatro séculos de arquitetura**. Rio de Janeiro: IAB, 1981.

SARTORIS, A. **Encyclopédie de l'architecture nouvelle**. Milão: s.e., 1954.

SCROGGS & EWING. **Homes of distinction**. Augusta: 1922.

- SCULLY, V. J. **The shingle style & the stick style**. New Haven: Yale University Press, s.d.
- SEGAWA, H. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel / FAPESP, 1996.
- _____. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1997.
- _____; DOURADO G. O. M. **Oswaldo Artur Bratke**. São Paulo: Pro, 1997.
- SICA, P. **Historia del urbanismo – el siglo XIX**. Madri: Instituto de Estudios de Administración Local Santa Engracia, 1981, vol.2.
- SIQUEIRA, V. B. **Burle Marx**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SITTE, C. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. Ática: São Paulo, 1992 (1889).
- SMITH, M. A. **Gustav Sticley, the Craftsman**. Nova York: Dover Publications, 1983.
- SOUZA, R.C.J. A última escola antiga. In: SOUZA, E.M. (Org.). **Modernidades Tardias**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 103-122.
- STEINKE, R. Z. **Ruas curvas versus ruas retas**. Dissertação (Mestrado em arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2002.
- TAFURI, M. **Projecto e utopia: arquitetura e desenvolvimento do capitalismo**. Lisboa: Presença, 1985.
- Teatro de emergência. **Arquitetura: engenharia, urbanismo, belas artes, decoração**, Belo Horizonte, v. 3, n.6, p. 48-49, out./dez. s. d.
- Telegramas entre o canteiro de obras em Araxá e a Secretaria de Viação e Obras Oúblicas: 20/01/1944; 24/11/1943; 02/02/1944; 08 /02/1944 (3); 06/03/194.
- TOSCANO, J. W. **João Walter Toscano**. São Paulo: UNESP, 2002.
- TREVISAN, R. **Incorporação do ideário da Garden-City inglesa na urbanística moderna brasileira: Águas de São Pedro**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Programa de pós graduação em engenharia Urbana, UFSCar, São Carlos, 2003.
- UNWIN, R. **La practica del urbanismo**. Una Introducion al Arte de Proyectar Ciudades y Barrios. Barcelona: Gustavo Gili, 1984 (1909).
- VIGATO, J.C. **L'Architecture regionaliste, France, 1890-1950**. Paris: Norma, 1994.
- Le village moderne** d'après lês projets des architectes français et étrangers. Paris: Chez Massin, s.d.
- V.V.A.A. **The art book**. London:Phaidon, 1994.
- WARD, S. V. (ed.). **The garden city – past, present and future**. Cambridge: Chapman & Hall, 1992.
- WILSON. **The City Beautiful movement**. Baltimore : Johns Hopkins University Press, 1994.
- WOLFF, S. **Jardim América**. São Paulo: Edusp, 2001.

XAVIER, A. (Org.). **Depoimento de uma geração**: arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

HISTÓRIA DO BRASIL / SOCIABILIDADE NAS ESTÂNCIAS /
TEORIA E HISTÓRIA DO TURISMO E DO TERMALISMO

ALVISI, T. C. **Fisioterapia e termalismo**: Uma História Prática. Poços da Caldas: s. e., s. d.

AUSTEN, J. **Persuasion**. Londres: Penguin Books, 1994.

BOURDIEU, P. **Distinction**, A Social Critique of the Judgement of Taste, Londres: Routledge, 1996.

_____. **Language & symbolic power**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

_____. **The rules of art**. Genesis and Structure of the Literary Field. Stanford: Stanford University Press, 1996.

CHAGAS, C. **Política**: arte de Minas. São Paulo: Carthago e Forte, 1994.

CORBIN, A. **O território do vazio**. a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

GOUBERT, J. P. **La conquête de l'eau**. Paris: Robert Laffont, 1986.

GIDION, S. **Mechanization takes command**: a contribution to anonymous history. New York: Norton & Co., 1969 (1948).

ELIAS, N. **The civilizing process**. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2001.

FERNANDES, F. **A revolução burguesa no brasil**. Ensaio de Interpretação Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 26. ed, 1995.

INSTITUTO MOREIRA SALES. **João do Rio** – um escritor entre duas cidades. São Paulo: Unibanco, 1992.

MOTA, L. D. (Org.), **Introdução ao Brasil**. um banquete no trópico. São Paulo: SENAC SP, 1999.

MOURÃO, B. M. Temas de Crenologia. **I Seminário Brasileiro de Termalismo**. Poços de Caldas, 1976.

_____. **Termalismo médico no Brasil**. s. e., 1982.

_____. **Medicina hidrológica**: Moderna Terapêutica das Águas medicinais e Estâncias de Cura. Poços de Caldas: Secretaria Municipal de Educação, 1992.

_____. **A água mineral e as termas** – uma história milenar, São Paulo, ABINAM, 1997.

- MOURÃO, M. *Synthese crenologia*. Poços de Caldas: s. e., 1938.
- PIRES, M. J. **Raízes do turismo no Brasil**. São Paulo: Manole, 2001.
- RIO, J. A **Correspondência de uma estação de cura**. São Paulo: Scipione, 1992.
- SANCHES, P. **As aguas thermaes de Poços de Caldas**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1904.
- SCHAPOCHNIK, N. **Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade**. In: NOVAIS, F. A. (coord.) **História da vida privada no Brasil – república: da belle époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SEVCENKO, N. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A. (coord.) **História da vida privada no Brasil – república: da belle époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SKIDMORE, T. E. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- SIMMEL, G. **The philosophy of money**. London; Boston : Routledge & Kegan Paul 1978 [1900].
- TERMALISMO NO BRASIL. Poços de Caldas, s/d.
- URRY, J. **O olhar do turista – lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: SESC / Studio Nobel, 2001.
- VEBLEN, T. B. **Teoría de la classe ociosa**. México: Fondo de Cultura Económica, 1951.
- VELHO, O. G. (Org.), **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- WAIZBORT, L. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: 34, 2000.
- YÁZIGI, E. (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

ARAXÁ E OUTRAS ESTÂNCIAS BRASILEIRAS

- ANGELINI, S. **Sob o céu da cidade sustentável - Formação e Expansão do Espaço Urbano em Poços de Caldas**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil). – EESC - USP, São Carlos, 2001.
- Araxá, onde primeiro se avista o sol. Araxá: Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio /Prefeitura Municipal de Araxá - 1997-2000, s/d.
- CAMARGO, R. B. **Águas minerais brasileiras – fontes de águas quentes e frias**. Guarulhos: Parma, s.d.
- CARVALHO, H. **Álbum do Araxá**. São Paulo, Typographia Gutemberg, 1928.
- CARVALHO FILHO, P. D. **Águas minerais do Araxá: Termas do Barreiro**. Rio de Janeiro: Rodrigues & Cia, 1938.

COSTA, W. *Araxá – Da maloca ao palácio*. São Paulo: Jaime Oliveira. 1950.

Custódio Almeida de Magalhães & Cia. 12 nov. 1935.

O FASCÍNIO das águas. **O Trem da História**. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto (FCCB), ano 7, n, 23, mai./set. 1997, p. 9-10.

FÉLIX, C. Sob o signo das águas. **Sagarana**, ano 2, n. 4, p. 8-19, s.d.

FAUSTO ALVIM. **O Trem da História**. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto (FCCB), ano 3, n. 7, out./nov./dez., 1992, s.p.

HOTEL COLOMBO: a marca “L. C.”. **O Trem da História**. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto (FCCB), ano 9, n, 28, jan./abr., 1999, p. 7-9.

Informativo Turístico de Poços de Caldas. Poços de Caldas: s.e., s.d.

JOÃO DE CÁ. Piparotes apenas. **Minas Brasil**, Araxá, 25 jul. 1926.

JUNQUEIRA, M. C. **Perfil arquitetônico de Poços de Caldas de 1915 a 1945 com ênfase no patrimônio histórico**. Trabalho de conclusão de iniciação científica, PUC – MG, Poços de Caldas, 1999.

LEONARDOS, T. **Dona Beja** – a feiticeira do Araxá. Rio de Janeiro: Record, 1986.

LIMA, G. T. N. **Das águas passadas à terra do sol**. Ensaio Sobre a História de Araxá. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999.

_____. **As águas que rolaram**: No Poder, na Urbanização e Modernização de Araxá (1890-1926), Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de História, Direito e Serviço Social - UNESP, Franca, 2001.

LUGAR DE MEMÓRIA – Memória fotográfica. **O Trem da História**. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto (FCCB), ano 11, n, 32, out. 2001, p. 15-18.

MAGALHÃES, M. C. **A estância de Araxá**. São Paulo: Gonçalves e Aquino. 1945.

_____. **A estância de Araxá** – conferência realizada em sessão extraordinária da Sociedade Argentina de Hidrologia e Climatologia de Buenos Aires, em 02/06/45, São Paulo.

MARRAS, S. **A propósito de águas virtuosas** – formação e ocorrência de uma estação balneária no Brasil. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), FFLCH / USP, São Paulo, 2002.

Memória fotográfica – lazeres e prazeres do turismo: Araxá. **O Trem da História**. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto (FCCB), ano 10, n, 30, p. 9-11.

MINASBRASIL, Araxá, 05 nov. 1925.

MOTANDON, R. M. S. A vênus de Araxá. **Nossa história**, ano 2, n. 20, p. 72-75, jun 2005.

PESQUISAS em andamento... e resultados. **O Trem da História**. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto (FCCB), ano 8, n, 26, mai./set., 1998, p. 12-13.

PRESIEDENTE MELLO VIANNA. **Minas Brasil**. Araxá, 13 dez. 1925

PONTES, H. A. **Notícia estatístico-chorográfica e histórica do município de Araxá**. Belo Horizonte: Secretaria da Agricultura – Serviço de Estatística Geral, 1928.

PUPPO, O. A. **ABC do Turismo e Estâncias**. São Paulo: Martins, 1974.
Roteiro Araxá. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, Prefeitura Municipal de Araxá, s/d.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

SILVA, S. de A. e; MACHADO FILHO, A. M. **História do Araxá**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. 1946

SOUZA, I. L. A. C., CASTRO, M. E. M. de. **Relatório de situação ambiental da estância hidromineral do Barreiro de Araxá**, Comissão Política e Ambiental / SECT (não publicado).

Tropical - Grande Hotel e Termas de Araxá: resort, spa & conference center. Araxá: s.e., 2004. 1 CD-ROM.

Periódicos sobre o assunto consultados

CIDADE DE ARAXÁ, 02 jun.1929.
CIDADE DE ARAXÁ, 07 abr.1929.
CIDADE DE ARAXÁ, 16 jun.1929.
CIDADE DE ARAXÁ, 18 ago.1929.
CORREIO DE ARAXÁ, 05 fev. 1927.
CORREIO DE ARAXÁ, 12 fev. 1927.
CORREIO DE ARAXÁ, 19 fev. 1927.
CORREIO DE ARAXÁ, 12 mar. 1927.
CORREIO DE ARAXÁ, 18 jun. 1927.
CORREIO DE ARAXÁ, 27 ago. 1927.
CORREIO DE ARAXÁ, 1º out. 1927.
CORREIO DE ARAXÁ, 08 out. 1927.
CORREIO DE ARAXÁ, 19 nov. 1927.
CORREIO DE ARAXÁ, 03 dez. 1927.
CORREIO CATÓLICO (local), 11 out. 1956.
O CRUZEIRO, 13 nov.1965.
O DIÁRIO (local), 05 set. 1938.
O DIÁRIO (local), 23 set. 1938.
O DIÁRIO (local), 12 abr. 1947.
DIÁRIO DE MINAS, 12 abr. 1947.
O ESTADO DE MINAS, 05 dez 1926.
O ESTADO DE MINAS, 19 jul. 1933.
O ESTADO DE MINAS, 11 fev. 1934.
O ESTADO DE MINAS, 23 fev. 1934.
O ESTADO DE SÃO PAULO, 13 ago. 1929.
O ESTADO DE SÃO PAULO, 14 ago. 1929.
O ESTADO DE SÃO PAULO, 16 ago. 1929.
O ESTADO DE SÃO PAULO, 20 ago. 1929.
O ESTADO DE SÃO PAULO, 21 ago. 1929.
O ESTADO DE SÃO PAULO, 16 nov. 1929.
O ESTADO DE SÃO PAULO, 06 mar. 1930.

- O ESTADO DE SÃO PAULO, 07 abr. 1944.
O ESTADO DE SÃO PAULO, 29 dez 1953.
O ESTADO DE SÃO PAULO, 05 mar 2002.
O ESTUDANTE, 21 jun. 1917.
FOLHA DE MINAS, 25 set. 1938.
FOLHA DE MINAS, 09 mar. 1943.
FOLHA DE MINAS, 08 jun. 1943.
FOLHA DE MINAS, 09 jun. 1943.
FOLHA DE MINAS, 09 mar. 1944.
JORNAL DE ARAXÁ, 26 dez 1926.
JORNAL DE ARAXÁ, 13 fev.1927.
JORNAL DE ARAXÁ, 20 mar.1927.
JORNAL DE ARAXÁ, 1º mai.1927.
JORNAL DE ARAXÁ, 29 mai.1927.
JORNAL DE ARAXÁ, 09 jun.1927.
JORNAL DE ARAXÁ, 04 set.1927.
JORNAL DE ARAXÁ, 1º out.1927.
JORNAL DE ARAXÁ, 09 out.1927.
JORNAL DE ARAXÁ, 30 out.1927.
MINAS BRASIL, 13 dez. 1925.
MINAS GERAES, 04 fev. 1917.
MINAS GERAIS, 15 set. 1933.
A NOITE, 04 jan. 1944.
A OPINIÃO (local), 17 jan. 1932.
A OPINIÃO, 24 jan. 1932.
A OPINIÃO, 13 mar. 1932.
A OPINIÃO, 20 mar. 1932.
A OPINIÃO, 27 mar. 1932.
A OPINIÃO, 03 abr. 1932.
A OPINIÃO, 17 abr. 1932.
A OPINIÃO, 05 jun. 1932.
A OPINIÃO, 24 jun. 1932.
A OPINIÃO, 21 ago. 1932.
A RENOVACÃO (local), 14 jan 1934.
A RENOVACÃO, 08 jun 1934.
REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Belo Horizonte: vol. 1 e 2. 1988.
REVISTA O ESTADO DE MINAS – TURISMO, set. 2001.
O TREM DA HISTÓRIA, nº 10, ano III, jul-set. 1993.
O TREM DA HISTÓRIA, nº 21, ano VI, jul. –dez.. 1996.
O TREM DA HISTÓRIA, nº 23, ano VII, maio-set. 1997.
O TREM DA HISTÓRIA, nº 26, ano VIII, maio - set. 1998.
O TREM DA HISTÓRIA, nº 28, ano IX, jan. - abr. 1999.
O TREM DA HISTÓRIA, nº 30, ano X, jul. 2000.
O TREM DA HISTÓRIA, nº 32, ano XI, out. 2001.
O TREM DA HISTÓRIA, nº 33, ano XII, jan. - maio 2002.
O TREM DA HISTÓRIA, nº 34, ano XII, out. 2002.

RELAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES

1. A CIDADE E AS ÁGUAS: SURGIMENTO E DIFUSÃO DE BALNEÁRIOS E ESTÂNCIAS

Fig. 1. ROUILLARD, D. **Le site balnéaire**. Liège: Mardaga, 1984, p. 27.

Fig. 2. www.wyldeart.com (acessado em 10/04/05)

Fig. 3. www.getty.edu/.../images/trajan (acessado em 10/04/05).

Fig. 4. classics.uc.Edu/.../pages/caracalla (acessado em 10/04/05).

Fig. 5. www.bluffton.edu/.../bathbaths (acessado em 11/04/05).

Fig. 6. classics.uc.Edu/.../pages/caracalla (acessado em 10/04/05).

Fig. 7. GIDION, S. **Mechanization takes command**: a contribution to anonymous history. New York: Norton & Co., 1969 (1948), p. 678.

Fig. 8. GIDION, S. **Mechanization takes command**: a contribution to anonymous history. New York: Norton & Co., 1969 (1948), p. 679.

Fig. 9. ROUILLARD, D. **Le site balnéaire**. Liège: Mardaga, 1984, p. 91.

Fig. 10. ROUILLARD, D. **Le site balnéaire**. Liège: Mardaga, 1984, p. 193.

Fig. 11 e 12. www.bath.ac.uk/bath (acessado em 15/04/05).

Fig. 13. http://persowanadoo.fr/photo_france/Vichy

Fig. 14. ROUILLARD, D. **Le site balnéaire**. Liège: Mardaga, 1984, p. 25.

Fig. 15. SICA, P. **Historia del urbanismo** – el siglo XIX. Madri: Instituto de Estudios de Administración Local Santa Engracia, 1981, vol.2, p. 988.

Fig. 16. ROUILLARD, D. **Le site balnéaire**. Liège: Mardaga, 1984, p. 13.

Fig. 17. SICA, P. **Historia del urbanismo** – el siglo XIX. Madri: Instituto de Estudios de Administración Local Santa Engracia, 1981, vol.2, p. 983.

Fig. 18. www.bath.ac.uk/bath (acessado em 15/04/05).

Fig. 19. SICA, P. **Historia del urbanismo** – el siglo XIX. Madri: Instituto de Estudios de Administración Local Santa Engracia, 1981, vol.2, p. 984.

Fig. 20. SICA, P. **Historia del urbanismo** – el siglo XIX. Madri: Instituto de Estudios de Administración Local Santa Engracia, 1981, vol.2, p. 989.

Fig. 21. SICA, P. **Historia del urbanismo** – el siglo XIX. Madri: Instituto de Estudios de Administración Local Santa Engracia, 1981, vol.2, p. 1000.

Fig. 22. SICA, P. **Historia del urbanismo** – el siglo XIX. Madri: Instituto de Estudios de Administración Local Santa Engracia, 1981, vol.2, p. 995.

Fig. 23. SICA, P. **Historia del urbanismo** – el siglo XIX. Madri: Instituto de Estudios de Administración Local Santa Engracia, 1981, vol.2, p. 1006.

Fig. 24. Arquivo da Fundação Cultural Calmon Barreto (FCCB).

Fig. 25. INSTITUTO MOREIRA SALES. **João do Rio** – um escritor entre duas cidades. São Paulo: Unibanco, 1992, p. 72.

Fig. 26. www.palacehotelcaxambu.com/historia (acessado em 15/04/05).

Fig. 27. INSTITUTO MOREIRA SALES. **João do Rio** – um escritor entre duas cidades. São Paulo: Unibanco, 1992, p. 79.

Fig. 28. INSTITUTO MOREIRA SALES. **João do Rio** – um escritor entre duas cidades. São Paulo: Unibanco, 1992, p. 72.

Fig. 29. Reminiscência. **O Colégio**. São Carlos, Colégio São Carlos, ano 9, n. 76, jun./jul., 2002, p. 7.

2. AS ESTÂNCIAS NO BRASIL: REFERÊNCIAS E TRADUÇÕES

Fig. 30. FRAMPTON, K. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 19.

Fig. 31. HOWARD, E. Cidades-jardins de amanhã. São Paulo: Hucitec / Annablume, 2002, p. 65.

Fig. 32. HOWARD, E. Cidades-jardins de amanhã. São Paulo: Hucitec / Annablume, 2002, p. 27.

Fig. 33. V.V.A.A. **The art book**. London:Phaidon, 1994, p. 105.

Fig. 34. CUMMING, E.; KAPLAN, W. **The Arts and Crafts movement**. New York: Thames and Hudson, 1993, p. 21.

Fig. 35. MOSSER, M.; TEYSSOT, G. (Orgs.). **The history of garden design** – the western tradition from the Renaissance to the present day. London: Thames and Hudson, 1991, p. 240.

Fig. 36. SITTE, C. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. Ática: São Paulo, 1992 (1889), p. 78.

Fig. 37. SITTE, C. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. Ática: São Paulo, 1992 (1889), p. 81.

Fig. 38. MANIERI-ELIA, M. Por una ciudad “imperial” – Daniel Burnham y el movimiento City Beautiful. In: CIUCCI, G.; DAL CO, F.; MANIERI-ELIA, M.; TAFURI, M. **La ciudad americana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975, p. 29.

Fig. 39. MANIERI-ELIA, M. Por una ciudad “imperial” – Daniel Burnham y el movimiento City Beautiful. In: CIUCCI, G.; DAL CO, F.; MANIERI-ELIA, M.; TAFURI, M. **La ciudad americana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975, p. 109.

Fig. 40. www.thecentralparkconservatory.org/map268 (acessado em 24/06/05).

Fig. 41. DAL CO, F. De los parques a la región – ideología progressista y reforma de la ciudad americana. In: CIUCCI, G.; DAL CO, F.; MANIERI-ELIA, M.; TAFURI, M. **La ciudad americana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975, p. 172.

Fig. 42. DAL CO, F. De los parques a la región – ideología progressista y reforma de la ciudad americana. In: CIUCCI, G.; DAL CO, F.; MANIERI-ELIA, M.; TAFURI, M. **La ciudad americana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975, p. 183.

Fig. 43. DAL CO, F. De los parques a la región – ideología progressista y reforma de la ciudad americana. In: CIUCCI, G.; DAL CO, F.; MANIERI-ELIA, M.; TAFURI, M. **La ciudad americana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975, p. 239.

Fig. 44. DAL CO, F. De los parques a la región – ideología progressista y reforma de la ciudad americana. In: CIUCCI, G.; DAL CO, F.; MANIERI-ELIA, M.; TAFURI, M. **La ciudad americana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975, p. 239.

Fig. 45. HOWARD, E. Cidades-jardins de amanhã. São Paulo: Hucitec / Annablume, 2002, p. 113.

Fig. 46. HOWARD, E. Cidades-jardins de amanhã. São Paulo: Hucitec / Annablume, 2002, p. 114.

Fig. 47. HOWARD, E. Cidades-jardins de amanhã. São Paulo: Hucitec / Annablume, 2002, p. 204.

Fig. 48. HOWARD, E. Cidades-jardins de amanhã. São Paulo: Hucitec / Annablume, 2002, p. 49.

- Fig. 49. UNWIN, R. **La practica del urbanismo**. Una Introducion al Arte de Proyectar Ciudades y Barrios. Barcelona: Gustavo Gili, 1984 (1909), p. 172.
- Fig. 50. ANDRADE, C.R.M. **Barry Parker - Um Arquiteto Inglês na Cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) FAUUSP, São Paulo, 1998, p. 72.
- Fig. 51. UNWIN, R. **La practica del urbanismo**. Una Introducion al Arte de Proyectar Ciudades y Barrios. Barcelona: Gustavo Gili, 1984 (1909), p. 233.
- Fig. 52. UNWIN, R. **La practica del urbanismo**. Una Introducion al Arte de Proyectar Ciudades y Barrios. Barcelona: Gustavo Gili, 1984 (1909), p. 225.
- Fig. 53: FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. Cidades Jardins – A Busca do Equilíbrio Social e Ambiental 1898-1998, São Paulo, 1997. (catálogo de exposição), s. p.
- Fig. 54: FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. Cidades Jardins – A Busca do Equilíbrio Social e Ambiental 1898-1998, São Paulo, 1997. (catálogo de exposição), s. p.
- Fig. 55. **Le village moderne** d'après les projets des architectes français et étrangers. Paris: Chez Massin, s.d., s. p.
- Fig. 56. ANDRADE, C.R.M.. **A Peste e o plano**. O Urbanismo Sanitarista do Eng. Saturnino de Brito. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - FAU-USP, vol 2., São Paulo, 1992, s.p.
- Fig. 57. SITTE, C. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. Ática: São Paulo, 1992 (1889), p. 222-223.
- Fig. 58. FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. Cidades Jardins – A Busca do Equilíbrio Social e Ambiental 1898-1998, São Paulo, 1997. (catálogo de exposição), s. p.
- Fig 59. ANDRADE, C.R.M. **Barry Parker - Um Arquiteto Inglês na Cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) FAUUSP, São Paulo, 1998, p. 237.
- Fig. 60. Foto da mestranda
- Fig. 61. FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. Cidades Jardins – A Busca do Equilíbrio Social e Ambiental 1898-1998, São Paulo, 1997. (catálogo de exposição), s. p.
- Fig. 62. STEINKE, R. Z. **Ruas curvas versus ruas retas**. Dissertação (Mestrado em arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2002, p. 250.
- Fig. 63 e 64. foto da mestranda
- Fig. 65. www.bath.ac.uk/bath (acessado em 15/04/05).
- Fig. 66. ROUILLARD, D. **Le site balnéaire**. Liège: Mardaga, 1984, p. 24.
- Fig. 67 e 68. http://persowanadoo.fr/photo_france/Vichy
- Fig. 69. Foto da mestranda
- Fig. 71. ROUILLARD, D. **Le site balnéaire**. Liège: Mardaga, 1984, p. 181.
- Fig. 72. ROUILLARD, D. **Le site balnéaire**. Liège: Mardaga, 1984, p. 297.
- Fig. 73. ROUILLARD, D. **Le site balnéaire**. Liège: Mardaga, 1984, p. 286.
- Fig. 74. PATETTA, L. **L'Architettura dell'Eclétismo – Fonti, Teorie, Modelli, 1750-1900**. Milão: Gabriele Mazzotta, 1975, p. 25.
- Fig. 75. SCULLY, V. J. **The shingle style & the stick style**. New Haven: Yale University Press, s.d., p. x.
- Fig. 76. FABRIS, A. (Org.). **Eclétismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Edusp, 1987, p. 37.
- Fig. 77. VIGATO, J.C. **L'Architecture regionaliste**, France, 1890-1950. Paris: Norma, 1994, p. 160-161.
- Fig. 78. **Moderno e pittoresco. A Casa**, Rio de Janeiro, n. 109, p. 5-8, jun. 1933, s. p.
- Fig. 79. SCROGGS & EWING. **Homes of distinction**. Augusta: 1922, s.p.

- Fig. 80. MOIA, J. L. **Planos completos de 50 viviendas**. Buenos Aires: Windsor, 1949, s.p.
- Fig. 81. SEGAWA, H. DOURADO G. O. M. **Oswaldo Artur** Bratke. São Paulo: Pro, 1997, p. 18.
- Fig. 82. Revista Politécnica, n. 128, set./out. 1938.
- Fig. 83. Revista Politécnica, n. 134, set./out. 1940.
- Fig. 84. Revista Politécnica, n. 128, set./out. 1938.
- Fig. 85. Revista Politécnica, n. 128, set./out. 1938.
- Fig. 86. Revista Politécnica, n. 131, set./out. 1939.
- Fig. 87. Cartão postal de Caxambu
- Fig. 88. www.idasbrasil/caxambu.com.br/fotos (acessado em 17/06/05).
- Fig. 89. Revista Politécnica, n. 131, set./out. 1939.
- Fig. 90. Informativo Turístico de Poços de Caldas. Poços de Caldas: s.e., s.d.
- Fig. 91. INSTITUTO MOREIRA SALES. **João do Rio** – um escritor entre duas cidades. São Paulo: Unibanco, 1992, p. 35.
- Fig. 92, 93, 94 e 95. Fotos da mestranda.
- Fig. 96. LANCASTER, C. **The American Bungalow** – 1880-1930, Nova York: Abbeville Press, 1986, p. 70.
- Fig. 97, 98, 99 e 100. Fotos da mestranda.
- Fig. 101. Acrópole, mar., 1944, p. 341.
- Fig. 102. Acrópole, jul., 1947, s.p.
- Fig. 103. Acrópole, mar., 1944, s.p.
- Fig. 104. Acrópole, fev., 1943, p. 344.

3. AS ÁGUAS DE ARAXÁ

- Fig. 105. LIMA, G. T. N. *Das águas passadas à terra do sol*. Ensaio Sobre a História de Araxá. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999, p. 40.
- Fig. 106. O trem da história, nº 30, ano X, jul. 2000, p. 04.
- Fig. 107. Acervo da Fundação Cultural Calmon Barreto (FFCB)
- Fig. 108, 109, 110 e 111. Acervo da FFCB
- Fig. 112. CARVALHO, H. *Álbum do Araxá*. São Paulo, Typographia Gutemberg, 1928, p. 79.
- Fig. 113. CARVALHO, H. *Álbum do Araxá*. São Paulo, Typographia Gutemberg, 1928, p. 12.
- Fig. 114 e 115. Acervo da FFCB
- Fig. 116. O trem da história, nº 30, ano X, jul. 2000, p. 10.
- Fig. 117. O trem da história, nº 30, ano X, jul. 2000, p. 10.
- Fig. 118. CARVALHO, H. *Álbum do Araxá*. São Paulo, Typographia Gutemberg, 1928, p. 83.
- Fig. 119. CARVALHO, H. *Álbum do Araxá*. São Paulo, Typographia Gutemberg, 1928, p. 92.
- Fig. 120 e 121. Acervo da FFCB

Fig. 122. DIERBERGER & Cia. *Arte e Jardim*, São Paulo: s. e., 1928, p. 12 (acervo de livros raros da FAU- USP)

Fig. 123. DIERBERGER & Cia. *Arte e Jardim*, São Paulo: s. e., 1928, p. 16 (acervo de livros raros da FAU- USP)

Fig. 124. DIERBERGER & Cia. *Arte e Jardim*, São Paulo: s. e., 1928, p. 14 (acervo de livros raros da FAU- USP)

Fig. 125. Acervo da FFCB

Fig. 126. DIERBERGER & Cia. *Arte e Jardim*, São Paulo: s. e., 1928, p. 08 (acervo de livros raros da FAU- USP)

Fig. 127. DIERBERGER & Cia. *Arte e Jardim*, São Paulo: s. e., 1928, p. 08 (acervo de livros raros da FAU- USP)

Fig. 128 e 129. Acervo da FFCB

Fig. 130. CHAGAS, C. *Política: Arte de Minas*. São Paulo: Carthago e Forte, 1994, p.179.

Fig. 131. CHAGAS, C. *Política: Arte de Minas*. São Paulo: Carthago e Forte, 1994, p. 10.

Fig. 132. Acervo da FFCB

Fig. 133. Acervo da FFCB

4. A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ESTÂNCIA: O PLANO URBANÍSTICO

Fig. 134. COLEÇÃO MINERIANA. *Comissão técnica consultiva da cidade de Bello Horizonte* – finalidade, vantagens, eficiência, organização. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1935, s. p.

Fig. 135. CONTINENTINO, L. Saneamento e Urbanismo. Belo Horizonte: s.e. 1937, s. p.

Fig. 136. CONTINENTINO, L. Saneamento e Urbanismo. Belo Horizonte: s.e. 1937, s. p.

Fig. 137. CONTINENTINO, L. Saneamento e Urbanismo. Belo Horizonte: s.e. 1937, s. p.

Fig. 138. ARQUITETURA E URBANISMO, jul. ago. 1940, p.38.

Fig. 139. CONTINENTINO, L. Saneamento e Urbanismo. Belo Horizonte: s.e. 1937, s. p.

Fig. 140. LIMA, F. Por uma cidade moderna: ideários de urbanismo em jogo no concurso para Monlevade e nos projetos destacados da trajetória dos técnicos concorrentes (1931-1943). Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - FAU-USP, São Paulo, 2003, p. 183.

Fig. 141. LIMA, F. Por uma cidade moderna: ideários de urbanismo em jogo no concurso para Monlevade e nos projetos destacados da trajetória dos técnicos concorrentes (1931-1943). Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - FAU-USP, São Paulo, 2003, p. 183.

Fig. 142. Acervo da Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais (CODEMIG).

Fig. 143 e 144. Acervo da CODEMIG.

Fig. 145. UNWIN, R. *La Practica del Urbanismo. Una Introducion al Arte de Proyectar Ciudades y Barrios*. Barcelona: Gustavo Gili, 1984, p. 180.

Fig. 146. LIMA, F. Por uma cidade moderna: ideários de urbanismo em jogo no concurso para Monlevade e nos projetos destacados da trajetória dos técnicos concorrentes (1931-1943). Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - FAU-USP, São Paulo, 2003, p. 106.

Fig.147. Acervo da CODEMIG

Fig. 148. Acervo da FCCB

Fig. 149. Imagem cedida por Amanda Cristina Franco

Fig. 150 e 151 PUJOL, H. G. A urbanização de Lambari In Revista Polytechnica, n. 108, mar. - abr. 1933, p. 529-530.

Fig. 152. Acervo do Arquivo Público Mineiro

Fig. 153 e 154. Fotos da mestranda

Fig. 155. Imagem cedida por Amanda Cristina Franco

Fig. 156. Acervo da FCCB

Fig. 157. Acrópole, mar., 1944, p. 341.

Fig. 158 e 159. Foto da mestranda

Fig. 160. Acervo da CODEMIG

Fig. 161 e 162. Fotos da mestranda.

Fig. 163. Acervo da CODEMIG

5. A ARQUITETURA DO BARREIRO: CONCEPÇÕES DO MODERNO

Fig. 164. Acervo da FCCB

Fig. 165. BERTI, S. M.; FONSECA, M. A. B. M. **Raffaello Berti, arquiteto**. Belo Horizonte: A. P. Cultural, 2000.

Fig. 166. Foto da mestranda

Fig. 167. SEGAWA. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1997, p. 71.

Fig. 168. Teatro de emergência. **Arquitetura: engenharia, urbanismo, belas artes, decoração**, Belo Horizonte, v. 3, n.6, out./dez. s. d, p. 48.

Fig. 169. Acervo da FCCB

Fig. 170. Acervo da Associação dos Ex-Alunos da Escola de Engenharia da UFMG

Fig. 171. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza

Fig. 172. Araxá, onde primeiro se avista o sol. Araxá: Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comercio /Prefeitura Municipal de Araxá - 1997-2000, s/d., s.p.

Fig. 173. Acervo da CODEMIG

- Fig. 174. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 175. Acervo da CODEMIG
- Fig. 176 e 177. Fotos de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 178. Acervo da FCCB
- Fig. 179 e 180. Fotos de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 181. **Revista O Estado de Minas** – Turismo, set. 2001, p. 61.
- Fig. 182, 183, 184 e 185. Fotos de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 186, 187, 188 e 189. Acervo da CODEMIG
- Fig. 190. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 191. Foto da mestranda
- Fig. 192. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 193. Foto da mestranda
- Fig. 194 e 195. Fotos de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 196. Foto da mestranda
- Fig. 197. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 198. redesenho com base em prancha do acervo da CODEMIG
- Fig. 199 e 200. Acervo da CODEMIG
- Fig. 201 e 202. Fotos de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 203. Foto da mestranda
- Fig. 204. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 205. Acervo da CODEMIG
- Fig. 206. Acervo da FCCB
- Fig. 207. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 208. Acervo da FCCB
- Fig. 209, 210 e 211. Fotos de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 212 e 213. Acervo da FCCB
- Fig. 214. Acervo da Associação dos Ex-Alunos da Escola de Engenharia da UFMG
- Fig. 215, 216, 217 e 218. Fotos de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 219 e 220. Acervo da CODEMIG
- Fig. 221. **Sagarana**, ano 2, n. 4, p. 8-19, s.d., p. 10 (Foto de Henry Yu)
- Fig. 222. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 223. Foto da mestranda
- Fig. 224. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 225. Cartão postal das Termas de Gállert - Budapeste
- Fig. 226 e 227. Fotos de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 228. Foto da mestranda

- Fig. 229. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 230 e 231. Fotos de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 232. Foto da mestranda
- Fig. 233, 234 e 235. Acervo da FCCB
- Fig. 236. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 237. Acervo da FCCB
- Fig. 238. Acervo da Associação dos Ex-Alunos da Escola de Engenharia da UFMG
- Fig. 239. Foto da mestranda
- Fig. 240 e 241. Acervo da FCCB
- Fig. 242. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 243. **Nossa história**, ano 2, n. 20, p. 72-75, jun 2005, p. 72.
- Fig. 244. Acervo da CODEMIG
- Fig. 245, 246 e 247, Fotos de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 248. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 249. Foto da mestranda
- Fig. 250, 251, 252 e 253. Fotos do prof. Dr. Carlos Andrade
- Fig. 254. Foto da mestranda
- Fig. 255. SARTORIS, Alberto, *Encyclopédie de L'Architecture Nouvelle*, Milão, 1954, pp. 220-1.
- Fig. 256. *L'Architecture D'Aujourd'hui*, nº. 21, dez. 1948, p.64.
- Fig. 257. **Sagarana**, Belo Horizonte, ano 2, n. 8, s.d., p. 11 (Foto de Germano Neto)
- Fig. 258. *Arquitetura e Urbanismo*, nº. 56, out. nov. 1994, pp. 99-101.
- Fig. 259. *Arquitetura e Urbanismo*, nº. 56, out. nov. 1994, pp. 99-101.
- Fig. 260. *Arquitetura e Urbanismo*, nº. 56, out. nov. 1994, pp. 99-101.
- Fig. 261. *Arquitetura e Urbanismo*, nº. 56, out. nov. 1994, pp. 99-101.
- Fig. 262. Acervo da FCCB
- Fig. 263. *Revista Municipal de Engenharia*, P.D.F., Rio de Janeiro, n. 04,out. dez. 1948, p.133.
- Fig. 264. *Arquitetura Contemporânea no Brasil I* (coletânea), Revista Ante-Projeto (org.), Rio de Janeiro, 1947.
- Fig. 265 e 266. Fotos de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 267. Foto da mestranda
- Fig. 268 e 269. Fotos de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 270. *Architectural Forum*, n. 87,nov. 1947, p.69.
- Fig. 271. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 272 e 273. Fotos da mestranda
- Fig. 274. *Architectural Forum*, n. 87,nov. 1947, pp.68-9.
- Fig. 275. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 276. *Architectural Forum*, n. 87,nov. 1947, p.70.

- Fig. 277. SARTORIS, Alberto, *Encyclopédie de L'Architecture Nouvelle*, Milão, 1954, pp. 214-9.
- Fig. 278. SARTORIS, Alberto, *Encyclopédie de L'Architecture Nouvelle*, Milão, 1954, pp. 214-9.
- Fig. 279. *Arquitetura e Urbanismo*, n. 56, out. nov. 1994, pp. 99-100.
- Fig. 280. SARTORIS, Alberto, *Encyclopédie de L'Architecture Nouvelle*, Milão, 1954, pp. 214-9.
- Fig. 281. *Arquitetura Contemporânea no Brasil I* (coletânea), Revista Ante-Projeto (org.), Rio de Janeiro, 1947.
- Fig. 282. *Arquitetura Contemporânea no Brasil I* (coletânea), Revista Ante-Projeto (org.), Rio de Janeiro, 1947.
- Fig. 283. SARTORIS, Alberto, *Encyclopédie de L'Architecture Nouvelle*, Milão, 1954, pp. 214-9.
- Fig. 284. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 285. Foto da mestrandia
- Fig. 286. acervo da CODEMIG
- Fig. 287. Foto da mestrandia
- Fig. 288. acervo da CODEMIG
- Fig. 289. SEGAWA, H. DOURADO G. O. M. **Oswaldo Artur** Bratke. São Paulo: Pro, 1997, p. 203.
- Fig. 290. TOSCANO, J. W. **João Walter Toscano**. São Paulo: UNESP, 2002, p. 77.

6. O PARQUE DO BARREIRO: JARDINS DE BURLE MARX NA ESTÂNCIA DE ARAXÁ.

- Fig. 291. FROTA, L. C. **Burle Marx: paisagismo no Brasil**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro / Brasiliana de Frankfurt, 1994.
- Fig. 292. MOTTA, F. L. **Roberto Burle Marx e a nova visão de paisagem**. São Paulo: Nobel, 1983.
- Fig. 293. DOURADO, G. O. M. **Modernidade verde: jardins de Burle Marx**. Dissertação (Mestrado em arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2000.
- Fig. 294. FROTA, L. C. **Burle Marx: paisagismo no Brasil**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro / Brasiliana de Frankfurt, 1994, p. 65.
- Fig. 295. FROTA, L. C. **Burle Marx: paisagismo no Brasil**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro / Brasiliana de Frankfurt, 1994, p. 65.
- Fig. 296. FROTA, L. C. **Burle Marx: paisagismo no Brasil**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro / Brasiliana de Frankfurt, 1994. p. 65.
- Fig. 297. MOTTA, F. L. **Roberto Burle Marx e a nova visão de paisagem**. São Paulo: Nobel, 1983.
- Fig. 298. DOURADO, G. O. M. **Modernidade verde: jardins de Burle Marx**. Dissertação (Mestrado em arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2000.
- Fig. 299. BARDI, P. M. **The tropical gardens of Burle Marx**. Rio de Janeiro: Colibris, 1964.
- Fig. 300. BARDI, P. M. **The tropical gardens of Burle Marx**. Rio de Janeiro: Colibris, 1964.
- Fig. 301. FROTA, L. C. **Burle Marx: paisagismo no Brasil**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro / Brasiliana de Frankfurt, 1994.
- Fig. 302. SIQUEIRA, V. B. **Burle Marx**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- Fig. 303. SIQUEIRA, V. B. **Burle Marx**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- Fig. 304. FROTA, L. C. **Burle Marx: paisagismo no Brasil**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro / Brasiliana de Frankfurt, 1994.

- Fig. 305. **Sagarana**, Belo Horizonte, ano 2, n. 8, p. 8-17, s.d.
- Fig. 306. BARDI, P. M. **The tropical gardens of Burle Marx**. Rio de Janeiro: Colibris, 1964.
- Fig. 307. DOURADO, G. O. M. **Modernidade verde: jardins de Burle Marx**. Dissertação (Mestrado em arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2000.
- Fig. 308. DOURADO, G. O. M. **Modernidade verde: jardins de Burle Marx**. Dissertação (Mestrado em arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2000.
- Fig. 309. Imagem cedida por Amanda Cristina Franco.
- Fig. 310. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 311. MOTTA, F. L. **Roberto Burle Marx e a nova visão de paisagem**. São Paulo: Nobel, 1983.
- Fig. 312. Foto da mestranda.
- Fig. 313. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 314. BARDI, P. M. **The tropical gardens of Burle Marx**. Rio de Janeiro: Colibris, 1964.
- Fig. 315 e 316. Acervo da FCCB
- Fig. 317. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 318. Acervo da FCCB
- Fig. 319. Foto da mestranda.
- Fig. 320. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 321. DOURADO, G. O. M. **Modernidade verde: jardins de Burle Marx**. Dissertação (Mestrado em arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2000.
- Fig. 322. **Sagarana**, ano 2, n. 4, p. 8-19, s.d., p. 10 (Foto de Henry Yu)
- Fig. 323. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 324. BARDI, P. M. **The tropical gardens of Burle Marx**. Rio de Janeiro: Colibris, 1964.
- Fig. 325. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 326. Acervo da CODEMIG
- Fig. 327. **Tropical** - Grande Hotel e Termas de Araxá: resort, spa & conference center. Araxá: s.e., 2004. 1 CD-ROM.
- Fig. 328. Acervo da CODEMIG
- Fig. 329. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 330. Acervo da CODEMIG
- Fig. 331. Foto da mestranda
- Fig. 332. Foto de Gabriel Girnos Elias de Souza
- Fig. 333. Araxá, onde primeiro se avista o sol. Araxá: Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comercio /Prefeitura Municipal de Araxá - 1997-2000, s/d.
- Fig. 334. Cartão postal do Barreiro.

ACERVOS PESQUISADOS

Em Araxá:

- Fundação Cultural Calmon Barreto (FCCB)
- Biblioteca Municipal
- Prefeitura Municipal de Araxá

Em Belo Horizonte:

- Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA)
- Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais (CODEMIG)
- Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa
- Arquivo Público Mineiro
- Fundação João Pinheiro
- Escola de Arquitetura da UFMG
- Escola de Engenharia da UFMG
- Associação de Ex-alunos da Escola de Engenharia da UFMG

Em Poços de Caldas:

- Biblioteca Municipal Júlio Bonazzi
- Museu Histórico-Geográfico de Poços de Caldas
- Instituto Moreira Salles

Em São Paulo:

- Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU)
- Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH)
- Biblioteca Central da Escola Politécnica - USP

Em São Carlos:

- Biblioteca Central da Escola de Engenharia de São Carlos - USP
- Centro de Documentação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos - USP

No Rio de Janeiro:

- Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea no Brasil (CPDOC) – FGV / RJ.